

PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO ARTES E DESIGN - FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

LARISSA CALDEIRA DE FRAGA

**O IMAGINÁRIO SOBRE OS ESTADOS UNIDOS NO TELEJORNALISMO: O PODER PELAS
ARMAS E O RACISMO NOS GOVERNOS BARACK OBAMA E DONALD TRUMP NO JORNAL
DA GLOBO**

Linha: Cultura e Tecnologias da Imagens e dos Imaginários

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

**O IMAGINÁRIO SOBRE OS ESTADOS UNIDOS NO TELEJORNALISMO: O
PODER PELAS ARMAS E O RACISMO NOS GOVERNOS BARACK OBAMA
E DONALD TRUMP NO JORNAL DA GLOBO**

Tese apresentada como pré-requisito para obtenção de título de doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Juremir Machado da Silva

Ficha Catalográfica

F811i Fraga, Larissa Caldeira de

O imaginário sobre os Estados Unidos no telejornalismo : O poder pelas armas e o racismo nos governos Barack Obama e Donald Trump no Jornal da Globo / Larissa Caldeira de Fraga. – 2021.

276 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva.

1. comunicação. 2. telejornalismo. 3. imaginário. 4. Estados Unidos. 5. racismo. I. Silva, Juremir Machado da. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

LARISSA CALDEIRA DE FRAGA

**O IMAGINÁRIO SOBRE OS ESTADOS UNIDOS NO TELEJORNALISMO: O PODER
PELAS ARMAS E O RACISMO NOS GOVERNOS BARACK OBAMA E DONALD
TRUMP NO JORNAL DA GLOBO**

Tese apresentada como pré-requisito para obtenção de
título de doutor pelo Programa de Pós-Graduação em
Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 19 de maio de 2021

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Christina Ferraz Musse

Profª Drª Heloisa Juncklaus

Profª Drª Juliana Tonin

Prof. Dr. Philippe Joron

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

Porto Alegre

2021

Para o maior fã de filmes western: meu pai

AGRADECIMENTOS

Qualquer indivíduo conectado com o mundo e com o outro sente o peso de estar presenciando o cotidiano hoje. Enquanto quase três mil pessoas morrem todos os dias no país, eu sou grata pela minha vida, pela saúde dos meus familiares e amigos. Foram muitas dificuldades ao longo desse caminho, mas tudo ficou mais leve com o apoio de pessoas especiais.

Ao meu orientador, Juremir, muito obrigada pela imensa confiança e ensinamentos ao longo de 15 anos. Das lições em sala de aula, da experiência no estágio produzindo o teu antigo programa semanal “Livro Aberto” e me inspirando no teu caráter e empatia. Serei eternamente grata.

Ao meu amigo fiel, Otavio Daros, eu não teria terminado esse trabalho sem as nossas trocas diárias e o teu incentivo. Mesmo passando por momentos muito difíceis, nem por um segundo deixou de ficar ao meu lado. Estarei contigo até o fim.

Aos meus pais, sem vocês eu não teria realizado esse sonho. Obrigada por investirem em mim por todos esses anos.

Obrigada, meu amor, Marcelo, pela paz e felicidade de viver contigo todos os dias. Te amo!

Juliana Tonin, agradeço pela nossa parceria nos dois anos de mestrado e pelas contribuições na banca de qualificação. Aprendi muito contigo e com o antigo Grupo Imagem e Imaginários. Sou muito grata por tudo.

Heloísa Juncklaus, é muito relevante ver o empenho de profissionais dedicadas ao ambiente acadêmico como você. Obrigada por estar sempre disponível e pela compreensão.

Christina Musse, obrigada pela nossa parceria na rede de pesquisa JIM, por estar presente nesse momento tão importante e pelas experiências ao longo dos últimos anos.

Philippe Joron, muito obrigada pelos ensinamentos em palestras, seminários e entrevistas. É uma honra contar com a sua presença na banca.

Mariana Leoratto, obrigada pela generosidade e amizade incondicional. Sempre estarei de braços abertos para te ter por perto.

Ao meu grupo de apoio, Letícia Carlan, Gabriela Kurtz e Luciana Reino, tudo ficou mais suportável com a presença de vocês.

Aos integrantes do grupo Tecnologias do Imaginário e da Rede de Pesquisa Jornalismo, Imaginário e Memória, minha imensa gratidão por tudo que vivi e aprendi com vocês. Quero compartilhar mais momentos por muitos anos, se me permitirem.

Sou imensamente privilegiada. A trajetória da minha família mudou para sempre pela educação. Através de uma bolsa de estudos, meu pai foi o primeiro e único integrante da sua família a ter um curso superior, ao ganhar um subsídio para entrar no curso de Direito da PUCRS.

Tenho plena consciência de que eu estou escrevendo esse agradecimento hoje graças a esse incentivo do passado. Através das consequências disso e da bolsa concedida a mim pelo CNPQ, pude me dedicar à realização desta pesquisa e ser a primeira doutora da nossa família.

A educação é a resposta é a única saída para o Brasil.

Velhos piratas, sim, eles me roubaram
Me venderam para navios mercantes
Minutos depois deles terem me tirado de um poço sem
fundo
Mas a minha mão foi fortalecida
Pela mão do todo poderoso
Nós avançamos nessa geração triunfalmente

Libertem-se da escravidão mental
Ninguém além de nós mesmos pode libertar nossas
mentes
Não tenha medo da energia atômica
Porque nenhuma delas pode parar o tempo
Até quando vão matar nossos profetas?
Enquanto nós permanecemos de lado, olhando
Alguns dizem que isso faz parte
Nós temos que cumprir o Livro

Você não vai ajudar a cantar
Estas canções de liberdade?
Pois, tudo que eu sempre tenho são canções de
redenção

Redemption Song - Bob Marley

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender o imaginário sobre os Estados Unidos dinamizado pelo telejornalismo. O objeto de estudo é composto pelas reportagens do Jornal da Globo, da Rede Globo, sobre os mitemas poder pelas armas e racismo, durante os governos Barack Obama e Donald Trump. A pesquisa é fundamentada, principalmente, pela Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand. Para desvelar os mitos e o conteúdo simbólico presentes nas reportagens veiculadas, será feita uma mitanálise, metodologia proposta por Gilbert Durand. Nesta pesquisa, foram destacados os mitos: da destruição em massa; do atirador; do ciberataque, referentes ao poder pelas armas; e as narrativas míticas relacionadas ao racismo: da inferioridade racial; da igualdade; do criminoso e o mito da diferença. O mito do caubói, como narrativa mítica diretora, é o cerne do imaginário norte-americano dinamizado pelo telejornal.

Palavras-chave: comunicação; telejornalismo; imaginário; Estados Unidos; poder pelas armas; racismo.

ABSTRACT

This work aims to understand the imaginary about the United States, magnified by broadcast television. The object of study is composed of the news of Jornal da Globo, of Rede Globo, on the myths of power by weapons and racism during the Barack Obama and Donald Trump administrations. The research is based mainly on the General Theory of the Imaginary by Gilbert Durand. A myth analysis will unveil the myths and symbolic content present in the news aired, a methodology proposed by Gilbert Durand. In this research, the myths highlighted were: of mass destruction; the shooter; cyberattack, referring to the power by weapons; and the mythical narratives related to racism: of racial inferiority; of equality; of the criminal and the myth of difference. As a mythical narrative chief, the cowboy myth is at the core of the North American imaginary dynamized by the newscast.

Keywords: Communication; broadcast television; imaginary; United States; power by weapons; racism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Bolsonaro acompanha discurso de Trump	23
Imagem 2 – Publicação mostra criminosos brancos que estavam fortemente armados e que foram presos pela polícia e negros desarmados, que foram mortos pela polícia.	25
Imagem 3 – Pai e filha morrem às margens do Rio Grande na fronteira do México com os Estados Unidos, na tentativa de ingressar no país norte-americano	55
Imagem 4 – Bombardeamento atômico nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, em 1945.....	69
Imagem 5 – Crianças fugindo após ataque de Napalm durante a Guerra do Vietnã, em 1972.....	69
Imagem 6 - Em 1989, os EUA invadiram o Panamá matando duas mil pessoas.....	70
Imagem 7 – Os EUA apoiaram as ditaduras militares dos países da América Latina	70
Imagem 8 – Atentados terroristas às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, em 11 de setembro de 2001.....	72
Imagem 9 – Anúncio de 24 de fevereiro 1967 da revista Life.....	79
Imagem 10 – Vídeo publicitário busca conscientizar sobre sinais que os atiradores dão antes de realizar os tiroteios.....	84
Imagem 11 – Senador Rubio participa de debate sobre política de regulação de armas com estudantes sobreviventes do tiroteio na Escola Stoneman Douglas, na Flórida, em 2018.....	85

Imagem 12 – Cartaz do documentário Tiros em Columbine.....	86
Imagem 13 – Jair Bolsonaro ensina uma criança a fazer alusão ao “gesto” de apontar uma arma.....	88
Imagem 14 – O primeiro documentário de Jane Elliot “The Eye of the Storm.....	95
Imagem 15 – Nancy Reagan na campanha “Just Say No”.....	101
Imagem 16 – Manifestante segura a faixa com a frase “Só diga não ao novo Jim Crow”.....	101
Imagem 17 – Série lançada pelo Netflix em 2019 conta a história de cinco adolescentes que foram condenados injustamente.....	104
Imagem 18 – Filme lançado pelo Netflix, em 2016, sobre a 13a Emenda norte-americana e a sua ligação com o encarceramento em massa.....	105
Imagem 19 – Obama foi o primeiro presidente norte-americano a visitar Cuba em 88 anos.....	112
Imagem 20 - Obama foi o primeiro presidente norte-americano em exercício a visitar um presídio.....	114
Imagem 21 – Obama e Lula.....	117
Imagem 22 – Obama e Dilma, em visita ao Palácio do Planalto, no Brasil, em 2011.....	117
Imagem 23 - Capa Revista Time de 2 de julho de 2018.....	124
Imagem 24 – Em 1989, Trump compra uma página inteira em quatro jornais diferentes para pedir a pena de morte a cinco jovens que foram acusados injustamente de estupro.....	128
Imagem 25 – Donald Trump recebeu o então presidente Michel Temer para um jantar, o assunto discutido foi a crise na Venezuela.....	132
Imagem 26 – Trump e Bolsonaro, em visita à Casa Branca, em 2019.....	133
Imagem 27 – Guilherme Monteiro, de 17 anos, postou essas fotos nas redes sociais minutos antes de realizar ataque à escola de Suzano, em São Paulo.....	149

Imagem 28 – Menina, de nove anos, mata, por acidente, instrutor de tiros, no Arizona.....	151
Imagem 29 – Homem mata repórter e cinegrafista durante transmissão ao vivo.....	151
Imagem 30 – Adolescente abre fogo em escola, deixando 17 mortos e 15 feridos, na Flórida.....	152
Imagem 31 – Policiais levam os corpos de alunos mortos em tiroteio em escola, em Parkland, na Flórida.....	152
Imagem 32 – Homem é responsável pelo maior massacre a tiros da história dos Estados Unidos.....	153
Imagem 33 – Multidão tenta fugir de massacre em show, em Las Vegas.....	153
Imagem 34 –. Obama se emociona ao lembrar de vítimas de arma de fogo nos EUA.....	156
Imagem 35 – Centenas de pessoas participam de vigília em homenagem às vítimas de tiroteios nos EUA.....	156
Imagem 36 – Foram 31 mortos, em um único fim de semana, em dois massacres em agosto de 2019, nos Estados Unidos.....	157
Imagem 37 - Pela primeira vez nos Estados Unidos, estudantes do Ensino Médio das escolas de todo o país protestaram pedindo o fim da indiferença dos políticos.....	157
Imagem 38 – Exército americano lança no Afeganistão a maior bomba não nuclear.....	159
Imagem 39 – Ilustração de entrada ao vivo falando sobre os 10 anos da Guerra do Iraque.....	160
Imagem 40 – Rússia se envolve na Guerra Civil na Ucrânia.....	160
Imagem 41 – Menina pede ajuda e grita "Estou viva", após ataque com armas químicas, na Síria.....	162

Imagem 42 – Imagens feitas por equipe da BBC sobre uso de armas químicas pela Síria.....	163
Imagem 43 – Criança sofre com familiar morto após ataque com armas químicas na Síria.....	163
Imagem 44 – Após aviões do governo da Síria atirarem um tipo de gás letal sobre a população civil, criança é lavada com uma mangueira.....	164
Imagem 45 – Museu guarda parte de uma parede atingida pela chuva contaminada com radiação.....	166
Imagem 46 – Sobrevivente de Hiroshima entrega origamis.....	167
Imagem 47 – Obama abraça sobrevivente de ataque nuclear de Hiroshima....	167
Imagem 48 – EUA promove bombardeio ao Irã e mata o general Qasem Soleimani.....	168
Imagem 49 – Pela primeira vez na história, um presidente norte-americano se encontra com o ditador da Coreia do Norte Kim Jong-Un.....	168
Imagem 50 – Vídeo secreto entregue por um soldado americano e divulgado pelo Wikileaks.....	172
Imagem 51 - Governo americano grampeou milhares de telefones e internet de usuários norte-americanos.....	172
Imagem 52 – Jornalista americano é decapitado por integrante do Estado Islâmico.....	173
Imagem 53 – Extremistas estrangeiros são recrutados pelo Estado Islâmico, através das redes sociais.....	173
Imagem 54 – Vazamento de e-mails do partido democrata prejudica campanha de Hillary Clinton.....	174
Imagem 55 – Apresentadora Maju Coutinho com a menina Maria Alice.....	204
Imagem 56 – Programa em Pauta apresentado, exclusivamente, por jornalistas negros.....	205
Imagem 57 – Marcha de Selma em 1965.....	207

Imagem 58 – Domingo sangrento na Marcha de Selma em 1965.....	208
Imagem 59 – Discurso Martin Luther King.....	208
Imagem 60 – Obama repete manifestação de Martin Luther King.....	209
Imagem 61 – Protestos pela morte de George Floyd.....	210
Imagem 62 – Protestos pela morte de George Floyd.....	211
Imagem 63 – Protestos pela morte de George Floyd.....	211
Imagem 64 – Protestos pela morte de George Floyd.....	212
Imagem 65 – Policial pressiona o pescoço de George Floyd contra o chão até a morte.....	213
Imagem 66 – Após ser imobilizado, como vemos na foto, o policial pressionou o pescoço de Eric Garner contra o chão até a sua morte, em 2014.....	213
Imagem 67 – Momentos antes de Freddie Gray ser morto por policiais em 2015.....	214
Imagem 68 - Homem negro algemado e amarrado a uma corda puxado por um policial a cavalo.....	214
Imagem 69 – Suspeito de matar nove pessoas em uma igreja em uma comunidade negra, em 2015.....	216
Imagem 70 – Neonazistas provocaram uma morte em Charlottesville.....	216
Imagem 71 – Jogador de basquete LeBron James com uma camiseta com a frase "Eu não consigo respirar".....	218
Imagem 72 – Jogador de futebol americano Colin Kaepernick protestando contra a morte de negros.....	218
Imagem 73 – Protestos para a retirada da bandeira dos Estados Confederados.....	219
Imagem 74 – Toque de recolher após protesto pela morte do jovem negro Freddie Gray.....	219

Imagem 75 – Memorial em uma igreja em uma comunidade negra, em Charleston.....	220
Imagem 76 – Memorial no local onde George Floyd foi morto.....	220
Imagem 77 – Encontro entre Barack Obama e Nelson Mandela em Washington.....	223
Imagem 78 – A Cerimônia do Oscar de 2017 teve recorde de indicações de autores negros para a premiação.....	223
Imagem 79 – A atriz Toni Morrison recebe a medalha da liberdade do então presidente Barack Obama.....	224
Imagem 80 – Obama participa de comício apoiando Hillary Clinton nas eleições.....	224
Imagem 81 – Obama apresenta projeto de lei da imigração.....	226
Imagem 82 - Cidade da Flórida, com grande presença de imigrantes vindos da Venezuela.....	227
Imagem 83 – Trump defende a sua mais importante proposta: a construção de um muro na fronteira com o México para deter imigrantes ilegais.....	227
Imagem 84 – Trump reafirma a construção do muro na fronteira com o México.....	228
Imagem 85 – Decreto restringe a entrada de sete países, de maioria muçulmana, nos EUA.....	228
Imagem 86 – Trump assina decreto que aumenta o cerco aos imigrantes ilegais.....	229
Imagem 87 – Filhos de imigrantes ilegais são separados dos pais em um abrigo improvisado.....	229
Imagem 88 – Líder de uma milícia acusada de deter imigrantes ilegais é preso nos EUA.....	230
Imagem 89 – Jacob Philadelphia, de cinco anos, em visita à Casa Branca, toca o cabelo do presidente Barack Obama.....	258

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 – Conflitos envolvendo os Estados Unidos - séculos XX e XXI.....	66
Tabela 2 – Tiroteios em escolas nos EUA.....	81
Tabela 3 – Corpus.....	134
Tabela 4 – Corpus – parte 2.....	144
Infográfico 1 – Mitos armamentistas dos Estados Unidos.....	179
Infográfico 2 – Casos de violência policial com maior repercussão e mobilização social nos EUA nos últimos anos.....	238
Infográfico 3 – Casos de violência policial com maior repercussão e mobilização social nos EUA, veiculados no Jornal da Globo.....	239
Infográfico 4 – Mitos raciais dos Estados Unidos.....	241

Sumário

1 – INTRODUÇÃO.....	21
2 - A TEORIA DO IMAGINÁRIO DE GILBERT DURAND.....	32
2.1 - PENSAMENTO SIMBÓLICO E INCONSCIENTE COLETIVO	38
2.2 - O MITO E A MITANÁLISE COMO PROPOSTA METODOLÓGICA.....	43
2.3 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO COMO DINAMIZADORES DE IMAGINÁRIOS.....	47
2.4 - TELEJORNALISMO INTERNACIONAL	52
3 - O IMAGINÁRIO DOS ESTADOS UNIDOS - PODER E O COMPLEXO DE EMPÉDOCLES	58
3.1 - SCHOOL SHOOTINGS - TIROTEIOS EM ESCOLAS - O MITO DO CAUBÓI E O PODER PELAS ARMAS.....	76
3.2 - O PODER PELA OPRESSÃO - RACISMO NOS ESTADOS UNIDOS	94
4 - BARACK OBAMA E A CONJUGAÇÃO DO VERBO NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL - “SIM, NÓS PODEMOS”	109
4.1 - DONALD TRUMP E A CONJUGAÇÃO DO VERBO NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR - “A AMÉRICA GRANDE DE NOVO”	120
5 DADOS GERAIS DO CORPUS	134
5. 1 - PODER PELAS ARMAS	146
5.2 - PODER PELAS ARMAS NO JORNAL DA GLOBO	150
5.3 - DO MITO DA DESTRUIÇÃO EM MASSA AO MITO DO CIBERATAQUE.....	178

5.4 - O IMAGINÁRIO SOBRE AS ARMAS NOS ESTADOS UNIDOS	187
5.5 - O IMAGINÁRIO SOBRE AS ARMAS NO JORNAL DA GLOBO	192
6 - PODER PELA OPRESSÃO	195
6.1 - COMO SER ANTIRRACISTA E O RECONHECIMENTO DO PRIVILÉGIO BRANCO	197
6.2 - OS BASTIDORES DO TELEJORNALISMO E O RACISMO	202
6.3 - O RACISMO NO JORNAL DA GLOBO	207
6.4 - RACISMO CONTRA IMIGRANTES	226
6.5 - SILENCIAMENTOS NO JORNALISMO	235
6.6 - DO MITO DA INFERIORIDADE RACIAL AO MITO DA DIFERENÇA	240
6.7 - O IMAGINÁRIO DO RACISMO NOS ESTADOS UNIDOS	251
6.8 - O IMAGINÁRIO DO RACISMO NO JORNAL DA GLOBO	255
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	260
8 - REFERÊNCIAS	267
9 - ANEXOS	276

1 – Introdução

Os Estados Unidos têm a maior¹ economia e são o terceiro país com maior² população mundial. São considerados a nação mais poderosa do mundo. Esse poder não precisa mais ser imposto ou provado. Está imbuído no inconsciente coletivo por gerações. Essa supremacia foi construída ao longo do último século através de guerras, relações com outros países, apoios, conflitos e cultura popular. É uma influência desenvolvida com sangue, dinheiro, armas e pensamento estratégico. Apesar de provações, a nação chegou ao século XXI com o seu poder simbólico consolidado. Não é preciso saber todas as batalhas e conquistas dos norte-americanos. Faz parte do senso comum o mínimo conhecimento de que os Estados Unidos influenciam no destino de todo o planeta.

Esse poder simbólico é invisível, capaz de fazer crer e construir a realidade (BOURDIEU, 1989). “Poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário” (p. 15). É legitimado por países aliados, que mesmo sem precisar temer momentaneamente o poderio, reforçam, mesmo inconscientemente, o seu domínio.

O cientista político Joseph Nye (2015) destaca que os Estados Unidos vivem o seu século de poder. Ele teria começado no fim do século XIX quando os EUA se tornaram o maior poder industrial do mundo. Outra data seria no início do século XX quando o país contabilizou um quarto da economia do mundo nas vésperas da Segunda Guerra Mundial. A partir de 1945 até 1991, o balanço global do poder foi descrito como bipolar, os EUA e a União Soviética dividiam as forças. Com a queda do muro de Berlim e o colapso da União Soviética em 1991, os Estados Unidos se tornaram o único superpoder. Esse seria o terceiro marco histórico. Projeções sugerem que o século americano estaria chegando

¹ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/03/brasil-sai-de-lista-das-10-maiores-economias-do-mundo-e-cai-para-a-12a-posicao-aponta-ranking.ghtml>. Acesso em 25 de abril de 2021.

² Portal DW. Disponível em <https://www.dw.com/pt-002/estados-unidos-da-am%C3%A9rica-eua/t-19479229>. Acesso em 25 de abril de 2021.

ao fim, pois a China seria cotada como substituta do país na liderança do poder. Mas isso significa o fim da preponderância norte-americana?

Não necessariamente. O poder é uma habilidade que afeta os outros para conseguirem os resultados que querem e são três formas de fazer isso: pela coerção (porrete); por pagamento (cenouras); e por atração ou persuasão. Porretes e cenouras são formas de poder duro (hard power); atração e persuasão são chamadas de poder brando (soft power). Todas essas dimensões de poder são importantes e é por isso que o poder econômico sozinho não deve ser usado para definir o século americano³. (NYE, 2015, p.11)

O poder duro (hard power) está ligado à questão militar e ao poder de fogo. Já o poder brando (soft power) se apoia em três áreas: em sua cultura (lugares que são atrativos para os outros); nos seus valores políticos; e sua política externa (quando é legitimado e tem autoridade moral). Grande parte do poder brando é produzida pela sociedade civil (universidades, fundações, Hollywood, cultura pop). Segundo Nye (2015), combinar os poderes duro e brando seria uma estratégia difícil, mas inteligente.

Apesar da grande importância desse poder inteligente, acreditamos que há algo muito maior: um poder simbólico, inconsciente, que integra o imaginário sobre os Estados Unidos. Essa força invisível pode ser percebida em ações. Em 2019, a relação do presidente brasileiro Jair Bolsonaro com o então presidente norte-americano Donald Trump corrobora a discussão sobre o poder simbólico. A influência do norte-americano na campanha e na forma de promover a comunicação do governo brasileiro são visíveis.

Em 06 fevereiro de 2020, Jair Bolsonaro realizou⁴ uma transmissão ao vivo nas suas redes sociais acompanhando uma entrevista coletiva do presidente norte-americano na televisão, em comemoração à rejeição do processo de impeachment de Trump no Senado norte-americano.

³ Tradução Nossa. "Not necessarily. Power is the ability to affect others to get the outcomes one wants, and there are three ways to do that: by coercion (sticks); by payments (carrots); and by attraction or persuasion. Sticks and carrots are forms of hard power; attraction and persuasion are called soft power. All these dimensions of power are important, and that is why economic power alone should not be used to define the American century."

⁴ Agência Brasil. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-02/durante-live-bolsonaro-acompanha-discurso-de-donald-trump>. Acesso em 25 de abril de 2021.



Imagem 1: Bolsonaro faz uma transmissão ao vivo nas suas redes sociais acompanhando o discurso de Trump sobre a rejeição do processo de impeachment do presidente norte-americano no Senado
Fonte: youtube.com

Além disso, o presidente brasileiro promulgou⁵ um acordo com os Estados Unidos para o uso comercial da base de lançamento de Alcântara, no Maranhão. O tratado permite o lançamento de foguetes e satélites norte-americanos no Brasil a partir da base maranhense, com início em 2022. Outro ponto de destaque foi a medida⁶ unilateral de liberar os turistas norte-americanos (também australianos, canadenses e japoneses), dispensando o visto para a entrada no Brasil. A iniciativa não altera nada a situação dos brasileiros que precisam investir tempo e dinheiro para terem autorização para entrar nos EUA. O que o Brasil ganhou com todas essas ações? Ainda não sabemos. Mas o que os Estados Unidos ganharam de mais valioso nessas “negociações”? Eles tiveram reforçado o seu poder simbólico, sem arbitrariedade, sem imposições, tudo foi dado a eles, sem garantir nada em troca. Com isso, reafirmamos a importância e influência dos Estados Unidos de forma simbólica.

⁵ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/05/governo-promulga-acordo-com-eua-para-base-de-alcantara-ministro-preve-testes-em-2021.ghtml>. Acesso em 25 de abril de 2021.

⁶ BBC Brasil. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47605005>. Acesso em 25 de abril de 2021.

O objetivo deste trabalho é compreender o imaginário sobre os Estados Unidos dinamizado pelo Jornal da Globo, com foco nos temas poder pelas armas e racismo (poder pela opressão). Serão desvelados os mitos, presentes nas reportagens do telejornal veiculadas durante os governos Barack Obama e Donald Trump, e a construção do imaginário, ligado às temáticas abordadas, sobre os Estados Unidos.

Existem muitas questões a serem debatidas, mas este trabalho se propõe a refletir sobre alguns dos principais problemas do país norte-americano, que também são discutidos e enfrentados no Brasil, sob a nossa perspectiva. O racismo é um dos pontos de destaque. Um país marcado pelas leis Jim Crow com o princípio de “separados, mas iguais”, segregou negros, em parte do país, até a década de 1960. Afro-americanos não podiam usar os mesmos banheiros, restaurantes, bancos de ônibus. Foi uma atrocidade que permeia até hoje no imaginário norte-americano.

Com muita luta pelos direitos civis, a situação foi alterada parcialmente. Atualmente, está instituído um Novo Jim Crow (ALEXANDER, 2018): o encarceramento de massa. Segundo o último censo⁷ dos EUA de 2020, os negros compõem 13,4% da população. Mesmo sendo uma minoria, eles formam um número seis⁸ vezes maior que o percentual de brancos presos. Há um poder exercido pela opressão implícita, travestida e invisível.

Nos últimos anos, protestos tomaram conta do país. Jogadores de futebol americano ajoelharam-se⁹ durante o hino nacional, um ato que pedia o fim do abuso e violência policial aos negros. Com o pedido do presidente Donald Trump, esses atletas foram boicotados, uma maneira de evitar mais manifestações. A rede de cafeterias Starbucks fechou¹⁰ durante um dia inteiro em todo o país para promover um treinamento antirracista para seus funcionários

⁷ Censo dos Estados Unidos 2020. Disponível em <https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/US/PST045219>. Acesso em 28 de abril de 2021.

⁸ Portal Pew Research Center. Disponível em <<https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/04/30/shrinking-gap-between-number-of-blacks-and-whites-in-prison/>>. Acesso em 4 de julho de 2019.

⁹ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/jogadores-de-futebol-americano-se-ajoelham-em-proteto-contra-violencia-policial-trump-critica.ghtml>. Acesso em 24 de abril de 2021.

¹⁰ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/starbucks-fecha-8-mil-lojas-nos-eua-para-treinamento-contra-racismo-nesta-terca-feira.ghtml>. Acesso em 25 de abril de 2021.

após a prisão de dois clientes negros sem motivos. O movimento “*Black Lives Matter*” (Vidas Negras Importam) foi iniciado após a absolvição do assassino do adolescente Trayvon Martin. O jovem foi morto pelo segurança de um condomínio, na Flórida, em 2012.

Em 25 de maio de 2020, aconteceu o caso de violência policial de maior repercussão no país. George Floyd foi morto¹¹ em uma abordagem policial, após ter seu pescoço pressionado contra o chão por 7 minutos e 46 segundos, pelo policial Derek Chauvin, em Minneapolis. Floyd teria comprado cigarros com uma nota de 20 dólares supostamente falsa. Após a tragédia, foram organizadas manifestações em todo país e no mundo contra a violência policial. Essa foi a maior onda de protestos antirracistas desde a morte de Martin Luther King Jr., na década de 1960.



¹¹ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>. Acesso em 25 de abril de 2021.

Imagem 2: Publicação mostra criminosos brancos que estavam fortemente armados e que foram presos pela polícia e negros desarmados, que foram mortos pela polícia.
Fonte: facebook.com/inthenow/

Apesar das mobilizações sociais provocadas pela morte de George Floyd, ainda são registrados casos de violência policial nos Estados Unidos. No dia 19 de abril de 2021, o latino Mario Arenales Gonzalez morreu¹², após ser imobilizado por cinco minutos, por três policiais, que o abordaram com a suspeita de estar sob a influência de álcool, na Califórnia. Em um vídeo gravado pela própria polícia, Gonzalez está calmo e não aparenta oferecer nenhum risco à equipe de policiais, mesmo assim ele é forçado a deitar e é pressionado contra o chão.

Os negros também foram os mais atingidos¹³ pelo COVID 19 nos Estados Unidos, com um número de vítimas três vezes maior do que na população caucasiana. Essa realidade só enfatiza o resultado da profunda desigualdade social que a comunidade negra enfrenta sem acesso a planos de saúde¹⁴, em um país sem sistema de saúde público, trabalhando em profissões essenciais, o que impede o distanciamento social, além de terem altas taxas de comorbidades, questões relacionadas à má distribuição de renda e falta de políticas públicas.

A política de armas nos Estados Unidos é um dos fatores que promove a segunda maior causa de morte entre jovens no país. A disponibilidade de armas é algo assustador. São 393 milhões¹⁵ de armas civis para cerca de 328 milhões de habitantes. Hemenway (2004) enfatiza que a falta de uma política restritiva para a compra de armas gera um problema de saúde pública. Essas políticas de saúde pública não são contra armas, mas sim a favor de medidas que preservem vidas. “A reação imediata a um problema para muitas pessoas nos Estados Unidos é conseguir uma arma. Acontece que essa resposta pode muitas vezes exacerbar o problema, enquanto outras ações devem ser muito mais efetivas¹⁶”

¹² New York Times. Disponível em <https://www.nytimes.com/2021/04/27/us/mario-gonzalez-alameda-police.html>. Acesso em 27 de abril de 2021.

¹³ Portal UOL. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/05/21/nos-eua-coronavirus-mata-tres-vezes-mais-negros-do-que-brancos.htm>. Acesso em 26 de maio de 2020.

¹⁴ Site BBC. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52267566>. Acesso em 26 de maio de 2020.

¹⁵ Portal BBC. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-41488081>. Acesso em 25 de abril de 2021.

¹⁶ Tradução Nossa. “The immediate reaction to a problem for many people in the United States is to get a gun. Yet it turns out this response can often exacerbate the problem, while other actions may be far more effective”.

(2004, p. xiv). Também no início do período da pandemia do novo Coronavírus, o pânico da população levou algumas lojas de armamentos a aumentarem¹⁷ as vendas em 800%. O medo da falta de abastecimento de alimentos e aumento da criminalidade são fatores apontados por elevarem a venda de armas no país nesse período.

Há na posse de armas uma sensação de poder, de se sentir seguro, de encarar o mal, um poder de enfrentamento, que pode gerar milhares de tragédias. Existe um tipo de notícia sobre os Estados Unidos que está sempre presente nos noticiários brasileiros: os tiroteios em escolas. Virou rotina ter conhecimento da morte de dezenas de estudantes a cada ataque. Estudos evidenciam que o trabalho da mídia pode alimentar o ego dos atiradores e uma nova rotina jornalística precisa ser discutida para evitar novos tiroteios. Rees (2012) ressalta que se deve evitar que as reportagens sobre os tiroteios atendam agendas políticas e não divulguem informações que possam ser usadas por outros atiradores (imitadores).

Entre os meses de março e abril de 2021, 40 pessoas foram mortas¹⁸ em ataques de atiradores nos Estados Unidos. Esse problema também leva ao questionamento sobre a política de compra de armas. Por outro lado, há o interesse de corporações que lutam para manter a atual facilidade de adquirir armamentos. Recentemente no Brasil, houve uma flexibilização do porte de armas, em que foi facilitada a comprovação para ter armamento em casa.

Para compreender o imaginário sobre os Estados Unidos serão analisadas as reportagens do Jornal da Globo durante o segundo mandato do presidente Barack Obama e do primeiro e único mandato, até o momento, do presidente Donald Trump. O Jornal da Globo existe há 40 anos. A primeira versão¹⁹ foi ao ar em 02 de abril de 1979, editado por Fabbio Perez e apresentado por Sérgio Chapelin, e exibido até 06 de março de 1981. A edição atual estreou em 02 de agosto de 1982. O telejornal é o último da programação,

¹⁷ Portal BBC. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52039339>. Acesso em 26 de maio de 2020.

¹⁸ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/16/em-menos-de-dois-meses-atiradores-mataram-40-pessoas-nos-eua.ghtml>. Acesso em 25 de abril de 2021.

¹⁹ Jornal da Globo. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-da-globo-1979/no-ar/evolucao.htm>>. Acesso em 10 de junho de 2019.

exibido de segunda a sexta-feira, e fica marcado “pela sua diversidade de gêneros, conciliando reportagens, análises, séries e entrevistas ao vivo. O noticiário internacional era apresentado de Londres e Nova York pelos correspondentes da emissora²⁰”. Esse espaço dedicado à cobertura de temas internacionais e discussão, com um tempo maior para aprofundamento de temas sobre os Estados Unidos foi o que levou à escolha deste programa jornalístico.

A Rede Globo disponibiliza as reportagens do telejornal, em sua totalidade, na plataforma Globo Play, a partir do ano de 2013. Este foi o ano em que iniciou o segundo mandato do presidente Barack Obama. Antes desta data, não está disponível o telejornal na íntegra, inviabilizando a análise deste período, por meio da plataforma on-line. Por isso, tornou-se viável a análise do segundo mandato do presidente Barack Obama (2013 - 2016) e do primeiro e único mandato do presidente Donald Trump (2017 - 2020).

O presidente Barack Obama promoveu mudanças significativas na política norte-americana. Ele foi o responsável pela morte do terrorista Osama Bin Laden, considerado o mentor dos ataques de 11 de setembro de 2001. Também retirou tropas norte-americanas do Iraque após oito anos de ocupação. Lançou o *Obamacare*, uma lei que controla os preços e amplia o alcance dos planos de saúde no país, que não tem um sistema público, como o Brasil. Promoveu a saída do país da crise financeira, que estava consolidada desde 2008, através de grandes gastos com as guerras do Afeganistão e Iraque, e diminuiu²¹ a taxa de desemprego de 10% para 4,6%.

Obama lançou uma chama de esperança à população negra, que pode sentir-se representada e identificar-se em um cargo nunca ocupado por afro-americanos. Apesar disso, Obama não conseguiu realizar uma revolução nas relações raciais. Mesmo tendo avançado em algumas discussões, visitando presídios e falando abertamente sobre racismo, ele não conseguiu acabar com o problema. Seria impossível transformar em oito anos um imaginário consolidado em quatro séculos.

²⁰ Jornal da Globo. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-da-globo-1979/no-ar/evolucao.htm>. Acesso em 10 de junho de 2019.

²¹ Revista Época. Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2017/01/o-legado-de-barack-obama-os-maiores-feitos-de-seus-oito-anos-de-governo.html>. Acesso em 10 de junho de 2019.

O presidente Donald Trump tem o seu mandato marcado por ações conservadoras. A proposta polêmica de construção de um muro na fronteira com o México gerou muitos desdobramentos, como a paralisação parcial do governo, deixando 800 mil funcionários públicos sem receber salários. Em 2018, iniciou uma política de tolerância zero aos imigrantes ilegais, processando legalmente quem ingressa no país sem visto. A grande controvérsia foi a detenção de mais de duas mil crianças, entre dois e quatro anos, que foram separadas dos pais, que não tinham documentos, em uma prisão federal e em abrigos, colocados em uma espécie de jaula.

Trump não acredita no aquecimento global e é contra a promoção de energias renováveis. Foi responsável pela saída dos Estados Unidos do Acordo Climático de Paris. O ex-presidente promoveu a manutenção da pujança da economia norte-americana, reduzindo o percentual de desemprego, com a menor²² taxa desde 1969. Viabilizou uma reforma tributária, cobrando menos impostos de quem ganha menos, até 2025. Apesar disso, também ficou marcado pela relação conturbada com a imprensa, o uso indiscriminado da plataforma Twitter, e pela grande propagação de desinformação, popularmente chamada de fake news. Segundo uma organização²³ de checagem de fatos, Trump fez 30.573 afirmações falsas em quatro anos de governo.

Por imaginário compreendemos "o conjunto de imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens - e aparece-nos como grande denominador fundamental onde se vem encontrar todas as criações do pensamento humano" (DURAND, 2002, p. 18). Buscamos identificar os mitos que estão imbuídos na história dos Estados Unidos, que também são evidentes nas reportagens do telejornal. Os mitos, narrativas ou trajetórias exemplares, são destacados na discussão teórica e serão analisados nas reportagens. Para Eliade (2016), o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. Pode contar uma história sagrada, um acontecimento ocorrido no "princípio" ou no tempo primordial. O mito do caubói está fortemente presente

²² Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/03/desemprego-nos-eua-recua-para-36percent-em-abril.ghtml>. Acesso em 10 de junho de 2019.

²³Portal Washington Post. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/politics/2021/01/24/trumps-false-or-misleading-claims-total-30573-over-four-years/>. Acesso em 10 de abril de 2021.

na história do país e está relacionado com outras narrativas apresentadas ao redor do mundo.

Hobsbawm (2013) acredita que populações de homens que cuidam de rebanhos, muitas vezes, se tornam assunto de mitos poderosos e tipicamente heroicos. Em termos de conteúdo social, o caubói tinha duas funções: a primeira delas é a representação do ideal de liberdade individualista “encerrada numa espécie de prisão inescapável pelo fechamento da fronteira e pela chegada das grandes corporações” (HOBBSAWN, 2013, p. 266). A segunda função do mito seria a representação da defesa do americano nativo anglo-saxão, protestante, contra os milhões de intrusos de raças inferiores. Essa narrativa permeia a cultura norte-americana, no porte de armas, no tiroteio em escolas, no embate com imigrantes. É a imposição de um poder pela morte e subjugação. O complexo de Empédocles (BACHELARD, 1999) aborda esse instinto da morte e desejo de viver como uma forma de enfrentamento que também está presente na trajetória do país.

Para compreender o imaginário sobre os Estados Unidos dinamizado pelas reportagens do Jornal da Globo durante os governos de Barack Obama e Donald Trump, será utilizada como proposta metodológica a mitanálise de Gilbert Durand. Busca-se uma coerência entre o referencial teórico sobre a Teoria do Imaginário e uma metodologia que abarque os seus princípios simbólicos e míticos. Durand (1985) criou esta noção em 1972, a partir do modelo da psicanálise. É “um método de análise científica do mito visando o sentido psicológico ou sociológico” (p. 3). A partir deste método são realizadas três operações: o repertório dos mitemas constitutivos de um mito e cujo desgaste significa a transformação ou esgotamento de um mito; busca de correlações na cultura e mudanças sociais; e por final, a superposição ou “compensação” de um mito por outro.

O trabalho é dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo do trabalho aborda a Teoria do Imaginário de Gilbert Durand, o mito, o inconsciente coletivo, a televisão como dinamizadora de imaginários e a mitanálise como uma proposta metodológica.

O segundo capítulo apresenta o imaginário dos Estados Unidos - poder e complexo de Empédocles. Os tiroteios em escolas, o poder pelas armas e o racismo, como poder pela opressão, são discutidos.

No terceiro capítulo, será feita uma reflexão sobre as trajetórias dos presidentes Barack Obama e Donald Trump, as questões encaradas durante os mandatos e as propostas para a mudança ou manutenção dos principais problemas enfrentados pelos Estados Unidos.

Por último, é apresentada a mitanálise das reportagens selecionadas sobre os temas poder pelas armas e racismo, em dois capítulos, buscando evidenciar as narrativas míticas presentes nas reportagens do telejornal.

Além de apresentar o papel do telejornalismo na dinamização de imaginários e de que forma as práticas jornalísticas contribuem para a propagação de mitos sobre o país, este trabalho terá relevância na formação de jornalistas da área internacional e correspondentes internacionais, pois aponta os principais desafios que os Estados Unidos enfrentam, em termos sociais, e ajuda a refletir sobre a conjuntura brasileira, sob outro contexto. Compreender a realidade dos norte-americanos é muito importante para entender a perspectiva do mundo hoje. Os percalços dos Estados Unidos são sentidos em cada canto do planeta. É preciso ficar atento às mudanças da sociedade norte-americana que reverberam para além do seu território.

2 - A TEORIA DO IMAGINÁRIO DE GILBERT DURAND

O pesquisador do imaginário é um arqueólogo que faz a estratigrafia de um tempo, identificando as etapas sucessivas de produção desse superfaturamento simbólico
Juremir Machado da Silva

Para compreender o imaginário, é preciso libertar-se das amarras do positivismo e racionalismo. É necessário enxergar o mundo com o olhar do simbólico e buscar o poético, o sensível. É deixar-se encantar pelas narrativas que movem as culturas e dão sentido ao cotidiano. Neste trabalho, o imaginário sobre os Estados Unidos será desvelado, através dos mitos que integram as tradições do país e do trabalho da mídia que inclui temas e discussões que povoam o imaginário de milhares de pessoas que acompanham as principais notícias do mundo através da tela da televisão, seja em aparelhos próprios ou nas telas de computadores e celulares.

O antropólogo Gilbert Durand é o autor que guiará a fundamentação teórica sobre a Teoria do Imaginário bem como a metodologia aplicada neste trabalho. Para Durand, o imaginário é “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens - aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (DURAND, 2002, p. 18). É um museu “de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (DURAND, 2014, p. 6).

Boa parte das obras de Durand é dedicada a problematizar o iconoclasmo que irradiou no mundo ocidental. Durante séculos, o raciocínio era dividido em dois princípios o do “falso” e o do “verdadeiro”. Como a imagem não poderia ser reduzida a um argumento de verdadeiro ou falso formal, passou a ser desvalorizada, incerta e ambígua. “A imagem pode se desenovelar dentro de uma descrição infinita e uma contemplação inesgotável” (DURAND, 2014, p. 10). Ela propõe uma realidade velada e por isso se oporia à lógica aristotélica de clareza e diferença. A partir do século 17, o imaginário sofre uma exclusão dos

processos intelectuais, que buscam um único método para descobrir a verdade das ciências.

No século 18, houve a influência do empirismo factual. O fato, juntamente com o argumento racional, será um obstáculo para o imaginário que é relacionado com delírio, o fantasma do sonho e o irracional.

O positivismo e as filosofias da História, às quais as nossas pedagogias parecem tributárias (Jules Ferry era discípulo de Auguste Comte), serão frutos do casamento entre o factual dos empiristas e o rigor iconoclasta do racionalismo clássico. As duas filosofias que desvalorizarão por completo o imaginário, o pensamento simbólico e o raciocínio pela semelhança, isto é, a metáfora, são o cientificismo (doutrina que só reconhece a verdade comprovada por métodos científicos) e o historicismo (doutrina que só reconhece as causas reais expressas de forma concreta por um evento histórico). Qualquer “imagem” que não seja simplesmente um clichê modesto de um fato passa a ser suspeita. (DURAND, p. 2014, p. 14-15)

A desvalorização do imaginário na filosofia e epistemologia do ocidente promoveu um grande progresso técnico, porém separou o “adulto branco e civilizado” com seu pensamento lógico de outras culturas tachadas de primitivas e arcaicas. Houve uma desvalorização dos poderes do imaginário em benefício da razão. Tudo isso mudou com a descoberta do inconsciente. Foi comprovado que o psiquismo humano não funciona apenas no encadeamento racional de ideias, mas também no inconsciente, com imagens irracionais do sonho, da neurose e da criação poética. Os psiquiatras Freud e Jung, principalmente, abriram novos horizontes para a reflexão sobre o inconsciente e a psique.

O psiquiatra Carl-Gustav Jung separa-se radicalmente da concepção de Freud sobre a autonomia do inconsciente. Jung (2014) ressalta que o ponto de vista freudiano reduz o conteúdo inconsciente às tendências infantis reprimidas. A repressão iniciaria na primeira infância e teria duração por toda a vida. A partir da análise, “as repressões são abolidas e os desejos reprimidos conscientizados” (JUNG, 2014, p. 15). As tendências infantis no inconsciente seriam preponderantes.

Na concepção de Jung, “o inconsciente possui, além deste, outro aspecto, incluindo não apenas conteúdos reprimidos, mas todo o material psíquico que subjaz ao limiar da consciência” (JUNG, 2014, p. 15). O inconsciente contém as percepções subliminais dos sentidos.

Quando alguma coisa escapa da nossa consciência, essa coisa não deixou de existir, do mesmo modo que um automóvel que desaparece na esquina não se desfez no ar. Apenas o perdemos de vista, assim como podemos, mais tarde, ver novamente o carro, também reencontramos pensamentos perdidos. Parte do inconsciente consiste, portanto, de uma profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que continua a influenciar nossas mentes conscientes. Um homem desatento ou 'distraído' pode atravessar uma sala para buscar alguma coisa. Ele esquece o que buscava. Suas mãos tateiam pelos objetos de uma mesa; não se lembra do seu objetivo inicial, mas ainda deixa, inconscientemente, guiar por ele. Percebe então o que queria. Foi o seu inconsciente que o ajudou a se lembrar. (JUNG, 2008, p. 35)

Os pensamentos e ideias esquecidos não deixam de existir, "estão presentes em um estado subliminar - para além do limiar da memória - de onde podem tornar a surgir espontaneamente a qualquer momento, às vezes anos depois de um esquecimento aparentemente total" (JUNG, 2008, p. 37). O inconsciente percebe tudo, essas percepções subliminares são importantes no cotidiano, pois sem notarmos, influenciam na forma que reagimos às pessoas e fatos.

Talvez a redundância teórica em que Durand aborda o iconoclasmo ocidental nas suas principais obras pode explicar a polêmica aderência das teorias do imaginário na área da comunicação. Ao passar toda uma vida pensando pela lógica positivista, não é tarefa fácil encarar o mundo pelo simbólico e explicar fenômenos que não se apresentam pela razão. O desafio deste trabalho é abordar o sensível presente nas reportagens de televisão, especificamente do Jornal da Globo, por isso é relevante compreender os percalços que o imaginário enfrenta e a formação da sua teoria.

Durand apresenta conceitos para o entendimento da teoria do imaginário. Uma imersão em seus estudos depende de uma iniciação e entendimento de noções que serão abordadas agora, como o trajeto antropológico. O trajeto antropológico seria a troca entre as pulsões subjetivas e assimiladoras do homem e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico. Há uma constante interação entre o homem e a sociedade, assim formando o imaginário. "O trajeto antropológico pode indistintamente partir da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido entre dois marcos reversíveis" (DURAND, 2002, p. 42).

Já a bacia semântica descreve a dinâmica do imaginário. Demonstra uma metáfora com um rio, o imaginário seria esse rio com seus vários afluentes que recebe e deixa-se levar por inúmeras correntes. A água nunca é a mesma, pois a correnteza não cessa. O imaginário é movimento, nunca é estático. A bacia semântica é dividida em seis fases que demonstram como um imaginário é formado, consolidado e como segue ao seu esgotamento.

Segundo Durand (2014), a primeira fase da bacia semântica, denominada de escoamento, evidencia pequenas correntes descoordenadas e antagonistas. A divisão de águas é a segunda fase, que aborda a junção de alguns escoamentos que formam oposição a imaginários precedentes e escoamentos atuais. As confluências são o passo seguinte, em que uma corrente consolidada precisa do reconhecimento seja por autoridades ou instituições. A quarta fase é chamada de "nome do rio", que se forma quando um personagem consegue caracterizar a bacia semântica como um todo. A próxima etapa, se refere à organização dos rios, em que há a consolidação de fluxos imaginários. Por fim, os deltas e meandros representam o desgaste do imaginário que atinge a sua saturação e recebe novos escoamentos.

No livro "As Estruturas Antropológicas do Imaginário", Gilbert Durand determina os regimes da imagem. O antropólogo define o termo estruturas como um conjunto de esquemas, arquétipos e símbolos (que explicaremos no próximo subcapítulo) a partir de sistemas míticos ou constelações que demonstram a existência de recorrências nas representações imaginárias. Os agrupamentos de estruturas são definidos como regimes do imaginário.

O autor propõe uma filosofia do imaginário, fundamentada na arquetipologia desses regimes e estruturas. Assim, desenvolve uma divisão entre dois regimes. O regime diurno da imagem revela a sistemática da antítese. É dividido em duas grandes antitéticas. A primeira "consagrada ao fundo das trevas sobre o qual se desenha o brilho vitorioso da luz, a segunda manifestando a reconquista antitética e metódica das valorizações negativas da primeira" (DURAND, 2002, p. 68). É estruturado pela dominante postural, responsável pela verticalidade. É um reflexo dominante do recém-nascido, da posição (estrutura heroica).

Durand baseia-se na reflexologia de Bechterev (1953). O neurologista russo defende uma psicologia encarada como uma ciência da vida

neuropsíquica em geral e não somente as suas manifestações conscientes. Propõe a inserção de condições biológicas das manifestações nos processos psíquicos. Aborda as coletividades da vida humana e animal. A atividade neuropsíquica se desenvolve segundo o tipo de reflexo e se manifesta exteriormente através de um movimento ou uma reação secretora ou vasomotora.

O Regime Noturno da imagem está constantemente sob o signo da conversão e do eufemismo. Integra as dominantes digestiva (estrutura mística) e copulativa (estrutura sintética). A primeira se refere à nutrição, “que se manifesta por reflexos de sucção labial e uma orientação adequada da cabeça” (DURAND, 1998, p.42). Bechterev (1953) aborda o instinto de nutrição com o exemplo das galinhas que encontram seus alimentos escavando a terra. O filhote, quando se liberta da casca do ovo que o abrigava, já sabe escavar, escolher os grãos que lhe convém como alimento. Dessa forma, esse instinto é inerente aos seres. Nascemos com a capacidade de executar os reflexos que permitem a alimentação. O mesmo caso acontece com a dominante copulativa, que se refere à conduta vital da pulsão sexual.

O instinto de reprodução também é resultante de uma necessidade orgânica determinada pela plenitude das glândulas espermáticas e dos ovários, e os impulsos externos, visuais, táteis, olfativos, auditivos e outros que normalmente dirigem o indivíduo em direção ao sexo oposto (...) Os animais jovens que jamais presenciaram um ato sexual, saltam uns sobre os outros e efetuam movimentos que se parecem muito. É certo que isso ocorre tanto nos machos como nas fêmeas²⁴. (BECHTEREV, 1953, p. 187, tradução nossa)

Resumidamente, Durand aponta formas distintas de abordar a fuga da finitude. Para isso, se baseia em questões biológicas, arquetípicas e simbólicas. Cada regime da imagem exemplifica formas simbólicas de escapar do medo do fim da vida e da passagem do tempo. “O imaginário constituía a essência do espírito, quer dizer, o esforço do ser para erguer uma esperança viva diante e contra o mundo objetivo da morte” (DURAND, 2002, p.432). De que formas

²⁴ “El instinto de reproducción también es resultante de una necesidad orgánica determinada por la plenitud de las glándulas espermáticas o de los ovarios, e impulsos externos, visuales, táctiles, olfativos, auditivos y otros que normalmente dirigen al individuo hacia el sexo opuesto (...) animales jóvenes que jamás han presenciado un acto sexual, saltan los unos sobre los otros y efectúan movimientos que se le parecen mucho. Es cierto que esto ocurre tanto a los machos como a las hembras.”

driblamos o temor à morte? Que símbolos e mitos edificamos para este fim? Trajetórias exemplares fazem parte do nosso cotidiano e discursos da sociedade. Nos próximos subcapítulos nos propomos a pensar o pensamento simbólico e o mito.

2.1 - PENSAMENTO SIMBÓLICO E INCONSCIENTE COLETIVO

O processo simbólico é uma vivência na imagem e da imagem

Carl G. Jung

Uma ciência sem consciência, ou seja, sem afirmação mítica de uma Esperança, marcaria o declínio definitivo de nossas civilizações

Gilbert Durand

O pensamento simbólico é inerente à concepção do imaginário. Segundo Durand (1988), existem duas maneiras de representar o mundo. A primeira delas é a forma direta, “na qual a própria coisa parece estar presente na mente, como na percepção ou na simples sensação” (p. 11). A outra é a indireta,

quando o objeto não pode se apresentar à sensibilidade de ‘carne e osso’, como, por exemplo, nas lembranças de nossa infância, na imaginação das paisagens do planeta marte, na inteligência da volta dos elétrons em torno de núcleo atômico ou na representação de um além-morte (DURAND, 1988, p. 11-12)

Durand (1988) destaca que o símbolo pertence à categoria do signo, porém a maioria dos signos são um pretexto para a economia, pois remete a um significado que poderia estar presente ou verificado. “Um sinal simplesmente precede a presença do objeto que representa. Assim uma palavra, uma sigla, um algoritmo, substituem economicamente uma longa definição conceitual” (p. 12). Exemplificando, é muito mais fácil desenhar uma caveira representando o perigo, do que explicar isso de forma rápida. Você olha a caveira e rapidamente faz a associação de que o objeto atrelado ao desenho apresenta risco. Durand enfatiza que isso define um meio de economizar operações mentais e que nada impede que sejam escolhidos arbitrariamente. Os signos perdem a sua arbitrariedade quando remetem a abstrações, qualidades espirituais ou morais, que não conseguem ser apresentadas em “carne e osso”.

O antropólogo também define dois tipos de signos: os arbitrários, que são indicativos, remetem a uma realidade significada sempre representável. Já os signos alegóricos se referem a uma realidade significada dificilmente apresentável. A imaginação simbólica pode ser identificada quando o significado não é apresentável e o signo refere-se a um sentido. O símbolo demonstra algo ausente ou impossível de ser percebido. “É a epifania de um mistério” (DURAND, 1988, p. 15). Reconduz ao sensível, ao figurado, é inacessível, é “aparição do indizível, pelo e no significante” (DURAND, 1988, p. 15).

O símbolo enquanto signo remete a um significado indizível e invisível, “sendo assim obrigado a encarnar concretamente essa adequação que lhe escapa, pelo jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas que corrigem e completam inesgotavelmente a inadequação” (DURAND, 1988, p. 19). É uma imagem imanente de uma transcendência, não explícita, sempre ambígua e muitas vezes redundante.

Jung (2008) define a noção de símbolo como um termo, um nome ou mesmo uma imagem que pode fazer parte do nosso cotidiano. Remete às conotações especiais além do seu significado evidente ou convencional. Resulta no desconhecido e oculto. Leva ao conhecimento do trabalho da mente humana.

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica em alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão. (JUNG, 2008 p.19)

A imaginação simbólica tem quatro funções. O símbolo restabelece o equilíbrio vital, que é comprometido pela noção de morte; é utilizado para restaurar o equilíbrio psicossocial, o fator dinâmico da reequilibração mental; estabelece um equilíbrio antropológico, que constitui o humanismo da alma humana; por fim, equilibra o universo e resulta em uma revelação da divindade. Durand (1988) também destaca a função fabuladora, a reação contra a inevitabilidade da morte.

No balanço antropológico, chegamos a estabelecer que a função da imaginação é, antes de mais nada, uma função de eufemização,

porém, não simplesmente ópio negativo, máscara que a consciência veste diante da horrível figura da morte, mas, ao contrário, dinamismo prospectivo que, através de todas as estruturas do projeto imaginário, tenta melhorar a situação do homem no mundo. (DURAND, 1988, p. 101)

Para entender a convergência dos símbolos, primeiramente é necessário compreender o termo schème, que se refere a uma tendência geral dos gestos e é anterior à imagem. Reúne emoções e gestos inconscientes.

Exemplos: a verticalidade da postura humana, correspondem dois schemes: o da ascensão, o da divisão (visual ou manual); ao gesto de deglutição, correspondem os schemes da descida (percurso interior dos alimentos) e do aconchego na intimidade (o primeiro alimento do ser humano sendo o leite materno, a amamentação). (PITTA, 2017. p.22)

Os arquétipos, que serão apresentados mais profundamente a seguir, são as representações dos schèmes, constituindo a união do imaginário e dos processos racionais. Segundo Pitta (2017), os mitos fazem parte de um sistema que agrega os símbolos, os arquétipos e os schèmes, compondo narrativas. O schème seria uma forma mais abstrata desenvolvida através do verbo e das ações. O arquétipo vai se referir a uma imagem mais concreta, como por exemplo: a mãe, o tempo cíclico e o herói. E o símbolo faz o papel de traduzir o arquétipo em um contexto específico.

Morin (1999) conta que nossos ancestrais usaram nas suas estratégias de conhecimento e de ação um pensamento empírico/lógico/racional. Eles acumulavam um enorme saber botânico, ecológico, tecnológico, uma verdadeira ciência. Esses mesmos seres complementavam esses conhecimentos acompanhando ritos, crenças e mitos. Antropólogos no século XX argumentavam que esses “primitivos” eram fechados em um pensamento mítico/mágico e ignoravam a racionalidade. Essa visão abandonada pela antropologia contemporânea trouxe à tona o mito. Os dois modos de conhecimento e de ação, um simbólico/mitológico/mágico e outro empírico/técnico/racional “estão imbricados de modo complementar num tecido complexo sem que um atenua ou degrade o outro” (p. 185). As duas formas estão em constante interação e demonstram necessidade permanente uma da

outra. “Toda renúncia ao conhecimento empírico/técnico/racional conduziria os humanos à morte; toda renúncia às suas crenças fundamentais desintegraria a sociedade de que fazem parte” (p. 186).

No subcapítulo anterior, discutimos o conceito de inconsciente apresentado por Jung e a diferença da concepção freudiana. Jung também faz a diferenciação entre inconsciente pessoal e coletivo. Os materiais contidos no inconsciente pessoal são individualizados pois se caracterizam por aquisições derivadas da vida individual e em parte por fatores psicológicos, que também poderiam ser conscientes. O inconsciente pessoal é constituído de conteúdos que já foram conscientes, mas desapareceram da consciência por ter sido esquecidos, reprimidos.

Os conteúdos inconscientes são de natureza pessoal quando podemos reconhecer em nossos passados os seus efeitos, sua manifestação parcial, ou ainda sua origem específica. São partes integrantes da personalidade, pertencem a seu inventário e sua perda produziria na consciência, de um modo ou de outro, uma inferioridade. (JUNG, 2014, p. 24).

O inconsciente contém não só componentes de ordem pessoal, mas também impessoal, coletiva, sob a forma de categorias herdadas ou arquétipos. Arquétipos são imagens primordiais e se referem a caminhos virtuais herdados. Os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, existem pela hereditariedade. Ele repousa sobre uma camada mais profunda, pois não tem a sua origem em experiências ou aquisições pessoais. “Já propus antes a hipótese de que o inconsciente, em seus níveis mais profundos, possui conteúdos coletivos em estado relativamente ativo; por isso, o designei inconsciente coletivo”. (JUNG, 2014, p. 26). Segundo Jung, os conteúdos mais importantes do inconsciente coletivo são as imagens primordiais, as ideias coletivas inconscientes e os impulsos vitais (vida e pensamento mítico). Não é um sistema pessoal encapsulado. É a objetividade com o mundo, ligada ao mundo

Os arquétipos podem ser encontrados, por exemplo, nos mitos e nos contos de fada.

Se trata de formas cunhadas de um modo específico e transmitidas através de longos períodos de tempo. O conceito archetypus só se aplica indiretamente às *représentations collectives*, na medida em que designar apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente. Neste sentido, representam, portanto, um dado anímico imediato. Como tal, o arquétipo difere sensivelmente da forma historicamente elaborada. Especialmente em níveis mais altos dos ensinamentos secretos, os arquétipos aparecem sob uma forma que revela seguramente a influência da elaboração consciente, a qual julga e avalia. Sua manifestação imediata, como a encontramos em sonhos e visões, é muito mais individual, incompreensível e ingênua do que nos mitos, por exemplo. O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. (JUNG, 2014, p. 14).

Para Durand (2002), "os símbolos constelam porque são desenvolvidos de um mesmo tema arquetipal, porque são variações sobre um arquétipo" (p. 43). As imagens convergem em torno de núcleos organizadores, que são chamados de constelações.

Segundo Boechat (1995), os arquétipos são responsáveis pela faculdade mitopoética da mente humana e a faculdade criadora dos mitos. Um exemplo de arquétipo é o herói que vemos presentes em narrativas como o mito do gaúcho, no Rio Grande do Sul. O gaúcho seria um homem bravo, justo, heroico e o exemplo da sua conduta deveria ser seguido por todos. Este mito permanece há décadas no imaginário da população do Estado. Nas emissoras de TV, o mito do gaúcho é reforçado constantemente, em seus ritos (Semana Farroupilha, roda de chimarrão) e festividades. Nos Estados Unidos, o arquétipo do herói está presente no mito do caubói. Para aprofundar a questão do mito, no próximo subcapítulo, serão abordadas as narrativas míticas e a proposta metodológica deste trabalho, a mitanálise. O mito do caubói tão manifesto na cultura norte-americana, será detalhado no capítulo seguinte.

2.2 - O MITO E A MITANÁLISE COMO PROPOSTA METODOLÓGICA

*Às vezes, o que falta a jornalistas e pesquisadores não é a objetividade, mas a
subjetividade*
Juremir Machado da Silva

O senso comum, muitas vezes, aborda o mito como uma ficção, fábula, invenção. A partir dos estudos apresentados por Eliade (2016), essas narrativas são tratadas, neste trabalho, como algo “vivo” ou “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar”.

Segundo Eliade (2016), o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. Pode contar uma história sagrada, um acontecimento ocorrido no “princípio” ou no tempo primordial. Narra façanhas de entes sobrenaturais, revela como uma realidade passou a existir. Descrevem irrupções do sagrado no mundo. “Os personagens dos mitos são Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos ‘primórdios’. Revelam, portanto, a sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a ‘sobrenaturalidade’) de suas obras” (p. 11). Não se trata de ilusão. Há sempre verdade no mito.

O mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma ‘história verdadeira’, porque sempre se refere a realidades. O mito cosmogônico é ‘verdadeiro’ porque a existência do mundo está aí para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente ‘verdadeiro’, porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante. (ELIADE, 2016, p. 12)

A principal função do mito seria revelar os modelos exemplares dos ritos e atividades humanas como alimentação, casamento, educação, arte e sabedoria. Alguns povos indígenas dividem as histórias verdadeiras, os mitos, das falsas, fábulas. “Nas histórias ‘verdadeiras’ defrontamo-nos com o sagrado,

o sobrenatural; as 'falsas', ao contrário, tem um conteúdo profano" (ELIADE, 2016, p. 14).

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje - um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. (ELIADE, 2016, p. 16)

A função do mito, de acordo com Eliade, é exprimir, enaltecer e codificar a crença, impor princípios morais e oferecer regras práticas para a orientação do homem. O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana. O mito não é fabulação, é uma realidade viva.

Para compreender o imaginário sobre os Estados Unidos durante os governos Barack Obama e Donald Trump será utilizada a mitanálise de Gilbert Durand como metodologia. Buscamos uma coerência teórico-metodológica, por isso o autor base dos estudos de imaginário também será norteador da análise dos mitos contidos nas reportagens veiculadas no telejornal Jornal da Globo.

Cada monografia, dissertação ou tese exibe um longo referencial teórico e uma parte sobre metodologia. Raras vezes o referencial teórico e a metodologia se encontram. Quase nunca a metodologia deriva do referencial teórico. Na maior parte das vezes, o referencial teórico é um olhar emprestado que enche páginas, fixa um pano de fundo e não tem utilidade para a análise. Já a metodologia parece uma grade que se escolhe num supermercado metodológico. De posse da sua metodologia o pesquisador sai pelo mundo tentando enfiar o vivido em um parâmetro (que chamará de paradigma para ganhar em cientificidade) preexistente. (SILVA, 2011, p. 10)

Em 1972, Durand criou a noção de mitanálise. "Designa um método de análise científica dos mitos visando-se a extração do sentido psicológico ou sociológico" (DURAND, 1985, p. 246). Busca apreender os grandes mitos que orientam os momentos históricos, grupos e relações sociais. Propõe a realização de três operações. A primeira se refere ao repertório dos mitemas (menores unidades de sentido) nucleares constitutivos de um mito e cujo desgaste demonstra a mudança ou esgotamento do mito. A segunda etapa apresenta a cronologia dessas metamorfoses e a busca de correlação na cultura e mudanças sociais. Há na última fase a superposição ou compensação de um mito por outro.

A mitanálise será aplicada nas reportagens sobre os Estados Unidos durante os governos Barack Obama e Donald Trump no Jornal da Globo da Rede Globo. O telejornal é o último noticiário da programação do canal. A estreia²⁵ da edição atual foi em 02 de agosto de 1982. Uma versão anterior do programa jornalístico foi ao ar de 02 de abril de 1979 a 06 de março de 1981, editado por Fabbio Perez e apresentado por Sérgio Chapelin. Também houve uma terceira²⁶ versão que foi veiculada de 1967 a 1969. “A edição de 1982, desde o começo, é marcada pela diversidade de gêneros, conciliando reportagens, análises, séries e entrevistas ao vivo. O noticiário internacional era apresentado de Londres e Nova York pelos correspondentes da emissora”. O caráter de valorização do jornalismo internacional foi o motivo que gerou a escolha deste telejornal para o corpus deste trabalho.

A Rede Globo disponibiliza as reportagens do telejornal, em sua totalidade, na plataforma Globo Play, a partir do ano de 2013. Este foi o ano em que iniciou o segundo mandato do presidente Barack Obama. Antes desta data, não está disponível o telejornal na íntegra, inviabilizando a análise deste período. Por isso, tornou-se viável a análise do segundo mandato do presidente Barack Obama (2013 - 2016) e do primeiro mandato (e único, até o momento) do atual presidente Donald Trump (2017- 2020).

A partir desta delimitação, foi feita a catalogação das reportagens sobre os Estados Unidos de 2013 a 2020, totalizando 2.114 vídeos. O objetivo é analisar 60 reportagens abrangendo significativamente os mitemas poder pelas armas e racismo (poder pela opressão). As reportagens foram transcritas e foi selecionada uma imagem de cada matéria, quando há imagens para ilustrar e não é apresentado o conteúdo apenas pela presença do repórter, para a elaboração de uma constelação de imagens. Esses dois polos de análise devem-se, principalmente, ao caráter televisivo de unir o texto à imagem.

Este trabalho busca valorizar o simbólico e as narrativas que movem as culturas e a sociedade. Esse é um grande desafio em um mundo imbuído de racionalismo e fechado para uma perspectiva plural. As questões sociais não

²⁵ Jornal da Globo. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-da-globo-1979/no-ar/evolucao.htm>. Acesso em 7 de agosto de 2019.

²⁶ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/historia-do-jornal-da-globo.ghtml>. Acesso em 7 de agosto de 2019.

são movidas apenas por números e explicações lógicas. Há algo emblemático e da dimensão sensível que impulsiona pensamentos e atitudes.

As humanidades, por exemplo, hoje valem muito menos que as ciências e uma coisa chamada “mito” perdeu muito de sua influência. A crítica é acompanhada de sugestões positivas: dê mais dinheiro às artes e às humanidades e faça renascer as qualidades míticas da vida humana. As sugestões presumem uma distinção clara entre o pensamento puro com suas categorias artificiais e o mito, ou a imaginação poética, que capta a vida humana como um todo e lhe dá sentido. (FEYERABEND, 2010, p. 112)

Feyerabend (2010) acredita que o racionalismo não teria introduzido ordem e sabedoria no lugar em que dominava o caos e a ignorância, mas apresentou um tipo especial de ordem. O indivíduo precisa de diferenciados tipos de conhecimentos para reconhecer e interpretar fenômenos,

tais como as nuvens, o surgimento do horizonte em uma viagem oceânica, os tipos de som em um bosque, o comportamento de uma pessoa que acreditamos estar doente e assim por diante. A sobrevivência de indivíduos, tribos e civilizações inteiras depende desse tipo de conhecimento. Nossas vidas entrariam em colapso se não pudéssemos ler o rosto das pessoas, entender seus gestos, reagir corretamente às oscilações de seu temperamento. (FEYERABEND, 2010, p. 129)

O filósofo enfatiza que o conhecimento está presente na habilidade em desempenhar tarefas especiais. Pode estar nas crenças públicas compartilhadas por todos e também nas regras gerais que são aprendidas por repetição ou a habilidade de lidar com novas situações de maneira criativa. “Até um juiz moderno que necessita de diretrizes por escrito e volumes de decisões passadas nos tribunais, precisa de conhecimento intuitivo para dar o seu veredito”. (FEYERABEND, 2010, p. 133). Ele mostra a necessidade de um tratamento mais complexo para o conhecimento científico. E é isso que buscamos neste trabalho, mostrar, na sua complexidade, os imaginários e mitos presentes nas reportagens telejornalísticas.

2.3 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO COMO DINAMIZADORES DE IMAGINÁRIOS

A televisão é elemento central da democracia de massa e exige um verdadeiro investimento intelectual para que se compreenda o seu papel
Dominique Wolton

Mesmo com os avanços tecnológicos, a televisão ocupa um papel central na vida dos brasileiros. Neste trabalho, como dito anteriormente, buscamos compreender o conteúdo simbólico e mítico desvelado a partir das reportagens do Jornal da Globo, um telejornal da emissora Rede Globo. A população tem uma praticidade no recebimento da informação e ligação afetiva ao momento de assistir ao veículo. Segundo a Pesquisa Nacional de Mídia²⁷, realizada em 2016, a televisão é o veículo de comunicação mais utilizado para o acesso à informação. A maioria dos entrevistados (77%) que afirmou assistir TV, revelou acompanhar o veículo todos os dias da semana. O tempo médio de acesso supera três horas diárias. As emissoras de TV aberta são as mais assistidas, principalmente a TV Globo. Mais da metade dos entrevistados que assiste aos telejornais confia sempre ou muitas vezes nas notícias veiculadas por esse meio.

Nos Estados Unidos, a situação se repete, de acordo com o Pew Research Center²⁸. Em 2018, 44% dos entrevistados afirmaram que preferem assistir às notícias na televisão a acompanhar pela internet (34%), rádio (14%) ou impresso (7%). Apesar disso, o número de pessoas que prefere se informar pela televisão caiu 2% em relação a 2016. Enquanto o número das pessoas que prefere acessar os conteúdos informativos pela internet aumentou 6%. A maioria

²⁷ Relatório Pesquisa Nacional de Mídia. Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Pesquisa-Brasileira-de-M%C3%ADdia-PBM-2016-1.pdf>. Acesso em 07 de agosto de 2019.

²⁸ PEW Research Center. Disponível em <https://www.journalism.org/2018/12/03/americans-still-prefer-watching-to-reading-the-news-and-mostly-still-through-television/>. Acesso em 07 de agosto de 2019.

dos entrevistados (47%), em 2018, declarou preferência em acompanhar os noticiários em formato de vídeo do que ler (34%) ou escutar (19%) notícias.

A televisão promove visões de mundo, laço social, mobiliza a sociedade. Wolton (2006) defende que a televisão é um instrumento da emancipação e da democracia, pois é, muitas vezes (se referindo à televisão aberta), acessível, gratuita e plural, a TV fragmentada para ele não teria o mesmo papel. O veículo não manipula, mas influencia o público, que é capaz de filtrar as imagens a partir de seus valores, lembranças e conhecimentos. Contribui para retratar e modificar as representações do mundo. É o principal meio de percepção do mundo da maioria da população.

Não é porque todo mundo vê a mesma coisa que a mesma coisa é vista por todo mundo! Em resumo, os heróis que ela mostra ou retrata entram em concorrência direta com outros sistemas de construção de identidades moldados pela sociedade, pela escola...Essa dupla função de identificação e de representação não é passiva e resulta de uma espécie de interação constante entre os espectadores e aquilo que a televisão mostra sobre o mundo. (WOLTON, 2006, p. 69)

Essa visão de mundo passa pelo imaginário, que a televisão e a mídia dinamizam.

A mídia, ela permite transmitir imaginários. Permite transmitir não apenas imagens, imagens concretas, mas também, por trás das imagens, símbolos, mitos e símbolos variados. A mídia é um vínculo que vai difundir formas de pensamento, e não apenas formas de pensamento, mas também formas de sentimento, de afetos, que a gente encontra, por exemplo, nos estereótipos, que a gente encontra nos mitos. (JORON, 2015, entrevista)

Gilbert Durand em seu livro “O imaginário”, de 1994, acredita que estaríamos vivendo a “civilização da imagem” que trouxe à tona a “explosão do vídeo”. Esse acontecimento seria resultado de um efeito perverso e perigoso que ameaçava a humanidade. A imagem enlatada anestesiaria a criatividade do espectador passivo, paralisaria julgamentos de valor e seria orientado pela propaganda. “Um perigo tríplice para as gerações do ‘zapping’: perigoso quando a imagem sufoca o imaginário, perigoso quando nivela os valores do grupo” (DURAND, 2014, p. 120)

O sociólogo Philippe Joron interpreta o pensamento de Durand e relaciona com a atualidade.

Acho que talvez ele faz diferença entre a literatura, por exemplo, que é uma mídia que permite transmitir imagens, formas de imaginário. A literatura e a televisão, na época de Gilbert Durand, mesmo se ele faleceu há pouco tempo. A televisão era a nova mídia, a principal, mesmo se depois se chegou a internet. Então, eu não sei se realmente o imaginário enlatado, “apobrecido”, uniformizado, pode ser, talvez, mas ao mesmo tempo, são várias formas de imagem, vários registros do imaginário, que estão exprimidos nos novos meios de comunicação. Talvez o que queria dizer Gilbert Durand, é que na literatura, com as letras, literatura, poesia, a possibilidade de imaginar é muito maior atrás das palavras ou das frases do que nas imagens propriamente ditas, que de uma certa forma, vão indicar para quem visualiza a imagem, estou falando da imagem concreta, vai indicar uma forma de pensamento, pelo menos uma forma de sentimento, uma forma de recepção da imagem. Não sei se fiquei bem claro. Se você visualiza uma imagem, é claro que você não vê apenas uma imagem. Você tem outros registros, pode significar outra coisa, atrás da simples representação. Mas atrás de uma palavra, atrás de uma frase ou atrás de um livro, esse registro do imaginário, certamente é muito maior, porque não tem, são as possibilidades de visualização das imagens é muito maior. São várias formas de recepcionar, imagens que estão contidas dentro de uma frase, dentro de um parágrafo, dentro de um livro. (JORON, 2015, entrevista)

Patrick Tacussel acredita que a afirmação de Durand se deve às experiências vividas pelo antropólogo no século passado.

Eu penso também que essa afirmação está ligada também ao fato de que Gilbert Durand testemunhou a Segunda Guerra Mundial. Ele tem uma imagem dos meios de comunicação de massa associada aos regimes totalitários. Evidentemente, quando nós vemos a utilização da televisão ou do cinema por regimes totalitários, notamos que lá a *mise-en-scène* causa um problema. Eu acho que atualmente nós não podemos dizer as coisas totalmente assim. Nós podemos dizer que as coisas hoje são contrastantes. No final, os jovens se apropriam da imagem um pouco como eles querem. Há quarenta anos a televisão era limitada, tinha poucos canais, um ou dois. Hoje há uma grande quantidade de canais: um canal de música, outro de compras. Podemos dizer a paisagem televisual é a imagem da sociedade, um mosaico. Não podemos retomar uma ideia de uma televisão perversa, porque há uma perversão na imagem. Nós podemos dizer que todas as imagens são perversas, não apenas as da televisão. Como Freud disse, mesmo as imagens do sonho. (TACUSSEL, 2015, entrevista)

Com o passar dos anos, houve uma evolução na concepção da dinamização de imaginários pela televisão. Juremir Machado da Silva

apresentou um novo olhar sobre o veículo e a sua relação com o espírito do tempo. A televisão deixa de ser a “causa de todos os problemas” e passa a ser reconhecida como um impulsionador de vivências e sentimentos vivenciados em conjunto. A TV, para o autor, faz parte de um arsenal que mobiliza imaginários. Silva sustenta que os meios de comunicação são tecnologias do imaginário, dispositivos de produção de mitos, visões de mundo e estilos de vida. “As tecnologias do imaginário buscam mais que a informação (mitologia do jornalismo): trabalham pela povoação do universo mental como sendo um território de sensações fundamentais” (SILVA, 2012, p. 22). São dispositivos de intervenção, estabelecem laço social e são o principal mecanismo de produção do simbólico.

O telejornalismo também é um dinamizador de imaginários. Silva (2012) defende que o jornalismo afeta o olhar e cria visões de mundo. A técnica jornalística produz sensação, nesse sentido, todo jornalista é sensacionalista em algum grau. Impulsiona imaginários, dinamiza, faz pensar em narrativas, consolida mitos.

O que é exato no jornalismo? Cobrir para descobrir. Qual é a verdade do jornalismo? Espetacularizar, em graus variados, para vender e garantir audiência (acumulação de ganhos ao menor custo). Como se pode produzir essa espetacularização (interpelação)? Pelo uso da técnica jornalística (construção da notícia, reconstrução do acontecimento, dramatização, leveza, pitoresco, fragmentação, identificação). Assim como a extração de carvão afeta a natureza, independentemente do uso que se fará desse minério (aquecimento de casas ou energia para máquinas), a formatação do acontecimento modifica a percepção do destinatário e irriga a bacia semântica de modo a influir, com o tempo, no seu imaginário. (SILVA, 2012, p. 106)

Bourdieu (1997) corrobora esse pensamento. Para ele, os jornalistas têm óculos a partir dos quais selecionam algumas coisas em detrimento de outras. O critério de seleção na televisão seria a busca do sensacional, do espetacular. Haveria sempre um convite à dramatização, uma exacerbação da importância, da gravidade e do caráter dramático e trágico. O mundo das imagens da TV é dominado pelas palavras. Os conteúdos veiculados “criam fantasias, medos, fobias ou, simplesmente, representações falsas. Os jornalistas, de grosso modo, interessam-se pelo excepcional, pelo que é excepcional para eles”. (p. 26)

O que Silva (2012) deixa claro é que a forma de contar histórias, os enquadramentos, o reforço de temas no jornalismo tudo isso contribui para impulsionar imaginários, que povoam a mente dos telespectadores. Claro que o autor não acredita na teoria da agulha hipodérmica (emissor forte, receptor submisso), nem dá voz para a indústria cultural (receptor como consumidor). Ele acredita na troca de imaginários, em que os veículos de comunicação fomentam imaginários e o espectador interpreta essas narrativas a partir de suas crenças e valores. A mensagem de um emissor é entendida de formas distintas pelos receptores. Sempre ocorrem desvios, apropriações, recortes, releituras. Há permanentemente uma troca de imaginários, mas não podemos deixar de levar em consideração o fator sedutor e mobilizador de emoções da televisão e do telejornalismo.

Neste subcapítulo abordamos a televisão como dinamizadora de imaginários. No conteúdo televisivo, mitos são reforçados e visões de mundo disseminadas. O olhar do jornalista contribui para moldar imaginários e direcioná-los. Nas próximas discussões serão apresentados os caminhos do jornalismo internacional e a sua relevância na forma como enxergamos o mundo e o outro.

2.4 - TELEJORNALISMO INTERNACIONAL

O jornalismo nasceu, isto sim, sob a forma de jornalismo internacional, com o formato de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes
João Batista Natali

O investimento na cobertura internacional se intensificou com o aumento da censura prévia à imprensa brasileira na ditadura militar
Sandra Passarinho

O jornalismo internacional apresenta um resumo dos principais fatos do mundo para o telespectador ter, em certa medida, uma noção do que acontece para além de onde vive. Muitas vezes, esse olhar é focado em países hegemônicos, nos quais as mudanças podem afetar diretamente todo o mundo. É o caso dos Estados Unidos, uma decisão ou acordo feito pelo país pode trazer grandes consequências para a economia mundial. É o país que mais importa produtos. Quando passa por dificuldades, o mundo inteiro sente as consequências.

Nem tudo que é notícia aparece no noticiário internacional. O noticiário não constrói um retrato do mundo com determinado grau de exatidão. Muita coisa será vista no futuro como de capital importância histórica e diariamente deixada de lado. E, ao mesmo tempo, certos temas sem importância histórica nenhuma acabam virando notícia porque interpelam a mitologia do nosso mundo cotidiano. (NATALI, 2004, p. 12)

Conflitos que seriam de extrema relevância para o conhecimento do mundo, passam despercebidos dos noticiários. Todos os anos a organização não-governamental Médicos Sem Fronteiras divulga o ranking das 10 grandes tragédias humanitárias que não receberam espaço na mídia. A organização humanitária suíça CARE também lançou em 2018 um relatório²⁹ com os fatos

²⁹ Portal CARE. Disponível em https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/72486f6-7858-02072019_Report_Suffering-I.pdf. Acesso em 12 de agosto de 2019.

que tiveram pouca cobertura midiática. Conflito no Sudão, que dura mais de uma década, a fome na República Centro-Africana, a pobreza e grande fluxo de refugiados na Nigéria são alguns dos assuntos negligenciados pela imprensa internacional.

O correspondente tem o papel de fazer a seleção dos fatos internacionais que serão divulgados no seu país de origem. Ele precisa filtrar o conteúdo. Como muitas vezes o tempo é curto, é difícil contemplar todos os assuntos. Alguns temas relevantes, que têm impacto na vida de muitas pessoas, ficam à sombra. Brasil (2012) define Jornalismo Internacional a especialização da profissão jornalística focada nos eventos estrangeiros em relação ao país onde está sediado o veículo de imprensa em que o jornalista trabalha.

Por isso, a definição é relativa por natureza: o que é assunto “doméstico” num determinado país será “internacional” em todos os demais. Essa peculiaridade faz com que o Jornalismo Internacional seja provavelmente a área do Jornalismo com maior abrangência de temas entre todas as outras, já que deve dar conta de política, economia, cultura, acidentes, natureza e todos os assuntos que aconteçam fora de seu país de origem (...) O correspondente é um repórter fixado numa cidade estrangeira – muitas vezes a capital de um país –, sendo responsável por uma região, um país ou, às vezes, até um continente inteiro. Ele deve enviar matérias regularmente para a redação da sede de seu veículo. Para isso, ele acompanha toda a imprensa local, mantém contatos frequentes com jornalistas e colegas correspondentes e identifica fontes estratégicas – como entidades, governos, diplomatas, militares e outras que possam fornecer informações importantes. Na maior parte das vezes, o correspondente é autopautado – ou seja, ele mesmo define o que selecionar, escrever e apurar. O correspondente deve ter conhecimento profundo da realidade local e um talento discricionário elevadíssimo para identificar os fatos mais relevantes no país onde trabalha, que sejam, ao mesmo tempo, interessantes para seu país de origem. (BRASIL, 2012, p. 778)

O impacto das notícias internacionais é abordado pelo fenômeno chamado Efeito CNN (*CNN Effect*). A força das imagens de conflitos, que deflagra crises humanitárias, promove a ação de governos para acabar com as conflagrações.

A última década mostrou um aumento na vontade dos governos ocidentais em usar a força para intervir em crises humanitárias distantes e isso estava ligado com níveis significantes da atenção da mídia para causas humanitárias de guerra e conflito. O centro dessa nova política de intervenção é chamado de “Efeito CNN”: a saturação dos espectadores ocidentais com imagens sem parar, em tempo real

de guerras e ações militares na televisão e internet. Por sua vez, essas imagens constituem um poderoso apelo por ações³⁰. (ROBINSON, 2002, p. II, tradução nossa)

Robinson aborda a mobilização da mídia para que governos ocidentais promovam questões humanitárias em países africanos, Oriente Médio e outras localidades envolvidas em conflitos. Além disso, nos últimos anos, foram divulgados casos de abuso contra imigrantes nos Estados Unidos (que será relatado também no capítulo sobre o presidente Donald Trump). A imprensa mundial divulgou menores vivendo em gaiolas separados dos pais e a morte de uma criança em um rio na fronteira com o México, enquanto tentava atravessar ilegalmente para o país norte-americano. O presidente Donald Trump disse recuar na ação de separar os filhos das famílias, mas a crise migratória permanece.

O que merece ser destacado é a força do jornalismo internacional, que apesar de não dar espaço para todos os conflitos que precisam de notoriedade, consegue fazer o mundo pensar em fatos de violação de direitos humanos e algumas vezes ajuda a remediar as situações. Os correspondentes internacionais frequentemente são testemunhas de atrocidades e revelam ao mundo esses acontecimentos.

³⁰“The last decade has seen an increased willingness by Western governments to use force to intervene in distant humanitarian crises, and this has been coupled with significant levels of media attention to the human casualties of war and conflict. Central to this new policy of intervention is the so-called ‘CNN effect’: the saturation of Western viewers with non-stop, real-time news footage of wars and military actions on television and the Internet. In turn, these images constitute a powerful plea for action”



Imagem 3: Pai e filha morrem às margens do Rio Grande na fronteira do México com os Estados Unidos, na tentativa de ingressar no país norte-americano.

Fonte <https://ogimg.infoglobo.com.br/>

As agências de notícias têm um grande papel para a viabilização do jornalismo internacional. São empresas que produzem conteúdo em diversos cantos do mundo e vendem as suas produções para os veículos de comunicação, que não teriam condições físicas e financeiras de estarem em diferentes localidades ao mesmo tempo. Uma questão a ser levantada é a homogeneidade do conteúdo, que acaba sendo transmitido nos veículos. Nada supera o olhar atento de repórteres focados em um determinado tema, mostrando o que é mais importante para a sua região de origem e possíveis consequências. Wainberg (2006) aponta que a mídia brasileira tende a replicar os noticiários das agências investindo pouco na produção desse tipo de conteúdo, inclusive em crises internacionais extremas.

Tal descaso, embora indesejável é compreensível. É lamentável porque a missão do jornalismo é ser uma janela para o mundo. E é compreensível, como afirmado, porque o trato da temática internacional por atores nacionais limita-se em grande medida aos interesses comerciais e financeiros do País e os obstáculos que este enfrenta na promoção do seu desenvolvimento. (WAINBERG, 2006, p. 44)

Uma das questões tratadas por teóricos do jornalismo internacional é a “domesticação” das notícias internacionais. Isso se refere à ligação entre o acontecimento e a realidade do país da emissora que cobre o fato. “A

‘domesticação’ da notícia é um fenômeno universal e as notícias globais são particulares em cada país. As notícias internacionais são apresentadas dentro de enquadramentos de interpretação de audiências locais em cada nação, o que torna as notícias globais particulares em cada país³¹ (CLAUSEN, 2004, p. 4, tradução nossa). O objetivo dessa particularização é facilitar a compreensão do público. A Rede Globo, objeto desta pesquisa, apresenta no seu livro “Correspondentes” essa visão sobre a conexão entre fatos internacionais com a realidade brasileira.

O bom correspondente não é aquele que apenas cobre os fatos, mas aquele que cobre os fatos com o olhar do brasileiro. Só assim, as histórias, já em si fascinantes, seduzirão ainda mais o público a que se destinam. Não é fácil, porque os grandes acontecimentos já carregam uma atratividade imensa, mas é preciso tentar ver neles algo que os conecte com o Brasil, com os brasileiros. Os correspondentes que brilham são os mestres nesse quesito. (KAMEL, 2018, p. 4)

Em 1973, foi aberto³² o primeiro escritório internacional da Globo nos Estados Unidos. No mesmo ano, a Rede Globo havia assinado contrato com a agência de notícias *United Press Internacional*, assim passando a receber imagens do mundo inteiro por satélite. Antes, o material da agência chegava de avião, às vezes com até três dias de atraso. Em 1974, é criado o primeiro escritório na Europa, em Londres. O investimento na cobertura internacional se intensificou com o aumento da censura prévia à imprensa brasileira pela ditadura militar. A primeira correspondente no continente europeu foi a repórter Sandra Passarinho. Ela cobriu a Revolução dos Cravos, em Portugal.

Quando eu tinha catorze anos houve o golpe militar, e a minha adolescência foi em um Brasil com censura. Eu não sabia o que era uma democracia verdadeira. Só fui ter consciência do que era uma democracia durante aquela cobertura: o que é as pessoas poderem falar? Isso mudou completamente a minha visão. Portugal é um país que tem tudo a ver com a nossa história, é de onde nós viemos, compartilhamos a mesma língua – foi uma injeção de vigor! Para uma

³¹ “News ‘domestication’ is a universal phenomenon and that global news is particular to each country. International news is presented within frames of interpretation of local audiences in each nation, which makes global news particular to each country”

³² Memória Globo. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/jornalismo-internacional.htm>. Acesso em 12 de agosto de 2019.

jovem repórter, era realmente emocionante. Eu estava a favor da Revolução dos Cravos. Fiz o meu texto sem objetividade porque estava muito apaixonada. Se eu visse o mesmo fato hoje, teria mais equilíbrio, mas, naquele momento, aquela era a verdade para mim (...) A censura às notícias nacionais foi o que, acho, fortaleceu a ideia do jornalismo internacional naquele momento: a limitação do noticiário nacional. Precisávamos mostrar que o mundo estava vivo! (PASSARINHO, 2018, p. 16 - 20)

Sandra demonstra a consciência de que o jornalismo internacional mostra apenas um recorte dos acontecimentos.

O que eu acho bom no jornalismo é justamente o pano de fundo das coisas. É isso que fica para as pessoas, foi o que ficou para mim. É uma percepção, um ponto de vista, que às vezes nem a câmera pode mostrar. Só mesmo quem testemunhou aquilo pode fazer ideia. E essas coisas mexem com a gente, com a nossa vida, os nossos valores. Acho que a correspondência é isso: o que está por trás do trabalho, porque as reportagens são recortes da vida. E o que não escolhemos para colocar ali dentro? O que sobra? Ah, sobra muita coisa, aprendi muito. É muito gratificante chegar a determinada situação e ter o recorte do país naquele momento. A partir dali, desfiamos um novelo. É isso que o jornalismo permite. (PASSARINHO, 2018, p. 36-37)

Brasil (2012) levanta a hipótese que os noticiários internacionais são responsáveis pela produção da imagem de um país, principalmente os noticiários televisivos. A partir das fontes e do enfoque escolhido pelo jornalista é possível reforçar imaginários sobre uma nação. O que as pessoas geralmente lembram quando falam da data 11 de setembro de 2001? Provavelmente, irão recordar as imagens de aviões chocando-se com as torres gêmeas. Difícil separar a memória de acontecimentos das imagens marcantes veiculadas pela TV. A emoção gerada ao ver aquelas imagens marca e ajuda a formar o nosso imaginário sobre o mundo.

No próximo capítulo, vai ser discutido o imaginário dos Estados Unidos, os mitos e dilemas da sociedade norte-americana, de que forma essas questões refletem no Brasil e o papel da imprensa nestes contextos.

3 - O IMAGINÁRIO DOS ESTADOS UNIDOS - PODER E O COMPLEXO DE EMPÉDOCLES

A conquista do supérfluo produz uma excitação espiritual maior que a conquista do necessário. O homem é uma criação do desejo, não uma criação da necessidade

Gaston Bachelard

Os Estados Unidos são o quarto maior país do mundo. Estão na 17ª posição no índice de desenvolvimento humano³³ (IDH - 2020) e a taxa de desemprego³⁴ atinge 6% da população. Têm a maior economia do mundo com o Produto Interno Bruto³⁵ de 20,33 trilhões de dólares (referente ao ano de 2020). São considerados a nação mais poderosa do mundo. As decisões políticas e econômicas do país refletem em todos os cantos do planeta.

Quando usamos um computador ou acendemos uma lâmpada, há nisso muito do empreendedorismo e criatividade dos EUA. O mesmo furor industrial e criativo está na base do aquecimento global. Para o bem ou para o mal o destino do planeta está associado aos Estados Unidos da América. (KARNAL et.al. 2014, p. 282).

A terra de oportunidades desperta desejo de prosperidade e para muitos uma vida longe de governos autoritários e com livre arbítrio. Apesar disso, são acusados de imperialistas, exploradores e causadores de pobreza no mundo. Mesmo assim, o fluxo de imigrantes é contínuo.

Paralelos a esta crítica mundial, correm rios de imigração legal e ilegal com milhares de latinos, europeus e chineses querendo chegar desesperadamente até este país 'imperialista', 'ingênuo' e 'arrogante'. O fluxo constante de pessoas para lá é absolutamente democrático:

³³ Site HDR - United Nations. Disponível em <http://hdr.undp.org/en/countries/profiles/USA>. Acesso em 25 de abril de 2021.

³⁴ Site Departamento de Trabalho dos Estados Unidos. Disponível em <https://www.bls.gov/news.release/pdf/empst.pdf>. Acesso em 25 de abril de 2021.

³⁵ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/01/28/pib-dos-eua-fecha-2020-com-queda-de-35percent.ghtml>. Acesso em 25 de abril de 2021.

inclui fugitivos de áreas socialistas como Cuba, de vizinhos capitalistas como o México, árabes, chineses e muitos brasileiros. Isso faz parte de nossas contradições e coloca em xeque a coerência da nossa análise sobre os cidadãos e a cultura dos EUA. (KARNAL, 2015, p. 9-10)

O que diferencia os Estados Unidos de grande parte dos países? Segundo Karnal (2015), há muitas explicações para a pergunta “Por que as coisas parecem dar certo lá e não aqui?”. Desde a questão que os Estados Unidos seriam colônia de povoamento (que receberia pessoas de valor com bens e cultura) e não de exploração (que seria povoada com aventureiros sem valor), como o Brasil, até o ponto de vista que destaca o paralelo entre a postura colonizadora católica e protestante. Na Idade Média, a Igreja Católica proibia o juro e o lucro, punidos como crime, e via com desconfiança o progresso econômico. Por outro lado, os protestantes desenvolveram uma ética religiosa oposta, em que o dinheiro é sinal externo da graça de Deus. Todavia, as causas podem ser muito mais complexas que essas. “Não é, certamente, nesta explicação simplista de exploração e povoamento que encontraremos as respostas para as tão gritantes diferenças nas Américas”. (KARNAL, 2015, p. 18).

Segundo Moog (1973), devemos questionar a explicação das diferenças entre os dois países e fenômenos sociais em termos de causa e efeito, fatores puramente éticos, geográficos e econômicos.

Certo, os fatores geofísicos, como os econômicos e até os étnicos e os políticos, quando confinados ao campo de suas possibilidades, explicam muito e não devemos nunca perdê-los de vista. Estão longe, porém, de explicar tudo. Se, como no caso das realizações dos Estados Unidos em confronto com as do Brasil, é impossível passar em silêncio, na geografia, a hidrografia, a potamografia, o clima, o solo, e o subsolo; na economia, a importância do carvão, na política, a importância das instituições constitucionais e a dinâmica dos partidos - esses fatores estão longe de esgotar o problema. Para tanto, não há senão recorrer à história, ao passado longínquo das duas civilizações e delas destacar aquelas diferenças que, extremando as duas culturas no plano religioso, moral e psicológico, possam ter influenciado, pelas suas repercussões no plano material e econômico, para o equacionamento do problema que mais de perto nos interessa: civilização em progressão geométrica nos Estados Unidos; civilização em progressão aritmética no Brasil. (MOOG, 1973, p. 84-85).

Moog (1973) defende que uma das teorias que estabelece a diferença entre os países seria o povoamento por colonizadores e não por conquistadores como no Brasil e “seriam mais tarde bandeirantes, não pioneiros” (p. 88). Os então colonizadores dos Estados Unidos não teriam ido ao país somente em busca de riqueza fácil, mas sim de uma terra onde pudesse cultuar seu Deus, trabalhar e ajudar o seu povo. Eles teriam dado as costas à Europa para fundar uma nova pátria e não pensavam no regresso, como os conquistadores do Brasil. No país norte-americano, “o espírito de colonização prevaleceu sobre o de conquista, enquanto na América Latina se deu precisamente o contrário” (p.93).

Por outro lado, de acordo com Karnal (2015), os Estados Unidos, colonizado pela Inglaterra a partir do século XVII, eram vistos como uma terra fértil, abundante, com possibilidade de enriquecer a todos. “A Inglaterra faria da colonização um meio de descarregar no Novo Mundo tudo que não fosse mais desejável no Velho” (p. 36). Foram levados para os EUA cem órfãos e mulheres foram transportadas para a colônia para serem leiloadas como esposas. O deslocamento para a nova terra poderia ser pago com alguns anos de trabalho gratuito.

O território foi dividido em treze colônias. As colônias do norte eram caracterizadas pelo trabalho familiar, agricultura para consumo interno e pesca. Também era feita a produção de navios, usados no comércio triangular. Eram comercializados melado e cana das Antilhas, que seriam transformados em Rum, que seria trocado por escravos na África. Esses escravos eram vendidos nas Antilhas e o valor da venda era revertido em mais Rum para manter todo o processo. A predominância era de pequenas propriedades, trabalho livre e atividades manufatureiras.

No Sul, as colônias tinham outro tipo de economia. O produto em destaque de produção era o tabaco. Como é um produto que demanda muita mão de obra, impôs o trabalho escravo. Havia predomínio de latifúndio, voltado à exportação e pouco desenvolvimento às manufaturas. “Com esta economia mais voltada ao mercado externo, as colônias do sul resistirão mais à ideia de independência” (KARNAL, 2015, p.53). A independência só chegou no século XVIII. “Surgia um novo país que, apesar de graves limitações aos olhos atuais (permanência da escravidão, falta de voto dos pobres, e deu mulheres), causava

admiração por ser uma das mais avançadas democracias do planeta na ocasião” (KARNAL, 2015, p. 96).

Moog (1973) afirma que há duas imagens dos norte-americanos coletivamente idealizadas, que seriam símbolos da cultura norte-americana, como o pioneiro. Essa imagem passou a ser ameaçada no início do século XVIII. “Os grandes homens de repente passaram a ser os cidadãos, os armadores de navios, os advogados, principalmente os comerciantes” (p. 138). Os pioneiros se mantêm entre dois grupos: os ianques (nortistas da Nova Inglaterra) e o mundo aristocrático, autoritário e escravista do Sul. Os cidadãos do norte expandiam-se para o oeste, os do sul para o norte e o oeste e o pioneiro, sem recursos, avançava sobre o território dos índios e acabou os dizimando, uma ação em consonância com sua crença calvinista. O índio seria o filho do demônio.

Para o sulista, sobretudo para os negros das fazendas de algodão que avançam para Noroeste, o pioneiro é apenas o *poor white*, o pobre branco, o que, não possuindo escravos, tem ele mesmo de arar a sua terra, curtir ele mesmo a pele dos animais para fazer abrigos com que se defender do frio e da neve, construir ele mesmo, com as próprias mãos, a cabana tosca onde morar. Para o ianque, o pioneiro é o parente pobre que teima em manter a sua independência, quando podia e devia trabalhar nas suas casas de comércio, nos seus estaleiros, nos seus armazéns, nos seus bancos e nas suas fábricas, mediante salários baixos, é verdade, mas seguros e ao abrigo das intempéries. (MOOG, 1973, p. 139)

Um país tão complexo em suas diferenças atraiu a atenção de olhares estrangeiros. Em uma missão para o governo francês Alexis de Tocqueville parte para os Estados do Novo Mundo com o objetivo de estudar as instituições, o costume norte-americano e o sistema penitenciário, em 1831. Durante um ano, ele apresenta em forma de diário impressões e entrevistas com pessoas locais. “Jamais um povo reuniu condições de existência tão felizes e tão poderosas. Aqui a liberdade humana age em toda a plenitude de seu poder; sua energia encontra um alimento no que é útil a cada um sem prejudicar ninguém”. (TOCQUEVILLE, 2010, p. 37).

O escritor descreve um povo focado em fazer fortuna, acostumado às mudanças e sem costumes, pois os colonizadores teriam deixado todas as tradições na Europa, de onde vieram. Também retrata a condição dos nativos norte-americanos. “Encontro com oito indígenas selvagens, completamente nus,

pintados da cabeça aos pés de diversas cores (...) eles dançam diante de nós a *war dance* (dança de guerra), para ganhar um pouco de dinheiro; espetáculo horrível! Nós lhe damos um shilling...” (TOCQUEVILLE, 2010, p. 51).

Em uma série de entrevistas com os habitantes do país, ele denuncia o racismo. Um dos entrevistados, um major (não é revelado o nome) afirma que os indígenas detestam o trabalho e possuem preconceitos que os conservarão na barbárie. “Os negros buscam imitar os europeus, e não obtêm êxito nisso. Os indígenas poderiam consegui-lo, mas não querem absolutamente. Eles só estimam a guerra e a caça; veem o trabalho com humilhação” (TOCQUEVILLE, 2010, p.60). Ao entrevistar o ex-presidente norte-americano John Quincy Adams procura entender a lógica da escravidão no sul.

Pergunta (Tocqueville) – Considerais a escravidão como uma grande chaga para os Estados Unidos? Resposta (John Quincy Adams) – Sim, sem dúvida. É aí que se encontram quase todas as dificuldades do presente e os temores do futuro. Pergunta (Tocqueville) – Os habitantes do sul dão-se conta desse estado das coisas? Resposta (John Quincy Adams) – Sim, no fundo de seus corações. Mas é uma verdade que eles não reconhecem absolutamente, embora seja evidente que ela os preocupa. A escravidão modificou todo o estado da sociedade no Sul. Lá os brancos formam entre si uma classe que tem todas as ideias, todas as paixões, todos os preconceitos da aristocracia. Mas não vos enganais em relação a isso; em nenhum lugar a igualdade entre brancos é tão grande quanto no Sul. Aqui temos uma grande igualdade entre a lei; mas ela cessa absolutamente nos hábitos da vida. Há classes superiores e classes operárias. Todo homem branco no Sul é um ser igualmente privilegiado, cujo destino é fazer os negros trabalharem sem ele próprio trabalhar. Não podeis conceber a que ponto a ideia segundo a qual um trabalho é uma desonra penetrou no espírito dos americanos do Sul. (TOCQUEVILLE, 2010, p.84).

Em uma entrevista com um advogado, denominado Sr. Brow, que já foi embaixador da França, mais uma vez o preconceito fica em evidência. “Há, em Nova Orleans, uma classe de mulheres devotadas ao concubinato. São as mulheres de cor. A imoralidade é, de certa forma, para elas, uma profissão que desempenham com fidelidade. Uma moça de cor é destinada, desde seu nascimento, a ser amante de um branco” (TOCQUEVILLE, 2010, p. 92). Também é evidenciada a relação dos americanos com as armas, em uma conversa com Sandy Bridge.

Pergunta (Tocqueville) – Qual é, em sua opinião, a maior causa dessa indolência? Resposta (Sandy Bridge) – A escravidão. Estamos habituados a não fazer nada por nós mesmos. Não há no Tennessee cultivador que não tenha um ou dois negros. Quando ele não tem um número maior é com frequência obrigado a trabalhar com eles no campo. Mas basta que tenha uma dezena deles, o que é muito frequente, ele tem ao mesmo tempo um branco que os dirige, enquanto não faz absolutamente nada além de montar a cavalo e caçar. Não existe pequeno cultivador que não passe uma parte de seu tempo na caça e que não tenha em suas mãos um bom fuzil. (TOCQUEVILLE, 2010, p. 100)

Um século e meio depois da expedição de Tocqueville, Jean Baudrillard também publica as suas percepções sobre o país e compara as suas reflexões, realizadas da década de 1980, com as de outrora.

Tocqueville descreveu com calor os benefícios da democracia e da constituição americana, louvando a livre inspiração do modo de vida, a equanimidade dos costumes (mais do que a igualdade de status), a supremacia de uma organização moral (mais do que política) da sociedade. Depois, descreve com igual lucidez o extermínio dos índios e a condição dos negros, sem confrontar jamais as duas realidades. Como se o bem e o mal tivessem se desenvolvido separadamente. É admissível a possibilidade de que, sem deixar de ressentir vivamente uma e outra realidade, se faça abstração de sua relação mútua? Certamente, e o paradoxo é hoje o mesmo: jamais resolveremos o enigma da relação entre os fundamentos negativos da grandeza e essa mesma grandeza. A América é potente e original, a América é violenta e abominável - não se deve apagar uma ou outra, nem reconciliar as duas. (BAUDRILLARD, 1986, p. 76)

Depois de passar por uma Guerra Civil que dividiu o país, os Estados Unidos entraram no século XX como o maior poder econômico do mundo. A produção industrial, controlada por grandes monopólios, superava a europeia. A imigração massiva consolidou grandes metrópoles como Nova York, Chicago e Filadélfia. Apenas durante os 15 primeiros anos do século XX, mais de 13 milhões de pessoas se instalaram no país.

Os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial, em 1917, em apoio à Entente do Reino Unido, França e Rússia para derrotar a Alemanha. A guerra oportunizou aos políticos a consolidação da supremacia econômica do país e alívio aos conflitos internos. No período pós-guerra a produção industrial cresceu 60%, a renda per capita aumentou um terço, o desemprego e a inflação caíram. Os avanços tecnológicos possibilitaram a criação de produtos como veículos, eletrodomésticos e bens de consumo a preços mais acessíveis. As

pessoas eram vistas pelo país não só como cidadãos, mas como consumidores. “Circulavam entre as massas produtos antes restritos aos ricos - carros, luz elétrica, gramofone, rádio, cinema, aspirador de pó, geladeira e telefone - o “jeito americano de viver” (American Way of Life) tornou-se o slogan exaltado do período” (KARNAL et. al., 2014, p. 198).

Apesar disso, Karnal (et. al., 2014) revela que esta sociedade de consumo, em que a capacidade de consumir era vista como principal direito da cidadania, não foi totalmente realizada até a Segunda Guerra Mundial. A realidade é que a distribuição de renda ainda era desigual na sociedade. Seis milhões de famílias pobres, que formavam 42% da população, viviam com menos de mil dólares por ano. A situação ficou ainda pior a partir do dia 24 de outubro de 1929. A bolsa de valores dos Estados Unidos caiu um terço, provocando a pior crise econômica na história do capitalismo mundial. “Para quem está acostumado com a imagem do típico americano abastado do período pós Segunda Guerra Mundial é difícil conceber a extrema miséria da Grande Depressão” (KARNAL et. al., 2014, p.206). Até 1932, cinco mil bancos faliram, a produção industrial caiu 46%, mais de 15 milhões de americanos ou 25% do total da população economicamente ativa ficaram desempregados. O país somente se recuperou economicamente após a Segunda Guerra.

Os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra Mundial como a mais poderosa nação na terra. Suas forças armadas ocuparam o Japão e uma parte da Europa Ocidental. Além disso, muitas bases militares estabelecidas em países aliados durante a guerra ficaram intactas. Economicamente, os Estados Unidos detinham a maioria do capital de investimento, produção industrial e exportações no mundo, controlando até dois terços do comércio mundial, enquanto grandes partes da Europa e Ásia estavam devastadas. (KARNAL et. al, 2014, p. 226).

. O Produto Interno Bruto saltou em 250% entre 1945 e 1960, com renda familiar crescente e baixas taxas de desemprego e inflação. Karnal (et. al. 2014) aponta que a classe trabalhadora aumentou o acesso à economia de consumo de massa. Por outro lado, havia contradições. Em 1960, um quinto das famílias norte-americanas viviam abaixo do nível da pobreza. Vinte por cento da população mais rica controlava 45% de toda a renda enquanto 20% da população mais pobre controlava somente 5%. Os indígenas eram as pessoas

mais pobres do país. “Em 1962, 90% das famílias tinham uma televisão e uma indústria cultural desempenhava papel crucial na disseminação do consumismo e do apoio aos valores e sociais e culturais do capitalismo americano” (KARNAL, et. al, p. 232).

O presidente Lyndon Johnson (1963-1968) se empenhou em reformas sociais e econômicas. Ele criou programas que deram acesso a serviços médicos para idosos e pobres, distribuiu vale comida e destinou mais dinheiro para a educação, obras públicas e moradia. Essas medidas contribuíram para a redução da pobreza de 21% da população em 1959 para 12% em 1969. Com o passar dos anos, a situação mudou. A nova direita apresentou cortes nesses programas sociais.

A crise econômica mundial de 1973 provocou a conversão rápida de economistas, políticos e jornalistas norte-americanos em fortes defensores da “economia livre”. Diferentemente dos políticos liberais dos anos 1930 em diante, os governos republicanos de Ronald Reagan (1980-1988), George Bush Sr. (1988-1992) e do democrata Bill Clinton (1992-2000) reagiram às preocupantes recessões com políticas neoliberais - retirada do Estado da regulação da economia e cortes nos programas sociais. (KARNAL et. al., 2014, p. 257)

Uma minoria enriqueceu, enquanto grande parte da população viu a renda estagnar ou diminuir. Eleito em 1980, Ronald Reagan criticou programas sociais e econômicos voltados para os pobres e trabalhadores, “argumentando que a prosperidade do país dependia da saúde de empresas e defendendo seu direito de funcionar com mercados livres e baixos impostos” (KARNAL et. al, 2014, p. 258).

A derrota dos Estados Unidos no Vietnã feriu o orgulho das elites políticas e econômicas. Mas o fim do sistema colonial no período pós-guerra não significou o desaparecimento do imperialismo americano. Seu principal objetivo sempre foi o de abrir oportunidades de investimento às corporações americanas, utilizando seu vasto poder econômico e militar para controlar outros países e conter a ameaça de inimigos, que, no período da Guerra Fria, eram a União Soviética e qualquer país que se aproximasse direta ou indiretamente da esfera de influência comunista. Esse objetivo se tornou mais crucial no contexto da crise econômica e da globalização entre 1970 e 2000. sob Reagan, Bush e Clinton, “o império contra-atacou”, a “síndrome do Vietnã” numa nova série de intervenções diplomáticas, militares e econômicas no mundo. (KARNAL et. al, 2014, p. 261)

Baudrillard (1986) critica o “abandono” dos pobres. Como os EUA seriam o país da utopia realizada, a infelicidade não existiria e assim, não se acreditava mais nos pobres.

Se a América ressuscitou, então o massacre dos índios não aconteceu, o Vietnã não ocorreu. Em sua frequentação assídua dos ricos fazendeiros ou produtores do Oeste, Reagan jamais suspeitou nem mesmo roçou de passagem a existência de pobres. Ele somente conhece a evidência da riqueza, a tautologia da potência, que ele ampliou para as dimensões da nação, até o mundo inteiro. Os deserdados serão voltados ao esquecimento, ao abandono, ao desaparecimento puro e simples. É a lógica do *must exit. Poor people must exit*. Os pobres devem sair. O ultimato da riqueza, da eficácia, apaga-os do mapa. Com toda a razão, pois que tem o péssimo gosto de escapar ao consenso geral. (BAUDRILLARD, 1986, p. 94)

O poder norte-americano está ligado a suas participações em guerra e conflitos em todo mundo. O seu “apoio” militar, muitas vezes, era decisivo em muitas situações, impondo realidades e deixando um rastro de mortos em diversos cantos, entre Ásia, África e América.

Conflitos envolvendo os Estados Unidos - séculos XX e XXI

Século XX	
Guerra da Fronteira (1910-1919)	Enfrentamentos na fronteira EUA-México durante revolução mexicana.
Ocupação da Nicarágua pelos Estados Unidos (1912-1933)	Foi parte da Guerra das Bananas. EUA queria impedir a construção do canal do Panamá por qualquer país, exceto eles mesmos.
Ocupação do Haiti pelos Estados Unidos (1915-1934)	O objetivo era defender os interesses norte-americanos e estrangeiros.
Ocupação da República Dominicana pelos Estados Unidos (1916-1924)	EUA queria o controle das receitas aduaneiras dominicanas.
Primeira Guerra Mundial (1917-1918)	Participou como aliado da Tríplice Entente
Guerra Civil Russa (1918-1920)	Buscava derrubar governo bolchevique. Evitar a propagação de ideais comunistas.
Segunda Guerra Mundial (1941-	Após a derrota do Terceiro Reich integrando o grupo dos

1945)	aliados, os EUA surgem como superpotência.
Primeira Guerra da Indochina (1946-1954)	EUA apoia França na guerra. As consequências desse conflito dão origem à guerra do Vietnã
Guerra da Coreia (1950-1953)	Coreia do Norte invade a Coreia do Sul. As Nações Unidas ajudaram a Coreia do Sul com o apoio dos EUA.
Guerra Civil do Laos (1953-1975)	EUA luta com Vietnã do Sul, Laos e Tailândia
Crise do Líbano (1958)	Intervenção Militar dos EUA em apoio ao governo do Líbano
Invasão da Baía dos Porcos (1961)	Tentativa de invadir o sul de Cuba
Guerra do Vietnã (1965 -1973)	Apoiou o Vietnã do Sul contra o comunismo
Segunda Ocupação da República Dominicana (1965-1966)	Entraram na guerra temendo que o país caribenho se tornasse uma nova Cuba
Invasão da Cambodia Guerra Civil do Camboja (1967-1975)	EUA protegeria seu aliado Vietnã do Sul
Conflito Hmong (1975 - 2007)	Os grupos majoritários de etnia hmong que vivem nas selvas do Laos são os últimos remanescentes do “Exército Secreto”, facção financiada pela CIA que lutou ao lado dos Estados Unidos contra as forças comunistas laosianas no início dos anos 60, quando a guerra do Vietnã se estendeu ao Laos ³⁶ .
Guerra Cambojana-vietnamita (1977 - 1991)	Retirada da Organização pela libertação da Palestina
Guerra de Granada (1983)	Invasão em resposta a um golpe de estado que estabeleceu um governo alinhado à União Soviética
Invasão do Panamá (1989 - 1990)	O objetivo era capturar o ditador panamenho Manuel Noriega
Guerra do Golfo (1990 - 1991)	Buscava alcançar a libertação do Kuwait, ocupado pelas forças armadas iraquianas, liderada Saddam Hussein
Zonas de Exclusão Aérea no Iraque (1991- 2003)	Queria proteger operações humanitárias no Iraque, os muçulmanos xiitas e curdos
Guerra Civil da Somália (1992-	Controle de concessões de petróleo para empresas norte-

³⁶ Site Núcleo de Estudos diversidades, intolerâncias e conflitos da USP. Disponível em <http://diversitas.fflch.usp.br/node/804>. Acesso em 19 de setembro de 2019.

1995)	americanas
Operação Uphold Democracy (1994 - 1995)	Expulsão do governo eleito no Haiti por golpe militar
Guerra na Bósnia (1992 - 1995)	O polo comunista fez frente ao polo capitalista no mundo, liderado pelos Estados Unidos da América ³⁷ .
Guerra do Kosovo (1998 - 1999)	Tensão entre os kosovares de origem albanesa e os sérvios na província de Kosovo. Estados Unidos e União Europeia forçam os dois lados a retomar negociações sobre o futuro da província ³⁸ .
Século XXI	
Guerra do Afeganistão (2001 - 2014)	Resposta aos ataques de 11 de Setembro. O objetivo era encontrar Osama Bin Laden e líderes da Al-Qaeda
Guerra do Iraque (2003 - 2011)	Continuação da Guerra Contra o terrorismo, iniciada após os ataques de 11 de setembro
Guerra no noroeste do Paquistão (2004 - presente)	Continuação da Guerra do Terrorismo. Em busca de líderes da Al-Qaeda e Talibã
Rebelião da Al-Qaeda no Iemen (2010 - presente)	Ataques de drones e lançar mísseis
Intervenção militar na Líbia (2011)	Buscavam acabar com a guerra civil na Líbia, apoiando a oposição
Guerra contra o Estado Islâmico (2014 - presente)	Ataques ao Estado Islâmico e Al-Qaeda

Tabela 1: Conflitos envolvendo os Estados Unidos - séculos XX e XXI
 Fonte: Congressional Research Service³⁹, A Arte da Guerra ⁴⁰

³⁷ Portal Infoescola. Disponível em <https://www.infoescola.com/historia/guerra-da-bosnia/>. Acesso em 19 de setembro de 2019.

³⁸ Portal BBC Brasil. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/static/especial/milosevic_yugoslavia/kosovo.htm. Acesso em 19 de setembro de 2019.

³⁹ Congressional Research Service. Disponível em <https://fas.org/sqp/crs/natsec/RS21405.pdf>. Acesso em 19 de setembro de 2019.

⁴⁰ Abril Coleções. A Arte da Guerra. Rio de Janeiro, 1997.



Imagem 4: Bombardeamento Atômico nas cidades de Hiroshima e Nagasaki., em 1945. Cerca de 200 mil pessoas morreram, no dia dos ataques e nos meses seguintes, nas duas cidades japonesas. Fonte: <http://historyconflicts.com>



Imagem 5: Crianças fugindo após ataque de Napalm durante a Guerra do Vietnã, em 1972. Fonte: <http://100photos.time.com/>



Imagem 6: Em 1989, os EUA invadiram o Panamá matando duas mil pessoas, segundo associação das famílias dos mortos. Fonte: www.greenleft.org.au/

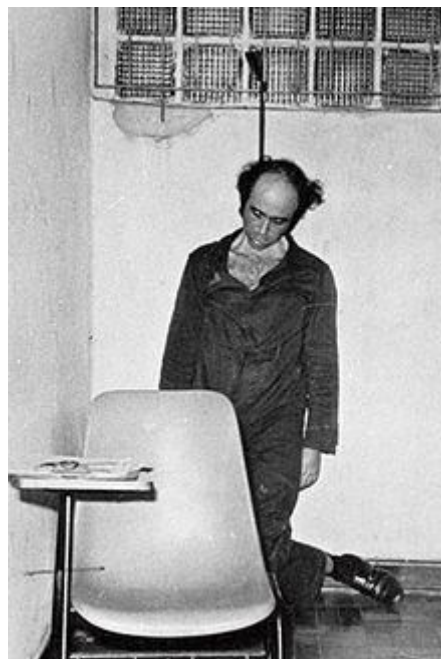


Imagem 7: Os EUA apoiaram as ditaduras militares dos países da América Latina. Na foto, o jornalista Vladimir Herzog morto durante o período ditatorial brasileiro. No regime militar do Brasil, 434 pessoas morreram, 1.843 foram vítimas de tortura e houve 6.016 denúncias de atos de desrespeito aos direitos humanos, segundo a Comissão Nacional da Verdade. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir_Herzog

O cientista político norte-americano Joseph Nye explica que o século americano iniciou com o colapso da união soviética e a queda do muro de Berlim. De 1945 a 1991, o balanço mundial do poder era descrito como bipolar. Os Estados Unidos e a União Soviética possuíam partes desproporcionais de

recursos de poder e influência. Os dois gigantes tinham armas nucleares e se equilibravam no poder um do outro. Em 1991, os Estados Unidos tornaram-se o único superpoder.

Alguns estudiosos apontaram o declínio do século americano. Economistas fizeram projeções de que a China seria a próxima superpotência, o que Nye não concorda totalmente, pois o poder não se reduz ao aporte econômico de um país. “O poder é a habilidade de afetar os outros e obter o resultado que se quer e existem três formas de conseguir isso: por coerção (porretes); por pagamento (cenouras) e por atração e persuasão” (NYE, 2015, p. 11). O autor define os porretes e cenouras, ou seja, o poder bélico e poder econômico, como poder duro. Já a atração e persuasão, o poder brando. Esse poder brando se originaria na habilidade de um país em ganhar subsídios a partir da sua cultura, valores e práticas domésticas e considerar a legitimidade da sua política externa. Hollywood seria um dos grandes aspectos desse poder nos Estados Unidos. As duas dimensões do poder são importantes. O conjunto do poder duro com o poder brando é chamado de poder inteligente.

O Brasil foi apontado por Nye como um dos países candidatos a fazer parte de um novo poderio. Porém, o Brasil não apresenta subsídios para o poder duro, não possui armas nucleares, até porque não apresenta competição entre os vizinhos. Por outro lado, o Brasil é rico em poder brando. A cultura popular, o carnaval e o futebol teriam grande impacto na imagem do país e atrairiam olhares. Os problemas de infraestrutura, corrupção, a falta de investimento em pesquisa e desenvolvimento são grandes entraves que impedem o país de alcançar o título de potência mundial. “Alguns analistas acreditam que eles não serão aptos a aumentar o índice de produtividade ao menos que aumentem as economias e invista mais em educação”. (NYE, 2015, p. 40)



Imagem 8: Atentados terroristas às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, em 11 de setembro de 2001. 3.278 pessoas morreram entre mortos nos prédios, no Pentágono e nos quatro aviões que foram sequestrados no mesmo dia. Fonte: <https://noticias.band.uol.com.br/noticias>

No dia 11 de setembro de 2001, uma série de ataques suicidas contra os Estados Unidos foram coordenados pela organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda. Na data, 19 terroristas sequestraram quatro aviões comerciais. Os sequestradores colidiram duas aeronaves contra dois prédios do complexo World Trade Center, em Nova York. O terceiro avião bateu no pentágono, a sede do departamento de defesa nos Estados Unidos. O último avião caiu em campo aberto, na Pensilvânia, depois dos passageiros e tripulação tentarem retomar o controle da aeronave. O destino desse último ataque frustrado seria a capital do país, Washington. Depois dos passageiros agirem para assumir o controle do avião, os terroristas derrubaram a aeronave na Pensilvânia.

Baudrillard (2003) defende que a destruição das torres gêmeas demonstra que a agressão simbólica promovida pelos Estados Unidos ao longo do tempo acarretou uma destruição física. O ato demonstrou que a potência do país havia sucumbido.

O desabamento das torres é o acontecimento simbólico maior. Imaginem se elas não tivessem desabado, ou que apenas uma delas desabasse, o efeito não seria o mesmo. A prova gritante da fragilidade da potência mundial não teria sido a mesma (...) É bastante lógico que a ascensão da potência exacerba a vontade de destruí-la. Mas há

mais: de alguma forma, ela é cúmplice da sua própria destruição. Essa denegação interna torna-se mais forte na medida em que o sistema se aproxima da perfeição e de ser Todo-Poderoso. (BAUDRILLARD, 2003, p. 14-15)

Desmoralizados depois dos ataques, os Estados Unidos responderam com mais guerras. Esse fascínio e obsessão por conflitos e conquistas a todo preço demonstram o que Gaston Bachelard chama de Complexo de Empédocles. Na psicanálise do fogo, há “o desejo de mudar, de apressar o tempo, de levar a vida a seu termo, seu além” (BACHELARD, 1999, p. 25). Esse complexo é determinado pelo instinto de viver e o instinto de morrer.

Empédocles é um Hiperion que eliminou os elementos wertherianos, que, por seu sacrifício, consagra a sua força e não confessa a sua fraqueza; é o ‘homem realizado, herói mítico da antiguidade, sábio e seguro de si, para quem a morte voluntária é um ato de fé que demonstra a força de sua sabedoria’. A morte nas chamas é a menos solitária das mortes. É realmente uma morte cósmica, em que todo um universo se aniquila com o pensador. A fogueira é uma companheira da evolução. (BACHELARD, 1999, p. 29)

É na destruição e na morte que os EUA solidificam a sua força e poder, a “vida” como potência depende da defesa de seus interesses, que não encontra limite. O que precisa ser feito é executado: matar, morrer, destruir, defender o indefensável, tudo com um único objetivo: manter o poder. O desejo da morte é a vontade da vida, segundo Bachelard, é surgir do aniquilamento, viver de uma forma elevada, acima de todas as outras vidas.

Os Estados Unidos mostraram ao mundo o seu poder no envolvimento em dezenas de conflitos. Invadindo países e apoiando governos, como no caso da ditadura militar no Brasil, assegurando que seus interesses fossem garantidos. Esse poder foi tão imposto, que hoje não precisa se fazer valer da força para ser sentido. O país é respeitado e temido pelo mundo todo sem esforço, apenas pelo poder simbólico.

O poder simbólico é “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7 e 8). É um poder de construção da realidade.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isso significa que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma “illocutionary force”, mas que se define numa relação determinada - e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. (BOURDIEU, 1989, p. 15)

O sociólogo Pierre Bourdieu não é um autor relacionado aos estudos do imaginário. Optamos por utilizar o conceito de poder simbólico, pois é a teoria que aborda o poder da forma mais aproximada ao sensível das relações. Bourdieu (1989) acredita que os símbolos são instrumentos da integração social, enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação. Isso contribui para a reprodução da ordem social. Os sistemas simbólicos têm a função política de impor ou legitimar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica), assim contribui para a domesticação dos dominados. As diferentes classes participam de uma luta simbólica para “imporem a definição do mundo social mais conforme os seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais”. (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Como uma utopia realizada, segundo Baudrillard, por acreditar que estão acima de todos, grande parte do mundo também concorda com essa realidade.

A convicção idílica dos americanos de que são o centro do mundo, a potência suprema e o modelo absoluto não é falsa. E baseia-se menos nos recursos, nas técnicas e nas armas do que no pressuposto milagroso de uma utopia encarnada, de uma sociedade que, com uma candura que se pode considerar insuportável, se instituiu a partir da ideia de que é a realização de tudo aquilo com que outras sociedades têm sonhado: justiça, abundância, direito, riqueza, liberdade: ela sabe-o, ela crê nisso e finalmente, os outros também o crêem. (BAUDRILLARD, 1986, p. 66)

Mesmo usufruindo deste poder simbólico, ficam os questionamentos: Como eles continuam com os mesmos problemas, que foram observados por Tocqueville e permanecem até hoje? Sendo uma nação altamente desenvolvida e repleta de oportunidades, como ainda mantém um racismo tão latente? Como

ainda precisam demonstrar esse poder tendo em mãos o maior número possível de armas? Como ainda precisam distinguir o “nós” dos “outros” através de muros físicos e imateriais? Esses pontos serão tratados nos próximos subcapítulos, que evidenciarão o poder dinamizado de várias formas entre reforços de imaginários e seus mitos.

3.1 - SCHOOL SHOOTINGS - TIROTEIOS EM ESCOLAS - O MITO DO CAUBÓI E O PODER PELAS ARMAS

Robert tem uma mão rápida
Ele vai olhar em volta do quarto, ele não vai contar o seu plano
Ele tem um cigarro enrolado, pendurado na boca, ele é uma criança cowboy
Ele encontrou uma pistola, escondida no armário de seu pai, em uma caixa de
coisas divertidas
Eu não sei nem o que
Mas ele está indo atrás de você, sim ele está indo atrás de você
Todas as outras crianças com seus sapatos caros
É melhor correrem, melhor correrem, mais rápido que a minha arma
Todas as outras crianças com seus sapatos caros
É melhor correrem, melhor correrem, mais rápido que a minha bala

⁴¹Foster the People - Pump up Kicks

Também morre quem atira

O Rappa - Hey Joe

O texto da segunda emenda da Constituição⁴² dos Estados Unidos é categórico: “Uma milícia bem regulada é necessária para a segurança de um Estado livre, o direito das pessoas manterem e carregarem armas não deve ser infringido⁴³”. A consequência desse direito traz efeitos trágicos. As armas e o poder relacionado a elas são influenciados por uma trajetória exemplar, como diz Eliade: o mito do caubói.

⁴¹ Música: “Robert's got a quick hand. He'll look around the room, he won't tell you his plan. He's got a rolled cigarette. Hanging out his mouth, he's a cowboy kid. Yeah, he found a six shooter gun. In his dad's closet, in the box of fun things. And I don't even know what. But he's coming for you, yeah, he's coming for you. All the other kids with the pumped up kicks. You'd better run, better run, out run my gun. All the other kids with the pumped up kicks. You'd better run, better run, faster than my bullet” - Tradução Nossa

⁴² Constituição dos Estados Unidos. Disponível em <http://constitutionus.com/>. Acesso em 13 de novembro de 2019.

⁴³ Tradução Nossa. “A well regulated Militia, being necessary to the security of a free State, the right of the people to keep and bear Arms, shall not be infringed”.

Os filmes western, ou de faroeste, como chamamos, marcaram gerações de norte-americanos e pessoas do mundo inteiro. Nas narrativas, todos matam e quase todos morrem. O tradicional homem do oeste, nos filmes, tem sempre em punho, ou na cintura, uma arma. O imaginário da virilidade e de fazer justiça com as próprias mãos, disparando contra todos os “inimigos”, foi dinamizado através do cinema.

Em 1903, foi lançado o primeiro filme com a temática, “O Grande Roubo do Trem⁴⁴”, com duração de nove minutos. Foi na década de 1960 que essas narrativas tiveram os seus tempos de glória. Hobsbawm (2013) acredita que populações de homens que cuidam de rebanhos, muitas vezes, se tornam assunto de mitos poderosos e tipicamente heroicos, que isso pode conduzir a um “subterrâneo arquétipo junguiano muito profundo, no qual eu (Hobsbawm), por certo, me perderia” (p. 257).

Esse mito tende a representar o guerreiro em atividade, o agressor, o bárbaro, o estuprador e não o estuprado. Hoje, populações desses cavaleiros e pastores selvagens existem num grande número de regiões do planeta. Alguns são estritamente análogos aos caubóis, como os gauchos das planícies do Cone Sul da América Latina; os llaneros das planícies da Colômbia e da Venezuela; possivelmente os vaqueiros do Nordeste do Brasil; decerto os vaqueros mexicanos dos quais na verdade, como todo mundo sabe, provêm diretamente tanto o traje do moderno mito do caubói como a maior parte do vocabulário próprio de sua atividade vacum: mustangue, laço, remuda (manada de cavalos ou “remonta”), sombreiro, chaps (chaparro [perneira de couro]), cincha, bronco (cavalo não domado), wrangler (de caballerango, cuidador de cavalos), rodeio ou até mesmo buckaroo (vaquero). (HOBBSAWM, 2013, p. 257)

O caubói fazia parte dos arquétipos e mitos do masculino. Boechat (1995) fala sobre o arquétipo do herói, a imagem primordial que é apresentada na figura do caubói.

O arquétipo do herói representa a própria energia psíquica que transita entre o arquétipo do si-mesmo e o ego. Entre as personificações do masculino é a mais geral, oscilando desde o “puer aeternus” até ao pai. Apenas o “velho sábio”, por sua transcendência e seu aspecto cósmico, escapa a um caráter heróico. (BOECHAT, 1995, p. 35)

⁴⁴ Título original em inglês “The great train robbery”.

Hobsbawm (2013) aponta que no século XVI havia equivalentes exatos da trilha Chisholm que iam das planícies húngaras aos mercados das cidades de Augsburgo, Nuremberg e Veneza. E também no *outback*, interior australiano, essencialmente território de fazendas de criação. No mundo ocidental, não faltam mitos de caubói em potencial. Todos os mitos de caubói têm em comum: a tenacidade, a bravura, o uso de armas para infligir ou suportar sofrimento, indisciplina e barbarismo. Há um distinto não intelectualismo ou anti-intelectualismo. Eles são brutais e refletem mitos e realidades das sociedades a que pertencem. O autor defende que o caubói dos Estados Unidos é o mais poderoso entre outros mitos de vaqueiros ao redor do mundo.

A imagem original do Faroeste, suponho, contém dois elementos: o confronto entre natureza e civilização, e o confronto entre liberdade e restrições sociais. Civilização é o que ameaça a natureza; e (como se vê, mas isto não é tão claro inicialmente) a mudança da servidão ou da coação para a independência, que constitui a essência dos Estados Unidos como ideal europeu radical no século XVIII e começo do século XIX, é na verdade o que leva a civilização ao Faroeste e assim o destrói. O arado que rasgou a planície é o fim do búfalo e do índio. Quero sugerir agora que a imagem europeia original do Faroeste praticamente não leva em conta a busca coletiva de liberdade, ou seja, a colonização da fronteira. (HOBBSAWM, 2013, p.262)

Segundo o historiador, o mito original do Oeste era utópico. Era uma recriação do estado natural perdido. Os verdadeiros heróis do oeste eram os índios e caçadores que aprenderam a conviver com eles. Em termos de conteúdo social, o caubói tinha duas funções: a primeira delas é a representação do ideal de liberdade individualista “encerrada numa espécie de prisão inescapável pelo fechamento da fronteira e pela chegada das grandes corporações” (HOBBSAWN, 2013, p. 266). Os fatos e números da época que as histórias de faroeste retratam não são fidedignas aos dados históricos.

E a inventada tradição do Oeste é inteiramente simbólica, na medida em que generaliza a experiência de um comparativo punhado de pessoas marginais. Quem, no fim das contas, se importa com o fato de que o número total de mortes por arma de fogo em todas as grandes cidades onde se fazia comércio de gado entre 1870 e 1885 — em Wichita, mais Abilene, mais Dodge City, mais Ellsworth — foi de 45, ou uma média de 1,5 por temporada de venda de gado, ou que os jornais locais do Oeste não estavam impregnados de histórias de brigas de bar, mas de notícias sobre o valor das propriedades e oportunidades

comerciais?(HOBSBAWM,2013,p.265)

A segunda função do mito seria a representação da defesa do americano nativo anglo-saxão, protestante, contra os milhões de intrusos de raças inferiores. “É nessa altura e dessa maneira que o caubói se torna o ariano esbelto e alto. Noutras palavras, a inventada tradição do caubói é parte da ascensão tanto da segregação como do racismo anti-imigrante; esse é um legado perigoso” (HOBSBAWN, 2013, p. 267). Apesar de anos de dinamização do mito do caubói, foi só na década de 1960 que ele passou a ser comercializado, um exemplo disso, seriam as propagandas de cigarro Marlboro, em que um caubói era o garoto propaganda.



Imagem 9: Anúncio de 24 de fevereiro 1967 da revista Life (direita), e de 1 de setembro de 1967 na mesma revista.

Fonte: www.vintageadbrowser.com/tobacco-ads-1960s/26

A época de ouro dos westerns coincide com o aumento do número de armas no país. Segundo Hemengway (2004), 70% de todas as armas novas compradas nos Estados Unidos durante o século 20 foram adquiridas depois de 1960. Há mais armas⁴⁵ que pessoas no país. São 393 milhões de armas civis para em torno de 328 milhões de habitantes. “Comparado com países de alta renda, os americanos têm mais armas, particularmente revólveres. E como

⁴⁵ Portal BBC. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-41488081>. Acesso em 25 de abril de 2021.

podemos ver, essas armas são prontamente disponíveis para quase qualquer um que queira ter” (HEMENGWAY, 2004, p. 7).

Para comprar uma arma nos Estados Unidos é necessário passar por uma checagem de antecedentes que considera condenação criminal, violência doméstica e status de imigração. Muitos Estados têm restrições de compra adicionais, incluindo tempo de espera e investigação do histórico do comprador. Aproximadamente⁴⁶ um terço dos proprietários de armas não foram investigados, o que a lei federal não exige quando a compra é feita a partir de um vendedor privado. No Brasil⁴⁷, antes de comprar uma arma é preciso fazer um curso de tiro, preencher um formulário informando a necessidade da arma para autodefesa, ter um laudo atestando aptidão psicológica, obter um certificado informando que não há antecedentes criminais. Depois da compra, é necessário obter um registro com a Polícia Federal e preencher um formulário online para transportar a arma.

Hemengway (2004) considera que a violência armamentista é uma moderna epidemia de saúde pública. Prevenir a violência com armas de fogo exige não só responsabilidade individual, mas sim coletiva. Mais da metade de todos os americanos que morreram antes dos 40 anos foi devido a acidentes. Os acidentes automobilísticos lideram esse e em segundo lugar vem ferimentos por armas de fogo. O autor defende que a prevenção desse dano é uma prioridade de saúde pública. O grande problema contemporâneo seria controlar o poder do interesse econômico que ignora efeitos danosos e suas aplicações científicas e tecnológicas.

Uma das soluções apontadas pelo autor seria aprender lições da luta de segurança dos carros. Ações como revisão de legislação, regulação, formas de manter os armamentos longe das crianças. “O mundo real é muito mais complexo e interessante que a forma descrita por militantes do bom/mal ou a abordagem nós/eles⁴⁸”. (HEMENGWAY, 2004, p. 21). É estar consciente dos riscos que o uso indiscriminado de armas traz.

⁴⁶ Site The New York Times. Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2018/03/02/world/international-gun-laws.html>. Acesso em 15 de março de 2019.

⁴⁷ Site Polícia Federal. Disponível em <http://www.pf.gov.br/servicos-pf/armas/porte-de-arma>. Acesso em 15 de março de 2019.

⁴⁸ The real world is far more complex and more interesting than the one described by the advocates of good/bad or us/them approach (...) 79 percent of the unintentional shooters had no evidence of alcohol

A evidência científica mostra que um substancial número de mortes, suicídios, fatalidades intencionais de disparo de armas, pode ser prevenido com políticas plausíveis para armas (...) 79% de atiradores não intencionais não têm indícios de problemas com álcool, 68% não têm evidência de violência, e 38% nunca estiveram envolvidos como motoristas em nenhum tipo de acidente de trânsito. (HEMENGWAY, 2004, p. 21-23)

Homens, negros entre 14 e 24 anos são os que mais se envolvem em acidentes fatais com armas. A imprudência seria um fator decisivo. Entre 1965 e 2000, mais de 60 mil americanos morreram em disparos não intencionais. Isso significa mais mortes que participação em guerras no mesmo período. Nessa época, mais de trinta pessoas por dia foram baleadas e não morreram. Os jovens com menos de 25 anos são a maioria das vítimas. Crianças com menos de 15 anos nos Estados Unidos têm nove vezes mais chances de morrer em um acidente com arma do que outros jovens de países desenvolvidos. “Onde tem mais armas, tem mais mortes acidentais por armas⁴⁹” (HEMENGWAY, 2004, p. 28). Não há padrões de segurança federais para armas.

Assim como o número de armas aumentou a partir da década de 1960, os tiroteios em escolas também começaram a crescer e se tornaram mais letais. O número de ocorrências e de mortos cresce a cada década. O número de tiroteios em escolas quase triplicou da década de 2000 para 2010. Desde o século XIX foram quase 500 casos com mais de 600 mortes. As primeiras duas décadas do século XXI já contam com mais tiroteios em escolas do que todo século XX. É uma realidade preocupante que precisa de atenção do governo, da mídia e da sociedade.

Década	Nº Tiroteios em Escolas	Nº de mortos
Século XIX		
1840	1	1

problems, 68 percent had no evidence of violence, and 38 percent had never been involved as a driver in any type of traffic accident.

⁴⁹ Where there are more guns, there are more accidental gun deaths”.

1850	3	4
1860	5	5
1870	7	3
1880	11	2
1890	6	11
Total Século	33	26
Século XX		
1900	14	13
1910	19	12
1920	10	5
1930	7	7
1940	6	4
1950	16	13
1960	17	38
1970	30	36
1980	41	55
1990	65	96
Total Século	225	279
Século XXI		

2000	61	106
2010 - 2019 (março)	178	196
Total Século	239	302
Total Geral	497	607

Tabela 2: Tiroteios em escolas nos EUA

Fontes: <https://gunsandamerica.org>; <https://edition.cnn.com/2019/08/19/us/mass-shootings-fast-facts/index.html>; <https://www.k12academics.com/school-shootings/history-school-shootings-united-states>

Newman (2004) realizou, nos anos 2000, um estudo baseado em 163 entrevistas em duas comunidades, em Heath, Kentucky, e Westside, Arkansas, que passaram por tiroteios em escolas, em 1997. Foram entrevistados vizinhos, estudantes que estavam nas escolas alvos dos ataques, familiares das vítimas, professores, psicólogos, imprensa e membros da família dos atiradores. Também foi analisada a cobertura da mídia sobre tiroteios em escolas, que ocorreram num período de trinta anos. A autora aponta doze motivações para entender os *school shootings*. Entre os fatores estão violência na mídia, *bullying*, cultura das armas, problemas familiares, doenças mentais, relações entre os pares, mudança demográfica, cultura da violência e imitação. Nenhuma dessas condições age sozinha, elas são complementares. Só uma combinação desses fatores é possível para influenciar um atirador.

O atirador se vê à margem da sociedade e não se sente integrado. O *bullying* contribui muito para isso. A maioria tem problemas psicológicos, o que aumenta esse sentimento de distanciamento em relação aos outros do grupo. Segundo a autora, há um script cultural em que a ideia de resolução de problemas parte do enfrentamento. Os atiradores acreditam que ao atacar professores e colegas seus problemas serão solucionados. E essa ideia de enfrentamento seria impulsionada pelos filmes de heróis ou vilões que ganham notoriedade ao enfrentar seus inimigos.

O script proporciona a imagem que esses atiradores querem se apropriar e um molde para a ação que liga o método ao objetivo. É claro, essa não é a única imagem disponível de masculinidade na nossa cultura, mas é o que atrai atenção dos garotos que sofrem sendo ridicularizados pelos seus pares por serem insuficientemente fortes ou socialmente capazes. Esse esquema para a automasculinidade deve

ajudar a explicar por que atiradores em escolas direcionam a sua raiva e desesperança para fora, em vez de internamente.⁵⁰(NEWMAN, 2004, p.230, tradução nossa)



Imagem 10: Vídeo publicitário busca conscientizar sobre sinais que os atiradores dão antes de realizar os tiroteios. Na imagem, o futuro atirador faz “gesto” em alusão a uma arma com os dedos. Fonte <https://www.youtube.com/watch?v=A8syQeFtBKc>

Em 2016, a agência publicitária BBDO de Nova York em parceria com a organização não-governamental *Sandy Hook Promise* divulgaram⁵¹ um vídeo sobre os sinais que os atiradores apresentam. O vídeo⁵² mostra um casal se aproximando para iniciar uma relação, em clima descontraído e, sempre no plano de fundo, apresenta o futuro atirador dando sinais de que algo poderia acontecer. Ele olha revistas sobre armas, assiste vídeos sobre aulas de tiro, publica fotos empunhando armas nas redes sociais, faz “sinal” de armas com os dedos, até que um dia ele aparece com uma metralhadora e atira nos colegas. Todos estavam muito ocupados vivendo suas próprias vidas e não perceberam as “sutilezas” do cotidiano. Segundo a ONG, 80% dos atiradores e 70% dos suicidas

⁵⁰ The script provides an image of what the shooters want to become and a template for action that links the method to the goal. Of course, this is not the only available image of masculinity in our culture, but it is one that attracts the attention of boys who have suffered ridicule from their peers for being insufficiently strong or socially capable. These blueprints for the masculine self may help explain why rampage school shooters direct their anger and hopelessness outward, rather than inward

⁵¹ Revista Exame. Disponível em <https://exame.abril.com.br/marketing/suposto-filme-romantico-esconde-um-crime-chocante/>. Acesso em 24 de março de 2019.

⁵² Propaganda “Evan”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=A8syQeFtBKc>. Acesso em 24 de março de 2019.

contam os seus planos antes de executá-los. Muitos casos podem ser evitados a partir de denúncias.



Imagem 11: Senador Rubio participa de debate sobre política de regulação de armas com estudantes sobreviventes do tiroteio na Escola Stoneman Douglas, na Flórida, em 2018. Fonte <https://www.irishtimes.com/>

Outras instituições tentam criar diálogo com congressistas para evitar novos casos. Em dezembro de 2018, estudantes sobreviventes do massacre que deixou 17 mortos e 15 feridos na Escola de Ensino Médio Stoneman Douglas, na Flórida, fizeram um debate com políticos, sobre tiroteios em escolas, e com a porta-voz da Associação Nacional dos Rifles (NRA), instituição que promove os direitos de posse de armas de fogo. Parte dos políticos nos Estados Unidos recebe apoio financeiro da NRA e com isso precisam defender a política atual de regulação de armas. O estudante Cameron Kasky questiona o senador Marco Rubio sobre o financiamento político pela associação.

Estudante - Senador Rubio, Você pode me dizer agora que você não vai aceitar nenhuma doação da Associação Nacional dos Rifles no futuro? (a multidão de estudantes grita e bate palmas pela pergunta).
Senador - Número um, a posição que eu tenho nesse assunto é a posição que mantenho no meu escritório em Miami. A resposta para a questão é que eu apoio a segunda emenda. E eu também apoio o direito que você e qualquer um aqui esteja apto para ir a escola e estar seguro. E eu apoio qualquer lei que manteria as armas longe das mãos de um assassino desequilibrado. **Estudante** - E você receberia dinheiro da Associação Nacional dos Rifles? **Senador** - Essa é a forma errada de ver. Primeiramente, a resposta é que as pessoas aderem à minha agenda... **Estudante** - Você pode dizer não. **Senador** - (gagueja)... **Estudante** - Vamos lá! Temos a noite toda. **Senador** - A influência desses grupos não vem do dinheiro, a influência vem de milhões de pessoas que concordam com a agenda e milhões de

americanos que apoiam a Associação (NRA) e que suporta o direito às armas. (...) Respeito a sua questão, mas as pessoas aderem à minha agenda. Posso responder qualquer questão que vocês tiverem, qualquer política (...) **Estudante** - Então, em nome de 17 pessoas, você não pode pedir que a associação mantenha o seu dinheiro fora da campanha. **Senador** - Acho, que em nome de 17 pessoas, posso me empenhar que vou apoiar qualquer lei que previna que um assassino como esse... (CNN News⁵³ - 22 de fevereiro de 2018)

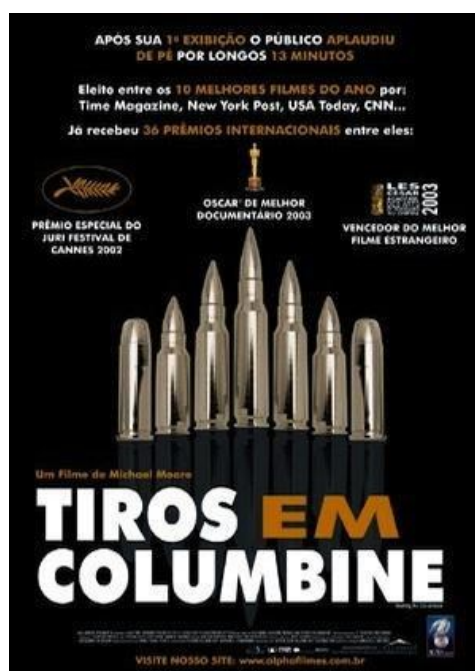


Imagem 12: Cartaz do documentário Tiros em Columbine, que retrata a cultura das armas enraizada na sociedade americana e a ligação disso com os tiroteios em escolas. Fonte www.mercurio.com.br

Em 2002, o cineasta norte-americano Michael Moore lança o documentário⁵⁴ “Tiros em Columbine” (original *Bowling for Columbine*), que faz referência ao tiroteio na escola de ensino médio Columbine, no Colorado, que deixou 15 mortos e 24 feridos. O filme retrata a cultura das armas nos Estados Unidos. Mostra desde bancos que dão armas de graça ao abrir uma conta, a prática da caça aos animais, a formação de milícias que acreditam que são responsáveis pela própria segurança. Aborda o medo da criminalidade que gera um aumento na procura por armas. Fala da prioridade no orçamento do governo ser para os militares e não para acabar com a desigualdade social. Por fim,

⁵³ CNN News. Disponível em <https://edition.cnn.com/2018/02/21/politics/cnn-town-hall-florida-shooting/index.html>. Acesso em 19 de março de 2019.

⁵⁴ Documentário. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=X5QwnQUqZeA>. Acesso em 01 de abril de 2019.

examina os discursos que apontam influências para a ocorrência dos tiroteios em escolas como vídeo games violentos e o estilo musical Heavy Metal.

Recentemente⁵⁵, foram registrados casos de tiroteios em escolas no Brasil. A Escola Estadual Raul Brasil, da cidade de Suzano, São Paulo, foi alvo de ataques por dois ex-alunos, em março de 2019, e contabilizou dez mortos. Um ano antes, um adolescente de 15 anos entrou armado na escola e atirou contra colegas de classe, dois alunos ficaram feridos. Em 2017, dois estudantes morreram e outros quatro ficaram feridos em um ataque no colégio em Goyases, em Goiânia. Três alunos ficaram feridos em um tiroteio na Escola Estadual Ernesto Carvalho, na Grande João Pessoa em 2012. Em 2011, uma professora foi morta por um tiro após disparo por um aluno, em São Caetano do Sul, em São Paulo. No mesmo ano, no Rio de Janeiro, 12 crianças morreram e 13 ficaram feridas quando um homem de 23 anos atirou em salas de aulas lotadas no bairro Realengo. Na Escola Estadual Coronel Benedito Ortiz, em Taiúva, São Paulo, um ex-aluno portando uma arma deixou cinco alunos, o caseiro, a zeladora e uma professora da instituição feridos, no ano de 2003. Em 2002, dois adolescentes foram mortos a tiros por um colega na escola particular Sigma em Salvador.

No Brasil, em dezembro de 2003, foi sancionado o estatuto do desarmamento, considerado um mecanismo para restringir a aquisição de armas de fogo. O atual presidente brasileiro Jair Bolsonaro prometeu em sua campanha eleitoral mudar o estatuto e flexibilizar a posse de armas. Em janeiro de 2019⁵⁶, ele assinou um decreto que amplia a possibilidade de ter uma arma de fogo em casa e facilitou a comprovação de manter o artefato nas residências.

⁵⁵ Site G1. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/episodios-de-ataques-em-escolas-no-brasil.ghtml>. Acesso em 19 de março de 2019.

⁵⁶ Site G1. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/15/mudanca-no-estatuto-do-desarmamento-e-promessa-de-campanha-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em 19 de março de 2019.



Imagem 13: Jair Bolsonaro ensina uma criança a fazer alusão ao “gesto” de apontar uma arma.
Fonte: www.emaisgoias.com.br/

Assim como os caubóis, os adolescentes que matam nas escolas querem fazer justiça com as próprias mãos. Essa narrativa é predominantemente masculina, a maioria dos atiradores é formada por homens. Meninos que acreditam que com uma arma na mão se tem todo o poder do mundo. Assim como no complexo de Empédocles, há o desejo de morrer e superar os problemas com a dor.

Provocar a morte muitas vezes é vista como enfrentamento, a única solução para os problemas e isso está enraizado na cultura norte-americana. Dos 45 presidentes dos Estados Unidos, quatro⁵⁷ foram assassinados. Abraham Lincoln (republicano - 1789 - 1797) foi morto⁵⁸ pelo ator John Wilkes, um sulista inconformado com a derrota na Guerra Civil. James Garfield (republicano - 1881) governou por pouco mais de seis meses, o seu mandato foi interrompido pelos disparos de Charles Guiteau, um advogado desempregado que teria sofrido uma recusa do presidente a uma vaga de emprego.

William McKinley (republicano - 1897 - 1901) também foi atingido por um tiro pelo anarquista Leon Czolgosz. "Eu matei o presidente porque ele era um inimigo das pessoas boas, dos bons trabalhadores. Não me sinto arrependido pelo crime", admitiu durante o seu julgamento. Em 1963, o franco-atirador Lee

⁵⁷ BBC News. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37888624>. Acesso em 19 de setembro de 2019.

⁵⁸ Site Superinteressante. Disponível em <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-o-assassinato-de-abraham-lincoln/>. Acesso em 19 de setembro de 2019.

Harvey Oswald matou o presidente John Fitzgerald Kennedy (democrata - 1961-1963). Existem muitas hipóteses sobre as motivações para o crime. Além dos quatro assassinatos, nove presidentes sobreviveram a atentados.

A imprensa é apontada como um dos gatilhos para as tragédias em escolas. Segundo estudos, a mídia tem influência no fenômeno dos tiroteios nas instituições de ensino. Burns e Crawford (1999) defendem que as escolas são extremamente seguras para crianças. A pesquisa desses autores se foca na construção dos tiroteios em escolas como pânico moral, com análise dos papéis desempenhados na mídia, o público e políticos usando incidentes isolados para apoiar seus interesses. As ações desses grupos resultam em ações punitivas para os jovens. Eles definem pânico moral quando uma condição, um episódio, pessoa ou grupo aparece para definir como ameaça à sociedade valores e interesses. A natureza do pânico seria apresentada em uma moda estilizada e estereotipada pela mídia de massa.

O pânico moral tipicamente foca em malfeitores - ou supostos malfeitores que são definidos como inimigos da sociedade. “Devido em parte a cultura popular da mídia continuar utilizando reportagens de crimes para atrair consumidores, o público geral desenvolveu um desconforto com criminosos e, em particular, crimes juvenis” (BURNS e CRAWFORD, 1999, p. 158). A maioria das pessoas se informa sobre crimes através da mídia, o que torna as pessoas a mercê da imprensa não só para informação, mas também para interpretação.

Para os autores, o triângulo mídia, público e políticos, cria interações poderosas. “Muitas vezes grupos marginais, ou aqueles fora do triângulo, são desamparados, sem voz que são ‘beneficiários’ de decisões punitivas e restritivas sendo realizadas pelo triângulo” (BURNS e CRAWFORD, 1999, p. 161). Essas decisões são simplistas e deterministas e generalizam esses eventos incorretamente.

Muschert e Sumiala (2012) acreditam que como fenômeno cultural os tiroteios em escolas têm alto valor simbólico. Embora aconteça em relativo pequeno número, as imagens e significados desses acontecimentos são amplamente divulgadas em todo o mundo e têm potencial para alimentar a imaginação coletiva de destruição e medo muito além do poder físico. O fato de os perpetradores serem tipicamente pessoas jovens intensifica o significado simbólico associado aos tiroteios e essa juventude (na maioria das vezes

masculina) não projeta harmonia e esperança, mas sim ameaça o senso de segurança e aumenta o sentimento de desespero.

A mídia faz parte dos tiroteios em escolas e os tiroteios em escolas fazem parte da mídia. A partir desta perspectiva há uma explícita conexão entre os tiroteios em escolas e a violência performativa. “Como objetos nos campos culturais e social, ambos tiroteios, escolas e mídia estão adaptados nas lógicas um do outro”. (MUSCHERT e SUMIALA, 2012, p.16).

Kellner (2012) analisa o papel da mídia, das armas e violência na construção da masculinidade na cultura midiaticizada atual.

Argumento que enquanto as motivações dos tiroteios devem variar, eles têm em comum uma crise nas masculinidades em que homens jovens usam armas e violência para criar identidades ultramasculinas e produzindo um espetáculo da mídia que gera fama e celebridade aos atiradores. Consequentemente, exploro como a mídia é cúmplice em ajudar a reproduzir o ciclo dos tiroteios em escolas. Meu argumento é entender que o papel da mídia, armas e violência na construção social da masculinidade pode contribuir para produzir respostas para a explosão dos tiroteios em escolas e violência social na era contemporânea⁵⁹. (KELLNER, 2012, p. 300, tradução nossa)

Ele se refere à crise das masculinidades como uma conexão social dominante entre a masculinidade e ser um cara “durão”, que seria uma máscara de assertividade violenta encobrendo vulnerabilidades. Essa crise irrompe em uma epidemia de violência e mortes. Kellner (2012) defende que a mídia produz em parte esse colapso da masculinidade, pois mostra repetidamente a violência como uma forma de solucionar problemas. O autor sugere propostas para acabar com a violência nas escolas, entre elas leis sobre as armas mais robustas e racionais, instituições de saúde mental devem compor escolas e locais de trabalho, a reconstrução da masculinidade e reelaboração da educação para a democracia. Ele também relaciona a política de armas norte-americana e a falha de regulamentação como causa das ondas de tiroteios em escolas.

⁵⁹ “I argue that while the motivations for the shootings may vary, they have in common crises in masculinities in which young men use guns and violence to create ultramasculine identities in producing a media spectacle that generates fame and celebrity for the shooters. Consequently, I explore how the media are complicit in helping reproduce the cycle of school shootings. My argument is that understanding the role of the media, guns, and violence in the social construction of masculinity can contribute to productive responses to the explosion of school shootings and societal violence in the contemporary era”

Meus estudos sobre tiroteios em escolas nas últimas décadas sugerem que muitos dos assassinos em massa orquestraram tiroteios como espetáculos da mídia para dramatizar sofrimentos pessoais ou para atacar supostos tormentos, ganhando pequenas explosões de celebridade e fama⁶⁰ (KELLNER, 2012, p. 304-305, tradução nossa)

É preciso haver uma mudança de valores, segundo Kellner (2012). É necessária uma revolução que envolve acabar com a competição, agressão, ganância, interesse próprio e cultivar valores como equidade, paz, harmonia e comunidade. Homens podem ser mais amorosos, cuidadosos, emocionais e vulneráveis e outros traços relacionados à feminilidade. O gênero pode ser desconstruído. Devemos lutar contra a opressão de gênero e desigualdade. “Desde que as armas são identificadas com a hipermasculinidade e violência social, uma reconstrução da masculinidade pode ajudar indivíduos e a sociedade a lidar com a contínua obsessão americana com armas e a resultante epidemia de massacres⁶¹” (KELLNER, 2012, p. 326, tradução nossa). Para o autor, a mídia não pode ser demonizada, mas não ter seu poder subestimado.

Quero evitar, entretanto, ambos extremos, nem demonizar a mídia e a cultura jovem, nem afirmar que isso é mero entretenimento sem séria influência social. Não há questionamento, mas a mídia nutre fantasias e influencia comportamentos, às vezes doentios e vis, e para sobreviver na nossa cultura é requerido que estejamos aptos para analisar criticamente e dissecar a cultura da mídia e não deixar isso ter poder sobre nós. A alfabetização crítica para a mídia empodera indivíduos além da mídia então eles podem estabelecer uma distância crítica e analítica das mensagens e imagens da mídia. Isso proporciona uma proteção da manipulação da mídia e evita deixar que a maioria das imagens destrutivas da mídia ganhe poder. Isso também permite relações com a nossa cultura mais críticas, saudáveis e ativas. A cultura da mídia não vai desaparecer e essa é simplesmente uma questão de como nós vamos lidar com isso e se nós podemos desenvolver uma pedagogia adequada de alfabetização para a mídia para empoderar a nossa juventude⁶². (KELLNER, 2012, p. 324, tradução nossa)

⁶⁰“My studies of school shootings in the past decades suggests that many mass murderers have orchestrated rampage shootings as media spectacles to dramatize personal grievances or to lash out against supposed tormentors, gaining their short bursts of celebrity and fame”.

⁶¹ “Since guns are identified with hypermasculinity and societal violence, a reconstruction of masculinity could help individuals and society deal with the ongoing American obsession with guns and resultant outbreaks of gun massacres”.

⁶² I want to avoid, however, both extremes, neither demonizing media and youth culture, nor asserting that it is mere entertainment without serious social influence. There is no question but that the media nurture fantasies and influence behavior, sometimes sick and vile ones, and to survive in our culture requires that we are able to critically analyze and dissect media culture and not let it gain power over us. Critical media literacy empowers individuals over media so that they can establish critical and analytical distance from media messages and images. This provides protection from media manipulation and avoids letting the most destructive images of media gain power over one. It also enables more critical, healthy, and active relations

Existem outros estudos que dissertam sobre os dilemas éticos vividos pelos jornalistas durante as coberturas dos tiroteios em escolas. De acordo com Rees (2012), seria recomendável produzir narrativas que não fossem usadas em agendas políticas e por novos atiradores (imitadores). Não há uma preparação dos jornalistas para essas situações. Nos Estados Unidos houve casos de atiradores que produziram conteúdo para serem divulgados na mídia. Ao reproduzir esse material, a imprensa dá poder ao atirador.

Na Finlândia, após um caso de tiroteio em escola em 1997, foram criadas regras para a cobertura jornalística. Na ocasião, os nomes dos atiradores não foram divulgados. Foi escolhido não dar fama aos perpetradores. Nos Estados Unidos, há pelo menos duas organizações chamadas *No Notoriety*⁶³ (sem notoriedade) e *Don't Name Them*⁶⁴ (Não diga os seus nomes), que é ligada à Universidade do Texas, que também defendem o anonimato dos atiradores e o não uso de suas fotos e imagens. Larkin (2012) defende que houve uma transição das motivações dos tiroteios, que agora pode ser relacionada a atos de terrorismo. “A motivação não é mais meramente para reivindicar vingança por injustiças percebidas, mas mandar uma mensagem para o mundo⁶⁵”. (LARKIN, 2012, p. 348). Por isso, a mídia acaba sendo usada como uma ferramenta para transformar um fato em evento global, recebendo atenção de todo o planeta.

O jornalismo, principalmente no Brasil, precisa saber lidar com esse tipo de notícia. Divulgar tiroteios em escolas merece cuidados tanto para evitar imitadores, chamados de *copycats*, ocultando o nome dos autores dos crimes, como para limitar as informações dadas sobre o planejamento dessas matanças. As reportagens poderiam evidenciar medidas para o tratamento do *bullying* em escolas, acesso a psicólogos (tão carentes em escolas públicas brasileiras) e reforçar que um conjunto de fatores são “as causas” dessas tragédias. A sociedade também precisa estar atenta aos “sinais” que revelam

with our culture. Media culture will not disappear and it is simply a question of how we will deal with it and if we can develop an adequate pedagogy of critical media literacy to empower our youth

⁶³ No notoriety. Disponível em <https://nonotoriety.com/>

⁶⁴ Don't name them. Disponível em <http://www.dontnamethem.org/>

⁶⁵ The motivation is no longer merely to exact revenge for perceived injustices, but to send a message to the world.

comportamentos suspeitos. A mídia impulsiona a autoria dos ataques, isso é inegável. E isso pode ser tudo que os atiradores querem. Então, todo o cuidado é necessário. É preciso sempre informar acontecimentos como esse, nunca esconder (como qualquer outro fato jornalístico), mas é necessário aprender a tratar essas informações para tentar evitar novos casos.

O mito do *caubói* permeia toda a cultura norte-americana, com seus heróis portando armas e indo em busca do complexo de Empédocles. O desejo da morte para o encontro com uma nova realidade é o que almejam atiradores, cidadãos “de bem” e o poder executivo com suas guerras, que com o intuito de assegurar “proteção” de suas propriedades privadas, aliviar a “dor da rejeição” ou assegurar interesses que ceifam vidas para acabar com os seus problemas. A morte nunca foi um obstáculo e o fim, mas sim uma porta para acabar com o “mal” de cada um.

Fica evidente que o imaginário norte-americano dinamiza imagens heroicas, de luta, de dor e enfrentamento. A masculinidade impõe atitudes impensadas, soluções drásticas e simplistas para encarar a realidade. Aprender a lidar com os problemas e direcionar as angústias para outras esferas é o desafio para jovens garotos e homens que acreditam ter todo o poder do mundo em suas mãos. No próximo subcapítulo, será abordado o poder da opressão, a necessidade da superioridade racial em uma sociedade carente de empatia e altruísmo.

3.2 - O PODER PELA OPRESSÃO - RACISMO NOS ESTADOS UNIDOS

*Em uma sociedade racista, não basta não ser racista
É necessário ser antirracista
Angela Davis*

Eu quero que toda pessoa branca dessa sala que ficaria feliz de ser tratada como essa sociedade, em geral, trata seus cidadãos negros, se você como uma pessoa branca, ficaria feliz se recebesse o mesmo tratamento recebido pelos cidadãos negros, por favor, levante-se. (Ninguém se levanta). Vocês não entenderam. Se vocês brancos gostariam de ser tratados como os negros são nessa sociedade, levante-se! Ninguém levantou aqui. Isso deixa bem claro que vocês sabem o que está acontecendo. Vocês não querem isso para vocês. Quero saber por que vocês não querem aceitar isso e permitem que aconteça com outros. (Documentário Olhos Azuis⁶⁶ - Jane Elliott)

Esse foi o discurso dado pela ativista antirracista Jane Elliott, ex-professora de ensino fundamental, durante um experimento, chamado “Olhos Azuis”, explícito em um documentário homônimo de 1996. Segundo Elliott, o objetivo do exercício era fazer os cidadãos norte-americanos sentirem na pele como é não ser branco no país e se colocarem no lugar dos negros. Ela dividiu um grupo de pessoas entre as que tinham olhos azuis e outras que tinham olhos castanhos e colocou os grupos em salas diferentes. Para o grupo de olhos azuis, ela os tratou com todos os rótulos negativos usados com mulheres, negros, gays, lésbicas, pessoas com deficiências, e todas que são fisicamente diferentes e todos os estereótipos negativos normalmente usados contra esses grupos. Essas pessoas foram colocadas em uma sala com três cadeiras para 17 pessoas, sem ar-condicionado. “Nós vamos tratar essas pessoas negativamente por causa da cor dos seus olhos. Escolhi os olhos porque a mesma substância que determina a cor da pele, determina a cor dos olhos”. As pessoas de olhos castanhos passaram duas horas e meia tratando mal o grupo de olhos azuis.

⁶⁶ Documentário Olhos Azuis. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RnTEXsNFWO0>. Acesso em 9 de novembro de 2018.

Elliott teve a ideia do exercício lendo sobre o que os nazistas fizeram no holocausto. Segundo ela, Hitler queria fundar uma nação de arianos, com olhos azuis, loiros e de pele branca, que dominariam o mundo. O fator que determinava se uma pessoa ia para a câmara de gás era a cor dos olhos. Ela decidiu no dia posterior a morte de Martin Luther King Jr., que ela ia realizar este experimento, inspirada no livro sobre Mengele.

Esse filósofo nos ensinou que pessoas inteligentes e poderosas podem matar outras pessoas inteligentes, mas sem poder, por causas de características físicas que elas não têm controle ou uma religião diferente da sua que você não concorda. É um pensamento assustador. Já aconteceu uma vez. Pode acontecer de novo a não ser que as pessoas leiam essas coisas e percebam que ele não era um monstro. Era um homem achando que estava fazendo o que achava certo e que tinha o poder para fazê-lo. É um livro interessante, tem outro livro interessante, chamado de “Doutores Nazistas”, fala sobre como pessoas inteligentes e educadas foram convencidas a cooperar. É assustador. E o mais assustador é saber que foi na verdade fácil fazê-los cooperar. A intimidação funciona. (Documentário Olhos Azuis⁶⁷ - Jane Elliott)



Imagem 14: O primeiro documentário⁶⁸ de Jane Elliot “The Eye of the Storm”, de 1968, mostra a professora realizando o exercício “olhos castanhos e olhos azuis” com crianças da terceira série. Fonte: www.thesociologicalcinema.com/

⁶⁷ Documentário Olhos Azuis. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RnTEXsNFWO0>. Acesso em 9 de novembro de 2018.

⁶⁸ Documentário The Eye of the Storm. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6gi2T0ZdKVc>. Acesso em 01 de abril de 2019.

Segundo a Comissão dos Direitos Civis dos Estados Unidos (1970), o racismo deve ser visto como uma atitude, ação ou estrutura institucional que subordina (inferioriza) uma pessoa ou grupo por causa da sua cor. Um exemplo disso é a segregação de negros em regiões de vulnerabilidade social, em locais com baixas condições, com escolas que não têm a mesma infraestrutura de regiões mais desenvolvidas. Por morar em locais afastados, essas pessoas não têm acesso a melhores oportunidades de emprego e outros serviços localizados em áreas mais abastadas. Muitas empresas deixaram de usar o critério de cor no momento do recrutamento, mas pedem uma boa escolaridade e habilidades específicas. Não existe meritocracia para quem sempre teve menos oportunidades.

Durante 300 anos os afro-americanos conviveram com o racismo explícito e hoje ainda precisam driblar o racismo estrutural. Nesta concepção, o racismo decorre a partir da estrutura social, transcendendo o âmbito individual. “As instituições são racistas porque a sociedade é racista” (ALMEIDA, 2019, p.47). As instituições não criam o racismo, mas reproduzem práticas racistas inerentes à ordem social.

O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática. Ainda que os indivíduos que cometam atos racistas sejam responsabilizados, o olhar estrutural sobre as relações sociais nos leva a concluir que a responsabilização jurídica não é suficiente para que a sociedade deixe de ser uma máquina produtora de desigualdade social. (ALMEIDA, 2019, p. 51)

De 1619 até 1808, negros eram levados da África como escravos para os Estados Unidos. O presidente Abraham Lincoln propôs uma emancipação dos escravos de modo lento e gradual e indenizado aos fazendeiros, o que gerou revolta em grande parte da população que via os negros como bens. Isso resultou no início da Guerra da Secessão, em 1861. O conflito dividiu o país entre sulistas e nortistas. Nos dois lados, os negros não faziam parte das decisões políticas e sofriam preconceito. “Isso subsistiria na primeira metade do século XX, quando se manifestariam dois tipos muito diferentes de racismos: um determinado juridicamente no Sul, e um outro um pouco “envergonhado”, mas sempre presente no norte” (KARNAL et al., 2014, p.129).

A guerra foi a mais sangrenta da história dos Estados Unidos, matando 600 mil norte-americanos. Para fins de comparação, na Guerra do Vietnã, 58 mil morreram. Em 1863, foi proclamada a lei de emancipação dos escravos, mas só foi promulgada em 1865, com a criação da décima terceira emenda da constituição norte-americana. Nas áreas longe do alcance legal da união, os escravos tornavam-se livres na medida em que as tropas do norte venciam. Mas isso não significou muito na obtenção de direitos dos negros. Com o passar do tempo, foi criada uma emenda que restringia os poderes dos negros.

Em 1873, o Supremo Tribunal decidiu que a 14ª Emenda (segundo a qual os direitos de cidadania não podem ser reduzidos) não concedia aos americanos de origem africana qualquer novo privilégio ou imunidade em relação ao poder do estado: Além disso, em 1883, a Corte decidiu que a referida Emenda não impedia indivíduos, contrariamente aos estados, de praticar a discriminação. E, no caso *Plessy versus Ferguson* (1896), a Corte julgou que acomodações públicas “separadas, mas iguais” para afro-americanos, como as usadas em trens e restaurantes, não constituíam uma violação dos seus direitos. (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012, p.193)

Segundo Karnal et al. (2014), mesmo com a escravidão abolida, a nação acreditava, na sua maioria, na inferioridade da raça negra. Até entre os abolicionistas, eram poucos que aceitavam os afro-americanos como intelectual e politicamente iguais. Em 1875, o Tennessee adotou a primeira lei Jim Crow, que se refere ao princípio “separados, mas iguais”, “estabelecendo afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurante, teatros, entre outros. Em 1885, a maior parte das escolas sulistas também foram divididas em instituições para brancos e para negros”. (KARNAL et al., 2014, p. 145). Foi só a partir da década de 1950 que a suprema corte derrubaria a ideia de segregação.

Em 1867, surge uma corrente extremista, que defendia o extermínio da “população inferior”. O Ku Klux Klan foi ancorado em uma antiga tradição de linchamento dos negros. A organização começa a partir da união de vários grupos locais e associações clandestinas racistas. Entre 1867 e 1871, vinte mil pessoas foram mortas por organizações como esta. Alguns desses grupos utilizavam lençóis brancos simbolizando os senhores mortos durante a Guerra Civil.

Os anos 1950 ficaram marcados pelo início de um dos mais importantes movimentos sociais do país, a luta pelos direitos civis. Martin Luther King Júnior foi o líder das batalhas contra a discriminação racial.

Os afro-americanos no Sul nos anos 50 ainda tinham poucos direitos civis e políticos, se tivessem. Em geral, não podiam votar. Os que tentaram recensear-se enfrentaram a possibilidade de espancamentos, perda de emprego, perda de crédito ou expulsão das suas terras. Ainda ocorriam linchamentos ocasionais. As leis de Jim Crow obrigavam à segregação de raças nos transportes públicos, comboios, hotéis, restaurantes, hospitais, estruturas recreativas e no emprego. (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012, p. 299-300)

Em 1955, a costureira afro-americana Rosa Parks, contrariando a segregação dos espaços públicos, sentou-se na parte da frente de um ônibus, local destinado aos brancos. Ela se recusou a utilizar os espaços para negros e foi presa. Líderes afro-americanos organizaram um boicote aos ônibus. Martin Luther King Jr. tornou-se um dos porta vozes do protesto. Um ano depois, o Supremo Tribunal determinou que a segregação dos negros em espaços públicos era inconstitucional.

A luta pela igualdade atingiu o seu ponto alto na década de 1960. Surgiram novos líderes ao movimento, como Malcom X, um dos maiores defensores dos direitos negros dos Estados Unidos. Houve também o surgimento dos movimentos de *black power*. Segundo Karnal (et al., 2014), o Partido dos Panteras Negras ganhou bastante popularidade nos bairros negros de grandes cidades. Fundado por universitários negros da Califórnia, o grupo buscava a “autodefesa armada” contra policiais racistas e fez alianças com progressistas brancos contra a guerra.

Nesta década, foram organizados grandes comícios, como a Marcha para Washington, em 1963. Mais de 200 mil pessoas estiveram presentes no discurso de Martin Luther King Jr. “Tenho um sonho de que um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, filhos de ex-escravos e filhos dos seus antigos senhores poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade” proclamou. Cada vez que ele repetia o refrão “Eu tenho um sonho”, a multidão exultava. (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012, p. 305).

O legado do movimento dos direitos civis foi o acesso igualitário aos serviços públicos, o fim da política de segregação nas escolas, a criação de ações afirmativas e cotas raciais, que permitiram aos negros ingressos nas universidades e serviços públicos. Houve uma expansão da classe média negra. Apesar disso, a maioria dos negros permaneceu na pobreza. De acordo com Karnal (et al., 2014), a situação econômica nos guetos negros nos centros das grandes cidades piorou ao longo dos anos 1970-1980. Um terço da população negra ficou abaixo da linha da pobreza. No fim dos anos 1990, a renda das famílias brancas era quatro vezes maior do que a das famílias negras.

Em 2009, os Estados Unidos tiveram o primeiro presidente negro da história, Barack Obama. Isso evidenciou que os negros podem assumir espaços de poder. Claro que ele é uma exceção entre tantos afro-americanos. Obama estudou em Columbia e Harvard, que estão entre as melhores universidades do mundo. Em uma entrevista, o ex-presidente afirmou que os Estados Unidos ainda não se curaram do racismo. "O legado da escravidão, de (leis de segregação racial) Jim Crow, da discriminação em quase todos os compartimentos de nossas vidas, tem um impacto duradouro e que continua a fazer parte do nosso DNA⁶⁹".

Americanos que buscam combater o racismo precisam entender três pontos. Primeiro, o racismo nesse país é produto de mais de 300 anos de subordinação sistemática de índios e negros pela maioria branca, além da subordinação de ainda outros grupos. As atitudes racistas, comportamentos padrão, estruturas institucionais e herança cultural construídos através de três séculos são profundamente enraizados na nossa sociedade. Eles não podem ser erradicados do dia para a noite ou só em alguns anos. Além disso, o combate efetivo do racismo vai exigir contínua e prolongada persistência de brancos e negros. Eles devem se comprometer profundamente, na verdade, se dedica a esse objetivo⁷⁰. (COMISSÃO DOS DIREITOS CIVIS DOS ESTADOS UNIDOS, 1970, p. 38, tradução nossa)

⁶⁹ Portal G1. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/obama-diz-que-eua-ainda-nao-se-curaram-do-racismo.html>. Acesso em 6 de junho de 2019.

⁷⁰ Americans seeking to combat racism should understand three additional points. First, racism in this country is the product of more than 300 years of systematic subordination of Indians and negroes by the white majority, plus latter subordination of still other groups. The racist attitudes, behavior patterns, institutional structures, and cultural heritage built up over these three centuries are profoundly embedded in our society. They cannot be eradicated overnight, or in just a few years. Therefore, effectively combating racism will require continuous and prolonged persistence by both whites and negroes. They must be deeply committed - indeed, dedicated - to this goal.

A comissão dos direitos civis apontou medidas para eliminar ou neutralizar o racismo. Entre elas, a conscientização de toda a população sobre a existência do racismo e todas as suas formas, aumentar o potencial e as capacidades da comunidade negra criando oportunidades econômicas e sociais, desenvolver programas e leis que beneficiem as minorias e que esses benefícios sejam estendidos, conseqüentemente, à maioria branca e aumentar o contato entre brancos e negros, na convivência, nos círculos de amizades. Eles têm dois objetivos essenciais: mudar o comportamento dos brancos para eles não apoiarem o racismo tanto consciente quanto inconscientemente e aumentar a potencialidade das minorias para que elas possam superar os obstáculos que o racismo impõe.

A pesquisadora Michele Alexander (2018) acredita que apesar das leis Jim Crow terem sido revogadas na década de 1960, hoje existe outro tipo de segregação nos Estados: o encarceramento em massa. Os Estados Unidos têm 5% da população mundial e 25% dos prisioneiros do mundo. São milhões de pessoas pobres e não brancas atrás das grades, muitas devido a uma “guerra às drogas”. “O número de pessoas presas por delitos de drogas, sozinho, por si, é assustador - aumentou de 50 mil nos anos 1980 para quase 500 mil hoje, mais do que o número de pessoas que a Europa Central prende por todos os crimes” (ALEXANDER, 2018, p. 24)

O que mudou desde o colapso das Jim Crow tem menos a ver com a estrutura básica da nossa sociedade que a linguagem que usamos para justificá-la. Na era da neutralidade racial (color blindness), não é mais socialmente permissível usar a raça, explicitamente, como justificativa para a discriminação, a exclusão e o desprezo social. Então não a usamos. Em vez de nos servirmos de raça, usamos o nosso sistema de justiça criminal para pregar nas pessoas não brancas o rótulo de “criminoso” e, com isso, nos permitimos prosseguir com as mesmas práticas que supostamente teríamos deixado para trás. Hoje é perfeitamente lícito discriminar criminosos nos mesmos termos que antes era lícito discriminar norte-americanos. Uma vez que você tenha sido rotulado de delinquente, as velhas formas de discriminação - no momento de conseguir emprego ou moradia, no momento de supressão do direito ao voto, na restrição de oportunidades educacionais, na restrição de oportunidades educacionais, na exclusão do programa de vale-alimentação e de outros benefícios públicos ou na exclusão de participação de juris. Na condição de criminoso, você praticamente não terá mais direitos, e possivelmente terá menos respeito do que um homem negro vivendo no Alabama na época do Jim Crow. Nós não acabamos com as castas raciais nos Estados Unidos, apenas remodelamos. (ALEXANDER, 2018, p. 40-41)

O presidente Ronald Reagan anunciou a política atual de Guerra às Drogas em 1982. A primeira-dama, Nancy Reagan, liderou uma campanha chamada “Just Say No”, que pretendia conscientizar contra o uso de drogas recreativas. A campanha saiu de campo institucional e tomou os veículos de comunicação. No oitavo episódio da segunda temporada do seriado “Punky, a levada da breca”, de 1985, com o título “Só diga não” (o mesmo slogan da campanha anti-drogas de Reagan, meninas mostram drogas para a personagem principal (maconha, cocaína e pílulas) e oferecem um baseado para Punky, mas a garota diz “não”. A campanha foi tão intensa que uma série que mostrava uma menina da sexta série é usada para disseminar uma campanha política.



Imagens 15: Esquerda - Nancy Reagan na campanha “Just Say No”, em 1982. Direita: Episódio do seriado “Punky, a levada da breca”, de 1985, que foi ao ar no Brasil no canal SBT. Fonte: <en.wikipedia.org/wiki/Just_Say_No#> <http://chellehell.blogspot.com/>



Imagem 16: Manifestante segura a faixa com a frase “Só diga não ao novo Jim Crow”. Fonte: <https://newrepublic.com/>

O crack foi uma das drogas perseguidas pelo então presidente. O narcótico estava disseminado nas ruas de bairros negros e pobres dos Estados Unidos.

De fato, a Guerra às Drogas começou em um momento que o uso de drogas estava em declínio. Durante esse período, contudo, uma guerra foi declarada, levando um aumento vertiginoso de prisões e condenações por delitos relacionados a drogas, especialmente entre pessoas não brancas. O impacto da guerra contra as drogas tem sido aterrador. Em menos de trinta anos, a população carcerária dos Estados Unidos explodiu: de 300 mil passou para dois milhões - e as condenações ligadas às drogas foram responsáveis pela maior parte desse aumento. (ALEXANDER, 2018, p. 46-47)

A ex-primeira-dama Hillary Clinton foi confrontada⁷¹ por manifestantes em um evento de caridade, em 2016. Eles pediam para a então candidata à presidência pedir desculpas pelo encarceramento em massa promovido no governo do seu marido, Bill Clinton, em uma nova guerra contra as drogas, em 1994, chamada de *Crime Bill*. A medida, na época, acabou aumentando o número de prisões entre minorias. Na ocasião, foram destinados⁷² 30 bilhões de dólares divididos em contratação de 100 mil policiais, fundo para prisões e expansão das penas de morte. Hillary pediu desculpas por usar o termo “superpredador” para designar os criminosos, o que alguns pesquisadores afirmaram ter sido constantemente repetido pela mídia da época para estigmatizar os negros.

Não foi um acidente que Bill Clinton foi o primeiro democrata a vencer a reeleição à presidência desde Franklin Roosevelt. Aumentando os cortes de assistência social, aumentando período de prisão e despesas policiais, a pena de morte, e posições não previamente identificadas com o seu partido, ele desarmou o que foi uma das mais efetivas armas do arsenal conservador⁷³. (ENTNAM e ROJECKI, 2000, p.77, tradução nossa)

⁷¹ Site CNN. Disponível em <https://edition.cnn.com/2016/02/25/politics/hillary-clinton-black-lives-matter-whichhillary/index.html>. Acesso em 2 de abril de 2019.

⁷² Site BBC. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-36020717>. Acesso em 3 de abril de 2019.

⁷³ It is no accident that Bill Clinton was the first Democrat to win reelection to the presidency since Franklin Roosevelt. By acceding to welfare cutbacks, increased jail terms and police expenditures, the death penalty, and similar positions not previously identified with his party, he disarmed what had been some of the most effective weapons in conservatives' arsenals. Tradução Nossa.

Alexander (2018) estima que um em cada três homens afro-americanos jovens passará algum tempo da sua vida na prisão, se as tendências atuais persistirem. A autora defende que além de questões afirmativas, a sociedade deve buscar uma reforma do sistema prisional. “Enquanto um grande número de afro-americanos continuar a ser preso e rotulado como ‘criminoso de drogas’ eles continuarão a ser relegados a uma condição permanente de pessoas de segunda classe não importa quanto tempo passem atrás das grades” (ALEXANDER, 2018, p. 58-59).

Em maio de 2019, a Netflix também lançou a série “Olhos que Condenam”, baseada em uma história real, que conta a trajetória dos *Central Park Five*, cinco garotos do Harlem, entre 14 e 16 anos, que foram condenados pelo estupro de uma mulher no Central Park, em 1989. A polícia de Nova Iorque teria incriminado os jovens sem provas. Testes⁷⁴ de DNA feitos na época não comprovaram a participação dos adolescentes no crime, mesmo assim eles foram declarados culpados e condenados de 6 a 13 anos de reclusão.

Donald Trump realizou uma campanha para a prisão dos jovens, como veremos no próximo capítulo. Em 2001, um preso condenado por assassinatos e estupros confessou que cometeu o crime e os cinco foram considerados inocentes, depois de já terem cumprido a pena estipulada. A série mostra a dificuldade que os jovens, acusados injustamente, tiveram em conviver em sociedade depois de cumprirem a pena, sendo segregados socialmente, antes de terem a sua inocência comprovada duas décadas depois.

(Agente de condicional) - Em três anos, quando terminar a liberdade condicional, terminaremos por aqui, mas terá que aparecer por aqui (fórum) a cada 90 dias para o resto da vida ou será preso novamente. (personagem Raymond Santana) - Para o resto da vida? (Agente de condicional) - Sabe o horário de se recolher? (Raymond Santana) Sim, das 19h às 9h da manhã. (Agente de condicional) E onde deve ficar? (Raymond Santana) Em casa. (Agente de condicional) A lei diz dentro de casa, não é na calçada ou na varanda, dentro toda a noite até às 9h da manhã. (Raymond Santana) - E quando meu chefe mandar ir mais cedo? (Agente de condicional) Arranje outro emprego (Agente de condicional) Já teve um emprego fora da prisão? Já preencheu uma inscrição de emprego? Só para praticar (preenchendo a ficha de emprego em um restaurante) Tem que assinalar as opções: A - Você já foi preso? B - Já cometeu um crime? Essa opção de “cometeu um crime” te protege. Está vendo aquele cara ali? É o Vince Martinez. Quatro anos preso em Clinton. Porte de Drogas. Saiu há 15 anos.

⁷⁴ BBC News. Disponível em <https://www.bbc.com/news/newsbeat-48609693>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

Assinale essa opção e, imediatamente, não trabalhará com ele, pois ele também é um ex-presidiário. Como condição da sua liberdade, não pode se associar com ex-presidiários. O que acontecerá se não assinalar essa opção e acabar trabalhando com Martinez porque te colocaram nesse horário? Será preso novamente. “É um agressor sexual registrado?” Isso diz ao seu supervisor: “Não me coloque para entregar Lanche Feliz”. Será preso rapidinho. Não pode ficar perto de crianças que não sejam parentes. Para sempre, entendeu? Não só nos próximos três anos. (Raymond Santana) Para quem vou trabalhar com tudo isso contra mim? (Agente de condicional) Para qualquer um que aceitar (OLHOS QUE CONDENAM⁷⁵, Temporada 1, episódio 3)



Imagem 17: Série lançada pelo Netflix em 2019 conta a história de cinco adolescentes que foram condenados injustamente. Fonte www.netflix.com

Segundo Borges (2019), no Brasil também há um encarceramento em massa. O tráfico de drogas lidera as tipificações para prisão. Da população prisional, 26% dos homens e 62% das mulheres estão presos por esse tipo de crime. Desse total, 54% cumprem pena de até oito anos, demonstrando que reclusão é a única alternativa diante pequenos delitos.

A Lei nº 11.343 de 2006, chamada Lei de Drogas, é um dos principais argumentos no qual se baseia e se legitima o superencarceramento. Em 1990, a população prisional no Brasil tinha pouco mais de 90 mil pessoas. Na análise histórica, chegando aos mais de 726 mil, hoje, temos um aumento de 707% de pessoas encarceradas. O crescimento abrupto acontece, exatamente, após 2006 e a aprovação da Lei de Drogas. De 1990 a 2005, o crescimento da população prisional era de cerca de 270 mil em 15 anos. De 2006 até 2016, pela fonte de dados que tenho utilizado, ou seja, oito anos, o aumento foi de 300 mil pessoas. (BORGES, 2019, p. 24)

⁷⁵ Série Olhos que Condenam. Disponível em www.netflix.com. Acesso em 25 de setembro de 2019.

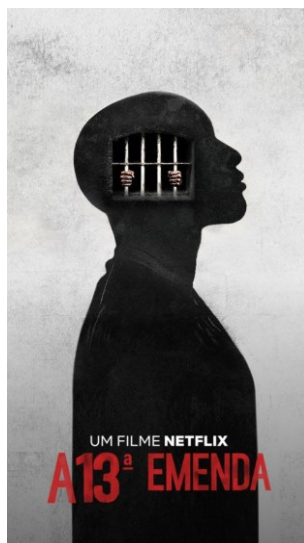


Imagem 18: Filme lançado pelo Netflix, em 2016, sobre a 13ª Emenda norte-americana e a sua ligação com o encarceramento em massa.

Fonte: www.netflix.com

Em 2016, a plataforma de filmes Netflix lançou um documentário⁷⁶ sobre a 13ª emenda à constituição norte-americana. O texto da lei fala “Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito a sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição de um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado.”⁷⁷ O filme retrata que há mais negros no sistema prisional hoje do que escravos no século 18. Os detentos acabam, dentro da prisão, servindo de mão de obra “escrava”, produzindo produtos para grandes marcas, como Victoria’s Secret, entre outras. A mídia também é mencionada por criar estereótipos mostrando negros como “superpredadores” e criminosos. A imagem do negro como infrator acaba sedimentando no inconsciente coletivo.

O movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam) foi criado em 2013 após a absolvição do assassino de Trayvon Martin, de 17 anos. O adolescente afro-americano estava caminhando por um condomínio, na Flórida,

⁷⁶ Documentário “13 emenda”. Disponível em <https://www.netflix.com/title/80091741?s=i&trkid=13747225>. Acesso em 2 de abril de 2019.

⁷⁷ “Neither slavery nor involuntary servitude, except as a punishment for crime whereof the party shall have been duly convicted, shall exist within the United States, or any place subject to their jurisdiction”. Tradução Nossa.

quando foi alvejado por um segurança. O caso se transformou em manifestações e luta do movimento negro norte-americano.

Black Lives Matter é uma intervenção política e ideológica em um mundo onde as vidas negras são sistematicamente e intencionalmente alvos da morte. Essa é a afirmação da humanidade das pessoas negras, nossa contribuição para a sociedade, e nossa resiliência em face a opressão mortífera⁷⁸. (Site Black Lives Matter⁷⁹, tradução nossa)

Estudos demonstram que a mídia relaciona também a figura do negro à crimes. Entman e Rojecki (2000) revelam que uma pesquisa feita em telejornais de rede nacional (ABC, CBS e NBC), em 1997, aponta que 75,5% das notícias focavam exclusivamente sobre brancos. Três quartos das notícias não traziam nenhum membro de grupos não brancos em nada, exceto papéis secundários, como pessoas em cenas de multidões. Apenas 6,3% das notícias focavam em atividades de grupos não brancos [latinos (1,3%), negros (2,9%), asiáticos (2,1%)]. No restante das reportagens, 18,2% misturam etnias, isso significa que elas retratam o envolvimento central de pelo menos um identificável membro de etnias minoritárias. Os brancos são 12 vezes mais propensos a figurar em notícias de canais de redes de televisão.

Proporcionalmente, negros aparecem três ou quatro vezes mais que brancos em notícias sobre crimes e esportes, na amostra anterior, e aproximadamente um terço nas notícias políticas. De certo modo, então, a imagem dos negros deteriorou: a cobertura das emissoras de rede retratou fortemente afro-americanos em papéis estereotipados associados com crimes e esportes e menos frequentes negros representados em papéis políticos e governamentais. Por outro lado, a emissora ABC veiculou mais notícias sobre políticas relacionadas à discriminação em 1997, refletindo em parte a controvérsia sobre ações afirmativas⁸⁰. (ENTNAM e ROJECKI, 2000, p. 66, tradução nossa)

⁷⁸ Black Lives Matter is an ideological and political intervention in a world where Black lives are systematically and intentionally targeted for demise. It is an affirmation of Black folks' humanity, our contributions to this society, and our resilience in the face of deadly oppression.

⁷⁹ Site Black Lives Matter. Disponível em <https://blacklivesmatter.com/>. Acesso em 2 de abril de 2019.

⁸⁰ Proportionally, Blacks appeared three or four times more often than Whites in crime or sports stories in the later sample, and about one-third as much in political stories. In a sense, then, the image of Blacks deteriorated: the network's coverage more heavily featured African Americans in stereotyped roles associated with crime and sports, as it less frequently depicted Blacks in political or governmental roles. On the other hand, ABC ran more stories on discrimination-related policy in 1997, reflecting in part the controversy over affirmative action.

Na análise das sonoras (fala dos entrevistados) presentes nas reportagens, a amostra da pesquisa demonstra que os telespectadores tinham 48 vezes mais chance de escutar um ou quatro depoimentos de entrevistados brancos do que de negros. Há também menos especialistas negros dando entrevistas. Os autores querem mostrar como a mídia intencionalmente reforça tendências negativas nas dinâmicas de grupos raciais, mesmo contribuindo para um movimento positivo em alguns momentos. As operações das mídias precisam estar conscientes de como elas lidam com indicadores da cultura racial.

Outro estudo apresentado por Entman e Rojecki (2000) reflete sobre a inclinação de ligar assuntos sobre violência e perigo aos negros. A pesquisa foi realizada em Chicago, terceira maior cidade dos EUA. “Com o slogan, se sangra, vende’, supõe-se que violência vende notícias, não só entretenimento.

Noticiários locais, frequentemente, veiculam mais imagens vívidas de violência que ‘entretenimento’ - sangue real, janelas quebradas, armas carregadas, corpos em macas. Telejornais, muitas vezes, retratam uma América urbana fora de controle. Noite após noite, as notícias transbordam com agressores e vítimas da violência⁸¹. (ENTMAN e ROJECKI, 2000, p.78, tradução nossa)

Segundo o FBI, 41% dos presos por crimes violentos em 1997 eram negros, e 32% dos presos por crimes de propriedade também eram negros. A habilidade da mídia em construir realidades, não necessariamente de acordo com as estatísticas oficiais e outros dados, acaba influenciando nas percepções do público, que acabam se tornando exageradas. Segundo Entman e Rojecki (2000), uma pesquisa realizada com diversos entrevistados, mostrou que as pessoas acreditavam que 60% dos presos por crimes violentos nos EUA eram negros, bem acima dos dados corretos. “Noticiários locais, com seu foco intenso em crime urbano, devem ter alguma responsabilidade pela percepção exacerbada⁸²” (ENTMAN e ROJECKI, 2000, p. 79, tradução nossa)

⁸¹ Local news shows frequently broadcast more vivid images of violence than "entertainment"- real blood, smashed windows, loaded guns, bodies on stretchers. Television news often portrays an urban America nearly out of control: night after night the news overflows with victims and perpetrators of violence.

⁸² Local news, with its typically heavy focus on urban crime, may have some responsibility for this exaggerated perception.

Nos telejornais de Chicago, analisados entre 1990 e 1991, os negros são mais representados do que brancos no papel de criminosos, os tornando símbolo de ameaça. A maioria das vítimas apresentadas nas reportagens era branca. Quando a vítima era caucasiana, o tempo das matérias tinha 185 segundos, já quando era negra o espaço era menor, com 106 segundos. Os telejornais apresentavam os afro-americanos em detenção pela polícia (sendo algemados, agarrados e imobilizados) duas vezes mais que brancos. É mais provável que negros sejam mostrados nas ruas ou com roupas de presidiário mais que brancos (54 por cento versus 31 por cento). A mídia também prestava mais atenção em casos que ocorrem em bairros ricos, do que em localidades pobres. De acordo com os autores, isso pode levar a reflexão de que vidas brancas valem mais do que vidas negras. Apenas 10% dos empregados em televisões locais eram negros e outras minorias formavam 8%.

É possível perceber que as emissoras trabalham sob a lógica da maioria branca, com reportagens produzidas por pessoas brancas para um público majoritariamente caucasiano. Por viverem nesta realidade, sem muitas vezes se dar conta dos privilégios que sempre tiveram, trabalhadores da mídia não se preocupam em mostrar uma realidade que não seja a que eles “imitam” e seguem reproduzindo, uma conjuntura defendida por quem tem medo de perder os próprios privilégios. Não entendem a realidade ao redor, não refletem sobre isso, o que leva a um caminho que sempre se repete e dinamizam imaginários já consolidados. A mídia reflete a sociedade. Se negros não têm oportunidades no cotidiano, também terão espaço reduzido, ou somente em determinados nichos, no conteúdo jornalístico.

Agora veremos a trajetória de um negro que trilhou um caminho que poucos têm acesso. Ele não é o retrato fiel da sociedade afro-americana, porque teve acesso a privilégios que raros possuem. Porém, a sua presença em uma posição de destaque nunca vista trouxe um vestígio de esperança em uma sociedade imbuída de preconceitos.

4 - BARACK OBAMA E A CONJUGAÇÃO DO VERBO NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL - “SIM, NÓS PODEMOS”

De onde vem essa pressão de anti-intelectualismo? (...) Na política e na vida a ignorância não é uma virtude. Não é legal não saber do que você está falando. (...) Qualidades como bondade, compaixão, honestidade, trabalho duro muitas vezes importam mais do que competência técnica e know-how, mas quando os nossos líderes expressam um desdém por fatos, quando eles não são responsabilizados por repetirem falsidades e só inventam coisas, enquanto verdadeiros especialistas são julgados como elitistas, então temos um problema. Sabem, é interessante, que se nós ficamos doentes, queremos realmente ter certeza que os médicos foram para a faculdade de medicina, que sabem do que estão falando. Se entramos em um avião dizemos que realmente queremos um piloto que seja capaz de pilotar um avião. E ainda assim, em nossas vidas públicas, realmente pensamos ‘eu não quero alguém que fez isso antes’. A rejeição de fatos, a rejeição da razão e da ciência, esse é o caminho para o declínio. Me chama atenção uma frase de Carl Sagan, que se graduou aqui em New Jersey. Ele disse: ‘Podemos julgar nosso progresso pela coragem dos nossos questionamentos e profundidade das nossas respostas, nossa vontade de abraçar o que é verdadeiro em vez daquilo que nos faz sentir bem

Barack Obama (discurso na Universidade Rutgers em 15 de

maio de 2016)

Conjugando verbos na terceira pessoa do plural, com o slogan “Sim, nós podemos”, Barack Obama reacendeu a chama da esperança entre os norte-americanos. O primeiro negro, ao assumir a presidência no país, tentou reescrever a história da nação marcada pelas leis Jim Crow.

Barack Hussein Obama II é filho de uma norte-americana caucasiana nascida no Kansas e de um pai africano do Quênia, que foi morar nos Estados Unidos para estudar na Universidade do Havaí e depois em Harvard. Desde criança conviveu com as diferenças e diversidades. Nasceu no Havaí, em 1961, mas aos seis anos foi morar na Indonésia, com sua mãe e padrasto. Aos dez anos, ele voltou para Honolulu para estudar e morar com os avós. Ingressou em uma universidade da Califórnia, depois fez o curso de Ciências Políticas na Universidade Columbia, em Nova Iorque. Em 1983, ele trabalhou como agente comunitário em Chicago. Posteriormente, estudou Direito na Harvard.

Em 2008, foi eleito 44º presidente norte-americano vencendo o republicano John McCain. O plano de governo, denominado “Mudança, nós

podemos acreditar nisso⁸³” (2008), apresentou os projetos para a renovação dos Estados Unidos. Obama falou sobre os valores do povo americano e as histórias de pessoas que conheceu ao longo da vida.

As pessoas que eu conheci sabiam que o governo não poderia resolver todos os nossos problemas, e eles não esperavam isso. Eles acreditavam em responsabilidade pessoal, trabalho duro e autoconfiança. Eles não gostavam de ver os dólares dos seus impostos desperdiçados. (...) Nós precisamos trabalhar muito e estudar mais, e ensinar nossas crianças a trocar os controles remotos e *vídeo games* por livros e tema de casa. E acima de tudo, iremos precisar da gentileza dos políticos e políticas em Washington que finalmente refletem os melhores valores da América⁸⁴. (OBAMA, 2008, p. 3, tradução nossa)

No início da proposta, é afirmado que o país estava em meio a duas guerras, a do Iraque, que deveria terminar o mais breve possível, segundo Obama, e a do Afeganistão, que seria a frente central na luta contra o terrorismo. Segundo o então candidato, era necessário deixar de gastar dinheiro no Iraque e investir militarmente em combater a Al-Qaeda e o Talibã.

Nunca esqueceremos os quase três mil americanos mortos em 11 de setembro - mais do que perdemos em Pearl Harbor. E como nos unimos para combater esse inimigo, devemos sempre lembrar que o ataque não veio de um ditador, um país, um império. Veio de terroristas sem Estado, que distorcem o Islã e odeiam a América, que se refugiaram no Afeganistão e são os mentores de um enredo para matar americanos inocentes homens, mulheres e crianças com renúncia⁸⁵. (OBAMA, 2008, p. 21, tradução nossa)

No terceiro ano do primeiro mandato de Obama, no dia 01 de maio de 2011, o governo norte-americano comandou uma operação⁸⁶ para capturar o líder da Al-Qaeda, Osama Bin Laden, acusado de comandar os ataques

⁸³ Tradução Nossa. “Change we can believe in”

⁸⁴ “The people I’ve met know that government can’t solve all our problems, and they don’t expect it to. They believe in personal responsibility, hard work, and self-reliance. They don’t like seeing their tax dollars wasted. (...) We’ll need to work harder, and study more, and teach our children to replace remote controls and video games with book and homeworks. And most of all, we’ll need the kind of politics and policies in Washington that finally reflect the best values of America”

⁸⁵ “We will never forget that nearly three thousand Americans killed on 9/11 - more than we lost at Pearl Harbor. And as we unite to combat this enemy, we must always remember that he attack did not come from a dictator, a country, or an empire. It came from stateless terrorists, who distort Islam and hate America, took refuge in Taliban-run Afghanistan, and masterminded a plot to kill innocent American men, women, and children with abandon”

⁸⁶ Site CNN. Disponível em <https://edition.cnn.com/2013/09/09/world/death-of-osama-bin-laden-fast-facts/index.html>. Acesso em 24 de janeiro de 2019.

terroristas de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. Ele foi morto por forças especiais norte-americanas no Paquistão. Bin Laden estava escondido em um complexo. A morte de Bin Laden foi considerada um trunfo político de Barack Obama. No dia 18 de dezembro de 2011, as tropas americanas foram retiradas do Iraque, depois de oito anos de ocupação. Segundo Obama (2008), até 2008, mais de meio trilhão de dólares foram gastos na invasão e ocupação do Iraque.

Obama (2008) também defendia a diminuição dos impostos da classe média e idosos em vez de dar dinheiro para empresários. O então presidente lançou o *Obamacare*, chamado de Lei de Proteção e Cuidado ao Paciente, ou Ato de Proteção ao Paciente e Cuidado Acessível. Foi sancionada em 10 de dezembro de 2010. Essa legislação buscou controlar os preços dos planos de saúde e expandir os planos de saúde para uma maior parcela da população. Entre as mudanças⁸⁷, as seguradoras ficaram proibidas de recusar planos de saúde ou cobrar taxas a pessoas com histórico de doenças ou que não atendessem a determinados critérios prévios.

Em 2016, o *Obamacare* beneficiava 20 milhões de pessoas, e a expectativa era de chegar a 50 milhões em 2019, salvo mudanças na lei. Outra novidade trazida pelo *Obamacare* foi a obrigatoriedade de que empresas com mais de 50 funcionários ofereçam planos de saúde, ou paguem uma multa. Empresas menores poderiam solicitar benefícios fiscais em troca de oferecer assistência de saúde aos funcionários. A partir de 2014, os cidadãos dos EUA, exceto pessoas de baixa renda que não conseguiram dar entrada no *Medicaid*, eram obrigados a se cadastrar em planos de saúde, incluindo aqueles que não atenderiam aos critérios para receber subsídios federais. Quem não tivesse cobertura mínima precisaria pagar uma multa equivalente a 2,5% da renda anual. Segundo o jornal *The New York Times*⁸⁸, em 2010, quando a lei foi sancionada, 48 milhões de pessoas estavam sem plano de saúde nos Estados Unidos. Em 2016, esse número caiu para 28,6 milhões.

⁸⁷ Site O Globo. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/cinco-pontos-para-entender-que-o-obamacare-20792460>. Acesso em 13 de março de 2019.

⁸⁸ Site NYT. Disponível em <https://www.nytimes.com/2017/05/22/health/obamacare-health-insurance-numbers-nchs.html>. Acesso em 13 de março de 2019.

Na mudança de governo, o *Obamacare* sofreu alterações. Em dezembro de 2018, O juiz do Texas Reed O'Connor considerou⁸⁹ inconstitucional a obrigatoriedade de cada americano ter um plano de saúde. A obrigatoriedade de todos terem o plano tornava esses mais acessíveis. Antes em 2017, o congresso acabou com a multa para quem não fazia parte do *Obamacare*.

No seu governo, os EUA saíram da crise financeira, que iniciou devido a grandes gastos nas guerras do Afeganistão e Iraque, houve diminuição⁹⁰ da taxa de desemprego, de 10% para 4,6%. A renda média das famílias norte-americanas subiu 5,2% em termos reais (descontada a inflação). O país se comprometeu em cortar emissões de Co2 em 26%, em relação aos níveis de 2005, até 2025.



Imagem 19: Obama foi o primeiro presidente norte-americano a visitar Cuba em 88 anos. Fonte: <http://www.msnbc.com/>

⁸⁹ Site Jornal Nacional. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/12/15/nos-eua-juiz-federal-do-texas-declara-inconstitucional-o-obamacare.ghtml>. Acesso em 13 de março de 2019.

⁹⁰ Revista Época. Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2017/01/o-legado-de-barack-obama-os-maiores-feitos-de-seus-oito-anos-de-governo.html>. Acesso em 3 de abril de 2019.

Obama reestabeleceu⁹¹ as relações diplomáticas com Cuba, depois de meio século de embargo econômico. Foi o primeiro presidente a visitar a ilha em 88 anos. Na ocasião, prometeu que trabalharia com o congresso para acabar com o bloqueio econômico. Também realizou⁹² um acordo nuclear com o Irã, em Viena, para acabar com a expansão de armas nucleares, em 2015.

Foi o primeiro presidente a apoiar o casamento de pessoas do mesmo sexo. O poder judiciário, com apoio do executivo, aprovou a união homoafetiva em todo o país, antes cada Estado decidia a questão. Além disso, o então presidente se manifestou muitas vezes sobre questões raciais

Em 2012, após a morte do adolescente Trayvon Martin, que foi o estopim para o início do movimento *Black Lives Matter*, Obama pediu⁹³ uma investigação completa do crime. Ele disse que Trayvon podia ter sido filho dele ou ele mesmo há 35 anos.

Existem poucos homens afro-americanos nesse país que não tiveram a experiência de serem seguidos enquanto eles faziam compras em uma loja de departamento. Isso me inclui. Existem poucos afro-americanos que não tiveram a experiência de atravessar a rua e escutar o ruído de alguém travando as portas do carro. Isso acontece comigo - pelo menos antes de eu ser senador. Há poucos americanos que não tiveram a experiência de entrar em um elevador e ver uma mulher agarrando a bolsa nervosamente e respirando fundo até ela ter uma chance de sair⁹⁴. (Pronunciamento - Barack Obama - 19/07/2013 - Arquivos da Casa Branca⁹⁵)

⁹¹ Site G1. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/em-cuba-barack-obama-diz-que-vai-trabalhar-pelo-fim-do-embargo.html>. Acesso em 3 de abril de 2019

⁹² Portal El País. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/14/internacional/1436871657_431970.html. Acesso em 03 de abril de 2019.

⁹³ Portal G1. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/03/obama-diz-que-morte-de-jovem-negro-na-florida-e-uma-tragedia-e-pede-investigacao.html>. Acesso em 02 de abril de 2019.

⁹⁴ There are very few African American men in this country who haven't had the experience of being followed when they were shopping in a department store. That includes me. There are very few African American men who haven't had the experience of walking across the street and hearing the locks click on the doors of cars. That happens to me -- at least before I was a senator. There are very few African Americans who haven't had the experience of getting on an elevator and a woman clutching her purse nervously and holding her breath until she had a chance to get off. That happens often. Tradução Nossa.

⁹⁵ Site Arquivos da Casa Branca. Disponível em <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2013/07/19/remarks-president-trayvon-martin>. Acesso em 02 de abril de 2019.



Imagem 20: Obama foi o primeiro presidente norte-americano em exercício a visitar um presídio. Fonte <https://www.abc.net.au/>

Obama foi o primeiro presidente norte-americano em exercício a visitar ⁹⁶um presídio, em 2015. Na época, os EUA tinham mais presos que 35 países europeus reunidos. Uma das prioridades era reduzir a duração das condenações desproporcionais em relação aos crimes. Ele enfatizou o fato de negros terem mais possibilidades de serem detidos e receberem penas maiores que brancos quando cometem o mesmo tipo de crime.

Alexander (2018) assegura que Barack Obama e sua chegada ao poder não conseguiu alterar questões combatidas pela comunidade afro-americana.

A narrativa atual que enfatiza a morte da escravidão e do Jim Crow e celebra o “triunfo sobre a raça” da nação com a eleição de Barack Obama está perigosamente equivocada. O consenso público a respeito da neutralidade racial que prevalece nos Estados Unidos hoje - ou seja, a crença difundida de que raça não importa mais - nos cegou para a realidade de raça em nossa sociedade e facilitou a emergência de um novo sistema de castas (ALEXANDER, 2018, p. 54-55)

Segundo Oliveira-Monte (2018), existe um debate sobre uma possível era da pós-racialidade, que abordaria novos mercados, novas identidades, uma multiplicação e proliferação de inserções raciais, tornando a multiplicidade em negação. Uma rejeição de condições raciais e obstáculos contemporâneos ou

⁹⁶ Portal G11. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/07/obama-e-o-1-presidente-americano-em-exercicio-visitar-um-presidio.html>. Acesso em 02 de abril de 2019.

negação do legado racial conduzido pela desigualdade. Mesmo tendo Obama como uma referência para a sociedade negra, que agora podia se reconhecer em espaços de alto poder, a população afro-americana continua sofrendo e sendo segregada.

Em comunidades pobres, pessoas negras permanecem oprimidas, e, fora desses perímetros, eles são rapidamente lembrados que não importa o quão privilegiado são seus status de classe, eles ainda continuarão presos em esquemas de representação de estereótipos. Tensões raciais continuam sendo visíveis durante a presidência de Obama, na verdade, isso gravemente aumentou nos últimos anos de seu mandato⁹⁷. (OLIVEIRA-MONTE, 2018, p.2, tradução nossa)

Para a autora, o movimento *Black Lives Matter* instaurou tensões raciais no cerne dos debates de direitos humanos dos Estados Unidos. Na era Obama, o racismo permanecia na pós-racialidade, para ela, demonstrando que a eleição de um presidente negro não trouxe uma realidade social menos intolerante. Porém, o apelo simbólico da eleição dele persiste, mesmo depois de deixar o poder.

Em janeiro de 2016, Obama anunciou⁹⁸ uma série de medidas para combater a violência armada no país. Uma das ações seria fortalecer o sistema de controle de antecedentes de compradores e vendedores de armas. A previsão era de contratar mais funcionários para a Agência Federal de Drogas, Tabaco e Armas e destinar uma verba para o tratamento de pessoas com problemas psiquiátricos. A ideia era inserir no cadastro de antecedentes dados sobre problemas de saúde mental. No mesmo ano, pediu⁹⁹ ao congresso para aprovar uma legislação que impede o acesso a armas de guerra, após um massacre ter ocorrido em uma boate gay em Orlando.

Na era Obama, as relações entre Brasil e Estados Unidos foram amistosas. Em 2009, durante uma reunião do grupo dos 20 países desenvolvidos

⁹⁷ In poor communities, black people remained oppressed, and, outside their perimeters, they were quickly reminded that, no matter their privileged class status, they were still confined to stereotyped representational schemes. Racial tensions continued to be visible during Obama's presidency; in fact, they acutely escalated in the last years of his mandate.

⁹⁸ Portal G1. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/obama-apresenta-medidas-para-reduzir-violencia-com-armas-de-fogo.html>. Acesso em 7 de abril de 2019.

⁹⁹ Portal G1. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/obama-pede-ao-congresso-dos-eua-que-controle-armas-de-guerra.html>. Acesso em 7 de abril de 2019.

e em desenvolvimento, o líder norte-americano disse¹⁰⁰ que o então presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, era “o cara” e o político mais popular do mundo. Apesar das aparências, em 2018, Lula afirmou¹⁰¹ que o relacionamento com o republicano George W. Bush era melhor do que com Obama.

No governo Dilma Rousseff, o presidente norte-americano visitou¹⁰² o Brasil, em 2011, com o objetivo de aumentar as compras de petróleo brasileiro e diminuir a dependência do Oriente Médio. Em 2012, Dilma retribuiu a visita buscando parcerias para o programa Ciência sem Fronteiras, levando estudantes brasileiros às universidades dos EUA, também defendeu a participação de Cuba na Cúpula das Américas. A líder brasileira cancelou um encontro marcado em 2013, pois havia denúncias de que ela tinha sido espionada pela agência de segurança norte-americana.

Na dissertação “Barack Obama é brasileiro. Ressignificando relações de raça no Brasil contemporâneo¹⁰³”, Emanuelle Oliveira-Monte (2018) busca revelar o que a eleição de Obama significou para o Brasil. Segundo a autora, para os afro-brasileiros, a presença de Obama abre um imaginário político que era totalmente restrito a homens brancos burgueses. Obama representaria um senso de possibilidade, em que tudo pode acontecer, mesmo em face aos intransponíveis: racismo, machismo, classismo, mas no fim irá prevalecer o sonho americano. O slogan da campanha de Obama ‘Sim, nós podemos’ vai reverberar por anos inspirando a população negra brasileira que busca o sonho econômico de igualdade econômica, social, política e racial.

¹⁰⁰ Portal G1. Disponível em http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL1070378-9356,00-LULA+E+O+CARA+DIZ+OBAMA+DURANTE+REUNIAO+DO+G+EM+LONDRES.html. Acesso em 7 de abril de 2019.

¹⁰¹ Portal Folha de São Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/04/tinha-relacao-melhor-com-bush-que-com-obama-diz-lula.shtml>. Acesso em 7 de abril de 2019.

¹⁰² Portal BBC. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150628_visita_dilma_obama_jf_rm. Acesso em 7 de abril de 2019.

¹⁰³ Barack Obama is Brazilian. (Re) Signifying Race Relations in Contemporary Brazil. Tradução Nossa.



Imagem 21: Obama e Lula
Fonte: <https://diariopb.com.br/>



Imagem 22: Obama e Dilma, em visita ao Palácio do Planalto, no Brasil, em 2011.
Fonte: <https://ultimosegundo.ig.com.br/>

O relacionamento com a mídia pode ser resumido no depoimento dado na sua última conferência de imprensa. Ele agradeceu o trabalho dos jornalistas durante os oito anos de mandato. O então presidente enfatizou que uma imprensa livre era indispensável para a democracia.

Adorei trabalhar com todos vocês. Isso não significa, claro, que eu aprovei todas as matérias que vocês divulgaram, mas nesse ponto desse relacionamento, vocês não devem ser fãs, vocês supostamente devem ser céticos, vocês devem fazer perguntas duras. Vocês não devem elogiar, mas supostamente formar um olhar crítico sobre as pessoas que detêm um enorme poder e asseguram que sejamos fiscalizados pelas pessoas que nos enviaram para cá e vocês fizeram isso¹⁰⁴. (Conferência de Imprensa¹⁰⁵ - 18 de janeiro de 2017, tradução nossa)

A gratidão que ele apresenta ao trabalho dos jornalistas em servir a democracia, revela que ele está consciente da importância do trabalho jornalístico e do impacto das informações na vida da população. Um governo democrático não restringe e intimida a mídia, mas sim oferece todas as condições para que as notícias sejam uma espécie de prestação de contas do seu trabalho público a toda a população. A mídia não é o inimigo, ela é a mais importante ferramenta para a manutenção dos princípios democráticos e uma forma de dar consciência às questões do mundo.

Os dois mandatos do primeiro presidente negro dos Estados Unidos foram importantes para o avanço em diversas áreas, como saúde pública, relações exteriores, fortalecimento da economia e aproximação de temas como regulação de armas e racismo, mesmo não apresentando mudanças efetivas. Simbolicamente, o ato do povo “entregar” o poder do país mais poderoso do mundo a um homem negro, que faz parte de uma esfera da sociedade que foi desumanamente segregada, revelou que ainda havia esperança para um mundo mais justo.

Obama não acabou com todos os problemas dos afro-americanos, mas se tornou foco de representação de uma camada social que nunca pode imaginar, sem ter um exemplo, em ocupar um cargo tão alto, por não conseguir se enxergar nesta posição. Ele com certeza conseguiu inspirar uma geração de afro-americanos que sonham ultrapassar as barreiras do preconceito. Traz

¹⁰⁴ I have enjoyed working with all of you. That does not, of course, mean that I've enjoyed every story that you have filed, but that's the point of this relationship. You're not supposed to be (inaudible) fans, you're supposed to be skeptics, you're supposed to ask me tough questions. You're not supposed to be complimentary, but you're supposed to cast a critical eye on folks who hold enormous power and make sure that we are accountable to the people who sent us here, and you have done that.

¹⁰⁵ Site NYT. Disponível em <https://www.nytimes.com/2017/01/18/us/politics/obama-final-press-conference.html>. Acesso em 7 de abril de 2019.

consigo o mito de Dom Quixote. É o símbolo da luta pelo ideal (Braga, 2015), uma busca pelo altruísmo, trabalha em prol de algo que considera maior que ele próprio. Defende os fracos contra os fortes, de certa maneira. “O gesto quixotesco inspira ternura, ao passo que o prometeico suscita assombro” (p. 15). Há um tom otimista, que cultiva o heroísmo da vida.

Apesar disso, negros continuam sendo perseguidos pela polícia, sofrendo discriminação, grande parte da sua população permanece morando em habitações populares, têm renda inferior, estudam em escolas menos equipadas, localizadas em bairros periféricos. Com todas essas problemáticas, como os afro-americanos poderão concorrer igualmente ao mercado de trabalho? Como poderão atingir altas posições sociais como a de Obama?

Ainda há muita luta do movimento negro para que as oportunidades se equiparem. A sociedade norte-americana precisa de governantes que sigam avanços sociais e evite eleger líderes que desmantelem conquistas e debates que privilegiem o povo e as melhorias na qualidade de vida de quem menos tem perspectiva. Agora, passamos para uma narrativa prometeica, como símbolo de revolta e insubmissão, de Donald Trump e a “América Grande de Novo”.

4.1 - DONALD TRUMP E A CONJUGAÇÃO DO VERBO NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR - “A AMÉRICA GRANDE DE NOVO”

Não me importo em ser atacado e uso a mídia do modo como ela me usa - para atrair atenção. Quando tenho essa atenção, cabe a mim utilizá-la ao meu favor. Aprendi há muito tempo que, se você não tem medo de falar abertamente, a mídia escreverá sobre você ou suplicará para você aparecer em seus programas¹⁰⁶

Donald Trump

O menino nascido e criado no Queens, um dos distritos da cidade de Nova York, é filho de um norte-americano descendente de alemães e de uma escocesa, filha de pescadores¹⁰⁷, que foi para os Estados Unidos, seguindo a trajetória¹⁰⁸ de suas irmãs, que foram para a América e trabalhavam como empregadas domésticas. Donald John Trump tinha problemas de comportamento na escola, sempre envolvido em confusões¹⁰⁹, por isso foi transferido para uma instituição militar. É formado em Economia pela Wharton School of Pennsylvania. Já adulto, pegou emprestado do pai, locatário de inúmeros apartamentos no Queens e Brooklyn, um milhão de dólares e passou a investir na reforma e construção de prédios em Manhattan, se tornando um magnata do ramo imobiliário.

Trump é autor de 17 livros entre publicações sobre negócios e propostas para os Estados Unidos. Foi apresentador (2004 - 2015) de um dos realities shows de maior sucesso do país, O Aprendiz, ficando conhecido pelo bordão

¹⁰⁶ (TRUMP, 2017, p. 24)

¹⁰⁷ Revista The New Yorker. Disponível em <https://www.newyorker.com/news/news-desk/donald-trumps-immigrant-mother>. Acesso em 22 de janeiro de 2019.

¹⁰⁸ Revista Newsweek. Disponível em <https://www.newsweek.com/trump-mom-mary-anne-macleod-insecurity-deep-president-white-house-ivanka-758644>. Acesso em 22 de janeiro de 2019.

¹⁰⁹ (TRUMP, 2017, p. 149)

“Você está demitido¹¹⁰”. Entre 1989 e 2013, interpretou ele mesmo em 22¹¹¹ filmes e séries de televisão. Apareceu em dezenas de comerciais de TV. Em 2014, aos 68 anos, declarou ter um patrimônio de mais de oito bilhões de dólares. Iniciou sua campanha eleitoral para a presidência dos Estados Unidos em junho de 2015, pelo Partido Republicano¹¹². Ele havia cogitado a sua candidatura publicamente por cinco¹¹³ vezes desde 1988. Trump venceu a eleição de 2016 pelo total¹¹⁴ de 306 delegados e mais de 62 milhões de votos (46,42% do total de votos), contra 232 delegados e mais de 65 milhões de votos (48.53%) de Hillary Clinton, candidata democrata.

Tomou posse como 45º presidente dos Estados Unidos em janeiro de 2017. Segundo ele mesmo, é o presidente mais rico de todos os tempos. Declarado um republicano conservador e contra o politicamente correto. Em seu plano de governo, ele descreve o seu “placar conservador”:

Sistema de saúde acessível? Eis aqui a minha palavra - e jamais volto atrás na minha palavra: o *Obamacare*¹¹⁵ precisa ser repellido no menor prazo possível - e substituído por algo muito melhor. Reforma da Imigração? Existe alguém mais líder nesse tópico do que eu? Meu plano é simples: construímos um muro e retomamos o controle de nosso país. A aplicação extensiva da lei nas fronteiras. Os imigrantes legais devem falar ou aprender inglês, sem isso, jamais conseguem se integrar. Bebês âncoras¹¹⁶? Estão aqui há dias, e a criança, é habilitada a uma vida de benefícios enquanto outros levam a vida inteira para ganhá-los. Isso precisa acabar! O acordo com o Irã? Não podemos permitir que o Irã construa uma arma nuclear. Isso não é uma ameaça. É uma declaração de fato. Devemos prestar atenção tanto em nossos aliados como nos inimigos. A 2ª Emenda? Acredito que os direitos dos proprietários de armas que se submetam à lei devem ser inteiramente

¹¹⁰ “You’re fired”. Tradução nossa.

¹¹¹ Site IMDb. Disponível em https://www.imdb.com/name/nm0874339/?ref=nm_wrk. Acesso em 24 de setembro de 2018.

¹¹² Partido Republicano: Grand Old Party (GOP) É um dos dois grandes partidos políticos dos Estados Unidos. É mais alinhado ao pensamento crítico conservador ou liberal conservador. Parte dos republicanos defende a propriedade privada, o porte de armas, o livre mercado e a livre concorrência. Disponível em <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historia-america/partido-republicano-partido-democrata-nos-eua.htm>. Acesso em 22 de janeiro de 2019.

¹¹³ Site Revista Exame. Disponível em <https://exame.abril.com.br/mundo/eua-donald-trump-anuncia-pre-candidatura-a-presidencia-pelo-partido-republicano/>. Acesso em 24 de setembro de 2018.

¹¹⁴ Portal G1. Disponível em <http://especiais.g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/apuracao/>. Acesso em 24 de setembro de 2018.

¹¹⁵ *Obamacare*: Lei de Proteção e Cuidado ao Paciente, chamado comumente de Ato de Cuidado Acessível (Tradução Nossa para: Affordable Care Act). Faz parte da legislação federal, sancionada pelo presidente Barack Obama em 23 de março de 2010. A lei visa controlar os preços dos planos de saúde e busca expandir os planos de saúde públicos e privados para uma maior parcela da população americana, reduzindo o custo total.

¹¹⁶ Bebês âncoras: É um termo pejorativo usado para designar crianças nascidas em países onde há direito à cidadania por nascimento, que têm pais que não são cidadãos do país. Os bebês âncoras seriam usados para garantir o direito da família de ser residente legal no país.

protegidos. Defesa da liberdade religiosa? Acredito que a liberdade religiosa é o direito constitucional mais fundamental e deve ser protegido. Reparar nosso sistema fiscal defeituoso? Não há nenhum político que entenda o nosso sistema tributário como eu. Ele deve ser alterado para ser justo com todos os americanos - e simplificado. (TRUMP, 2017, p. 104-105)

Entre todas as propostas do seu governo, a que mais chamou atenção foi a caçada aos imigrantes sem documentação. Segundo Trump, “os imigrantes ilegais ocuparam empregos que deveriam ser destinados à nossa população legal, enquanto mais de 20% dos americanos estão atualmente desempregados ou em subempregos” (TRUMP, 2017, p. 9). Ele propôs a criação de um muro alto na fronteira com o México e a obrigação do governo mexicano pagar por ele. Como ele faria isso? Aumentando as taxas alfandegárias do México, elevando as tarifas dos vistos temporários e confiscando remessas derivadas de salários ilegais.

Esse “empreendimento” é comparado com a Muralha da China¹¹⁷. O atual presidente afirmou em seu livro “Grande outra vez. Como superar a América debilitada”, com suas propostas antes de assumir o comando do país, que existe a estimativa de 11 milhões de imigrantes ilegais nos Estados Unidos, mas que ninguém sabe este número ao certo, pois não há como rastreá-los. O que Trump (2017) garante é que alguns desses imigrantes são fontes de crimes, e que três milhões de prisões seriam atribuídas à população estrangeira. Para ele, permitir a imigração de milhares de refugiados sírios só pode trazer problemas.

Até o terceiro ano de governo, Trump não conseguiu tirar essa proposta do papel. Em setembro de 2018, ele ameaçou¹¹⁸ paralisar o seu governo, caso o congresso não liberasse dinheiro para a construção do muro. Parece que não foi possível fazer os mexicanos pagarem a conta da construção. Em 22 dezembro de 2018, o governo foi paralisado¹¹⁹ parcialmente devido ao impasse entre a Casa Branca e os democratas sobre a destinação de recursos para a edificação do muro, que custaria 5,7 bilhões de dólares. Como o orçamento não

¹¹⁷ Construção arquitetônica do período imperial chinês, criada com finalidade militar. O objetivo era impedir a entrada de tribos nômades oriundas da Mongólia e da Manchúria. Pretendia defender o norte do país contra esses invasores. Site Brasil Escola. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/china/muralha-china.htm>. Acesso em 24 de setembro de 2018.

¹¹⁸ Site CBS. Disponível em <https://www.cbsnews.com/news/government-could-shut-down-on-friday-if-congress-does-not-pass-funding-bill/>. Acesso em 26 de setembro de 2018.

¹¹⁹ O governo sofreu o *Shutdown* - que é uma paralisação sofrida por parte dos órgãos governamentais dos Estados Unidos quando o orçamento não é aprovado pelo congresso americano.

foi aprovado, foram adiadas as votações. Foi estimado que um quarto das atividades governamentais deixaram de funcionar. Cerca de 800 mil funcionários públicos ficaram sem receber salário durante o período, parques e museus fecharam as portas. Essa foi a maior¹²⁰ paralisação do governo na história do país. Como não conseguiu o que queria, em fevereiro de 2019¹²¹, declarou emergência nacional. Isso permitiu que ele ignorasse o congresso e tivesse acesso a bilhões de dólares para a construção do muro. No dia 14 do mesmo mês, o Congresso aprovou a liberação de 1,3 bilhão de dólares para construir barreiras em pontos específicos da fronteira, mas não um muro, e não os 5,7 bilhões de dólares que Trump queria.

Outro ponto destacado nesta proposta seria encerrar ou reduzir as chamadas cidadanias inatas, ou os bebês-âncoras. “O fato de a 14ª emenda ter sido interpretada como significando que qualquer criança nascida nos EUA automaticamente é cidadã americana - e que esse bebê pode ser usado como uma âncora para manter a família aqui - é o maior imã para atrair imigrantes ilegais”. (TRUMP, 2017, p. 39). Após assumir o poder, Trump começou¹²² a colocar em prática a sua política anti-imigração. Em 2018, a política de tolerância zero começou a ser cumprida. Em abril do mesmo ano, o governo passou a processar criminalmente quem ingressa no país ilegalmente. Entre abril e maio, mais de dois mil meninos e meninas, com idades entre dois e quatro anos, foram separados dos pais, que foram para uma prisão federal, e colocados em abrigos. Esse fato gerou uma comoção internacional.

Essa crise humanitária deu origem à capa da revista Time, com o título “Bem-vindo à América”. A ilustração foi feita com a foto de uma menina hondurenha de dois anos que chorava enquanto a sua mãe era detida pela polícia de imigração na fronteira com o México. O registro foi feito pelo fotógrafo premiado com o prêmio Pulitzer John Moore.

¹²⁰ Site G1. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/01/19/vistos-visitas-e-aeropostos-como-a-paralisacao-do-governo-dos-eua-afeta-o-brasileiro.ghtml>. Acesso em 22 de janeiro de 2018.

¹²¹ Site G1. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/02/15/trump-decreta-emergencia-nacional-para-conseguir-verba-para-muro.ghtml>. Acesso em 25 de fevereiro de 2019.

¹²² Portal G1. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/06/politica-de-imigracao-de-trump-causa-crise-humanitaria-no-pais.html>. Acesso em 24 de setembro de 2018.



Imagem 23: Capa Revista Time de 2 de julho de 2018
Fonte: <http://time.com/5317522/donald-trump-border-cover/>

Em 21 de junho de 2018, Trump cedeu à pressão e assinou¹²³ um documento para acabar com a separação das famílias nas fronteiras e determinou que pais e filhos fiquem detidos juntos por tempo indefinido. No mesmo mês, Trump assinou¹²⁴ um decreto anti-imigração, que limita ou restringe a entrada nos EUA de cidadãos de sete países (Coreia do Norte, Iêmen, Irã, Líbia, Síria, Somália, Venezuela), cinco de maioria muçulmana. A justificativa é proteger o país de ataques terroristas e ameaças à segurança nacional.

Outra proposta de campanha de Trump foi ter uma política externa que se baseia na força. Gastar dinheiro com as forças armadas, para ele, seria um investimento inteligente. Ele reforçou que os Estados Unidos são o país mais poderoso do mundo, que vão continuar a policiar o mundo, mas vão cobrar por isso. “Se outros países dependem de nós para a proteção, não deveriam estar dispostos a assegurar que tenhamos competência para fazer isso? Não deveriam estar dispostos a pagar pelos militares e equipamentos que fornecemos?” (TRUMP, 2017, p. 45). Ele criticou o dinheiro gasto defendendo a Alemanha, o Japão, a Coreia e o Iraque. Afirmou que os Estados Unidos são o

¹²³ O Globo. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/apesar-da-ordem-de-trump-mais-de-2300-criancas-continuam-separadas-dos-pais-22805286>. Acesso em 24 de setembro de 2018.

¹²⁴ Folha de São Paulo. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/06/politica-de-imigracao-de-trump-causa-crise-humanitaria-no-pais.html>. Acesso em 24 de setembro de 2018.

“Tio Otário”, que ajudam e gastam com os outros. Trump também reforçou a ameaça do Estado Islâmico.

Embora o Estado Islâmico seja nosso inimigo mais violento, ele ficou com o petróleo do Iraque e da Síria, de que deveríamos ter nos apossado. Esse petróleo, juntamente com a extorsão e os resgates, está financiando o exército deles. Defendo um bombardeio infernal nesses campos petrolíferos para cortar a fonte de dinheiro (...) O número de tropas do Estado Islâmico é relativamente pequeno. Nossa comunidade de inteligência estima que não passam de 30 mil a 50 mil combatentes. As pessoas geralmente ficam surpresas com esse número. O Estado Islâmico fez um trabalho tão bom promovendo o medo que as pessoas presumem que seja uma força muito maior. Não é. A força total do Estado Islâmico nem lotaria o Yankee Stadium. Assim, derrotá-lo exige um comprometimento real de atacar incansavelmente onde quer que esteja, sem parar, até que todos estejam mortos - e sempre angariando ajuda de outros países. (TRUMP, 2017, p. 49)

Trump declarava que o Irã era inimigo dos EUA e uma ameaça à existência de Israel. “Sempre adorei e admirei o povo judeu e apoiei a relação especial que temos com Israel. A admiração é tão grande, que em dezembro de 2017, Trump reconheceu¹²⁵ Jerusalém a capital de Israel e ordenou a transferência do local da embaixada norte-americana, que estava instalada em Tel Aviv. Esse ato foi considerado polêmico, pois os palestinos também reivindicam Jerusalém ocidental como capital de seu futuro Estado.

Na área da educação, Trump (2017) afirmava que o sistema estava se degradando, pois os EUA estariam na 26º posição entre os sistemas educacionais do mundo. A proposta dele era que a educação deixasse de ser ditada pelo governo federal e passasse a ser administrada localmente. Ele enfatizava que as escolas não ensinavam mais valores básicos, autodisciplina e habilidades práticas. “Em vez disso, estamos mais preocupados com que os jovens tenham autoestima e se sintam bem consigo mesmos do que prepará-los para a vida real. A turma do politicamente correto assumiu controle de nossas vidas, e como resultado estamos arruinando nossos filhos” (TRUMP, 2017, p. 61).

¹²⁵ Site G1. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/trumpreconhece-jerusalem-como-capital-de-israel.ghtml>. Acesso em 26 de setembro de 2018.

O presidente norte-americano era contra as energias renováveis e não acreditava que eles eram responsáveis pelo aquecimento global. Segundo ele, as mudanças climáticas não são causadas pelo homem e incentivava o uso e busca do petróleo como fonte de energia.

A conclusão final é que continuaremos dependentes do petróleo e do gás natural para atender nossas demandas de energia por um longo tempo no futuro. Portanto, se é para nos tornarmos independentes em termos de energia, precisamos continuar perfurando poços. A boa notícia é que temos enormes suprimentos de combustíveis fósseis. Precisamos apenas decidir ir em busca deles. (TRUMP, 2017, p. 75)

Em outubro de 2017, ele anunciou¹²⁶ a suspensão do plano de emissão de gases das usinas que geram energia elétrica a partir do carvão e gás natural, acabando com o Plano de Energia Limpa do governo Barack Obama. A meta do governo anterior era reduzir a emissão de gás carbônico em 32% até 2030. Esse plano ajudaria os EUA a cumprirem o Plano de Acordo Climático de Paris, adotado em 2015 por praticamente todos os países do mundo. Em junho de 2017, Trump anunciou que sairia do acordo de Paris, pois prejudicava a criação de empregos no país.

Além de atacar os acordos feitos por Obama, ele prometeu na sua campanha acabar com o Obamacare. A lei de Proteção e cuidado acessível ao paciente foi criada ¹²⁷por Barack Obama em 2010. Ela ampliava o acesso de cidadãos à cobertura de saúde, já que o país não tinha um sistema de saúde pública, mas sim privado. Trump dizia que o programa precisa ser acabado, mas não explicava nenhuma proposta para a área de saúde do país, apenas criticava a iniciativa do antecessor.

Sobre a legislação que libera o uso de armas, Trump afirmava que esse direito não deveria ser restringido. Ele defendia que criminosos e doentes mentais não deveriam ter acesso às armas, mas também não explicava como isso poderia ser feito. Para ele, parentes e amigos deveriam estar vigilantes quando alguém exhibe sinais de depressão ou comportamentos estranhos. “O

¹²⁶ Portal G1. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/10/eua-anunciam-suspensao-de-plano-que-restringia-emissao-de-gases.html>. Acesso em 26 de setembro de 2018.

¹²⁷ Site O Globo. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/cinco-pontos-para-entender-que-o-obamacare-20792460>. Acesso em 26 de setembro de 2018.

que é tolo e desnecessário são as críticas da mídia, que imediatamente vincula um crime de grande repercussão à arma e não ao criminoso”. (TRUMP, 2017, p. 119). Ele dizia que seus filhos são membros da Associação Nacional de Rifles (organização que busca defender a segunda emenda da Constituição), e que sente muito orgulho disso.

Trump (2017) também queria promover uma reforma tributária.

A realidade é que o atual código fiscal arrecada em excesso de dinheiro das pessoas que mais necessitam dele, enquanto permite que outras encontrem meios de reduzir sua carga tributária. Desestimula as grandes corporações de reinvestir lucros estrangeiros aqui e dificulta o crescimento das pequenas empresas. Absolutamente destrói empregos em vez de ajudar a criá-los. (TRUMP, 2017, p. 167)

Em seu plano de governo, pretendia reduzir os tributos para os americanos de classe média. O primeiro objetivo seria proporcionar um alívio fiscal. “Se você for solteiro e ganhar menos de 25 mil dólares ou casado e ganhar menos de 50 mil dólares, estará isento” (TRUMP, 2017, p. 168). Segundo Trump, essa medida eliminaria 75 milhões de famílias da lista do imposto de renda. Buscaria simplificar o código fiscal, acabando com as tarifas múltiplas e mantendo quatro alíquotas de 0%, 10%, 20% e 25%.

Também seria eliminado o imposto por morte, permitindo que as famílias conservassem o que foi ganho. “Com mais dinheiro no bolso da classe média, o gasto dos consumidores aumentará, as poupanças para a faculdade crescerão, e as dívidas pessoais diminuirão” (TRUMP, 2017, p. 169). No fim do primeiro ano de governo, Trump conseguiu aprovar¹²⁸ a reforma tributária. Houve a redução dos impostos cobrados de empresas de 35% para 21%. As quatro faixas de cobrança para pessoa física foram inclusas no pacote, mas os percentuais aumentaram para 12%, 25%, 35% e 39,6%, se comparado com a proposta de governo pré-eleição. Essa medida só vale até 2025. A dedução do imposto de renda por criança nas famílias aumentou de mil para dois mil dólares. A lei revogou parte do Obamacare, acabando com a obrigatoriedade de ter um plano de saúde. Foi dada também a permissão para a perfuração do santuário do Alasca para exploração de petróleo e gás. Houve a previsão de um acréscimo

¹²⁸ O Globo. Disponível em <https://oglobo.globo.com/economia/entenda-os-principais-pontos-da-reforma-fiscal-de-trump-22215736>. Acesso em 22 de janeiro de 2019.

de 1,5 trilhão na dívida fiscal ao longo de uma década. Trump criou uma polêmica ao criticar jogadores da liga de futebol americano que protestaram contra a violência policial que atinge os negros, em 2017. Os atletas do Pittsburgh Steelers se recusaram a entrar em campo para a execução do hino nacional. Integrantes de outros times também se manifestaram durante o hino, alguns se ajoelharam e outros se abraçaram. Trump condenou as manifestações e disse que as franquias deveriam demitir os jogadores que se manifestassem e ainda ofendeu os que se manifestaram. O jogador Colin Kaepernick, do San Francisco 49ers, que se ajoelhou no momento do hino, foi dispensado depois do incidente e moveu uma ação¹²⁹ contra a Liga de Futebol Americano acusando que havia um conluio para os times não o contratarem após a polêmica.

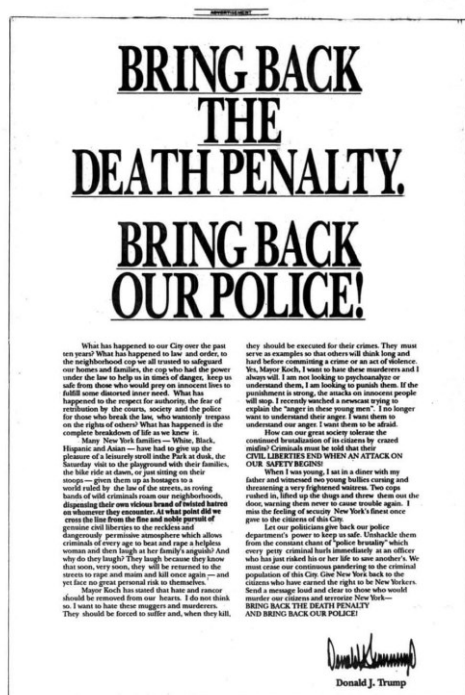


Imagem 24: Em 1989, Trump compra uma página inteira em quatro jornais diferentes para pedir a pena de morte a cinco jovens que foram acusados injustamente de estupro
Fonte <https://www.theguardian.com/>

Essa não é a primeira vez que ele se envolve com medidas racistas. Em 1989, Trump comprou¹³⁰ uma página em quatro jornais diferentes (por 85 mil

¹²⁹ Portal Globo Esporte. Disponível em <https://globoesporte.globo.com/futebol-americano/noticia/apos-pouco-mais-de-um-ano-kaepernick-entra-em-acordo-com-a-nfl-e-encerra-processo.ghtml>>. Acesso em 7 de abril de 2019.

¹³⁰ Site The Guardian. Disponível em <https://www.theguardian.com/us-news/2016/feb/17/central-park-five-donald-trump-jogger-rape-case-new-york>. Acesso em 7 de abril de 2019.

dólares), incluindo o The New York Times, pedindo a execução de cinco adolescentes, quatro afro-americanos e um hispano, por um crime que eles não cometeram. Os jovens foram acusados de estuprar uma mulher no Central Park naquele ano. Em 2002, outro homem confessou o crime e através de um teste de DNA foi comprovado que os cinco adolescentes eram inocentes e foram soltos.

Um dos pontos críticos do governo Trump é a relação com a mídia. O presidente norte-americano acusava a imprensa de distorcer e mentir em notícias sobre ele.

Para mim, é incrível o quanto a mídia neste país é desonesta. As pessoas às vezes esquecem que os jornais e as estações de TV são empresas que geram lucro - ou pelo menos tentam. Se têm que escolher entre fazer relatos honestos e lucrar, qual escolha você acha que farão? (TRUMP, 2017, p. 163)

Trump (2017) afirmou que o público prestava atenção numa matéria por menos de uma semana, isso especialmente quando alguém rende tantas histórias, como ele, e que acredita que as histórias negativas duram muito mais. “Sempre atraio uma multidão de jornalistas, que são como tubarões, esperando que eu derrame sangue na água” (p. 166). A mídia é acusada de imparcialidade e não saberia distinguir fato de opinião. A imprensa editaria o conteúdo e interpretaria para dar um significado diferente. O presidente acreditava que teria um relacionamento rentável com a mídia. “Assim, às vezes faço comentários chocantes e dou o que eles querem - espectadores e leitores - a fim de defender meu ponto de vista. Sou um empresário com uma marca para vender” (p. 24). Em novembro de 2018, Trump chamou¹³¹ a mídia de “inimiga do povo” em coletiva de imprensa.

Em quatro anos de governo, Trump fez 30.573 afirmações falsas, segundo¹³² organização de checagem de fatos. A média foi de 21 mentiras por dia. De acordo com pesquisadores, isso faz parte da era da pós-verdade.

¹³¹ Exame. Disponível em <https://exame.abril.com.br/mundo/trump-chama-imprensa-de-inimiga-do-povo-e-critica-reporter-em-coletiva/>. Acesso em 22 de setembro de 2019.

¹³²Portal Washington Post. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/politics/2021/01/24/trumps-false-or-misleading-claims-total-30573-over-four-years/>. Acesso em 10 de abril de 2021.

Segundo o dicionário Oxford¹³³, esse termo significa “relacionar ou denotar circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal¹³⁴”.

Kellner (2018) conta que Trump sempre esteve ao lado de inverdades. Na eleição de 2008, assegurava que Obama não era norte-americano e teria nascido na África, por isso não poderia ser candidato à presidência. Por conta dessa teoria conspiratória, chamada de “*bithers myth*”, a assessoria da campanha de Obama apresentou a certidão de nascimento do candidato provando que ele havia nascido no Havaí e notas falando de seu nascimento em jornais de Honolulu da época. Trump também falhou ao afirmar que a maioria dos imigrantes mexicanos não documentados são grandes causadores de problemas, criminosos, traficantes e estupradores, que não param de chegar aos EUA, quando dados oficiais mostravam que a imigração ilegal estava diminuindo.

Donald Trump é provavelmente o maior mentiroso na história da presidência norte-americana moderna. Ele conta repetidas grandes mentiras em vez de evidências empíricas e relatórios da mídia bem documentados, contraindo suas mentiras. Quando confrontado com evidências contrárias, Trump e seus manipuladores descartam qualquer fato crítico sobre Trump como “*fake news*” e “fatos alternativos”. Ecoando o presidente Mao e camarada Stalin, Trump chama a mídia de “inimiga do povo” e raramente passa um dia sem uma barreira de ataques e bravatas em sua conta no Twitter. Trump também é o maior enganador a ocupar a moderna presidência, constantemente gabando dele mesmo e suas magníficas realizações, nunca falhando em mentir pela enésima vez sobre suas conquistas e fabulosa presidência. Assim, o regime Trump pode ser visto como “pós-verdadeiro” e hiper-Orwelliano em seu uso de gritantes mentiras, propaganda e pura besteira¹³⁵. (KELLNER, 2018, p. 89, tradução nossa)

¹³³ Dicionário Oxford. Disponível em <https://en.oxforddictionaries.com/definition/post-truth>. Acesso em 6 de abril de 2019.

¹³⁴ “Relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief”. Tradução Nossa.

¹³⁵ Donald Trump is probably the biggest liar in the history of the modern US presidency. He tells repeated Big Lies despite empirical evidence and well-documented media reports contracting his lies. When confronted with contrary evidence, Trump and his handlers dismiss any critical claims about Trump as “fake news” and “alternative facts”. Echoing Chairman Mao and Comrade Stalin, Trump calls the media “the enemy of the people” and rarely does a day go by without a barrage of attacks and rants on his Twitter account. Trump is also the biggest bullshitter to inhabit the modern presidency, constantly bragging about himself and his magnificent accomplishment, never failing to BS to the nth about his amazing achievement and fabulous presidency. Thus, the Trump Regime can be seen as “post-truth” and hyper-Orwellian in its use of blatant lies, propaganda, and pure bullshit.

Após a candidatura de Trump à presidência, uma pesquisa que avaliou um mês de conteúdo midiático revelou que ele estava em 46% da cobertura da mídia sobre o campo republicano, baseado em acessos às notícias no Google, e também obteve 60% das buscas de notícias no site de buscas. “Como outros autoritários Trump usa grandes mentiras para mobilizar a sua base, mas nenhum político anterior constituiu sua campanha e seu mandato tão exclusivamente em grandes mentiras¹³⁶” (KELLNER, 2018. p. 91, tradução nossa). Trump apoiou a sua campanha no espetáculo midiático.

No primeiro dia de administração Trump declarou uma guerra contra a mídia. Kellner (2018) enfatiza que as notícias que não eram aprovadas pelo presidente eram acusadas por sua equipe de serem “fake news”. A base do governo Trump rotulou a grande mídia e o crescimento da imprensa anti-trump de “*false news*”.

A falta de pensamento crítico e desprezo por fatos e verdades por seguidores do Trump demonstram falhas no sistema de educação dos EUA e necessidade de uma reconstrução da educação se a democracia nos EUA sobreviver. Eleições democráticas exigem um eleitorado informado, capaz de distinguir entre verdadeiro e falso e enxergar através de mentiras e trapaças¹³⁷. (KELLNER, 2018, p. 98)

Kakutani (2018) afirma que Trump ataca a razão e a verdade. Ele criou uma guerra contra a linguagem e se esforça para normalizar o anormal. A verdade nos separa da autocracia.

Trump não fez nenhum esforço para acabar com sua ignorância a respeito das políticas interna e externa quando se mudou para a Casa Branca. Seu ex-estrategista chefe, Stephen Bannon, disse que o presidente só “lê o que reafirma suas crenças” e sempre negou, minimizou ou desconsiderou qualquer informação a respeito da interferência russa nas eleições de 2016. Como menções a esse assunto costumavam atrapalhar o andamento dos relatórios diários de inteligência, funcionários do governo contaram em entrevista ao *The Washington Post* que, às vezes, incluíam esse tipo de material somente na versão impressa de PDB (*Presiden’s Daily Brief*, o relatório

¹³⁶ Like other authoritarians, Trump uses Big Lies to mobilize his base, but no previous politician has founded his campaign and then presidency so exclusively on Big Lies nor lied so fulsomely; neither has any major presidential candidate in recent memory relied so heavily in his campaign on media spectacle.

¹³⁷ The lack of critical thinking and disregard for facts and truth in Trump’s followers demonstrates failures of the education system in the USA and the need for a reconstruction of education if US democracy is to survive. Democratic elections require an informed electorate, capable of distinguishing between true and false, and seeing through lies and deception. Tradução Nossa.

diário do presidente), que todos sabiam que ele raramente lia. (KAKUTANI, 2018, p. 30)

A relação de Trump com o Brasil foi diplomática. No governo Michel Temer, o presidente norte-americano enviou o seu vice, Mike Pence, para uma visita ao Brasil. Na ocasião, foi discutida a crise na Venezuela, as restrições dos EUA às importações de aço e alumínio e a cooperação espacial. Michel Temer assinou¹³⁸ um decreto que promulgou um acordo de Previdência Social entre EUA e Brasil. Já durante o governo Jair Bolsonaro, o então presidente brasileiro fez uma visita à Casa Branca. Eles trataram¹³⁹ sobre a crise na Venezuela e a saída do Brasil da Organização Mundial do Comércio para ter uma chance de concorrer a uma vaga na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.



Imagem 25: Donald Trump recebeu o então presidente Michel Temer para um jantar, o assunto discutido foi a crise na Venezuela.

Fonte: <https://noticias.uol.com.br/>

¹³⁸ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/temer-recebe-vice-de-trump-no-planalto-e-discute-situacao-de-criancas-brasileiras-separadas-dos-pais-nos-eua.ghtml>. Acesso em 7 de abril de 2019.

¹³⁹ Portal Folha de São Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/apos-elogios-e-concessoes-de-bolsonaro-trump-apoia-entrada-do-brasil-na-ocde.shtml>. Acesso em 7 de abril de 2019.



Imagem 26: Trump e Bolsonaro, em visita à Casa Branca, em 2019.
Fonte: <https://www.france24.com/>

O governo Trump reverteu algumas medidas do mandato de Obama, apoiando o fim da obrigatoriedade do Obamacare, tripudiou em acordos de redução de emissão de poluentes. Reforçou o imaginário do ódio ao outro, negros e imigrantes precisam ficar em seus lugares, segundo o presidente. O mito do caubói representa o racismo anti-imigrante, que percebemos no discurso e atitudes de Trump. A barreira física imposta por ele, como forma de muro, seria a tentativa frustrada de segregar o diferente. Como os imigrantes ajudaram a desenvolver o país e eles fazem parte da cultura e imaginário norte-americano é impossível impedi-los, evitá-los. Os Estados Unidos precisam de imigrantes para movimentar a economia e fazer o país funcionar. Todo o poder que emana no imaginário norte-americano atrai sonhadores que buscam uma vida melhor e próspera, mas para que essas pessoas consigam atingir os seus objetivos, precisam ignorar o racismo e segregação que os cercam. O preço que se paga para viver o sonho americano é muito alto.

5 DADOS GERAIS DO CORPUS

Neste trabalho a pesquisa realizada utiliza um método qualitativo, tendo foco no caráter subjetivo do objeto analisado. Apesar disso, para o conhecimento do processo de pesquisa como um todo, buscamos neste subcapítulo fazer um resumo dos dados quantitativos do trabalho, em caráter ilustrativo. Reiteramos, que este não é o objetivo principal e não representa a mitanálise, que será apresentada a seguir.

Para a elaboração da pesquisa, inicialmente, foram catalogadas 2.114 reportagens sobre os Estados Unidos no Jornal da Globo, disponíveis na página do telejornal no site Globo Play, de janeiro de 2013 a junho de 2020. Depois da catalogação de todo o material, as matérias foram divididas pelos mitemas analisados.

O tema “Poder pelas Armas” reúne 823 reportagens sobre ações militares, tiroteios em escolas, ataques terroristas, “guerra” cibernética, crises entre países e represálias de força, armas químicas e atentados. O mitema “poder pela opressão - racismo” está presente em 123 reportagens sobre atos racistas, perseguição aos imigrantes e políticas segregatórias.

Também foram destacadas reportagens sobre os dois governos que fizeram parte do período analisado. O ex-presidente Barack Obama teve as suas ações de governo como pauta em 141 reportagens durante o seu segundo mandato (2013-2017). O atual chefe do executivo Donald Trump teve uma presença mais expressiva no noticiário com 552 matérias (2017 - 2020).

Não fizeram parte do corpus 1.168 matérias que se referiam a outros temas, que não compõem o objetivo desta pesquisa, como economia, cultura, catástrofes naturais e a pandemia do novo Coronavírus nos Estados Unidos (129 matérias).

Temas	Número de matérias	Percentual
Total	2114	100%
Poder pelas armas	823	38,93%

Poder pela opressão	123	5,81%
Outros	1168	55,25%

Barack Obama	141	6,66%
Donald Trump	552	26,11%

*As reportagens que retratam os dois líderes também podem fazer parte dos dois mitemas analisados, assim a mesma reportagem pode ser abordada em duas perspectivas distintas.

Ano de 2013 - Espionagem e Guerra Civil na Síria

O primeiro ano do corpus da pesquisa se refere ao primeiro ano do segundo mandato de Barack Obama. Em 2013, a maior polêmica foi a denúncia de espionagem, em que os Estados Unidos foram acusados de interceptar conversas telefônicas e e-mails de cidadãos, além de monitorar os governos de diversos países como o Brasil, criando assim um incidente internacional. Essas interferências causaram desconforto ao governo de Dilma Rousseff.

A guerra civil na Síria e a utilização de armas químicas foram pauta constante na cobertura do Jornal da Globo. O impasse entre fazer uma intervenção ou não no país do Oriente Médio foi redundantemente retratado no Jornal da Globo. Na ocasião, os Estados Unidos forneceram armas aos rebeldes da Síria para enfrentarem o regime de Bashar-al Assad.

Em abril de 2013, dois irmãos chechenos, motivados pelo extremismo islâmico, acionaram duas bombas feitas em painéis de pressão na Maratona de Boston. O atentado resultou em três mortos e centenas de feridos. No mês de setembro, um atirador, ex-integrante da marinha americana, matou 12 pessoas e feriu outras 13 em uma base naval, próxima à Casa Branca. Seis pessoas também morreram em um ataque de um atirador próximo à Universidade de Santa Mônica, na Califórnia.

Foram celebrados os 50 anos do discurso de Martin Luther King Jr. Uma marcha que reuniu 250 mil pessoas pelos direitos civis e contra o racismo, em Washington, ficou marcada pelas palavras do reverendo. O ato foi um dos fatores

que colaboraram para acabar com leis segregacionistas e garantir o direito dos afro-americanos, mesmo depois de 100 anos da abolição da escravatura no país. Só em 1965, os negros tiveram garantido o direito ao voto. A fala de King no evento é considerada uma das mais importantes do século XX.

Ano de 2014 - Crise da Crimeia, aproximação de Cuba e violência policial

O destaque de 2014 no Jornal da Globo, envolvendo os Estados Unidos, foi a crise na Crimeia. Esse território é uma península que pertencia à Ucrânia. Nesse ano, houve uma revolução no país, que resultou na deposição do seu presidente. Houve protestos de milhares de pessoas que pediam a integração do território pela Rússia e também a autonomia e independência da Crimeia. Durante o impasse, os Estados Unidos e seus aliados, se mostraram contrários aos interesses russos.

Quarenta países formaram uma coalisão contra o Estado Islâmico¹⁴⁰ promovendo ataques dos Estados Unidos e aliados aos países do Oriente Médio, Iraque e Síria, nação já assolada pela guerra civil. Os terroristas do Estado Islâmico divulgaram vídeos mostrando que decapitaram dois jornalistas norte-americanos em menos de um mês. Na gravação, os terroristas acusam o presidente Barack Obama de ser o culpado das ações e pedem para que os EUA parem o lançamento de mísseis.

Após 18 meses de negociações, em dezembro, Obama anunciou a retomada de relações com Cuba. Sob um embargo comercial desde a década de 1960, que impedia exportações, o país da América Central fez um acordo para retomar relações diplomáticas com os Estados Unidos.

Em 4 de agosto de 2014, o jovem negro Michael Brown foi morto por um policial branco, em Ferguson, Missouri. A vítima estava desarmada e não tinha antecedentes criminais. O policial foi absolvido do crime. Houve protestos em dezenas de cidades norte-americanas contra a violência policial que atinge os afro-americanos. Em julho, o norte-americano negro Eric Garner foi morto

¹⁴⁰ Estado Islâmico - É um grupo radical sunita, criado a partir do braço iraquiano da Al-Qaeda, também conhecido como ISIS.

estrangulado por um policial enquanto era preso. Esses dois episódios foram alvo de manifestações em todo o país.

Ano de 2015 - Estado Islâmico, acordo nuclear com o Irã e atentados em Paris

Em 2015, o Estado Islâmico atraía jovens de todo o mundo. Segundo o Centro de Estudos do Radicalismo¹⁴¹, mais de 20 mil estrangeiros de 50 países se juntaram a grupos sunitas radicais em 2014 - entre eles, principalmente, o Estado Islâmico. O grupo controlava áreas do Iraque e Síria. Sendo um braço da Al-Qaeda, grupo autor dos ataques de 11 de setembro de 2001, desde que cortaram relações, os dois grupos viraram rivais.

O ano começou com o massacre promovido em um ataque terrorista ao jornal satírico Charlie Hebdo. Dois irmãos, ligados à Al-Qaeda, entraram na sede do periódico armados com fuzis. Houve doze mortos e onze feridos no ataque. Em 2012, o jornal publicou uma série de caricaturas de Maomé, depois de uma série de ataques às embaixadas dos Estados Unidos no Oriente Médio, o que levou o governo francês a fechar embaixadas em 20 países de maioria muçulmana. Em 2013, o editor-chefe da publicação entrou para a lista dos mais procurados pela Al-Qaeda. O serviço secreto dos EUA já sabia, antes do ocorrido, da ligação dos irmãos, autores do massacre, com o grupo terrorista.

Em novembro, Paris foi novamente alvo de ataques terroristas, desta vez do grupo Estado Islâmico. Sete ataques ocorreram no mesmo dia, com tiroteios e ações suicidas, em seis locais da cidade, com 137 mortos e 352 feridos. O local com maior número de vítimas foi o Teatro Bataclan, onde acontecia a apresentação de um grupo de Rock. O então presidente da França, François Hollande, se reuniu com Barack Obama em Washington para discutir ações contra o Estado Islâmico.

Um dos assuntos mais discutidos do ano foi o acordo nuclear com o Irã. As principais potências mundiais desejavam uma garantia de que o Irã não fabricaria bombas atômicas. Em contrapartida, o líder iraniano, o aiatolá Ali

¹⁴¹ Site G1. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/estado-islamico-conheca-o-grupo-seus-objetivos-e-suas-estrategias.html>. Acesso em 08 de setembro de 2020.

Khamenei exigia o fim das sanções econômicas contra o país. O acordo só foi efetivado por Barack Obama em janeiro de 2016.

O jovem negro Freddie Gray foi morto por um policial, o que gerou uma onda de protestos pelo país. A cidade de Baltimore criou um toque de recolher para tentar acabar com as manifestações. Quinze prédios foram queimados, lojas saqueadas e 144 carros incendiados.

Em junho, um atirador, que usava símbolos de grupos racistas na jaqueta, matou nove pessoas na igreja metodista Emanuel, em Charleston, na Carolina do Sul. No momento do crime, ocorria um grupo de estudos sobre a bíblia no prédio. O criminoso disse à polícia que matou os fiéis porque eram negros. O local foi fundado por afro-americanos no século 19 e virou ponto de manifestações de líderes do movimento dos direitos civis como Martin Luther King Jr.

Este também é o ano em que Donald Trump surge no noticiário na sua pré-candidatura com a sua maior promessa de campanha: a construção de um muro na divisa com o México, tentando manter os imigrantes ilegais longe do país.

Ano de 2016: Tentativa de Golpe na Turquia e polêmica sobre o e-mail de Hillary Clinton

Após uma tentativa de golpe militar na Turquia, o país declarou estado de emergência por três meses. O presidente da Turquia, Recep Erdogan, pediu a Barack Obama a extradição de Fethullah Gülen, um líder religioso turco, que morava nos Estados Unidos e teria acusado o presidente turco de corrupção. O governo turco enviou provas a Washington sobre o envolvimento de Gülen na tentativa de golpe no país. Obama informou que seguiria os trâmites legais.

Esse é o ano das eleições presidenciais. A democrata Hillary Clinton e o republicano Donald Trump se enfrentaram em um embate com muitas polêmicas. Em um escândalo envolvendo o FBI, Hillary foi acusada de, enquanto era secretária de Estado, usar um servidor privado de e-mail para comunicações oficiais em vez de usar o servidor do departamento de estado, assim colocando em risco a segurança de informações secretas. Durante as investigações, foram encontrados e-mails com informações confidenciais. O governo norte-americano

acusou a Rússia de invadir e divulgar conteúdo dos computadores do partido democrata para tentar influenciar nas eleições.

Um atirador matou 49 pessoas e feriu 53 em uma boate direcionada para o público gay, em Orlando, na Flórida. A tragédia gerou protestos nos Estados Unidos e pelo mundo. Com a repercussão, o então candidato à presidência Donald Trump e criticou propostas de restrição à compra de armas. Trump disse, em discurso, que Hillary vai revogar a emenda da constituição que garante o acesso às armas.

Ano de 2017: Crise nuclear na Coreia do Norte, interferência russa nas eleições e sanções à Venezuela

A Coreia do Norte foi o destaque de 2017. O país asiático realizou uma série de lançamentos de mísseis e o maior teste nuclear da história buscando intimidar os Estados Unidos, seu maior adversário. Donald Trump incluiu a Coreia do Norte na lista de países patrocinadores do terrorismo, permitindo que os Estados Unidos aumentem as sanções ao regime de Kim Jong-Un.

A polêmica da interferência russa nas eleições marcou o início do mandato de Donald Trump. Os serviços de inteligência dos Estados Unidos anunciaram que hackers russos, sob a ordem de Vladimir Putin, atuaram na campanha presidencial norte-americana para eleger Trump, invadindo os computadores do partido democrata. O diretor do FBI foi demitido por Trump e divulgou que o presidente havia pedido para que ele acabasse com a investigação com a suposta ligação do ex-assessor de Segurança Nacional Michael Flynn com a Rússia.

O governo norte-americano anunciou sanções econômicas contra o vice-presidente da Venezuela, Tareck El Aissami, acusado de ter um papel importante no tráfico internacional de narcóticos. Os seus bens foram congelados e ele foi proibido de realizar transações comerciais nos Estados Unidos. Donald Trump ameaçou retaliar a Venezuela caso Nicolás Maduro não suspendesse a convocação de uma Assembleia Constituinte. Um mês depois, Trump proibiu a compra de títulos que servem para financiar o governo Maduro e a empresa estatal venezuelana de petróleo.

Houve o ataque de um atirador com maior número de mortos na história dos Estados Unidos. O aposentado Stephen Craig Paddock fez os disparos do 32º andar de um hotel que ficava ao lado do local onde estava ocorrendo um show de música country, em Las Vegas. O tiroteio resultou em 59 mortos e mais de 800 feridos. Aconteceram mais três tiroteios no país, noticiados no Jornal da Globo.

Ano de 2018: Conflitos com a Coreia do Norte, tiroteios em escolas e ataque contra a Síria

O líder da Coreia do Norte, Kim Jong-un, convidou Donald Trump para um encontro. Jong-un prometeu suspender os testes de mísseis e bombas atômicas enquanto as negociações estivessem ocorrendo e aceitar os exercícios militares dos Estados Unidos com a Coreia do Sul. O diretor da CIA, Mike Pompeo, se encontrou com Kim Jong-un no país asiático. A expectativa era que o encontro entre Trump e o líder norte-coreano acontecesse até junho de 2018, mas não foi o que ocorreu.

Trump anunciou em rede nacional uma ofensiva à Síria, em abril, após um ataque químico na cidade de Duma, matando dezenas de civis, em que o governo sírio nega ter sido o responsável. Os russos disseram que as imagens do ataque químico foram uma encenação. As bombas lançadas pelos caças norte-americanos, franceses e britânicos, em represália, atingiram três alvos: um instituto de pesquisas na região de Damasco e duas bases militares na região de Homs. Segundo o Pentágono, os locais eram relacionados com a produção de armas químicas.

Em fevereiro, um massacre em uma escola deixou 17 mortos e dezenas de feridos, na Flórida. Um ex-aluno, de 19 anos, promoveu os disparos contra os estudantes com um rifle AR-15. O tiroteio foi contabilizado como o 18 do ano em escolas, em um mês e meio passado do início de 2018. Foi o maior incidente em instituições de ensino desde 2012. Esses atos evidenciam a facilidade de conseguir armas no país e levantam o debate sobre a política de armas. Um mês após a tragédia, estudantes tomaram as ruas em várias partes do país contra as

armas e pedindo para os políticos realizarem mudanças para dar um fim nos tiroteios em escolas.

Ano de 2019: Ameaça à Venezuela, Guerra Comercial com a China e Impeachment de Trump

O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, foi reeleito em 2018, mas o processo eleitoral foi acusado de várias irregularidades. Maduro assumiu o segundo mandato em janeiro de 2019. Em fevereiro, Donald Trump enviou carregamentos com ajuda humanitária para a Venezuela, que não foram autorizados a entrar pelo líder da Venezuela, fechando as fronteiras com o Brasil e a Colômbia.

Maduro afirmou que a ajuda seria uma desculpa dos norte-americanos para armar uma intervenção militar no país. Em agosto de 2019, o governo dos Estados Unidos impôs sanções econômicas totais contra o governo da Venezuela. Foram congelados todos os bens do regime de Nicolás Maduro.

Donald Trump foi alvo de um processo de impeachment que foi aberto em setembro de 2019. O presidente foi acusado de abuso de poder e obstrução do congresso. O inquérito foi aberto após a divulgação de uma ligação entre Trump e o então presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, em julho de 2019. Na ligação, Trump pediu para Zelensky investigar o ex-vice-presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, que era um dos favoritos a ser seu oponente nas próximas eleições. Em troca, Trump liberaria 391 milhões de dólares como ajuda militar à Ucrânia.

A acusação de abuso de poder é relativa ao uso do cargo como presidente para obter ganhos pessoais, no caso, alterar o processo eleitoral, atacando o seu futuro adversário. Trump também proibiu que funcionários do governo, que foram intimados, dessem depoimento à Câmara, assim caracterizando obstrução de justiça. O texto do processo de impeachment foi aprovado na Câmara, em dezembro de 2019, mas isso não significou perda do cargo, pois o processo ainda precisaria passar pelo Senado.

Impasses entre a China e os EUA, em uma guerra comercial, que ameaçava¹⁴² a economia mundial, foram um dos assuntos de maior destaque no Jornal da Globo. Tudo começou em 2018, quando Trump anunciou tarifas impostas aos produtos chineses. A partir disso houve tentativas de acordo, ameaças, mas nada saiu do papel. Em dezembro de 2019, os dois países anunciaram suspender novas tarifas para importações.

Ano de 2020: Novo Coronavírus, acordo nuclear com o Irã, fim do processo de impeachment de Trump e a morte de George Floyd

Até o fim do mês de junho de 2020, o assunto em mais evidência foi a pandemia do novo coronavírus e sua alta incidência, especialmente nos Estados Unidos. A doença só foi noticiada no Jornal da Globo no momento que foi divulgado o primeiro caso no país norte-americano, em 21 de janeiro.

Com mais de sete milhões de casos e mais de 200 mil mortes, nesse período, os EUA lideravam a lista de países mais impactados pelo COVID 19. Mesmo sendo minoria da população (13,4%), os afro-americanos foram a etnia que contabilizou o maior número de casos e mortes no país (60%¹⁴³ dos afetados). As causas seriam as condições sociais, o baixo acesso da população negra aos serviços de saúde e o alto grau de exposição no trabalho em serviços essenciais.

A manutenção do acordo nuclear entre o Irã e os Estados Unidos causou preocupação em todo o mundo. Em 2015, um acordo entre países suspendeu as sanções ao Irã caso o país se comprometesse a não desenvolver mais armas nucleares. Trump retirou os EUA do tratado em maio de 2018, restabelecendo sanções econômicas a Teerã. Em 2019, o Irã desafiou compromissos do acordo. Assim, Donald Trump impôs novamente sanções aos país.

Em janeiro de 2020, o presidente, Hassan Rohani, recusou a proposta de renegociar o acordo nuclear como Donald Trump propôs. Antes disso, no mesmo mês, os Estados Unidos promoveram ataques ao Irã. Um bombardeio no

¹⁴² Portal G1. Acesso em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/16/querra-comercial-entenda-a-piora-das-tensoes-entre-china-e-eua-e-as-incertezas-para-a-economia-mundial.ghtml>. Disponível em 12 de outubro de 2020.

¹⁴³ Portal CNN. Acesso em <https://edition.cnn.com/2020/05/05/health/coronavirus-african-americans-study/index.html>. Disponível em 12 de outubro de 2020.

aeroporto de Bagdá, ordenado pelos EUA, no início do ano, resultou na morte do chefe da guarda revolucionária iraniana, Qassem Soleimani. Em contrapartida, o Irã atacou bases militares americanas no Iraque. Em retaliação, os EUA impuseram sanções adicionais ao país do Oriente Médio.

Em fevereiro, Trump foi absolvido no processo de impeachment no Senado, que tem maioria republicana. Assim, o presidente permanece no cargo até 2021. Ele foi o primeiro presidente a enfrentar o processo de impeachment enquanto tentava se reeleger ao cargo.

Em maio de 2020, George Floyd, um homem negro, é morto por sufocamento por um policial. Floyd teria comprado cigarros em um mercado com uma nota de 20 dólares supostamente falsa. Após receber a ligação do estabelecimento comercial, quatro policiais foram ao local e um deles colocou Floyd no chão e pressionou o joelho contra o pescoço do homem por sete minutos e 46 segundos, enquanto Floyd dizia repetidamente "não consigo respirar".

O caso gerou a maior onda de protestos contra o racismo desde a morte do maior líder dos direitos civis, Martin Luther King Jr., na década de 1960. Em todo o mundo, inclusive no Brasil, foram realizadas manifestações contra o racismo e a violência policial contra negros. O incidente também consolidou o movimento Black Lives Matter, criado em 2013.

O que não foi contemplado com a delimitação do corpus?

Na primeira fase desta pesquisa, foram catalogadas todas as reportagens que envolvessem os Estados Unidos, sobre todos os assuntos e não só os delimitados, durante o período proposto. No total das 2.114 reportagens, veiculadas no Jornal da Globo, foram catalogadas 1.149 reportagens que não se enquadram nos critérios do corpus. Esse material pode ser utilizado para outras pesquisas, como artigos científicos, apresentações em eventos e livros. Também pode auxiliar outros pesquisadores que tenham interesse no assunto.

Tema	Reportagens	Percentual ¹⁴⁴
Economia	221	19,23%
Geral	199	17,31%
Política Interna	265	23,06%
Relação EUA x Brasil	107	9,31%
Tecnologia	9	0,78%
Ciência	45	3,91%
Crimes e obituários	35	3,04%
Cultura	61	5,30%
Desastres naturais	78	6,78%
Novo Coronavírus (COVID-19)	129	11,22%

A temática de **economia** inclui pautas como taxa de desemprego, Produto Interno Bruto, operação da Bolsa de Valores de Nova Iorque, estímulos econômicos, falências, concordatas e fusões de empresas, taxas de juros, crescimento ou retração da economia norte-americana.

No assunto **geral**, os temas tratados são turismo, esporte, acidentes, Natal em Nova Iorque, réveillon na Times Square e assuntos generalistas que não se enquadram nas outras categorias.

O tema **política interna** reúne reportagens sobre primárias, eleições, debates políticos, pesquisas de intenção de votos, escândalos envolvendo os candidatos, nomeações no governo, posses de parlamentares, impasses com a câmara e o congresso, acordos entre os partidos políticos e projetos de lei.

Entre as matérias sobre a **relação Estados Unidos e Brasil** estão colaborações e acordos entre os governos dos dois países, visitas dos governantes, reportagens sobre brasileiros que apresentam algum trabalho nos EUA, comunicados e decisões dos consulados.

O conteúdo sobre **tecnologia** aborda quebra de códigos digitais que protege mensagens, sistemas de busca em sites, lançamentos e encerramento

¹⁴⁴ Percentual referente às 1149 reportagens que não se enquadraram nos critérios do corpus

de ferramentas online, serviços de empresas de tecnologia, feiras de games, computação, realidade virtual e educação à distância.

A categoria **ciência** abrange matérias sobre pesquisas com células-tronco, clonagem, níveis de poluição, mudanças climáticas, descobrimentos de cientistas, aquecimento global, acordos climáticos, experiências no espaço, novidades da Agência Espacial Americana e investimentos em pesquisas científicas.

Em **crimes e obituários** estão enquadrados os assassinatos, sequestros e as mortes de figuras públicas e artistas.

As reportagens de **cultura** tratam sobre trajetória de artistas, lançamentos de músicas, espetáculos da Broadway, exposições fotográficas e de arte, lançamento de livros, mostras em museus, filmes em cartaz e cerimônia do Oscar.

Os **desastres naturais** incluem as matérias sobre tornados, incêndios na Califórnia, furacões, tempestades, nevascas, ciclones, erupções de vulcões, que atingem, frequentemente, o país norte-americano deixando mortos, desabrigados e destruição.

Por fim, a temática **Novo Coronavírus** aborda as consequências da doença no país, como números de mortos e infectados, consequências econômicas da pandemia, medidas dos governantes para evitar os contágios e levantamento de pesquisas sobre o assunto.

A Mitanálise das reportagens do Jornal da Globo

Para a elaboração desta pesquisa, foram assistidas todas as reportagens disponíveis na página do Jornal da Globo, na plataforma Globo Play, relacionadas aos Estados Unidos, de janeiro de 2013 a junho de 2020. O material foi catalogado, contabilizando 2114 matérias.

A partir da delimitação do corpus, 835 reportagens se referiam ao mitema “Poder pelas armas” e 124 ao mitema “Poder pela opressão”. Dentro deste escopo, foi feito um levantamento da ocorrência de temas. As reportagens que apresentavam os assuntos mais recorrentes de cada ano, destacados no início deste subcapítulo, foram escolhidas para serem decupadas (texto e captura de imagens).

Deste material, 30 reportagens de cada mitema foram escolhidas e transcritas. Esse conteúdo será analisado dentro da perspectiva mítica e simbólica, proposta por Gilbert Durand.

5. 1 - PODER PELAS ARMAS

Os Estados Unidos conseguiram assegurar a sua hegemonia através de fatores como a sua produção cultural e economia, mas principalmente devido ao seu poder bélico ou poder duro (NYE, 2012). Além da relação em conflitos com outros países a partir da imposição do poder pelas armas, a política interna de posse de armas de um país pode influenciar na forma como os seus cidadãos lidam com a violência. O Brasil pode aprender muito com a experiência norte-americana para não seguir uma trajetória semelhante, não deixando um rastro de mortes e criando uma cultura, em que a arma tem um espaço central como objeto necessário para o enfrentamento da criminalidade.

Segundo o Atlas da Violência¹⁴⁵ de 2020, elaborado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas, o número de homicídios no Brasil, em 2018, teve o menor nível nos últimos quatro anos, com 27,8 mortes por 100 mil habitantes. A redução na proporção de jovens na população, o estatuto do desarmamento, que diminuiu o número de homicídios em alguns estados, retirando armas de fogo das ruas, e as políticas estaduais de segurança foram apontadas como causas da retração de homicídios no país.

Entretanto, com a mudança de governo e de políticas públicas, essa realidade foi modificada. Em 2020, ano marcado pela pandemia do novo Coronavírus, o número de homicídios aumentou¹⁴⁶, passando de 41.730, em 2019, para 43.892. A ampliação dos conflitos decorrentes do crime organizado

¹⁴⁵ Atlas da Violência. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em 15 de abril de 2021.

¹⁴⁶ Monitor da Violência G1. Disponível em <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2021/02/12/brasil-tem-aumento-de-5percent-nos-assassinatos-em-2020-ano-marcado-pela-pandemia-do-novo-coronavirus-alta-e-puxada-pela-regiao-nordeste.ghtml>. Acesso em 15 de abril de 2021.

e da rota de escoamento da cocaína da Europa, que passa pelo Brasil, e a criação de leis e decretos que reduziram o controle das armas são as principais causas desse aumento.

O resultado disso tudo é, por um lado, a fragilização das próprias instituições responsáveis pelo registro e pelo controle de armas e munições; por outro, um crescimento inédito e perigoso, à luz das evidências científicas sobre o tema, nas vendas de armas de fogo e munições – e dos aumentos dos lucros das indústrias que os produzem. Enquanto isso, 2020 segue batendo tristes recordes, como o aumento de quase 200% nas vendas de armas controladas pela Polícia Federal no primeiro semestre, e de 24% na venda de munições entre janeiro e maio. (ATLAS DA VIOLÊNCIA¹⁴⁷, 2020. p. 75)

Em 15 de janeiro de 2019, duas semanas após a posse de Jair Bolsonaro, foi publicado o primeiro decreto¹⁴⁸ facilitando o porte de armas e estendendo de 5 para 10 anos a duração do porte para armamentos. Com a nova legislação, o número de armas de fogo, utilizadas por pessoas físicas no país, apresentou uma elevação¹⁴⁹ de 65%, entre 2018 e 2020, totalizando 1,151 milhão de armas legais no país. Foi um aumento de quase meio milhão de armas em dois anos. E os armamentos registrados pelo Exército que são utilizados por caçadores, atiradores e colecionadores (CACs) tiveram uma elevação de 58% no mesmo período, passando de 351 mil para 556 mil.

Foram 14 decretos, 15 portarias, uma resolução da Câmara de Comércio Exterior e uma instrução normativa da Polícia Federal. Além de facilitar o acesso às armas e munições, ele aumentou também o calibre e a potência das armas a que os cidadãos têm acesso, especialmente para os chamados CACs, colecionadores, atiradores esportivos e caçadores. Antes um atirador esportivo experiente podia ter até 16 armas, agora atiradores de qualquer nível podem ter até 60 armas, sendo 30 de calibre restrito. E o atirador que tiver 60 armas, pode comprar até 180 mil munições em um ano, além de material para recarregar até 210 mil cartuchos. (PODCAST¹⁵⁰ - À MÃO ARMADA. PÁTRIA ARMADA, BRASIL - GLOBO PLAY)

¹⁴⁷ Atlas da Violência. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em 15 de abril de 2021.

¹⁴⁸ Governo Federal. Disponível em https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/59109815. Acesso em 15 de abril de 2021.

¹⁴⁹ Revista Exame. Disponível em <https://exame.com/brasil/numero-de-civis-armados-ultrapassa-1-milhao-no-brasil-diz-jornal/>. Acesso em 15 de abril de 2021.

¹⁵⁰ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/podcast/a-mao-armada/noticia/2021/04/11/a-mao-armada-01-patria-armada-brasil.ghtml>. Acesso em 15 de abril de 2021.

As mudanças na legislação sobre os armamentos foram propostas na campanha eleitoral de 2018 para "garantir a defesa do cidadão de bem"¹⁵¹.

Desde 2019, tem havido uma mudança na legislação correlata, que sepultou o Estatuto do Desarmamento e patrocinou grande flexibilização no acesso da população às armas de fogo e munição, cujos impactos poderão durar décadas. Na contramão de todas as pesquisas e evidências científicas, o recente processo de mudanças legislativas visa não apenas à flexibilização das regras de acesso a armas e munições, como também ao incentivo a que os brasileiros se armem (ATLAS DA VIOLÊNCIA¹⁵², 2020, p.73)

A vereadora da cidade do Rio de Janeiro Marielle Franco e o seu motorista Anderson Gomes foram assassinados a tiros em março de 2018, na região central do Rio. Segundo o Ministério Público¹⁵³, os ex-policiais militares Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz atingiram as vítimas com uma submetralhadora MP-5, com munição UZZ-18. Uma testemunha revelou que após o incidente foram jogadas ao mar seis armas, uma bolsa e uma caixa lacrada. Três anos depois, ainda não foi descoberto quem mandou matar Marielle.

Em 2019, dois jovens mataram¹⁵⁴ oito pessoas em Suzano, Estado de São Paulo. Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25, fizeram um pacto de atacar a Escola Estadual Raul Brasil, onde haviam sido alunos, assassinando alunos e funcionários e após o incidente, e cometer suicídio.

¹⁵¹ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/17/saiba-mais-sobre-as-propostas-de-bolsonaro-e-haddad-relativas-a-armas-de-fogo.ghtml>. Acesso em 15 de abril de 2021.

¹⁵² Atlas da Violência. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em 15 de abril de 2021.

¹⁵³ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/03/14/morte-de-marielle-e-anderson-3-anos-depois-policia-nao-achou-a-arma-nem-o-mandante-do-crime.ghtml>. Acesso em 15 de abril de 2021.

¹⁵⁴ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/14/guilherme-tauci-monteiro-e-luiz-henrique-de-castro-saiba-quem-sao-os-assassinos-de-suzano.ghtml>. Acesso em 15 de abril de 2021.



Imagem 27: Guilherme Monteiro, de 17 anos, postou essas fotos nas redes sociais minutos antes de realizar ataque à escola de Suzano, em São Paulo.

Fonte: <https://g1.globo.com/>

Em julho de 2020, Isabele Ramos Guimarães, de 14 anos, foi morta¹⁵⁵ pela melhor amiga de também 14 anos, com um tiro no rosto, em Cuiabá. A arma utilizada pertencia ao pai da adolescente. Ela foi condenada a cumprir pena de três anos de reclusão em regime socioeducativo. Os responsáveis pela ré foram denunciados por porte ilegal de arma, entrega de arma de fogo a pessoa menor, fraude processual e corrupção de menores.

Essa política de armas, sendo defendida como forma de enfrentamento à criminalidade, não minimiza a violência no país, mas pode acabar causando outros problemas como acidentes, ataques isolados e tiroteios. Existem outras medidas, comprovadas cientificamente que podem ser utilizadas para reduzir os índices de violência. Segundo o Atlas da Violência¹⁵⁶, alguns programas foram

¹⁵⁵ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/01/20/juiza-diz-que-versao-apresentada-por-adolescente-que-matou-isabele-e-contraditoria-e-conclui-que-ela-agiu-com-frieza-e-desamor.ghtml>. Acesso em 15 de abril de 2021.

¹⁵⁶ Atlas da Violência. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em 15 de abril de 2021.

considerados efetivos na redução de crimes em geral e na reincidência criminal. Em termos de prevenção, as ações voltadas às crianças são as mais efetivas e também programas sociais voltados às famílias. Quanto mais cedo esses projetos são aplicados, maior é o retorno para a sociedade. Além disso, estão comprovados os bons resultados de projetos voltados à reinserção de presos em liberdade condicional com histórico de envolvimento com drogas, capacitações para o mercado de trabalho, acesso ao Ensino Superior e tratamentos terapêuticos aos presos.

5.2 - PODER PELAS ARMAS NO JORNAL DA GLOBO

*Só porque temos o melhor martelo, não significa que devemos ver todo o problema como um prego*¹⁵⁷
Barack Obama

As reportagens sobre as armas no Jornal da Globo abordam os conflitos nos quais os Estados Unidos estão envolvidos direta e indiretamente, os tiroteios em massa em escolas e locais públicos e também situações envolvendo alvos isolados. Além disso, revelam discussões sobre as armas de destruição em massa, que envolvem o país, e a questão das armas cibernéticas, que são abordadas em todos os anos analisados do telejornal.

A mitanálise se dará a partir da evidenciação da trajetória mítica do tema poder pelas armas nas reportagens e da constelação de imagens selecionadas, uma de cada matéria, quando há imagens para ilustrar e não é apresentado o conteúdo apenas pela presença do repórter, como em entradas ao vivo sem imagens ilustrativas. Esses dois pólos de análise devem-se, principalmente, ao caráter televisivo de unir o texto à imagem.

¹⁵⁷ Reportagem Jornal da Globo de 28 de maio de 2014. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/3378486/programa/>. Acesso em 23 de outubro de 2020.



Imagem 28: Menina, de nove anos, mata, por acidente, instrutor de tiros, no Arizona. Reportagem do Jornal da Globo de 27 de agosto de 2014.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3592037/>



Imagem 29: Homem mata repórter e cinegrafista durante transmissão ao vivo, no estado da Virgínia. Reportagem do Jornal da Globo de 26 de agosto de 2015.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4423081/>



Imagem 30: Adolescente abre fogo em escola, deixando 17 mortos e 15 feridos, na Flórida. Reportagem do Jornal da Globo de 15 de fevereiro de 2018.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6506702/>



Imagem 31: Policiais levam os corpos de alunos mortos em tiroteio em escola, em Parkland, na Flórida. Reportagem do Jornal da Globo de 14 de fevereiro de 2018.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6503251/>



Imagem 32: Homem é responsável pelo maior massacre a tiros da história dos Estados Unidos em um show, com 59 mortes e 869 feridos, e comete suicídio após o incidente, em Las Vegas. Reportagem do Jornal da Globo de 04 de outubro de 2017.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6195537/>



Imagem 33: Multidão tenta fugir de massacre em show, em Las Vegas. Reportagem do Jornal da Globo de 02 de outubro de 2017

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6190031/>

A primeira imagem acima (número 28) refere-se à reportagem, de 2014, sobre uma menina, de nove anos, que matou por acidente um instrutor de tiro. Ela estava praticando em uma sessão de tiros com uma submetralhadora, no

Arizona. Em um vídeo, registrado pelos pais, a criança segura a arma e dá o primeiro tiro. Depois é acionado o modo automático e ela não consegue controlar o armamento e pelo menos um tiro atinge o rosto do instrutor. No estado do Arizona, não havia restrição do uso de armas militares por crianças, nem mesmo o modelo Uzi, submetralhadora de uso militar.

Criada por um capitão do exército israelense na década de 1950, a Uzi se espalhou por 90 países. Apareceu em vários filmes e estava na mão do segurança que livrou o presidente Ronald Reagan de um atentado em 1981. Ela foi usada na guerra do Vietnã e continua em ação na guerra civil da Síria. Sobre a tragédia no Arizona, o dono do estande disse que não sabe o que aconteceu. (Reportagem ¹⁵⁸Jornal da Globo de 27 de agosto de 2014)

A segunda imagem (número 29) mostra o momento em que um homem mata a tiros uma repórter e um cinegrafista enquanto ocorria uma transmissão ao vivo, em 2015, na Virgínia. As imagens foram publicadas pelo atirador. Ele é um jornalista, ex-funcionário da emissora, que havia sido demitido há dois anos. Ele disse em uma rede social que a repórter, que recebeu os disparos, fez comentários racistas sobre ele no primeiro dia de trabalho e que o cinegrafista havia reclamado dele no departamento de recursos humanos da TV.

Na imagem seguinte (número 30), Nikolas Cruz, de 19 anos, abriu fogo em uma escola em 2018, em Parkland, na Flórida. Utilizando um fuzil AR-15, o adolescente matou 17 pessoas e feriu outras 15. Esse tipo de armamento é usado no Brasil pelo crime organizado e pode ser adquirido legalmente nos Estados Unidos. O atirador havia sido expulso da instituição de ensino no ano anterior por indisciplina. Esse foi o maior massacre a tiros em uma escola americana, após o tiroteio na escola Sandy Hook, em 2012.

Em 2017, ocorreu o maior massacre a tiros da história dos Estados Unidos, com 59 mortos e 527 feridos, em Las Vegas. Um aposentado, de 64 anos, promoveu disparos do trigésimo segundo andar de um hotel, que se localizava ao lado do espaço, onde ocorria um festival de música country, com 22 mil pessoas. Em cada uma das janelas do quarto, instalou um fuzil sobre um tripé. Segundo a polícia, o atirador possuía 42 armas, entre as encontradas no

¹⁵⁸ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/3592037/>. Acesso em 30 de março de 2021.

hotel e na sua casa. Ele cometeu suicídio após ser encontrado pela polícia. Ele não tinha antecedentes criminais.

Através das imagens, percebe-se a presença das armas de fogo como símbolo do poder e instrumento da morte. É possível identificar nas relações atirador-vítima (exceto exemplos de acidentes) a ânsia de acabar com um mal, seja ele enfrentando a subjugação, um preconceito e um medo. Segundo Durand (2002), espera-se uma vitória sobre o destino e a morte. As armas de fogo são usadas como superação de um problema, não como uma opção, mas como a única saída para acabar com o "mal". O mal do outro é um aspecto singular, para cada um ser representa uma realidade ou uma situação.

Para Durand (2002), o ato de levantar as armas, erguê-las, como a foto feita pelo atirador na Flórida está ligado à verticalidade e à virilidade. "O herói puro, o herói exemplar, continua a ser o matador de dragões" (DURAND, 2002, p. 167). O ato de matar utilizando as armas seria uma espécie de redenção. Através de sua força e poder, livra-se da morte interior levando o seu inimigo à queda.

O fato de crianças terem contato com armas de guerra, como apresentado na reportagem sobre o acidente no estande de tiros, só evidencia a manutenção da cultura norte-americana e a sua relação estreita com o armamento. Em alguns Estados do país, é comum a prática de tiro por menores, como se fosse uma brincadeira inofensiva. O que se torna um ato cotidiano e de vivência dos norte-americanos, sem refletir sobre as consequências dessa prática.

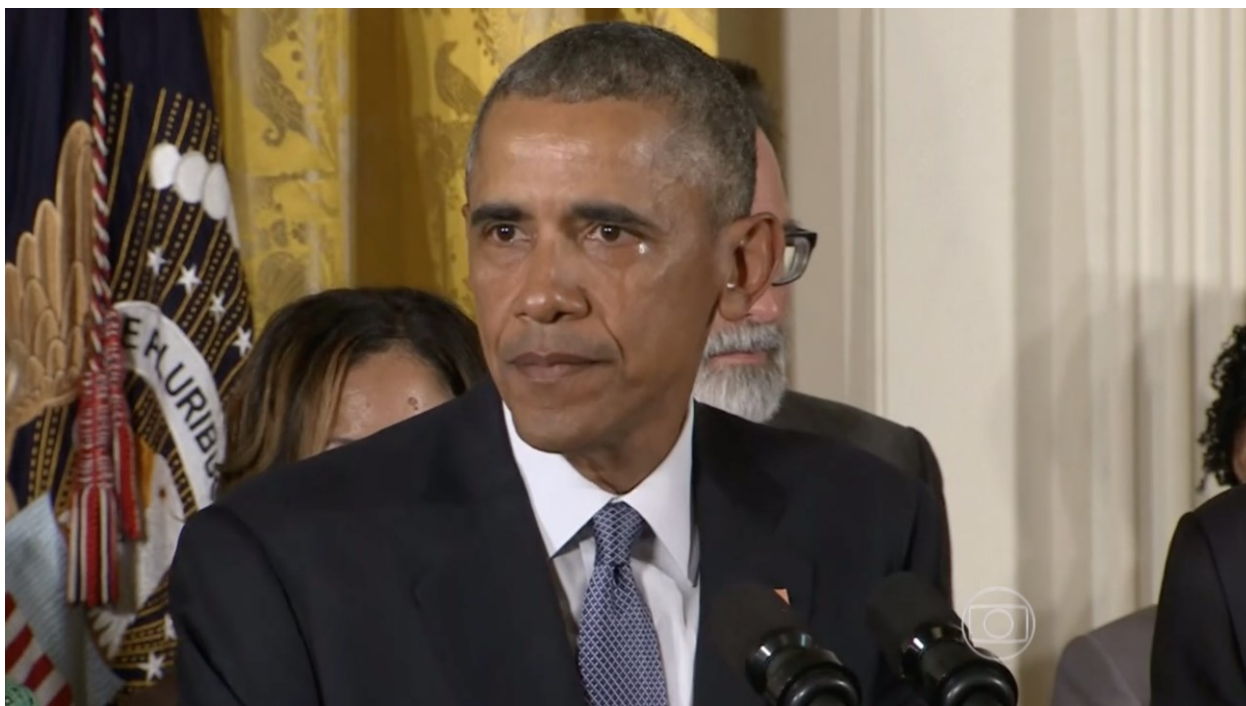


Imagem 34: Obama se emociona ao lembrar de vítimas de arma de fogo nos EUA. Reportagem do Jornal da Globo de 05 de janeiro de 2016.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4719217/>



Imagem 35: Centenas de pessoas participam de vigília em homenagem às vítimas de tiroteios nos EUA. Reportagem do Jornal da Globo de 15 de fevereiro de 2018.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6506702/>



Imagem 36: Foram 31 mortos, em um único fim de semana, em dois massacres em agosto de 2019, nos Estados Unidos. Reportagem do Jornal da Globo de 05 de agosto de 2019.
 Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7820750/>



Imagem 37: Pela primeira vez nos Estados Unidos, estudantes do Ensino Médio das escolas de todo o país protestaram pedindo o fim da indiferença dos políticos diante de recorrentes tiroteios nas instituições de ensino e fora delas. Reportagem do Jornal da Globo de 14 de março de 2018.
 Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6580194/>

As imagens acima referem-se à comoção causada pelos tiroteios e massacres enfrentados no país. Em janeiro de 2016, Barack Obama chorou ao lembrar de vítimas de armas de fogo. O então presidente anunciou medidas para

o controle na aquisição de armas. Porém essa não foi a primeira vez que Obama fez essa tentativa, sendo derrotado pelos republicanos no congresso, em 2012. Como mudar o imaginário de um país, que relaciona as armas à proteção e ao poder, sem mudar a legislação? As leis legitimam as crenças e asseguram o direito ao uso de armamentos. As lágrimas de Obama demonstram a impotência diante a situação. Todo o sistema político norte-americano é influenciado pela Associação Nacional dos Rifles e a luta pelos seus interesses, impedindo os legisladores de aceitarem mudanças na lei.

Ele chorou ao lembrar as vinte crianças mortas por um atirador em uma escola em 2012. Naquela época, ele achou que conseguiria aprovar leis rigorosas para limitar o acesso às armas, mas foi derrotado pelos republicanos que controlam o Congresso e que têm suas campanhas eleitorais financiadas pelo lobby das armas de fogo. Só um terço dos americanos têm armas em casa, mas eles têm uma influência política desproporcional. (Reportagem ¹⁵⁹Jornal da Globo - 05 de janeiro de 2016)

Após tiroteios, ondas de vigílias foram presenciadas. Na reportagem de 15 de fevereiro de 2018, sobre a repercussão do tiroteio na escola de Parkland, na Flórida, a mãe de dois alunos da escola, que são brasileiros, disse que havia saído do Brasil buscando segurança para família e acabou se deparando com essa tragédia extremamente violenta.

No fim da tarde, milhares de moradores de Parkland vieram desejar força, esperança e amor para as famílias das vítimas. Durante o pôr do sol, velas foram acesas. Pais e amigos discursaram e o choro tomou conta do anfiteatro a céu aberto. Numa cerimônia tão bonita quanto triste. Funcionários, alunos e os pais deles vão demorar a superar o trauma. (Reportagem¹⁶⁰ de 15 de fevereiro de 2018)

Em agosto de 2019, após um ataque a tiros em um supermercado, no Texas, e um tiroteio cometido por um jovem no meio da rua, em Ohio, mais imagens de manifestações à noite foram veiculadas no telejornal, sempre à luz de velas. Segundo Bachelard (2008), o fogo como fenômeno natural possui duas valorações contrárias: o bem e o mal. "Ele brilha no paraíso e abrasa no inferno"

¹⁵⁹ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4719217/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

¹⁶⁰ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6506702/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

(BACHELARD, 2008, p. 11). Para o filósofo, o fogo seria um ser social, principalmente através do seu papel nas sociedades primitivas.

Através das imagens veiculadas no telejornal, com uma multidão segurando velas, sendo iluminada pelo fogo, em forma de chama, promovendo uma união por meio do luto pelas vítimas das armas de fogo. Da mesma forma que as comunidades se reuniam ao redor das fogueiras, os manifestantes seguram a sua própria luz para chorar os seus mortos. O fogo é visto aqui como ponto de união e acalento.



Imagem 38: Exército americano lança no Afeganistão a maior bomba não nuclear, considerada a mãe de todas as bombas. Reportagem do Jornal da Globo de 13 de abril de 2017
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5800801/>



Imagem 39: Ilustração de entrada ao vivo falando sobre os 10 anos da Guerra do Iraque, com 4.500 americanos e dezenas de milhares de iraquianos mortos. Reportagem do Jornal da Globo de 19 de março de 2013.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/2469381/programa/>



Imagem 40: Rússia se envolve na Guerra Civil na Ucrânia. Reportagem do Jornal da Globo de 04 de setembro de 2014.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3609363/>

Em abril de 2017, as forças armadas norte-americanas lançaram a maior bomba não nuclear no Afeganistão. Eles buscavam acabar com esconderijos subterrâneos usados por integrantes do Estado Islâmico. A artilharia é conhecida como mãe de todas as bombas, demonstra a potência do arsenal norte-americano e reforça a luta do país contra o terrorismo. Nesse ano, o Estado¹⁶¹ Islâmico perdeu 95% do território na Síria e no Iraque, que havia conquistado em 2014.

A reportagem do dia 19 de março de 2013 abordou os dez anos da Guerra do Iraque. O Jornal da Globo retratou o conflito como um dos maiores desastres das Relações Internacionais dos Estados Unidos.

A historiadora americana Barbara Tuchman escreveu um clássico: “A marcha da insensatez”, sobre governantes que sabotam a si mesmos como os papas da renascença, a Inglaterra na independência americana, os Estados Unidos na guerra do Vietnã. Se viva fosse, ela incluiria um capítulo sobre a guerra do Iraque. Insensatez, do início ao fim. O governo Bush mentiu para criar um pretexto e invadir o Iraque, gastou trilhões de dólares, dezenas de milhares de iraquianos e quatro mil e quinhentos americanos foram mortos. A guerra acabou com o prestígio dos Estados Unidos pra nada. (Reportagem ¹⁶²Jornal da Globo de 19 de março de 2013)

A Aliança Militar do Atlântico Norte, do qual os Estados Unidos fazem parte, entrou em acordo, em 2014, sobre as aplicações de sanções contra a Rússia pelo envolvimento na Guerra Civil da Ucrânia. A federação russa anexou a Crimeia ao seu território. O duradouro embate entre Estados Unidos e Rússia era constantemente dinamizado pelo telejornal na época.

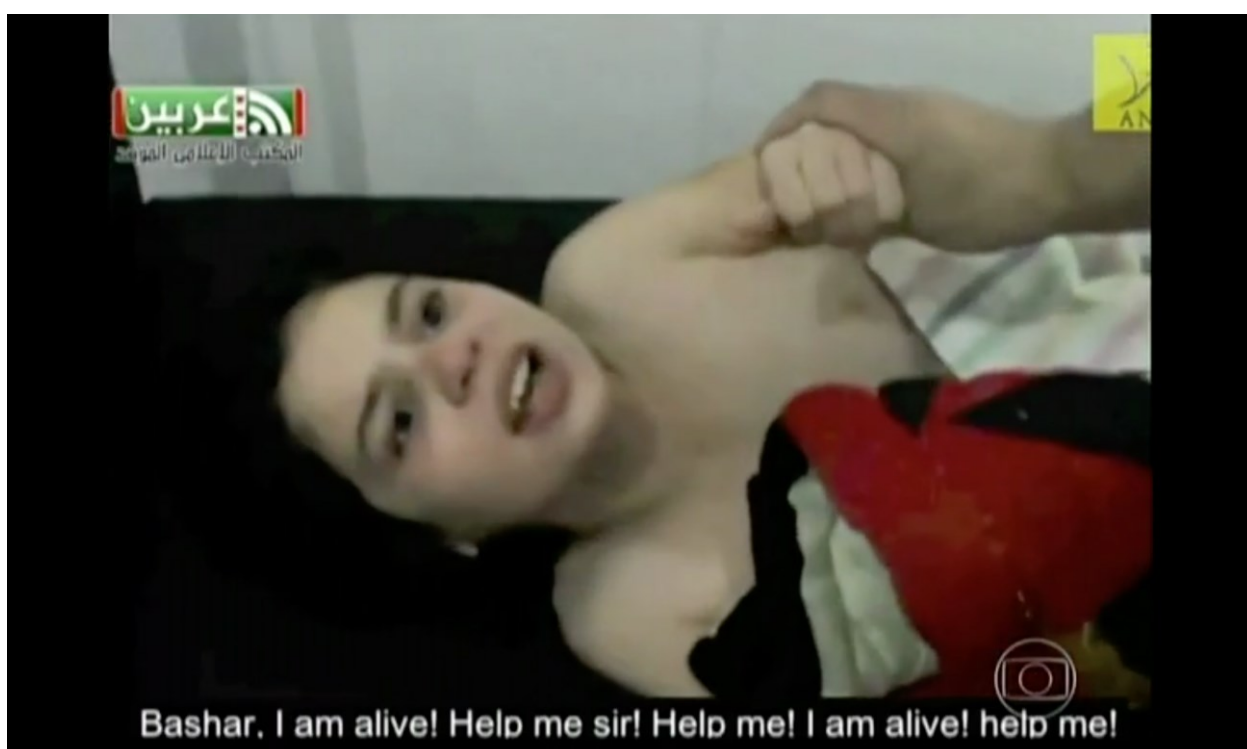
Os adversários do presidente Obama lembraram logo, é a Guerra Fria Dois. A crise com a Rússia sobre a Ucrânia ficou mais aguda com a anexação da Crimeia. Logo, o governo russo e o presidente Putin são os inimigos do outro lado. Obama em Haia esta semana respondeu ponto por ponto a Vladimir Putin, mas fez questão de destacar, que quem pensa em Guerra Fria Dois está enganado, a Rússia não lidera bloco algum, perdeu o seu império há tempos e sobretudo, isso ele não disse, precisa do comércio internacional e dos bancos. Mas para Estados Unidos e Europa, a situação do mundo piorou. Não há diálogo

¹⁶¹ Portal NSC. Disponível em <https://www.nsctotal.com.br/noticias/estado-islamico-perdeu-95-das-regioes-conquistadas-em-2014>. Acesso em 01 de abril de 2021.

¹⁶² Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2469381/programa/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

com a Rússia. (Análise¹⁶³ de Renato Machado - Jornal da Globo de 27 de março de 2014)

Além da Rússia, a Síria tornou-se mais um desafio para os Estados Unidos. A partir¹⁶⁴ dos protestos da Primavera Árabe, em 2011, o governo Bashar Al-Assad reagiu com a criação de uma oposição armada. A guerra foi formada pelo surgimento de milícias por civis para o enfrentamento da violência gerada pelo governo. Passados dez anos, o conflito ainda se mantém e já deixou mais de 300 mil mortos e mais de 200 mil pessoas foram declaradas desaparecidas. A Rússia e o Irã apoiam o governo da Síria na guerra. Só esse ponto pode alimentar a luta dos Estados Unidos contra o governo Sírio. O país norte-americano liderou uma coalizão global contra a Síria em 2014. A Guerra Civil gerou milhões de desabrigados e refugiados pelo mundo. Esse foi um tema tratado em todos os anos analisados do telejornal, a partir da sua relação com o país norte-americano.



¹⁶³ Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/3244011/programa/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

¹⁶⁴ BBC News. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56378202>. Acesso em 01 de abril de 2021.

Imagem 41: Menina pede ajuda e grita "Estou viva", após ataque com armas químicas, na Síria. Reportagem do Jornal da Globo de 26 de agosto de 2013.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/2783917/programa/>



Imagem 42: Imagens feitas por equipe da BBC sobre uso de armas químicas pela Síria. Reportagem do Jornal da Globo de 30 de agosto de 2013.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/2793685/>



Imagem 43: Criança sofre com familiar morto após ataque com armas químicas na Síria. Reportagem do Jornal da Globo de 26 de agosto de 2013.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/2783917/programa/>



Imagem 44: Após aviões do governo da Síria atirarem um tipo de gás letal sobre a população civil, criança é lavada com uma mangueira para retirar as substâncias tóxicas. Reportagem do Jornal da Globo de 04 de abril de 2017.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5777912/>

Após um ataque com armas químicas, o Jornal da Globo mostrou¹⁶⁵ imagens de uma menina (número 41), que perdeu os pais. Ela estava no hospital e gritava, em estado de choque: “Eu estou viva, me ajude, eu estou viva”. As vítimas do ataque relataram sintomas de intoxicação, como desmaio e cegueira. Também em imagens divulgadas pelo telejornal, cidadãos atingidos com queimaduras graves pelo corpo gritam de dor. Após esses ataques, o governo Obama articulava uma resposta ao país. "Barack Obama cogita uma ação limitada, rápida, sem envio de soldados. E disse que o problema é que muitas

¹⁶⁵ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2783917/programa/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

peças acham que alguma coisa precisa ser feita, mas ninguém quer fazer" (REPORTAGEM¹⁶⁶ JORNAL DA GLOBO - 30 DE AGOSTO DE 2013).

Apesar de condenarem os ataques da Síria, é importante lembrar que os Estados Unidos já utilizaram armas químicas no passado, como na Guerra do Vietnã. "Os ferimentos parecem com os provocados pelo Napalm, o gel inflamável usado pelos americanos na guerra do Vietnã. O uso do Napalm é crime de guerra" (REPORTAGEM¹⁶⁷ JORNAL DA GLOBO - 30 DE AGOSTO DE 2013)

Nessas imagens da guerra, o elemento água está muito presente. Em uma delas, uma criança (número 43) chora ao envolver em seus braços o corpo de um familiar sem vida, que está colocado em uma fila de mortos, representando os milhares de órfãos do conflito. Nesse caso, a água, como lágrima, dinamiza o sofrimento humano.

Essa influência traz à água, no próprio estilo da alquimia, a tinta da dor universal, a tinta das lágrimas. Ela faz da água de todos esses lagos, de todos esses pântanos, a água-mãe da tristeza humana, a matéria da melancolia. Já não se trata de impressões vagas e gerais; trata-se de uma participação material. O sonhador já não sonha imagens, sonha matérias. Pesadas lágrimas trazem ao mundo um sentido humano, uma vida humana, uma matéria humana. (BACHELARD, 1998, p. 67)

Outras imagens mostram (número 44) a água sendo usada para limpar e retirar as substâncias de um tipo de gás letal do corpo de uma criança, que foi lançado pelo governo Sírio, em 2017, durante o governo Trump. Segundo o repórter Jorge Pontual, Trump "responsabilizou a fraqueza e a hesitação de Obama diante da guerra na Síria. Agora veremos se Trump vai conseguir mostrar com força e determinação. É uma crise que não dá para resolver com Twitter" (REPORTAGEM¹⁶⁸ JORNAL DA GLOBO - 04 DE ABRIL DE 2017).

Nessa situação, a água é relacionada a partir do seu potencial de purificação, simbolizando os valores da pureza. "A água se oferece pois como um símbolo natural para a pureza; ela dá sentidos precisos a uma psicologia

¹⁶⁶ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2793685/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

¹⁶⁷ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2793685/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

¹⁶⁸ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5777912/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

prolixa da purificação" (BACHELARD, 1998, p. 139). Limpando as substâncias químicas com a água corrente, estaria se evitando a morte em plena guerra, buscando a cura pela água.



Imagem 45: Museu guarda parte de uma parede atingida pela chuva contaminada com radiação que sucedeu a explosão da bomba atômica, em Hiroshima. Reportagem do Jornal da Globo de 04 de agosto de 2015.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4370292/>



Imagem 46: Sobrevivente de Hiroshima entrega origamis com formato de pássaro aos visitantes do museu da paz. Reportagem do Jornal da Globo de 04 de agosto de 2015.
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4370292/>



Imagem 47: Obama abraça sobrevivente de ataque nuclear de Hiroshima. Ele foi o primeiro presidente a visitar a cidade após 1945. Reportagem do Jornal da Globo de 27 de maio de 2016.
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5054881/>



Imagem 48: EUA promove bombardeio ao Irã e mata o general Qasem Soleimani. Reportagem do Jornal da Globo de 03 de janeiro de 2020.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/8211627/>



Imagem 49: Pela primeira vez na história, um presidente norte-americano se encontra com o ditador da Coreia do Norte Kim Jong-Un. Reportagem do Jornal da Globo de 11 de junho de 2018.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6803071/>

Por outro lado, as águas escuras são vistas na reportagem sobre uma sobrevivente da bomba atômica de Hiroshima em 1945, que completava 70 anos. A personagem da matéria Chieko Kawashima tinha oito meses na data do ataque. Ela morava longe da área da explosão, mas foi atingida pela chuva após

o bombardeio. A água suja, daquela ocasião, ficou marcada em uma parede, exposta no museu da paz, onde Chieko trabalha como guia.

Os sobreviventes contam que logo depois da explosão da bomba, de 20 a 30 minutos depois, começou a chover em Hiroshima. mas não era uma chuva qualquer. Era uma chuva escura, negra. Continha não apenas a fuligem dos incêndios que se espalhavam pela cidade, mas também radiação. (REPORTAGEM¹⁶⁹ JORNAL DA GLOBO - 04 de AGOSTO DE 2015)

Segundo Bachelard (1998), o mal pode ser simbolizado por uma água que perdeu as suas propriedades límpidas. Também pode ser relacionado com a substância carregada de dor humana. "A água é assim um convite à morte; é um convite a uma morte especial que nos permite penetrar num dos refúgios materiais elementares" (BACHELARD, 1998, p.58). Por causa das águas contaminadas, Chieko cresceu com problemas de saúde e até hoje precisa fazer exames.

Como se vê, a impureza, aos olhos do inconsciente, é sempre múltipla, sempre abundante; tem uma nocividade polivalente. Por isso se compreenderá que a água impura possa ser acusada de todos os malefícios. Se para a mente consciente ela é aceita como mero símbolo do mal, como símbolo externo, para o inconsciente ela é o objeto de uma simbolização ativa, totalmente interna, totalmente substancial. A água impura, para o inconsciente, é um receptáculo do mal, um receptáculo aberto a todos os males; é uma substância do mal. (BACHELARD, 1998, p. 145)

A sobrevivente da bomba de Hiroshima entrega aos visitantes do museu um origami em formato de pássaro. "Para ela, ninguém pode esquecer o que ocorreu em Hiroshima e os passarinhos têm essa missão: levados pelos visitantes do mundo todo, são a melhor maneira de espalhar a mensagem de paz da senhora Kawashima" (REPORTAGEM¹⁷⁰ JORNAL DA GLOBO - 04 de agosto de 2015)

No ano seguinte da reportagem sobre a sobrevivente, Barack Obama tornou-se o primeiro presidente norte-americano em exercício a visitar a cidade atingida pela bomba atômica.

¹⁶⁹ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4370292/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

¹⁷⁰ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4370292/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

Obama depositou flores no monumento aos mortos. Falou que o mundo mudou depois da bomba. E que todo o avanço científico, cultural e artístico do homem não foi capaz de impedir que descobertas se transformassem em máquinas de matar. O presidente americano afirmou que é preciso se esforçar para reduzir os estoques de armas. "Podemos aprender, escolher, contar uma história diferente às nossas crianças", disse Barack Obama. Um dos momentos mais emocionantes da cerimônia, foi o abraço que uniu Obama e um sobrevivente da bomba, de 79 anos. A maioria dos japoneses apoiou a visita mesmo sem pedido de desculpas. Hiroshima ainda tem as marcas, as tristes lembranças daquele dia, mas tem algo maior: a vontade de olhar para frente. (REPORTAGEM¹⁷¹ JORNAL DA GLOBO - 27 DE MAIO DE 2016)

Em 2018, Donald Trump retirou os Estados Unidos do acordo nuclear, assinado por Obama, em que o Irã se comprometia a não produzir armas nucleares. Trump estabeleceu sanções contra o Irã e o país do Oriente Médio deixou de cumprir o tratado. Em 2019, os países passam a se contra-atacar, chegando ao ápice em 2020 quando os Estados Unidos promovem um ataque que resulta na morte do general Qasem Soleimani, considerado um herói nacional. Durante grande parte da edição de 03 de janeiro de 2020, o telejornal questiona quais reações seriam tomadas pelo Irã e o medo de uma nova Guerra era apontado. O professor de Direito Internacional Salem Nasser foi entrevistado no estúdio do telejornal sobre os desdobramentos do conflito.

Renata Lo Prete - E os próximos passos dos Estados Unidos? O que você imagina? Salem Nasser - Então, os Estados Unidos têm um problema. Claro, eles têm uma grande vantagem aí, é que eles podem cometer erros à vontade e ter um presidente como Trump porque eles têm um excedente de força, militar, econômica e inclusive um excedente de força que lhes dá uma credibilidade que não é merecida, né? Então, a gente, por exemplo, dá muito crédito hoje aos discursos do Trump quando a gente sabe que no fundo não há como prestar qualquer crédito a esse discurso. Essa é a vantagem que eles têm. Eles podem cometer muitos erros, porque ninguém vai poder invadi-los, ninguém vai poder atacá-los diretamente. O problema que eles têm, é que eles não têm como enfrentar esta guerra generalizada. Isso já se mostrou assim na Síria, se mostrou assim no Iraque, antes da Síria, e todas as vezes que eles tentaram isto o seu poder relativo regride. Então, eles poderão, é claro, continuar a assassinar, continuar a fazer esses ataques pontuais e etc. Vão obter algumas dessas vitórias, muito relativas, mas eu acredito que o caminho é, está bloqueado para que eles tenham realmente os seus interesses

¹⁷¹ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5054881/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

atendidos ali na região. (ENTREVISTA ¹⁷²JORNAL DA GLOBO - 03 DE JANEIRO DE 2020)

Donald Trump protagonizou¹⁷³ um momento histórico através do encontro do século com o ditador norte-coreano Kim Jong-Un, em 11 de junho de 2019, em Singapura. Os líderes dos dois países, que possuem armamentos nucleares, haviam trocado ameaças. Trump chamava Jong-un de "homem foguete". O então presidente norte-americano prometeu que se a Coreia do Norte entregasse as suas armas nucleares, ele garantiria a sua permanência no poder do país. Essa foi a primeira vez que um presidente dos Estados Unidos se encontra com o ditador.

Percebemos nos conflitos da Síria, Irã e Coreia do Norte, que tanto permearam os conteúdos do telejornal durante o período analisado, o processo de inversão descrito por Durand. "O processo reside essencialmente em que pelo negativo se reconstitui o positivo, por uma negação ou por um ato negativo se destrói o efeito de uma primeira negatividade" (DURAND, 2002, p. 203). Nesse caso, o detentor de armas quer que os seus inimigos não detenham armas.

¹⁷² Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8211642/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

¹⁷³ Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6803071/>. Acesso em 01 de abril de 2021.



Imagem 50: Vídeo secreto entregue por um soldado americano e divulgado pelo Wikileaks. Reportagem do Jornal da Globo de 03 de junho de 2013.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/2613085/programa/>

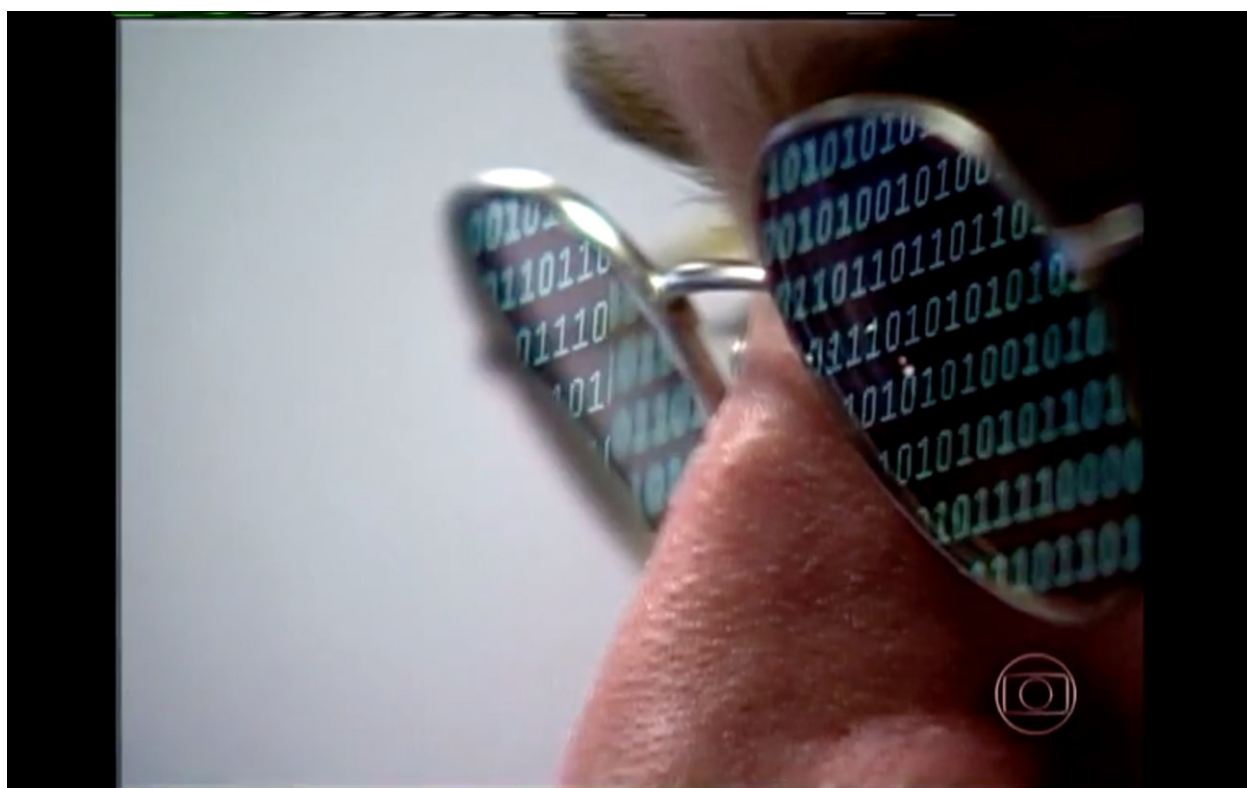


Imagem 51: Governo americano grampeou milhares de telefones e internet de usuários norte-americanos. Reportagem do Jornal da Globo de 06 de junho de 2013.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/2620321/programa/>



Imagem 52: Jornalista americano é decapitado por integrante do Estado Islâmico. Reportagem do Jornal da Globo de 20 de agosto de 2014.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3577535/>



Imagem 53: Extremistas estrangeiros são recrutados pelo Estado Islâmico, através das redes sociais. . Reportagem do Jornal da Globo de 04 de setembro de 2014.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3609363/programa/>



Imagem 54: Vazamento de e-mails do partido democrata prejudica campanha de Hillary Clinton. Reportagem do Jornal da Globo de 25 de julho de 2016. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5189030/>

Outro tipo de armamento em evidência durante o período analisado é a espionagem, em uma crescente guerra cibernética. O governo Obama enfrentou muitas questões relacionadas ao trabalho de hackers e vazamento de informações secretas. O Wikileaks, organização sem fins lucrativos que divulga informações vazadas, ganhou destaque durante o segundo mandato de Barack Obama.

Em 2013, o soldado Bradley Manning foi acusado¹⁷⁴ de roubar e repassar milhares de documentos sigilosos ao site Wikileaks. Entre o material entregue à organização, estava um vídeo, em que um helicóptero militar americano ataca um comboio, confundido com terroristas no Iraque, em 2007. No tiroteio, divulgado no Jornal da Globo, civis iraquianos desarmados e dois jornalistas da agência Reuters morreram. Na reportagem, é possível ver os militares recebendo ordens para atirar e os inocentes sendo atingidos, ao som dos disparos. Ao expor o exército americano, Manning foi condenado a 35 anos de prisão. Em 2017, Manning teve a pena alterada por Barack Obama, para sete anos de detenção, sendo solto no mesmo ano.

174 Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2613085/programa/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

Em uma reportagem, também de 2013, foi divulgado que o governo americano grampeou milhões de telefones e a internet da população do país. A ação foi criticada por violar os direitos civis. "Os dados filtrados da internet já seriam a maior fonte de informação da Agência Nacional de Segurança. O governo justifica a invasão de privacidade dizendo que isso ajuda a identificar atividades consideradas suspeitas e a antecipar o movimento de terroristas" (REPORTAGEM¹⁷⁵ JORNAL DA GLOBO - 06 DE JUNHO DE 2013)

As redes sociais foram apontadas, em reportagem do telejornal, como espaço de recrutamento de terroristas do Estado Islâmico, grupo extremista que dominava parte do território da Síria e do Iraque.

O canal de televisão Skynews mostrou a sofisticação do ISIS na captação, edição e divulgação de propaganda extremista desde o mês passado, quando foi divulgado o vídeo da decapitação do primeiro jornalista americano. Quase 30 mil contas pró-terroristas foram abertas numa rede social. Grande parte desse exército de matadores vai à Síria e ao Iraque para integrar uma organização que parece ter recursos, mobilidade e audácia inesgotáveis. Eles só não têm como derrubar caças ou impedir a ajuda humanitária pelo ar. (REPORTAGEM JORNAL DA GLOBO¹⁷⁶ - 04 DE SETEMBRO DE 2014)

As origens do grupo ganharam força¹⁷⁷, em 2012, após a maior parte das forças armadas americanas terem se retirado do Iraque. Só em 2014, o grupo criou um califado e assumiu o nome Estado Islâmico. A organização recebia apoio financeiro dos países do Golfo Pérsico. "Decapitações, crucificações e assassinatos em massa já foram usados para aterrorizar seus inimigos. Os militantes usam versos do Corão para justificar seus atos, como trechos que incitam a 'golpear a cabeça' dos infiéis" (REPORTAGEM¹⁷⁸ BBC NEWS - 16 DE NOVEMBRO DE 2015)

O Jornal da Globo mostrou, em agosto de 2014, a morte do jornalista americano James Foley. Os extremistas islâmicos teriam sequestrado o

¹⁷⁵ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2620321/programa/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

¹⁷⁶ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/3609363/programa/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

¹⁷⁷ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/02/17/um-califa-sem-califado-a-historia-do-novo-lider-do-estado-islamico.ghtml>. Acesso em 01 de abril de 2021.

¹⁷⁸ BBC News. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151114_estado_islamico_entenda_rb. Acesso em 01 de abril de 2021.

jornalista há dois anos, na Síria. Nas imagens (número 52), é mostrado um integrante do grupo ao lado de Foley com uma faca na mão, antes da decapitação do jornalista, em retaliação aos ataques aéreos americanos. "O presidente Barack Obama disse que o Estado Islâmico é um câncer que não tem lugar no século XXI e que os ataques não vão parar" (REPORTAGEM¹⁷⁹ JORNAL DA GLOBO - 20 DE AGOSTO DE 2014). Em setembro do mesmo ano, o jornalista americano Steven J. Sotloff também teve a mesma causa de morte.

Segundo Nye (2012), em 2004, um vídeo do agente Abu Musab al Zarqawi, da Al-Qaeda, decapitando um americano no Iraque foi visto on-line e baixado milhões de vezes, gerando outras decapitações por imitação em outros grupos. "Eventos chocantes são destinados a captar atenção, polarizar e provocar reações exageradas por parte de seus alvos" (NYE, 2012, p. 160).

A decapitação é uma forma de punição que atravessa o tempo e a história. É um procedimento utilizado em guerras há mais de três milênios antes de Cristo. Segundo Dolce (2018), a perda da cabeça representa para muitos estudiosos o ato definitivo de aniquilação do inimigo. A retirada dessa parte do corpo traz notoriedade à morte e pode ter um caráter de exibicionismo.

A representação visual do ato de decapitação aumenta o prestígio do vencedor, mas também a respeitabilidade do derrotado. Confere, portanto, valor agregado ao ato peculiar de cortar a cabeça, que, como já propus, não é comparável a outras formas de violência ou tortura infligida aos inimigos¹⁸⁰. (DOLCE, 2018, p. 12, TRADUÇÃO NOSSA)

Os extremistas provocam o país com maior poder armamentista do mundo com uma técnica de morte da Antiguidade, com o objetivo de chamar a atenção para as suas práticas e impor o medo. É um tipo de morte com grande apelo emocional. "A motivação subjacente ao ato da decapitação é proporcionar a certeza para si e para todos os demais da aniquilação irreversível do inimigo perante o mundo¹⁸¹" (DOLCE, 2018, p. 73, tradução nossa). Para Dolce (2018),

¹⁷⁹ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/3577535/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

¹⁸⁰ "The visual representation of the act of decapitation enhances the prestige of the victor but also the respectability of the defeated; it thus confers added value on the peculiar act of cutting off the head, which, as I have already proposed, is not comparable to other forms of violence or torture inflicted on enemies.

¹⁸¹ The act of decapitation is to provide certainty for oneself and everyone else of the irreversible annihilation of the enemy before the world

o foco seria eliminar a energia hostil do inimigo concentrada no ponto focal do indivíduo, que seria a cabeça, privando-o de direcionar energias antagônicas aos adversários.

Durante a convenção do partido Democrata antes das eleições de 2016, o vazamento de e-mails do partido gerou polêmica e protestos contra a candidatura de Hillary Clinton. O apresentador William Waack definiu a ação como Guerra Cibernética liderada pelos Russos com o objetivo de interferir nas eleições norte-americanas.

Se confirmado será a primeira vez. Realmente, é a primeira vez que hackers a serviço do presidente russo Vladimir Putin interferem diretamente na política americana. É muito difícil provar a origem de uma invasão de hackers, mas o comitê de campanha de Hillary alega que especialistas teriam descoberto as impressões digitais de duas agências de espionagem russas nesse roubo de 20 mil e-mails dos computadores da direção do partido democrata. Um porta-voz de Hillary acusou Putin pessoalmente de estar apoiando a candidatura de Donald Trump e de intervir na campanha através desse vazamento de e-mails que foram entregues ao site wikileaks. Trump negou que tenha qualquer coisa a ver com esse vazamento, mas o namoro entre ele e Putin é ostensivo, conhecido. Há dias Trump disse que se a Rússia atacar as três repúblicas bálticas, que estariam automaticamente protegidas porque pertencem à Otan, a aliança do ocidente, ele, Trump, se for presidente, poderá decidir não reagir. O candidato republicano tem dado outros sinais de posições pró-Moscou. Trump já está sendo chamado de "o candidato siberiano", plantado por Putin para torpedear a política americana. Parece roteiro de filme de espionagem, né, William? Mas pode ser verdade. (REPORTAGEM¹⁸² JORNAL DA GLOBO - 25 DE JULHO DE 2016)

As imagens do mitema poder pelas armas são regidas pela dominante postural e a schème da divisão, com atiradores em posse dos seus armamentos impondo o seu poder de matar. As vítimas dos mais diferentes poderes bélicos são mostradas através dos seus sofrimentos, dos gritos e tentando fugir dos seus perpetradores. Algumas imagens apresentam o elemento fogo, seja em destruições pela guerra ou iluminando vigílias para acalantar familiares das vítimas e comunidades relacionadas. As reportagens evidenciaram inúmeros conflitos dos Estados Unidos, guerras com países do Oriente Médio e Ásia e a

¹⁸² Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5189030/>. Acesso em 01 de maio de 2021.

grande questão de saúde pública: o uso indiscriminado de armas pela população civil no país norte-americano.

5.3 - DO MITO DA DESTRUÇÃO EM MASSA AO MITO DO CIBERATAQUE

Até que não haja cidadãos de primeira e segunda classe de nenhuma nação. Até que a cor da pele de um homem seja tão significativa quanto a cor dos seus olhos, haverá guerra. Até que os direitos humanos básicos sejam garantidos igualmente a todos, sem dizer respeito à raça, isso é guerra¹⁸³

War - Bob Marley

Com base nas reportagens analisadas e no referencial teórico é possível apontar alguns mitos presentes no conteúdo da mídia e que fazem parte do cotidiano das ações do governo e que influenciam na vida dos norte-americanos.

O **mito da destruição em massa** aponta a imposição do poder baseado no lançamento de armas químicas, biológicas e nucleares. Apesar de terem liderado a corrida de armas atômicas, hoje os Estados Unidos são os maiores defensores do desarmamento e extermínio de armas de destruição em massa. Essa narrativa está em constante discussão no Jornal da Globo.

O **mito do atirador** compreende a narrativa que apresenta o causador de grandes tragédias no país. Na maioria dos casos, há uma história de rejeição ou um apelo por atenção, que leva a uma única saída: a morte dos inimigos, de quem causa o mal e a dor a esses criminosos. O atirador é alguém que busca superar os problemas e exercer o poder através da escolha pela morte através do uso de armas.

O **mito do ciberataque** coloca a informação como uma arma e fonte de poder. Tudo que era secreto e de propriedade do Estado pode estar disponível ao público, através do trabalho de hackers. E tudo que era privado pode ser do

¹⁸³ Tradução Nossa. "That until there no longer first class and second class citizens of any nation. Until the colour of a man's skin is of no more significance than the colour of his eyes. Me say war"

conhecimento do Estado através da espionagem cibernética. Quem detém a informação, obtém o poder.

MITOS ARMAMENTISTAS



1930

MITO DA DESTRUIÇÃO EM MASSA

Armas Químicas
Armas Biológicas
Armas Nucleares



2000

**MITO DO
CIBERATAQUE**
Vazamentos de
informações secretas
Guerra Cibernética
Espionagem



1960

MITO DO ATIRADOR
Tiroteios em massa
Tiroteios em escolas
Alvos isolados

Mito da destruição em massa

Segundo Hak Neto (2011), em 28 de dezembro de 1937, foi a primeira vez que a expressão “armas de destruição em massa” foi utilizada publicamente em uma reportagem no jornal The Times, de Londres. A matéria se referia aos efeitos do bombardeio sobre Guernica, durante a Guerra Civil Espanhola. Mas, na época, o termo era direcionado às armas convencionais, que apresentavam avanço tecnológico para o período, que poderia gerar uma destruição nunca antes vista na história.

Na Primeira Guerra Mundial, já eram usadas¹⁸⁴ armas químicas com o uso de gases como o clorídrico, mostarda, fosgênio e cianeto. Com os efeitos da “Guerra dos Químicos”, 15 países assinaram o protocolo de Genebra, em 1925, proibindo armas químicas e biológicas. Na Segunda Guerra, na Alemanha Nazista (1933-1945), Adolf Hitler exterminou seis milhões de judeus com o gás Zyklon B, a base de ácido cianídrico, cloro e nitrogênio. Foram mortos também com o uso desse artifício ciganos, homossexuais, prisioneiros soviéticos e deficientes.

De acordo com Croddy, Wirtz e Larsen (2004), após a criação da teoria da estrutura atômica, pelo físico Húngaro Leo Szilard, em 1933, Otto Hahn e Fritz Strassmann descobriram a fissão nuclear, em 1938, que deu origem à condução do início do desenvolvimento da bomba atômica pela Alemanha. Um ano depois, os pesquisadores Szilard e Edward Teller se reuniram com Albert Einstein, em Nova Iorque, para contar sobre os esforços do país europeu. Einstein escreve para o presidente Franklin Roosevelt apontando os perigos da possibilidade de construção da bomba atômica. A partir de 1939, os Estados Unidos criam um fundo para a pesquisa sobre a fissão nuclear. Em 1941, a Alemanha lidera uma corrida pela bomba atômica.

¹⁸⁴ Editora Abril. Disponível em <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/5-episodios-com-armas-quimicas-que-entraram-para-a-historia/>. Acesso em 15 de abril de 2021.

Em 1942, foi desenvolvido o maior programa de pesquisa em armas nucleares norte-americanas, chamado projeto Manhattan. Em 16 de julho de 1945, os Estados Unidos testam a primeira bomba atômica do mundo no Estado do Novo México. Em 06 de agosto de 1945, a bomba atômica B29 é lançada em Hiroshima, no Japão. Três dias depois, é lançada uma nova bomba no mesmo país, em Nagasaki.

Na reportagem do Jornal da Globo, em maio de 2016, Barack Obama visita Hiroshima e sobreviventes da bomba atômica, sendo o primeiro presidente norte-americano a estar presente no primeiro alvo nuclear do mundo. Mesmo assim, ele não demonstrou arrependimento pelo bombardeio e pelas consequências dele, apesar de lamentar a produção de armas para destruição em massa.

Barack Obama já havia avisado que não iria pedir desculpas ao povo japonês. Ele explica que em uma guerra decisões difíceis acabam sendo tomadas. Aqui em Hiroshima, ele presta homenagens às pessoas inocentes vítimas da bomba. Obama depositou flores no monumento aos mortos. Falou que o mundo mudou depois da bomba. E que todo o avanço científico, cultural e artístico do homem não foi capaz de impedir que descobertas se transformassem em máquinas de matar. O presidente americano afirmou que é preciso se esforçar para reduzir os estoques de armas. (REPORTAGEM¹⁸⁵ JORNAL DA GLOBO - 27 DE MAIO DE 2016)

Hak Neto (2011) destaca que desde 1946 os Estados Unidos são os principais promotores do regime de desarmamento e não proliferação de armas de destruição em massa. Joseph Nye (2012) explica que os arsenais nucleares são umas das forças militares mais modernas, porém são atroz.

Embora já tendo chegado a um número maior do que 50 mil, as armas nucleares não têm sido usadas na guerra desde 1945. A desproporção entre a enorme devastação que as armas nucleares podem infligir e quaisquer objetivos políticos razoáveis tem feito os líderes dos estados serem compreensivelmente contrários ao seu uso. Portanto, a forma mais moderna de força militar é, para todos os propósitos práticos, demasiado cara - tanto devido ao tabu moral quanto ao risco de retaliação - para os líderes nacionais a utilizarem na guerra. (NYE, 2012, p. 54)

¹⁸⁵ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5054881/>. Acesso em 01 de maio de 2021.

Grande parte das reportagens do Jornal da Globo sobre os Estados Unidos, durante o período analisado, se refere aos perigos da possível utilização de armas nucleares pelo Irã, Coreia do Norte e reforçando o horror do uso de armas químicas na Síria. Essas possíveis ameaças são utilizadas como justificativa para sanções e retaliações feitas pelos Estados Unidos, como o ataque ao Irã, em 2020. "Estados menores como a Coreia do Norte e o Irã buscam armas nucleares para deter os Estados Unidos e aumentar sua influência regional e prestígio global, mas não são equalizadores na política mundial" (NYE, 2012, p. 54). Mesmo tendo restrições e o assunto sendo tratado como tabu há mais de seis décadas, as armas nucleares ainda são importantes na política mundial.

Antes as armas de destruição em massa representavam o progresso científico e tecnológico, isso quando os Estados Unidos se orgulhavam de produzi-las e usá-las, como no caso de Hiroshima e Nagasaki. Hoje, para o país norte-americano, as armas de destruição em massa emanam o terror e o medo em civis de países opressores. Dentro de uma narrativa, há mudanças de nuances e personagens que representam o bem e o mal. Com o argumento de livrar o mundo do mal do Nazismo e seus aliados ou competir com ele, a bomba atômica tinha uma função, mostrar a todos o seu poderio. Hoje, os países que ostentam esse tipo de armamento são vistos como o mal do mundo, que precisa ser eliminado pelo heroico Estados Unidos.

Mito do atirador

Em um país com o maior número de armas do mundo e com a facilidade de aquisição de armamentos de guerra, em alguns Estados, é comum o uso de armas com a finalidade de resolver problemas pessoais e frustrações. Segundo Wright (2001), a sociedade norte-americana vive uma tensão entre a moralidade e o individualismo.

A América pode ter mais sucesso porque é mais individualista. Mas a América também tende a ser mais insensível, dividida, violenta. América é muito menos favorável do que outras nações do mercado de sindicatos, saúde e bem-estar e muito mais caracterizado pelo crime, desconfiança e indiferença. Isto é um problema para a

sociedade americana, e isso reflete um problema na teoria do mercado. As relações de mercado devem ser baseadas em interesses próprios privados, mas essas relações também precisam, para serem civis, um senso unificador de moralidade social, um compromisso compartilhado com a honra¹⁸⁶. (WRIGHT, 2001, p.187, tradução nossa)

Em nome da honra, vemos homens e adolescentes matarem sem pensar no bem comum, na coletividade e na civilidade. Através das reportagens do Jornal da Globo, vemos crianças e adultos tirando vidas, por acidente ou intencionalidade. São diferentes perfis de atiradores, mas há algo que os unem, o acesso livre às armas. Seja na casa dos pais, em estandes de tiros ou nas prateleiras dos supermercados, em muitos Estados não há impedimentos para portar os armamentos. Em várias reportagens, Barack Obama demonstrava ter interesse em dificultar o acesso às armas, mas as forças políticas e econômicas teriam influência sobre os representantes do poder legislativo.

O lobby das armas é um dos mais fortes no país. A indústria de armamentos contribui com doações para as campanhas de centenas de deputados e dezenas de senadores. Os que querem acabar com a facilidade da venda de armas acabam tendo que enfrentar nas eleições adversários políticos apoiados pela indústria. (Reportagem ¹⁸⁷Jornal da Globo - 02 de outubro de 2017)

Donald Trump não demonstrava engajamento pela causa durante o seu mandato. Inclusive, quando ocorreram tiroteios em escolas, ele defendia que professores deveriam ser treinados e armados para matar futuros atiradores. Em algumas edições do Jornal da Globo, a política de armas foi um tema debatido em sua complexidade, através de apresentação e análise de dados sobre os assassinatos e as opiniões de especialistas sobre o assunto. Em fevereiro de 2018, a apresentadora Renata Loprete era categórica ao anunciar os crimes hediondos e a sua extrema recorrência no país.

Aconteceu de novo. Um adolescente abriu fogo em uma escola americana e causou um massacre. São dezenas de feridos e 17 mortes confirmadas na cidade de Parkland, na Flórida. Nós vamos a Nova

¹⁸⁶ America may be more successful because it is more individualistic. But America also tends to be more callous, divided, violent. America is far less supportive than other market nations of unions, health care, and welfare and far more characterized by crime, distrust, and indifference. This is a problem for American society, and it reflects a problem in market theory. Market relations must be based on private self-interests, but those relations also need, in order to be civil, a unifying sense of social morality, a shared commitment to honor.

¹⁸⁷ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6190031/>. Acesso em 30 de março de 2021.

lorque conversar com Jorge Pontual. Pontual, Boa Noite, a conta é macabra. Em sete semanas do ano e esse já é o oitavo incidente com tiros, com mortos, em escolas americanas (Reportagem¹⁸⁸ Jornal da Globo - 14 de fevereiro de 2018)

A figura do atirador está relacionada com o arquétipo do fora-da-lei. É alguém que é capaz de tudo para conseguir o que deseja, mesmo que seus métodos sejam moralmente inaceitáveis. Ele busca a vingança, a destruição, não se identifica com a sua comunidade. Tem o objetivo de deter o poder através do medo que causa. "A ameaça do Fora-da-lei, entretanto, é que uma rebelião individual e silenciosa estourará de maneiras que começarão a destruir a sociedade, seja corroendo-a por dentro ou demolindo-a em uma erupção violenta" (MARK e PEARSON, 2001, p. 126).

O mito do atirador revela uma dificuldade de enfrentamento dos problemas de forma saudável e pacífica. Há o desejo de defender a honra através do enfrentamento, através de uma ação notória e expressiva, buscando o reconhecimento do seu feito como uma forma de provar o seu poder como indivíduo.

Mito do ciberataque

O século XXI é considerado o século da revolução da informação, segundo Nye (2014). A partir da força da informação e da informática é instituído o poder cibernético, caracterizado pelo domínio da eletrônica, relacionada à computação, para explorar informações através de sistemas interconectados e suas estruturas. Com o surgimento desse novo campo, foram criados também os conflitos cibernéticos ou a "guerra cibernética". Para Clarke e Knake (2010), esse termo se refere às ações dos Estado-Nação para perpetrar os computadores de outras nações ou redes com o objetivo de causar dano ou interrupção.

Com um surgimento dessa nova tática de guerra, abriu o precedente para que outros atores, além do Estado, tenham força para os ataques.

No mundo físico, os governos têm um quase monopólio no uso da força em larga escala, o defensor tem um conhecimento íntimo do terreno, e os ataques terminam devido ao desgaste ou à exaustão. Tanto os

¹⁸⁸ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6503251/>. Acesso em 01 de abril de 2021.

recursos quanto a mobilidade são dispendiosos. No mundo virtual, os atores são diversos, às vezes anônimos; a distância física é imaterial; e um único ataque virtual é praticamente gratuito. Como a internet foi planejada para facilitar mais o uso do que a segurança, o ataque atualmente tem a vantagem sobre a defesa. (NYE, 2012, p. 165)

O segundo mandato do governo Barack Obama foi marcado pela divulgação de informações secretas do governo pelo site Wikileaks. Em junho de 2013, o Jornal da Globo deu destaque aos documentos vazados pelo soldado Bradley Manning ao site da organização criada por Julian Assange. No mesmo mês, o governo norte-americano foi acusado de grampear milhões de telefones e informações em servidores, como Dropbox, Yahoo, Google, de cidadãos americanos, violando assim os direitos civis.

Os dados filtrados da internet já seriam a maior fonte de informação da Agência Nacional de Segurança. O governo justifica a invasão de privacidade dizendo que isso ajuda a identificar atividades consideradas suspeitas e a antecipar o movimento de terroristas. (REPORTAGEM¹⁸⁹ JORNAL DA GLOBO - 06 DE JUNHO DE 2013)

Em 2015, os Estados Unidos foram acusados de espionar integrantes do governo Dilma Rousseff e de outros países. Esse incidente gerou um desconforto dos países espionados pelo governo Barack Obama. Em 2016, hackers divulgaram e-mails da cúpula do partido democrata, mostrando uma preferência do partido para que Hillary Clinton ganhasse as primárias. A Rússia foi apontada como autora dos vazamentos para favorecer a candidatura de Donald Trump. Nesse caso, o Jornal da Globo usou o termo guerra cibernética.

William Waack - Citando fontes dos serviços de inteligência americanos, boa parte da imprensa lá nos Estados Unidos afirma que foram serviços secretos russos que invadiram os e-mails do partido democrata e divulgaram o conteúdo como forma de tentar manipular o resultado da eleição presidencial americana. Putin gosta de Trump. Vamos a Nova Iorque, ao vivo, com Jorge Pontual. Pontual, Boa noite, não é a primeira vez que os russos coletam sujeiras da política americana, mas o uso na guerra cibernética nessa escala, é inédita.

189 Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2620321/programa/>. Acesso em 15 de abril de 2021.

A figura do hacker remete ao arquétipo do mago, como aquele que catalisa mudanças, dando luz às situações obscuras. "O mago é sinônimo do velho sábio, que remonta diretamente à figura do xamã na sociedade primitiva. Como a alma, ele é um daimon imortal que penetra com a luz do sentido a obscuridade caótica da vida." (JUNG, 2000, p. 46). Os hackers são capazes de provocar instabilidades, incidentes diplomáticos, podem afetar a política e os rumos das relações entre os países. Há uma popularização da informação antes escondida e utilizada como trunfo nas relações de poder.

O ciberataque é um temor das grandes potências que é usado por elas e ao mesmo tempo contra elas. No caso dos Estados Unidos, o espião torna-se espionado, o que não é favorável ao seu papel hegemônico. Os hackers desvelam informações que podem mudar os rumos da história, a partir das mudanças decorridas do vazamento de informações secretas.

5.4 - O IMAGINÁRIO SOBRE AS ARMAS NOS ESTADOS UNIDOS

Na guerra, é necessário que uma nação compreenda os princípios, a dinâmica, as fricções, as divisões e as forças de sua própria cultura primária para maximizar seu poder na guerra

Adrian R. Lewis

A partir do trabalho de fundamentação teórica e da análise das reportagens do Jornal da Globo será traçada uma possível bacia semântica sobre o poder pelas armas nos Estados Unidos. Salientamos que apenas a partir da quarta fase da bacia semântica podemos trazer elementos veiculados no telejornal com suas representações imaginárias. Os níveis anteriores da bacia semântica são elaborados a partir de literaturas consolidadas na área abordada.

Segundo Durand (1996), cronologicamente, são produzidas alterações significativas por meio de fases e tendências, caracterizadas pela bacia semântica, que pode ter a duração aproximada entre 180 a 210 anos, no máximo. Através de uma analogia com o curso dos rios, são apresentadas as transformações em imaginários.

Cada utilização é modificada pelo crescimento das existências da informação e elas entalham num conjunto sociocultural aquilo que a chamamos bacias semânticas, identificadas por regimes imaginários específicos e mitos privilegiados. A formação dessas bacias segue um processo, mecânico desta vez, cujas seis etapas (cronologicamente irregulares) resolvemos caracterizar por outras metáforas potamológicas: escoamento - separação das águas - confluências - nome do rio - ordenamento das margens (conceituais ou ideológicas - e, por último, declínio: deltas e meandros (DURAND, 1996, p. 165)

As etapas da bacia semântica descritas abaixo não são estanques e não têm duração de tempo exato definida. Algumas fases, apesar de aparecerem em determinada época, continuam influenciando e mostrando os seus desdobramentos até hoje. Como por exemplo, a narrativa da destruição em massa que surgiu na Segunda Guerra Mundial, mas até hoje prevalece na relação dos Estados Unidos com outros países, como por exemplo o Irã e a

Coreia do Norte. Atualmente, vemos a influência concomitante das águas de diferentes fases da bacia semântica no imaginário dos Estados Unidos.

Na fase do escoamento, na América Colonial, os Estados Unidos iniciam a sua construção a partir de confrontos. A guerra para tornar a nação independente da Inglaterra trouxe à tona a verdadeira vocação norte-americana. "O processo de tornar-se americano era, como em certo sentido havia sempre sido, impulsionado e definido pelo conflito; o conflito entre as colônias e a Grã-Bretanha, entre os colonizadores e as populações nativas e entre os próprios colonizadores" (GRANT, 2014, p.150). Em 1775, foi emitida a declaração de causas e necessidades de se pegar em armas, em que a colônia questionava a cobrança de impostos e a falta de representantes nas tomadas de decisões.

O contato constante com tribos nativas e as exigências da vida na fronteira certamente produziram uma população mais familiar com a guerra na sua porta do que muitas populações europeias da época. Portanto, a crença americana na importância de cidadãos armados tem suas origens no período colonial, assim como a pressuposição europeia de que quase todos os colonos seriam atiradores natos. Essa ideia era reforçada por relatos oriundos das colônias que sugeriam, como fez um ministro anglicano em 1775, que o armamento produzido nas colônias era 'infinitamente melhor' do que aquele usado na Europa, e que os armeiros coloniais eram 'empregados constantemente em toda a parte'. A caça do cervo e do peru, observou ele, fizera 'dos americanos os melhores atiradores do mundo'. (GRANT, 2014, p. 151)

No próximo estágio, da divisão de águas, acontece a fusão de escoamentos que apresentam a oposição de imaginários já existentes e a formação de novas ideias presentes na época. Os conflitos entre civis do Norte e Sul do país na Guerra da Secessão consolidou o espírito guerreiro dos Estados Unidos.

A história, lendas, mitos do velho oeste, guerra civil, revolução americana foram incorporadas na cultura americana e transmitidas por indivíduos e instituições que, em parte, moldaram as personalidades, crenças, ética, e ações (práticas) do homem, como Truman, Bush, Patton, LeMay, Halsey, Schwarzkopf e outros políticos e líderes militares¹⁹⁰. (LEWIS, 2007, p.4, TRADUÇÃO NOSSA)

¹⁹⁰ The history, legends, and myths of the Old West, Civil War, American Revolution were incorporated into American culture, and passed down by individuals and institutions that, in part, shaped the personalities, beliefs, ethics, and actions (practices) of men, such as Truman, Bush, Patton, LeMay, Halsey, Schwarzkopf, and other political and military leaders.

A terceira fase se refere às confluências que revelam uma corrente consolidada buscando o reconhecimento e apoio institucional. Assim, os Estados Unidos participaram¹⁹¹ da Primeira Guerra Mundial, dando suporte à Tríplice Entente após um período buscando a neutralidade. O país lucrava com as oportunidades comerciais proporcionadas pelo conflito. Porém, após ter seus navios afundados pela Alemanha em águas internacionais, as forças americanas juntaram-se aos aliados na França. Mais de quatro milhões de americanos participaram da guerra e 320 mil morreram.

O nome do rio, ou a quarta fase, se caracteriza pela constituição do mito da destruição em massa, através da participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. A participação na guerra catapultou a economia norte-americana e contribuiu para que o país assegurasse o seu lugar como uma potência mundial. Os bombardeios em Hiroshima e Nagasaki provaram o poder bélico do país e inspiraram o medo em adversários. "A arma do fim do mundo foi experimentada pela primeira vez há 70 anos com bomba atômica despejada sobre Hiroshima" (REPORTAGEM¹⁹² JORNAL DA GLOBO - 04 DE AGOSTO DE 2015).

Logo após a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria assegurou a hegemonia norte-americana. Os perfis dos modelos socialista e capitalista dos países eram incompatíveis. Foi uma tentativa de conter a União Soviética e acabar com os questionamentos do papel global dos Estados Unidos. "Ainda que evitassem guerras quentes entre si devido à posse de armas nucleares, as mesmas travavam diversas guerras frias (e não só a corrida armamentista), em diferentes tabuleiros e com interferência em outros Estados" (PECEQUILO, 2012, p. 5). Segundo Grant (2014), os Estados Unidos alimentavam um medo sobre a União Soviética.

E o medo, por sua vez, alimentava a crença de que os Estados Unidos podiam - e deviam - vencer uma guerra travada, pelo menos em parte, não contra um adversário tangível, mas em defesa da identidade nacional baseada muito tempo em e definida pelo conflito. (GRANT, 2014, p. 415)

¹⁹¹ Jornal Estadão. Disponível em <https://cutt.ly/GvITzZT>. Acesso em 15 de maio de 2021

¹⁹² Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4370292/>. Acesso em 15 de abril de 2021.

A quinta fase, ou organização dos rios, consolida teoricamente os fluxos imaginários. A cultura da guerra e o aumento do culto às armas após a década de 1960 solidificou a imagem do atirador e o seu simbolismo na sociedade norte-americana. Com o acesso às armas facilitado, inclusive de armamentos de guerra, parte deles acabaram sendo usados em crimes, assassinatos e tiroteios em massa. A grande proliferação de tiroteios em escolas e massacres transformaram esses eventos em rotina no país. A utilização das armas acaba ultrapassando a questão da proteção e é transformada em violência e imposição do poder dos atiradores perante a sociedade.

A noção de que é parte dos direitos de qualquer cidadão nos Estados Unidos possuir uma arma de fogo está profundamente arraigada na sociedade e também na política americana. No total, são 300 milhões de armas legalmente na posse de civis. Nós fizemos o uso de uma organização não governamental e que também não tem fins lucrativos, a Gun Violence Archive, para trazer para vocês esse tipo de informação. Eles monitoram esse tipo de incidente nos Estados Unidos, praticamente de hora em hora, e chegaram a este número para 2017. Tiroteios em massa, como a gente disse no começo do jornal, são aqueles tiroteios definidos da seguinte maneira: tiroteios que atingem quatro pessoas pelo menos. Não significa que todas são mortas. Quatro pessoas atingidas por armas de fogo constituem um tiroteio em massa. Tivemos 273 nos Estados Unidos nesse ano. Dá um por dia mais ou menos. Um outro número importante compilado também por essa organização, Gun Violence Archive, é o número de armas disparadas acidentalmente, 1511 casos desses em 2017, os disparos acidentais nos Estados Unidos. O controle da posse de armas foi tema recorrente e é tema de grande importância, vem sendo assim nas últimas eleições presidenciais americanas. O debate político ressurgiu nesta segunda-feira com todo furor. (REPORTAGEM¹⁹³ JORNAL DA GLOBO - 02 DE OUTUBRO DE 2017)

Nesse período, também ocorria a Guerra do Vietnã, que durou quase vinte anos, foi a primeira guerra que os Estados Unidos perderam em 150 anos, "agonizando uma geração de americanos, rasgando ideologicamente a nação e dando inspiração a movimento anti-imperialistas no mundo inteiro" (KARNAL et. al., 2014, p. 242). Esse conflito gerou grande mobilização popular anti-guerra no país.

Na época, porém, à medida que os anos 1960 - essa década de "tumulto e mudança" - chegavam ao fim, ainda havia um certo tipo de consenso, forjado no contexto de um nacionalismo americano

¹⁹³ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6190031/>. Acesso em 15 de abril de 2021.

baseado, pelo menos em parte, na força militar da nação e na ideia - cujas origens estavam na Revolução e na Guerra Civil, mas que fora mais amplamente disseminada durante a Segunda Guerra Mundial - de que os americanos sempre lutavam pela liberdade, seja nas suas próprias ruas, seja nas de outros. Foi quando essa liberdade deixou de se materializar que o desencantamento e a autodúvida se instalaram. No que dizia respeito aos anos 1960, a mudança, em termos de reforma e da reação contra a guerra só aconteceu depois que o tumulto passou. (GRANT, 2014, p. 425)

A última etapa da bacia semântica, ou deltas e os meandros, aborda como um imaginário específico que foi transportado pelos cursos do rio se desgasta e aponta novos caminhos. Após séculos de manutenção do poder bélico, a tecnologia da informação traz novas perspectivas para a indústria da guerra. O vazamento de informações privadas ou sigilosas podem ter efeitos sobre as relações internacionais e a política. O trabalho de hackers e sites de divulgações secretas como wikileaks, trouxeram uma nova perspectiva de guerra, em que a munição são as informações privadas e confidenciais, que em situações normais o público não teria acesso.

A difusão do poder no domínio cibernético é representada pelo vasto número de atores envolvidos e pela relativa redução dos diferenciais de poder entre eles. Qualquer um, desde um hacker adolescente até um importante governo moderno que pode causar danos no espaço cibernético (NYE, 2012, p. 173)

Essa modalidade de guerra consegue democratizar o poder. Quem detém a informação, pode ter o controle das situações. Assim, como nas eleições norte-americanas de 2016, o vazamento de documentos e troca de correspondências pode virar o jogo e influenciar decisões de instituições, governos e da população, como nas eleições.

5.5 - O IMAGINÁRIO SOBRE AS ARMAS NO JORNAL DA GLOBO

Se o que muda tudo lentamente se explica pela vida, tudo que muda velozmente se explica pelo fogo. (...) Dentre todos os fenômenos, é realmente o único capaz de receber tão nitidamente as duas valorações contrárias: o bem e o mal
Gaston Bachelard

As reportagens do Jornal da Globo do período analisado demonstram o poder emanado pelos Estados Unidos através dos armamentos. É evidenciado o culto às armas e a proteção às legislações que facilitam o acesso ao porte desses equipamentos. As armas são vistas como uma solução para questões políticas e também para problemas pessoais. Elas são símbolos que confrontam os seus contrários, separando o "bem" do "mal", dando ênfase à divisão. O "mal", nesse caso, pode ser um problema pessoal que precisa ser solucionado ou uma nação inimiga, que precisa ser aniquilada.

São dinamizadas imagens de dor e destruição a partir de reportagens sobre ataques com armamentos. As vítimas são vistas em sofrimento, algumas fogem de seus perpetradores, outras estão em desespero. O complexo de Empédocles é evidente em algumas matérias, que mostram o fogo e a assolação dos alvos em conflitos. A destruição aparece como uma saída para a mudança ou renovação

A partir das reportagens, percebe-se a influência de mitos que surgiram ou se intensificaram a partir da Segunda Guerra Mundial. O uso de armas químicas e o temor da produção de energia nuclear por países que não se aliam às políticas norte-americanas são apresentados como uma das preocupações do país, por isso o mito da destruição em massa ainda está presente na junção das águas que formam o imaginário norte-americano.

Outra narrativa que se faz presente no noticiário é o mito do atirador. Mostrado como a ação de um indivíduo que busca notoriedade ou resolução de problemas pessoais através do uso de armas para enfrentar os seus "inimigos".

As consequências dos tiroteios e ataques são vistas através de protestos e vigílias pedindo a paz. Segundo o telejornal, a primeira manifestação pública, em nível nacional, de estudantes pedindo um maior controle na venda de armas, ocorreu em 2018. Desde o início do século XXI, houve um aumento nos casos de tiroteios em escolas, e também de ataques com maior número de mortos, devido também ao acesso às armas com maior poder de fogo. Através das reportagens, percebe-se que está criando-se uma maior consciência por parte da população sobre as consequências da política de armas no país, mas isso não é suficiente, pois é necessária uma vontade política para apresentar soluções.

Na cobertura dos governos Barack Obama e Donald Trump percebemos a dinamização do mito do ciberataque. Obama espionava os cidadãos norte-americanos em suas ligações e troca de mensagens na internet, com a justificativa de controlar ações terroristas. Além disso, acessava conteúdos secretos de outros países, causando o desconforto nas relações com outras nações. O surgimento do site Wikileaks gerou uma preocupação com a divulgação de documentos confidenciais. As matérias veicularam que Trump poderia ter tido apoio da Rússia para vencer as eleições, através de vazamentos de mensagens privadas.

Em termos de ações militares, o governo Obama pensou em estratégias para conter os ataques do Estado Islâmico, as consequências da Guerra Civil na Síria e anexação da Crimeia pela Rússia. Ao sair de um acordo nuclear, Trump criou um impasse com a Coreia do Norte e participou de um encontro simbólico com Kim Jong-Un. No último ano do seu mandato, entrou em um conflito com o Irã, gerando a apreensão do mundo sobre um possível embate entre os países. Esses não foram os únicos enfrentamentos no período analisado, mas foram os que receberam maior atenção do telejornal.

Percebemos o predomínio do regime diurno, através da antítese entre o bem e o mal. A partir da ação dos atiradores, é possível identificar a dominante postural, com a tomada do poder através da posse de armas. Com o armamento em mãos, eles ficam em uma posição elevada, apresentando uma tendência ao gesto da divisão, enquanto as vítimas, depois de atingidas, tendem a produzir imagens de queda. Ser um instrumento da morte é o caminho para a redenção do agressor, que consegue acabar com o seu "mal".

O mito do caubói como narrativa diretora é evidente a partir do momento em que fica clara a divisão entre nós heróis/eles inimigos. O enfrentamento do "mal", definido por eles, é inerente ao imaginário norte-americano. Para acabar com esse inimigo, o confronto é a saída mais prática, pois é preciso o aniquilamento para provar o seu poder. Seja nos tiroteios em massa, em ataques com alvos isolados ou ações militares, as armas são um instrumento de elevação e de imposição da força. Os Estados Unidos tornaram-se uma hegemonia através da construção de um imaginário em que a tomada do poder sempre foi vislumbrada, conquistada pelo medo e pela dor.

6 - PODER PELA OPRESSÃO

Esta mitanálise se propõe a evidenciar que o racismo não é um fenômeno do passado. A opressão não acabou com o fim da escravidão. Todo o sistema de dominação gerou consequências por séculos e gerações. As narrativas podem ter mudado em sua superficialidade, através da alteração de atores opressores (os proprietários de escravos, o poder judiciário, o Estado através da polícia ou o conjunto de todas essas forças opressoras), que têm destaques em determinadas épocas. Porém, a desigualdade permanece e não há previsão que acabe repentinamente.

O primeiro exercício, o do olhar, deve ser feito como ponto de partida. Ao entrar em um restaurante ou praça de alimentação em um shopping: Quem está servindo a comida? Quem está saboreando a refeição? Na fila de um voo no aeroporto: Quantos passageiros são negros? A maioria é branca? Nas universidades (principalmente instituições privadas): Quantos alunos são negros e pardos? É possível contar o número de professores negros ou eles são inexistentes? Quantas obras de autores negros são apresentadas nas bibliografias das disciplinas? Na mídia: Uma criança negra consegue se sentir representada com o que vê?

Após essa observação, é possível ter uma noção superficial da realidade brasileira, que é ainda mais chocante que a norte-americana, devido ao percentual da população. O Brasil é a nação com a maior população negra do mundo fora da África. O número de habitantes pretos e pardos representa 56,10% da população, segundo dados do IBGE¹⁹⁴, enquanto nos Estados Unidos é inferior a 20%. A ocupação de espaços de destaque não é a realidade da população afro-brasileira. Esse é o principal ponto a ser discutido para servir como base para ações a fim de reduzir a desigualdade social. O racismo não acabou com a abolição da escravatura, isso é evidente.

¹⁹⁴ Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2019.

Jovens negros são as principais vítimas de homicídios no país. O alto índice de violência nessa população representa a expressão da desigualdade racial. Segundo o Atlas da Violência, de 2020, realizado pelo Instituto de Pesquisas Aplicadas, "entre 2008 e 2018, as taxas de homicídio apresentaram um aumento de 11,5% para os negros, enquanto para os não negros houve uma diminuição de 12,9%¹⁹⁵". Só em 2018, 43.890 negros foram mortos em todo o território nacional. Em quase todos os Estados brasileiros, com exceção do Paraná, os negros têm mais chance de morrer em um homicídio do que brancos.

Segundo dados do IBGE, coletados em 2019, os negros têm salários mais baixos que os brancos. Eles desempenham atividades que exigem menor nível educacional. "Eles são maioria na agropecuária (62,7%), na construção (65,2%) e nos serviços domésticos (66,6%)¹⁹⁶". Por outro lado, os jovens brancos têm duas vezes mais chances de ter um curso universitário. Esses dados evidenciam a necessidade de promoção de políticas públicas para inserir os negros em posições de poder na sociedade.

Apesar disso, o senso comum ainda questiona as políticas de inclusão. Em setembro de 2020, no Brasil, a rede varejista Magazine Luiza lançou um programa de trainee apenas para negros. A ação foi divulgada após os debates promovidos pela morte de George Floyd nos Estados Unidos. Segundo reportagem,¹⁹⁷ na ocasião, uma juíza do trabalho afirmou que isso seria inadmissível e feria a constituição federal. O presidente da Fundação Cultural Palmares, Sérgio Camargo, disse que a decisão da empresa era racismo contra a população branca, colaborando para a narrativa que historicamente nega a opressão e a realidade social negra.

Em casos isolados, os brancos podem sofrer algum tipo de preconceito, mas isso não é o equivalente ao racismo. Portanto, não existe "racismo reverso", pois racismo é um fenômeno estrutural, que está no alicerce da sociedade,

¹⁹⁵ Atlas da Violência 2020. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em 12 de novembro de 2020.

¹⁹⁶ Jornal Extra. Disponível em <https://extra.globo.com/economia/jovem-branco-tem-duas-vezes-mais-chance-de-chegar-universidade-rv1-1-24741839.html>. Acesso em 12 de novembro de 2020.

¹⁹⁷ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/09/21/programa-de-trainee-para-negros-do-magazine-luiza-cumpre-papel-constitucional-dizem-advogados.ghtml>. Acesso em 10 de novembro de 2020.

alterando as relações e formas de vida. O racismo representa um crime histórico e é incomparável com ofensas isoladas que algum branco possa receber sobre a sua cor, porque ser negro implica em restrições de espaços e de oportunidades. O mesmo não acontece com a população caucasiana.

O artigo 3 da Constituição Federal brasileira prevê como objetivo fundamental do país a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades sociais. Por isso, ações voltadas ao benefício da população negra por empresas vão de encontro à legislação. A partir da apreciação de opiniões desfavoráveis às reparações sociais, percebe-se um temor de um possível esfacelamento da hegemonia branca na ocupação dos espaços de poder.

Quando falamos dos casos de racismo nos Estados Unidos estamos evidenciando a nossa "sombra" (Jung, 2008), projetando os nossos problemas em outra cultura, enquanto silenciemos os nossos. Há uma grande repercussão dos casos de violência contra negros nos EUA, como no caso da morte de George Floyd, que gerou manifestações em todo mundo, reconhecendo que essas ações são algo abominável, mas as mortes de negros no Brasil muitas vezes não são tratadas com a mesma gravidade.

6.1 - COMO SER ANTIRRACISTA E O RECONHECIMENTO DO PRIVILÉGIO BRANCO

Não estar ciente de como o racismo opera no seu contexto não significa que o racismo não exista
Robin Diangelo

A definição de antirracista é "alguém que apoia uma política antirracista por meio de suas ações ou expressando ideias antirracistas" (KENDI, 2020, p. 13). Kendi ainda aborda o racismo como a união de políticas e ideias racistas, que produzem e normalizam as desigualdades raciais.

A desigualdade racial acontece quando diferentes grupos étnicos não se encontram em condições de igualdade. Igualdade racial é quando diferentes grupos sociais possuem relativa igualdade. As políticas racistas sustentam a

desigualdade social entre grupos raciais. E as políticas antirracistas têm o objetivo de produzir a igualdade racial entre grupos étnicos.

No dia 08 de dezembro de 2020, o jogo de futebol¹⁹⁸ entre o Paris Saint Germain e Istanbul Basaksehir foi interrompido pelos jogadores. O quarto árbitro havia apontado para um jogador do time francês, que estava no banco de reserva, e dito: “esse cara negro aí”. O atleta, em questão, disse ao árbitro que se na mesma situação ele se referisse a alguém branco, ele não ia dizer “esse branco aí”. Assim, como um ato antirracista, os jogadores negaram-se a continuar o jogo com a presença do árbitro e encerraram a partida. Essa não foi a primeira vez que o racismo foi presenciado em jogos. Mas pode ter sido a última vez que essas ações saíram sem consequências.

O racismo se traduz, na maioria das vezes, em pequenos gestos, palavras e frases. E também se apresenta por graves atos de violência. Os brancos não precisam conviver com a brutalidade de tratamento discriminatório. Não são perseguidos pela sua cor por seguranças de supermercado e policiais. Infelizmente, a vida dos negros não possui o mesmo valor. Não há preocupação em ofender e matar a população negra.

O privilégio branco é o principal ponto a ser trabalhado para produzirmos atitudes antirracistas. Os brancos não podem se eximir ou deixar de reconhecer o seu papel no racismo. Assumir que existe racismo, privilégios ligados à branquitude e questionar atitudes racistas fazem parte do papel que a população branca deveria ter na atualidade. E é a partir deste lugar, de se reconhecer como um propulsor do racismo e da distinção de realidade, que o cidadão branco deve lutar contra o racismo.

Não reconhecer o racismo é contribuir para a manutenção da desigualdade social. É lutar, mesmo inconscientemente, pela continuidade do domínio somente da figura branca nos espaços de poder. Não é fácil abrir mão disso para dividir o lugar com o outro. Por isso, é mais confortável negar a realidade para manter o que sempre foi assegurado: a sua superioridade. A narrativa da meritocracia traz para a sociedade branca uma sensação de merecimento pelas suas vantagens.

¹⁹⁸ Globo Esporte. Disponível em <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/liga-dos-campeoes/noticia/jogadores-do-psg-e-istanbul-basaksehir-deixam-jogo-apos-suposto-caso-de-racismo.ghtml>. Acesso em 12 de novembro de 2020.

A socióloga norte-americana e caucasiana Robin Diangelo (2018) chama de fragilidade branca o processo de nos sentirmos ofendidos e moralmente atacados ao nos depararmos como integrantes do sistema racista, que oprime os negros. É um desconforto que confronta a superioridade e também é usado como uma forma de proteger as vantagens brancas. É comum escutarmos a frase "o mundo está ficando chato", "tudo é racismo hoje", "não existe racismo aqui, só nos Estados Unidos". A maior prova da fragilidade branca é a constante necessidade de defesa quando o assunto racismo é discutido. "Eu não sou racista, tenho amigos negros" entre outros argumentos são lançados tentando comprovar que os indivíduos não têm nada a ver com a opressão racial. A negação é o principal fator que impede o antirracismo.

Diangelo (2018) trabalha em empresas e organizações dos Estados Unidos com treinamentos para a diversidade. Durante a capacitação, ela observou que as pessoas brancas ficavam ofendidas e defensivas ao se sentirem acusadas de fazerem parte do sistema racista.

Por exemplo, muitos participantes brancos que viviam em bairros tipicamente de brancos e não mantinham relações constantes com pessoas de cor demonstravam absoluta certeza de que não alimentavam preconceito ou animosidade racial. Outros reduziam simplisticamente o racismo a uma questão de pessoas boas versus pessoas más. Muitos deles pareciam acreditar que o racismo fora extinto em 1865 com o fim da escravidão. (DIANGELO, 2018, p. 25)

Há uma crença de que somente pessoas más são racistas e pensam no racismo como atos isolados cometidos por indivíduos e não como um sistema interligado na nossa cultura e sociedade. Conhecer a realidade, apurar o olhar para o cotidiano e ler sobre o assunto são os primeiros passos para reconhecer que somos racistas, pois a sociedade em si é. Ao longo do tempo, perceberemos uma repetição de discursos e narrativas que são constantemente reiterados criando um imaginário e apresentando traços no inconsciente.

Após a morte de George Floyd por policiais, em 25 de maio de 2020, grandes marcas buscaram se posicionar sobre racismo e apoiar o movimento Black Lives Matter, inclusive com doações, nos Estados Unidos. Apesar disso, as ações nesse sentido precisam ir além da caridade e manifestações públicas de apoio. A empresa Vans, marca internacional de calçados voltados ao público

jovem, enviou por e-mail para os seus clientes, em 03 de junho de 2020, uma declaração em que afirmava ter realizado doações para três organizações ligadas ao movimento negro. Em 31 de agosto de 2020, a empresa direcionou, a todos os clientes cadastrados, um relatório sobre a diversidade apresentada na empresa.

Nós reconhecemos que não somos um grande aliado nem nos pronunciamos nos tópicos de raça e justiça social. A incessante violência e padronização social que impactam a comunidade negra é a prova que a nossa sociedade está apenas no início da mudança. Indo adiante, nos comprometemos a criar ações que sempre apoiam a equidade e a justiça pelas comunidades marginalizadas. Queremos compartilhar com vocês passos decisivos que estamos tomando para apoiar e elevar os indivíduos não brancos dentro da empresa e mais abrangente na comunidade global. Isso é só o começo. (Site Vans¹⁹⁹)

A empresa se comprometeu a fomentar a diversidade aumentando a participação de negros e indígenas no site e nas mídias sociais globalmente. Pretende contratar artistas e embaixadores não brancos para as campanhas mundiais da marca. E busca aumentar a representatividade em 30% até 2022 e destinar 35% dos patrocínios de atletas negros até 2024.

No esclarecimento, foi informado o percentual de pessoas não brancas em diferentes setores da empresa. Os funcionários negros, indígenas e pardos representam a maioria (63%) dos vendedores das lojas da marca. Já nos escritórios da empresa o índice das minorias é de 33%, enquanto a maioria é branca (61%). E nos cargos de diretoria apenas 21% pertencem às minorias, sendo liderados por indivíduos brancos (77%).

Então, apesar da empresa declarar que apoia a comunidade negra e fazer doações para as organizações que lutam pela igualdade racial, internamente a desigualdade prevalece na organização. Os negros continuam liderando as posições subalternas (não menos importantes, mas com salários menores e menos privilégios), como o atendimento ao público. Enquanto isso, os funcionários brancos dominam os cargos administrativos e de liderança. Isso apresenta um pequeno retrato de como funciona a desigualdade racial.

¹⁹⁹ Site Vans. Disponível em <https://www.vans.com/empower.html>. Acesso em 17 de janeiro de 2021.

No Brasil, durante uma entrevista no programa Roda Viva, em outubro de 2020, a co-fundadora da instituição financeira Nubank, foi questionada sobre a contratação de minorias para cargos de liderança. Como resposta, a empresária disse “não dá para nivelar por baixo²⁰⁰”, ao explicar que não encontra funcionários capacitados oriundos de minorias. Demonstrando assim, nas palavras dela, que negros não estão no mesmo patamar intelectual da população branca, por isso é difícil incluí-los. Complexo mesmo é compreender que esse tipo de comentário é racista e cria uma narrativa que coloca o negro em constante desvantagem. Por isso, houve repercussão negativa nas redes sociais contra essa fala.

Nos últimos anos percebemos um movimento por parte da população reconhecendo o racismo e produzindo mobilizações nas redes sociais. No dia da morte de George Floyd, por exemplo, telas pretas foram publicadas nas redes sociais em apoio à causa. Apesar da importância desse movimento, o discurso progressista por si só é antirracista? Fazer manifestações nas redes sociais é o suficiente na luta contra a opressão?

Se você tem ou trabalha numa empresa, algumas questões que você deve colocar são: Qual a proporção de pessoas negras e brancas em sua empresa? E como fica essa proporção no caso dos cargos mais altos? Como a questão racial é tratada durante a contratação de pessoal? Ou ela simplesmente não é tratada, porque esse processo deve ser “daltônico”? Há, na sua empresa, algum comitê de diversidade ou um projeto para melhorar esses números? Há espaço para um humor hostil a grupos vulneráveis? Perguntas desse tipo podem servir de guia para uma reavaliação do racismo nos ambientes de trabalho. Como diz a pesquisadora Joice Berth, a questão, para além de representatividade, é de proporcionalidade. (RIBEIRO, 2019, p.41-42)

Pensar o racismo em todas as relações sociais, nos ambientes de trabalho, familiares e na educação das crianças são essenciais. O antirracismo é caracterizado pela defesa de ideias e ações contra o racismo. Mas isso não significa que proferindo palavras de ordem, ou utilizar discursos prontos seja o ponto final dessa mobilização. Exigir mudanças que beneficiem a

²⁰⁰ Canal Roda Viva. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2vYX8B-Ro7M>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

representatividade e a diversidade não são apenas atos de "militância", como é referido muitas vezes pejorativamente.

A defesa dos direitos humanos e da igualdade racial é assegurada por lei e faz parte do código de ética profissional dos jornalistas. As discussões dessas problemáticas precisam ser encaradas como a defesa de direitos básicos da humanidade e não ligadas apenas às ideologias políticas. Obviamente, porque, acima de tudo, racismo é crime.

6.2 - OS BASTIDORES DO TELEJORNALISMO E O RACISMO

Apartheid disfarçado todo dia. Quando me olho não me vejo na TV. Quando me vejo estou sempre na cozinha ou na favela submissa ao poder. Já fui mucama, mas agora sou neguinha. Minha pretinha nós gostamos de você. Levanta saia, saia correndo para o quarto, na madrugada patrãozinho quer te ver. Será que um dia, eu serei a patroa? Sonho que um dia isso possa acontecer. Ficar na sala, não ir mais para a cozinha. Agora digo o que eu vejo na TV: um som negro, um Deus negro, um adão negro, um negro no poder

Rastaman - Adão Negro

Segundo o código de ética da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), é dever dos jornalistas:

Opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos; defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias; combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza. (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS - FENAJ²⁰¹)

O Jornal da Globo, objeto desta pesquisa, acabou fazendo parte em um caso de racismo, que resultou na demissão do apresentador William Waack. Em

²⁰¹ Federação Nacional dos Jornalistas. Disponível em https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

2017, é divulgado na internet um vídeo²⁰² em que o jornalista fala para um comentarista, ao ouvir barulho de buzina vindo da rua: “Tá buzinando por quê? Seu merda do cacete. Deve ser um... Não vou nem falar de quem... Eu sei quem é... Sabe o que é? (pergunta ao comentarista ao seu lado) É preto, né? É coisa de preto mesmo, né? Com certeza” e sorri. O diálogo foi gravado em estúdio (em Washington), antes do jornal iniciar a transmissão. Primeiramente, o profissional foi afastado e sem seguida foi desligado da empresa. A TV Globo fez um comunicado afirmando que não compactua com atitudes preconceituosas. O jornalista informou que em nenhum momento teve o objetivo de protagonizar ofensas racistas. O vídeo teria sido divulgado por um ex-funcionário da emissora, militante da causa negra.

Mesmo contratado pela CNN Brasil, essa atitude racista de Waack não foi esquecida. Durante uma entrevista no programa 360° graus, a jornalista e ex-consulesa da França Alexandra Loras fez uma crítica à participação de William Waack na cobertura das manifestações antirracistas após a morte de George Floyd, nos Estados Unidos. “Quando vejo o William Waack, que foi mandado embora por um episódio de racismo, e hoje ele debater tanto tempo sobre o racismo. Eu acho que deveríamos também convidar negros, no lugar de fala deles, para debater sobre essas questões²⁰³”.

Em fevereiro de 2019, o Jornal Nacional teve a sua primeira apresentadora²⁰⁴ negra em 50 anos de história do telejornal. A jornalista Maju Coutinho passou a integrar, de forma interina, a lista de âncoras do noticioso. O primeiro homem negro a apresentar o JN foi Heraldo Pereira, em 2002. Em setembro de 2019, Maju assumiu a bancada como apresentadora titular do Jornal Hoje. Apesar de ser apenas um dos poucos casos em que negros que ocupam posição de destaque no telejornalismo, esses fatos contribuem para a representatividade da população negra.

²⁰² You Tube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WR2CcTWeM_A>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

²⁰³ Revista Isto é. Disponível em <https://istoe.com.br/william-waack-e-exposto-por-entrevistada-em-cobertura-de-ato-antirracista/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

²⁰⁴ Zero Hora. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2019/02/maju-estreia-no-jornal-nacional-e-internet-vibra-com-a-primeira-apresentadora-negra-do-noticiario-cjs84hu3x01xn01mrx4mxvowf.html>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.



Imagem 55: Apresentadora Maju Coutinho com a menina Maria Alice.
Fonte: <https://emails.estadao.com.br/noticias/>

Maria Alice, de dois anos, teve um vídeo viralizado na internet em que ela se reconhece nas imagens da TV. “É o meu cabelo aqui²⁰⁵ (a menina aponta para a tela na TV, enquanto Maju apresenta o Jornal Hoje)”. A apresentadora Maju Coutinho compartilhou o vídeo no seu perfil do Instagram e recebeu a menina no estúdio do telejornal, onde participaram em uma entrada ao vivo no programa Encontro, da Rede Globo.

Apesar desses momentos inspiradores, Maju Coutinho sofre com ataques racistas e perseguições por parte do público que reserva duras críticas à jornalista. Dois homens usaram perfis falsos para proferir ofensas raciais à jornalista na página da Rede Globo, no Facebook. Os réus foram condenados²⁰⁶ pelos crimes de racismo e injúria racial.

Durante os protestos pela morte de George Floyd, a Globo News foi alvo de críticas, pois só escalava jornalistas brancos para falar de racismo no programa Em Pauta. Pela repercussão, o programa do dia 4 de junho de 2020

²⁰⁵ Perfil do Instagram da jornalista Maju Coutinho. Disponível em https://www.instagram.com/p/B5Q2-OMpnNd/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=embed_video_watch_again. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

²⁰⁶ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/09/tj-de-sp-condena-dois-homens-por-racismo-e-injuria-racial-contr-a-jornalista-maju-coutinho.ghtml>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

foi feito só por jornalistas²⁰⁷ negros, inclusive o apresentador, Heraldo Pereira substituiu Marcelo Cosme. O programa foi um marco da programação e foi reexibido no Globo Repórter com apresentação de Glória Maria.

Com esse fato, fica evidente a falta de representatividade no jornalismo e também acaba, muitas vezes, reforçando estereótipos, de que negros devem ser chamados "apenas" para falar sobre racismo. Sendo que muitos profissionais negros poderiam contribuir em toda a programação da emissora em diferentes pautas.



Imagem 56: Programa em Pauta apresentado, exclusivamente, por jornalistas negros
Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>

Em seus mais de 50 anos de história, a afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul, a RBS TV, contou com a participação da primeira jornalista negra na apresentação dos telejornais de Porto Alegre apenas em 2020. Fernanda Carvalho assumiu²⁰⁸ a bancada do RBS Notícias nas escalas de folga dos apresentadores titulares.

Todas essas ações são muito importantes para a integração dos jornalistas negros no telejornalismo. A população negra não pode apenas ser retratada em reportagens de crimes, tragédias e assassinatos. É preciso mostrar os negros em espaços de poder, em diálogos dos mais variados temas e valorizar a sua presença.

²⁰⁷ Portal ZH. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2020/06/globo-reporter-desta-sexta-reexibe-edicao-do-em-pauta-da-globonews-sobre-racismo-ckb1b7od8005f015n4wmi9ys6.html>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

²⁰⁸ Porta Coletiva. Disponível em <https://www.coletiva.net/noticias/fernanda-carvalho-entra-na-escala-do-rbs-noticias-,347000.jhtml>. Acesso em 22 de janeiro de 2020.

Então, creio que as pessoas falham em compreender, é que a mídia, a mídia de massa especificamente, se estamos ou não conscientes disso, nós a usamos para definir as nossas expectativas em relação às outras pessoas. Então, o que vemos na televisão, no cinema, em filmes, o que vemos nesses espaços é o que internalizamos e projetamos em outras pessoas. Então é isso que eu acho importante, que não só apontamos as formas como a mídia perpetua esses estereótipos, eu acho que tem um componente de preguiça. Tem uma má vontade de se dismantelar algumas dessas mentiras, algumas dessas caricaturas. Tem algumas que vendem bem então a mídia depende delas. Mas até a gente chegar no ponto que estamos dispostos a ser corajosos e não só reconhecer, mas retratar pessoas negras como seres humanos, que vivem vidas normais, que se apaixonam, que resolvem mistérios, que saem em aventuras, que fazem coisas sem ser lidar com a morte e crime, vai ser difícil essa mudança ficar visível na sociedade. (STONE, 2020, Encontro "Racismo e Branquitude: Antirracismo"²⁰⁹)

Outra grande questão a ser debatida é a "glamourização" da desigualdade social, que é construída há décadas nos telejornais. É comum os noticiários contarem histórias de superação e sofrimento da população pobre e negra como algo admirável e inspirador. Reportagens sobre crianças que não têm acesso ao transporte escolar e precisam se sacrificar para chegar à escola romantizam algo que vai contra a constituição e ao Estatuto da Criança e Adolescente. É dever do Estado assegurar o acesso à educação.

Muitas vezes, casos de pessoas negras que enfrentam grandes dificuldades para obter um diploma ou passar em um concurso público são romantizados. Entretanto, ainda que seja bastante admirável que pessoas consigam superar grandes obstáculos, naturalizar essas violências e usá-las como exemplos que justifiquem estruturas desiguais é não só cruel, como também uma inversão de valores. Não deveria ser normal que, para conquistar um diploma, uma pessoa precise caminhar quinze quilômetros para chegar à escola, estude com material didático achado no lixo ou que tenha que abrir mão de almoçar para pagar um transporte. A cultura do mérito, aliada a uma política que desvaloriza a educação pública, é capaz de produzir catástrofes. Hoje, em vez de combater a violência estrutural na academia, a orientação de muitos chefes do Executivo brasileiro é uniformizar as desigualdades, cortando políticas públicas universitárias, como bolsas de estudo e cotas raciais e sociais. (RIBEIRO, 2019, p. 37-38)

Em vez do foco das reportagens ser o descaso do poder público, acaba alimentando uma narrativa de que se a população pobre e negra sofre é apenas por falta de vontade para mudar de vida. E em muitos casos, sabemos que é um

²⁰⁹ Palestra "O Papel da Comunicação no Antirracismo". Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FyjUX0hz7qQ>. Acesso em 11 de novembro de 2020.

sistema social inteiro que contribui para essa realidade. O telejornalismo precisa repensar nos seus discursos para evitar o reforço do imaginário racista.

6.3 - O RACISMO NO JORNAL DA GLOBO

No justice, no peace - Sem justiça, não há paz

Manifestantes no protesto pela morte de George Floyd

As reportagens sobre racismo no Jornal da Globo se referem às mortes de negros por policiais, à história da segregação racial no país e a ascensão do movimento dos direitos civis. Também evidenciam as políticas sobre imigração e as ações para evitar a entrada de imigrantes ilegais.

A mitanálise se dará a partir da evidenciação da trajetória mítica do tema racismo nas reportagens e da constelação de imagens selecionadas, uma de cada matéria, quando há imagens para ilustrar e não é apresentado o conteúdo apenas pela presença do repórter. Esses dois pólos de análise devem-se, principalmente, ao caráter televisivo de unir o texto à imagem.



Imagem 57: Marcha de Selma em 1965. Reportagem do Jornal da Globo de 03 de abril de 2018.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6633783/programa/>



Imagem 58: Domingo sangrento na Marcha de Selma em 1965. Reportagem do Jornal da Globo de 03 de abril de 2018.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6633783/programa/>

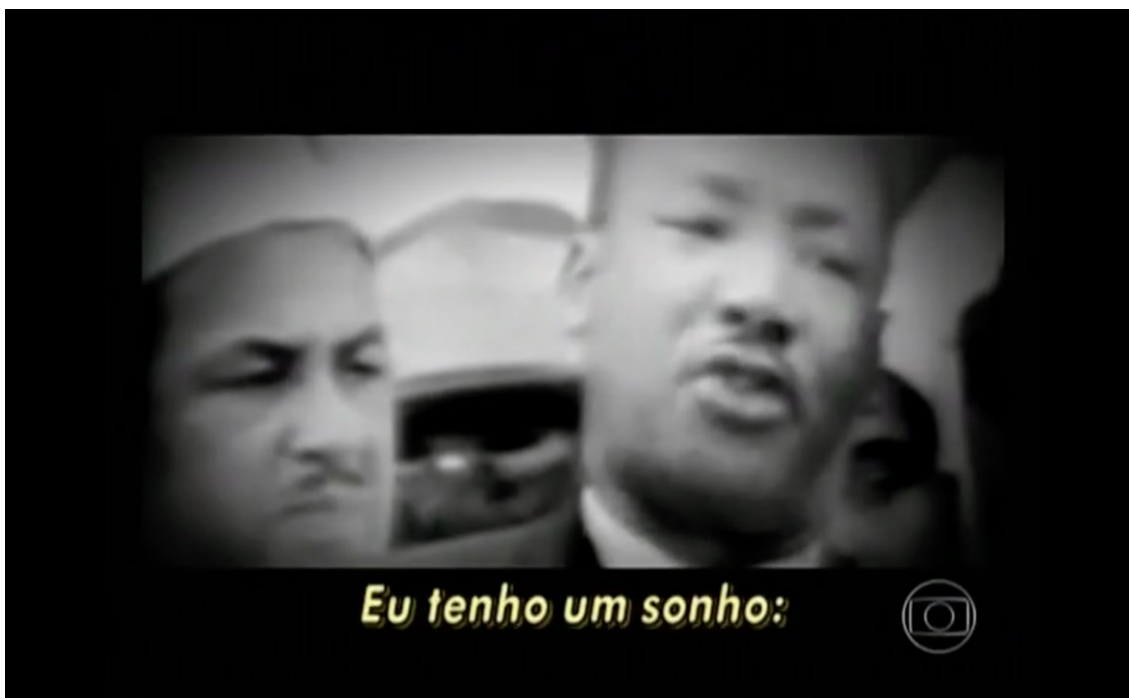


Imagem 59: Discurso Martin Luther King. Reportagem do Jornal da Globo de 27 de agosto de 2013.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/2786342/programa/>

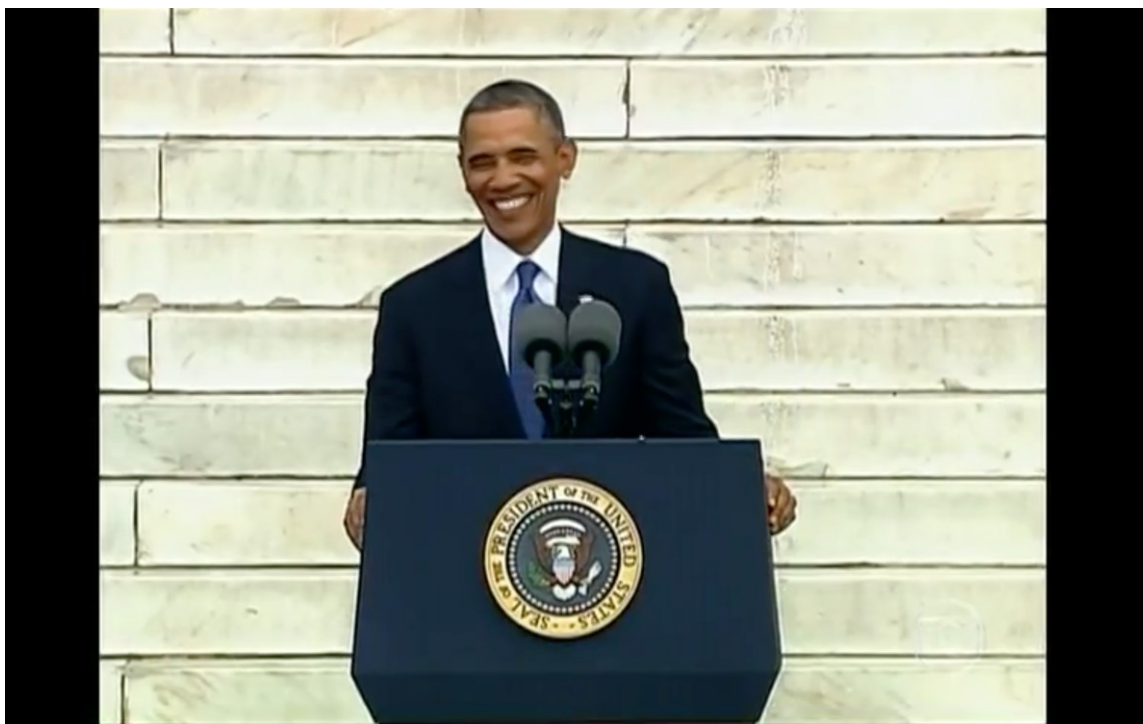


Imagem 60: Obama repete manifestação de Martin Luther King. Reportagem do Jornal da Globo de 28 de agosto de 2013.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/2788793/programa/>

Nas primeiras imagens acima (número 57 e 58), observa-se a mobilização da Marcha de Selma a Montgomery, em 1965. Esse foi um movimento de luta para os negros terem direito ao voto nos Estados Unidos, que percorreram 85 quilômetros em manifestação. Os protestos foram seguidos de violência policial, sangue e prisões. A mobilização teve grande impacto em Washington e gerou a Lei de Direito ao Voto, um marco para o movimento dos direitos civis.

A última imagem (número 60) mostra Obama em um evento que pretendia celebrar os 50 anos do famoso discurso "Eu tenho um sonho" (imagem 59) de King na Marcha de Washington. Entre esses dois eventos observamos que ocorreram poucas mudanças na sociedade norte-americana. A segregação explícita dos negros acabou. Obama chegou ao poder como o primeiro presidente negro do país, 43 anos depois da garantia dos votos dos afro-americanos.

Inconscientemente pouco mudou. Os negros ainda podem ser vistos como seres de segunda classe pelo poder público e continuam sofrendo nas mãos das figuras de poder. Percebemos o mito do eterno retorno, em que há a repetição da ação humana, um ritual. Há mais de meio século, negros sofrem agressões, segregações, têm os seus direitos restringidos, e ao mesmo tempo,

a consequência são as mobilizações. Como defende Eliade "um objeto ou uma ação só se tornam reais na medida em que imitam ou repetem um arquétipo. Assim a realidade só é atingida pela repetição ou pela participação" (1985, p. 49). É preciso reproduzir os feitos de Martin Luther King Jr. para que novos tempos sejam alcançados.

Martin Luther King Jr. é visto como um herói até hoje, tendo suas ações celebradas em um dia do mês de janeiro, todo ano, em um feriado nacional. Como intelectual, buscava resolver os conflitos primeiramente pela fala e fazendo política, participando de negociações com governantes. Quando a conversa não gerava nenhum resultado, King partia para a ação. A Marcha de Selma a Montgomery foi uma dessas situações. Na diplomacia ou na dor, a situação precisava mudar. E esse sentimento, décadas depois, permanece.

A maioria dos casos de violência contra negros divulgada pela mídia é seguida por manifestações. Depois da década de 1960, nada se comparou aos protestos pela morte de George Floyd, em 2020.



Imagem 61: Protestos pela morte de George Floyd. Reportagem do Jornal da Globo de 05 de junho de 2020.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/8607372/programa/>



Imagem 62: Protestos pela morte de George Floyd. Reportagem do Jornal da Globo de 02 de junho de 2020.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/8598576/>



Imagem 63: Protestos pela morte de George Floyd. Reportagem do Jornal da Globo de 05 de junho de 2020.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/8607372/programa/>

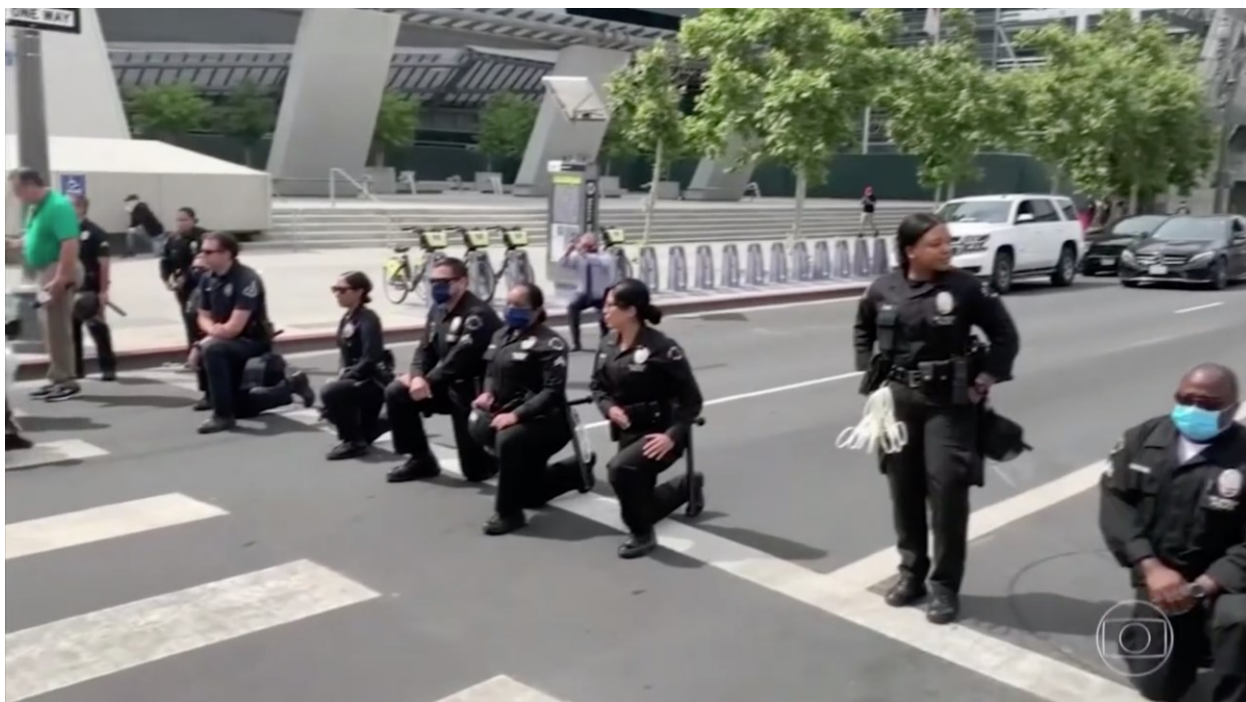


Imagem 64: Protestos pela morte de George Floyd. Reportagem do Jornal da Globo de 02 de junho de 2020.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/8598576/>

Após o assassinato brutal de George Floyd, em 25 de maio de 2020, manifestantes saíram às ruas (imagens 61 e 63) com cartazes pedindo o fim da conduta violenta dos policiais e o corte de verbas do policiamento. A demanda é que esse investimento seja revertido em ações públicas para reduzir a desigualdade social no país.

Alguns policiais se colocaram de joelhos ao chão (imagem 64) em apoio às manifestações contra a violência policial, percebendo-se as determinantes da estrutura sintética do regime noturno de Durand. Há a harmonização dos contrários mesmo com as suas oposições e distinções, buscando um caminho progressista. "Já não se tratará da procura de um certo repouso na própria adaptabilidade, mas de uma energia móvel na qual a adaptação e assimilação estão em harmonioso concerto" (DURAND, 2002, p. 346). A morte, nesta realidade, representa um recomeço e não o fim. Seria uma espécie de renascimento de um ideal, através do símbolo cíclico da repetição dos rituais.

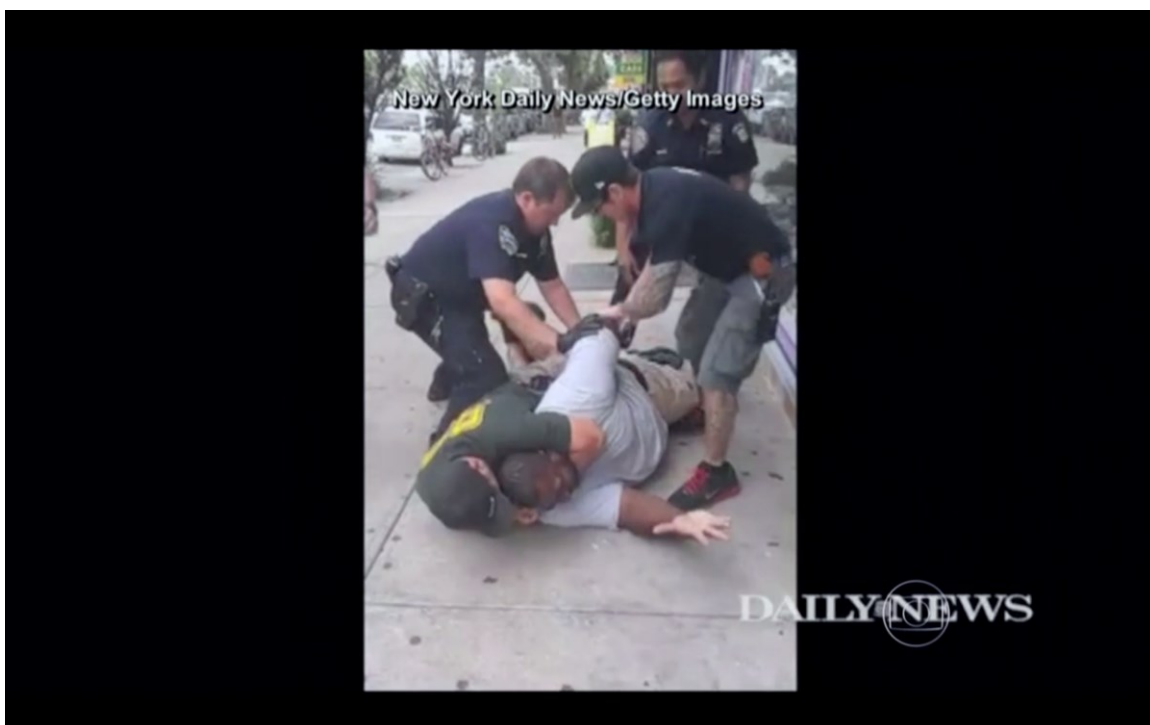
Os cânticos e coreografias demonstradas nos protestos seguiam um ritmo, gestos e reivindicações. "Esse é um dos momentos mais bonitos do protesto, quando os manifestantes se ajoelham, levantam o punho em riste, com o sinal do black power, ou poder negro, e gritam bem baixinho: "se não há justiça,

não há paz" (reportagem Jornal da Globo, 02 de junho de 2020²¹⁰). Essa repetição performática de se ajoelhar, levantar o punho e proferir a mesma frase inúmeras vezes demonstra um caráter simbólico rítmico, que Durand relaciona com a pulsão sexual, no caso interpretado como um apelo emocional.



Imagem 65: Policial pressiona o pescoço de George Floyd contra o chão até a morte. Reportagem do Jornal da Globo de 01 de junho de 2020

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/8595779/>



210 Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8598576/programa/>. Acesso em 16 de dezembro de 2020.

Imagem 66: Após ser imobilizado, como vemos na foto, o policial pressionou o pescoço de Eric Garner contra o chão até a sua morte, em 2014, em Nova York. Reportagem do Jornal da Globo de 04 de dezembro de 2014.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3810921/programa/>

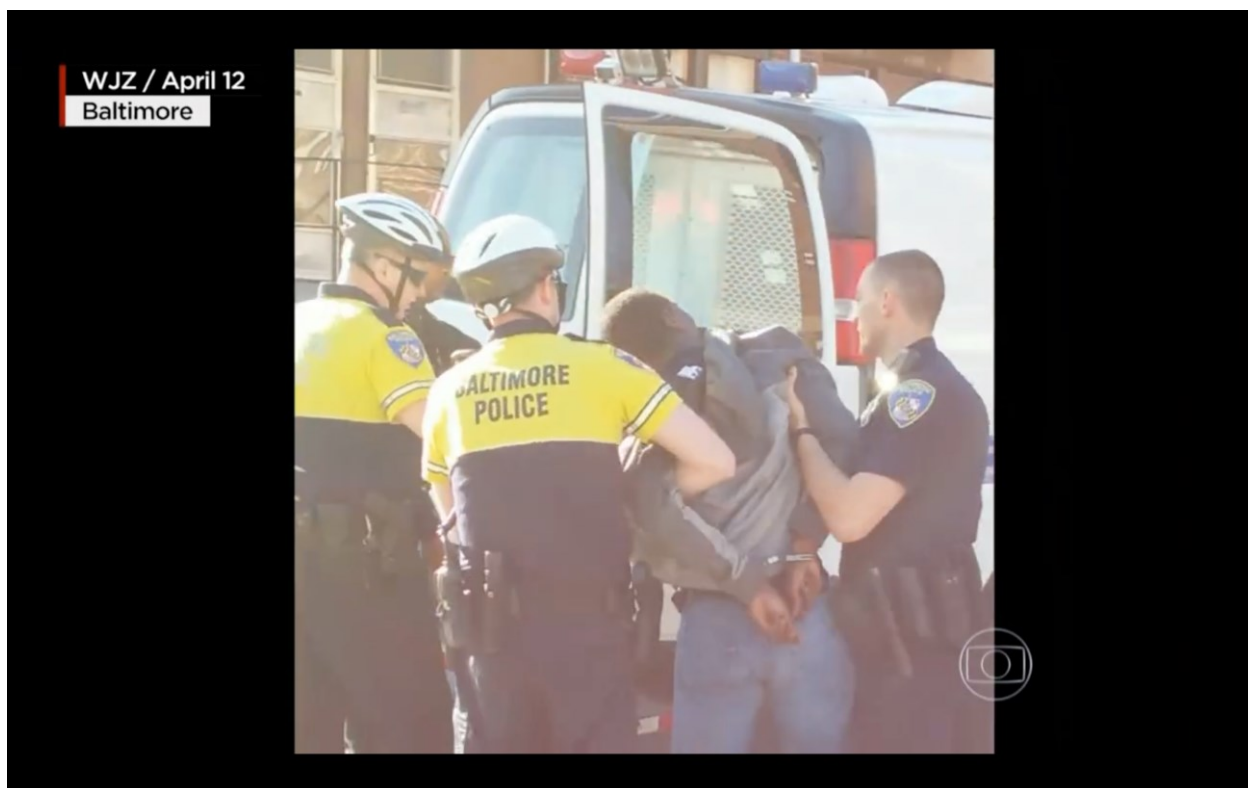


Imagem 67: Momentos antes de Freddie Gray ser morto por policiais em 2015. Ele saiu do carro da polícia sem vida. Reportagem do Jornal da Globo de 29 de abril de 2015.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/videos/t/todos-os-videos/v/manifestantes-protestam-pacificamente-em-baltimore-e-outras-cidades-americanas/4145050/>



Imagem: 68 Homem negro algemado e amarrado a uma corda puxado por um policial a cavalo, no Texas, em 2019. Reportagem do Jornal da Globo de 07 de agosto de 2019.
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7826654/>

Essas imagens de agressões explícitas mostram a dicotomia entre o bem e o mal e o caráter de divisão. Nessa situação, os negros são encarados, pelos policiais, como o "mal", que precisa ser eliminado. Os policiais, supostamente, representam o bem, que precisa combater as forças do mal. Percebe-se que em todas as imagens os policiais exercem a sua superioridade estando acima dos negros. A dominante postural é evidente em todas essas situações.

Os policiais estão no alto, em uma posição elevada em relação aos negros. Eles estão relacionados ao arquétipo do herói e ao exercício do poder. "Refere-se sempre a um homem ou um homem-deus poderoso que vence o mal, apresentado na forma de dragões, serpentes, monstros, demônios etc. e que sempre livra seu povo da destruição e da morte." (JUNG, 2016, p. 223-224). Na imagem em questão, os policiais têm em suas mãos o poder de decidir em usar a força para combater o "mal". Eles estão montados a cavalo arrastando um homem negro, como se tivessem capturado o mal.

A questão de relacionar o negro com algo ruim está ligado aos símbolos nictomórficos, que são relativos à noite e à escuridão. "A negrura é sempre valorizada negativamente. O diabo é quase sempre negro ou contém algum negror" (DURAND, 2002, p. 92).

Os símbolos catamórficos, relativos à queda, também estão presentes. Esses são relacionados com a dor, o medo e o castigo. Antes de morrer, todas as vítimas, dos vídeos divulgados no Jornal da Globo, imploram por suas vidas, dizem: "Eu não consigo respirar". Para os policiais autores das agressões, não importa se eles não conseguem respirar, o que está em jogo é o exercício de poder contra os negros e para isso eles precisam rebaixar as vítimas, colocá-las próximo ao chão. De maneira que os policiais ficam na posição vertical, acima, mais perto do céu. O Regime Diurno possui como um dos Schèmes (a tendência do gesto) a divisão. Nesse caso, há a clara distinção entre poder dos brancos de serem responsáveis pela morte ou vida de um indivíduo negro.



Imagem 69: "Eu vim matar negros", "Morreram porque eram negros", diz suspeito de matar nove pessoas em uma igreja em uma comunidade negra, em 2015. Reportagem do Jornal da Globo de 18 de junho de 2015. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4263287/>



Imagem 70: Donald Trump não condenou os neonazistas que provocaram uma morte em Charlottesville, em 2017. Reportagem do Jornal da Globo de 14 de agosto de 2017. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6078615/>

O homem suspeito de matar nove pessoas em uma igreja em 2015 (imagem 69) está com um semblante tranquilo enquanto os policiais negros o seguram. Ele está no mesmo nível que os policiais, em sua horizontalidade. O cidadão branco não é retratado imagetivamente como um ser menor por ter cometido um crime. Em nenhum momento vemos imagens do suspeito sendo arrastado, ou sendo colocado no chão. Não é possível ver sinais de violência, não notamos nenhum traço de revolta, mas sim uma atitude pacífica dos policiais com os criminosos brancos. Enquanto George Floyd morreu por uma suposta nota de 20 dólares falsa ao comprar cigarros, o supremacista que tirou tantas vidas é respeitado em seu papel de prisioneiro, aproveitando assim o seu privilégio branco, mesmo sendo suspeito de um massacre. A sonora²¹¹ de uma entrevistada aponta que ele deveria ter problemas psicológicos. Demonstrando que foi um caso isolado e cometido por uma pessoa desequilibrada emocionalmente. Se fosse um negro no lugar ou um mulçumano o que seria dito?

Em 2017, neonazistas protestaram²¹² contra negros, judeus e imigrantes, em Charlottesville, a duas horas de Washington. A cidade foi escolhida pois o município anunciou que pretendia retirar a estátua do general confederado Robert E. Lee de um parque. Durante as manifestações, centenas de pessoas carregaram tochas, fazendo saudações nazistas e gritando palavras de ordem contra as minorias. O ato foi descrito pelos participantes como um evento para unir a direita. Um homem atropelou um grupo de pessoas que protestava contra a marcha da extrema-direita, uma pessoa morreu e 33 ficaram feridas. O Jornal da Globo apenas mostrou imagens do atropelamento (imagem 70) e relacionou com as políticas de Donald Trump, mas não focou nos protestos.

Diante de tanta brutalidade, nos últimos anos, personalidades e anônimos em atos coletivos e individuais demonstraram a sua indignação em diferentes formas de protestos.

²¹¹ Segundo Paternostro (2006), sonora é o termo que se usa para designar uma fala da entrevista.

²¹² Portal BBC. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40910927>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

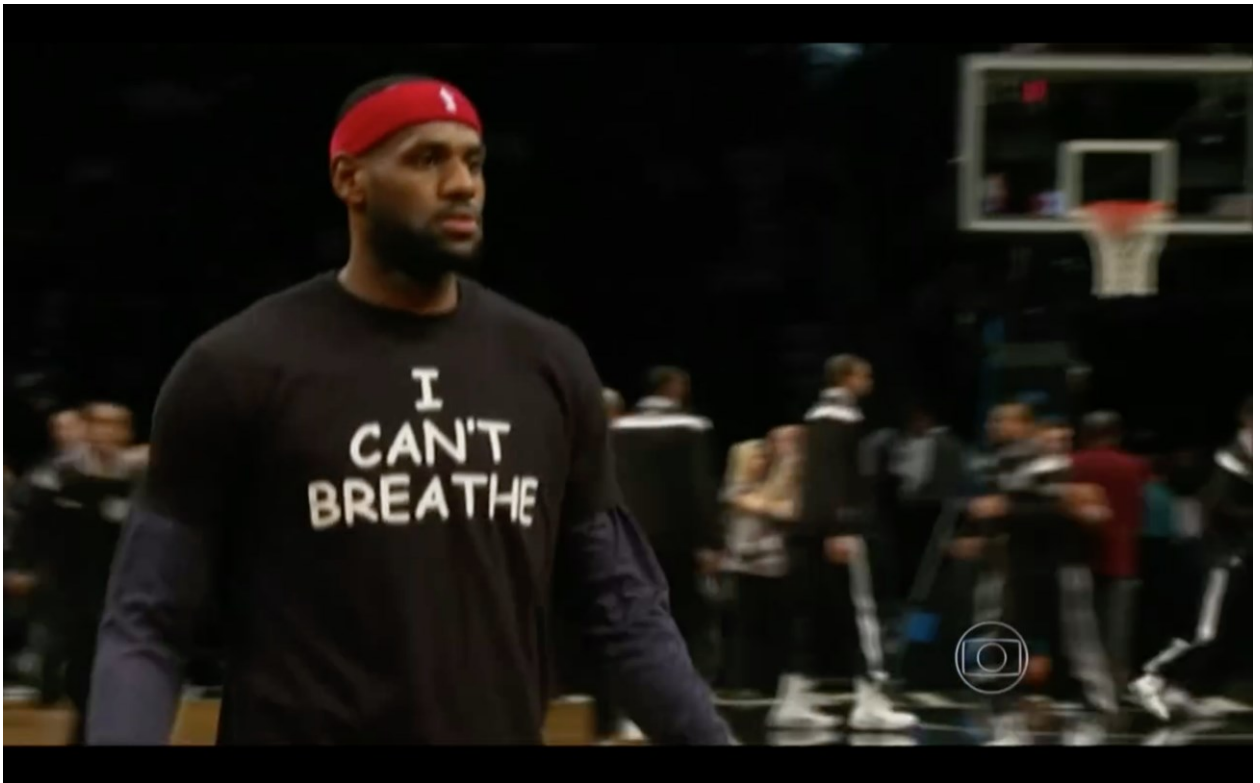


Imagem 71: Jogador de basquete LeBron James com uma camiseta com a frase "Eu não consigo respirar", em um jogo da NBA após a morte de Eric Garner em 2014. Reportagem do Jornal da Globo de 08 de dezembro de 2014.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3818712/programa/>



Imagem 72: Jogador de futebol americano Colin Kaepernick protestando contra a morte de negros, durante a execução do hino nacional, em um jogo da NFL em 2016. Reportagem do Jornal da Globo de 08 setembro de 2016.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5292703/programa/>



Imagem 73: Protestos para a retirada da bandeira dos Estados Confederados, que defendiam a escravidão no período da Guerra Civil, após a morte de nove pessoas em uma igreja em uma comunidade negra por um supremacista branco. Reportagem do Jornal da Globo de 23 de junho de 2015. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4274014/programa/>



Imagem 74: A guarda nacional de Baltimore garante o toque de recolher após protesto pela morte do jovem negro Freddie Gray morto pela polícia, em 2015. Reportagem do Jornal da Globo de 28 de abril de 2015. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4142462/>



Imagem 75: Memorial em uma igreja em uma comunidade negra, em Charleston, onde um supremacista branco matou nove pessoas. Reportagem do Jornal da Globo de 18 de junho de 2015. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4263287/>



Imagem 76: Memorial no local onde George Floyd foi morto. Reportagem do Jornal da Globo de 01 de junho de 2020. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/8595779/>

Durante um jogo da liga de basquete norte-americana, o jogador LeBron James usa uma camiseta com a frase "Eu não consigo respirar" (imagem 71),

lembrando da morte do jovem Eric Garner, que foi estrangulado por um policial, em Nova York, em 2014. Dois anos depois, o jogador de futebol americano Colin Kaepernick se ajoelhou durante a execução do hino nacional (imagem 72) antes de um jogo, em repúdio ao tratamento que os negros recebem nos Estados Unidos. O jogador se "rebaixa" diante do hino, fica mais perto ao chão, como as vítimas de agressões.

Manifestantes também pediam para que a bandeira dos Estados Confederados (imagem 73), que defendiam a escravidão durante a Guerra Civil, fosse retirada de prédios públicos. Em pleno século XXI, ainda é preciso lutar contra imagens racistas que circulam naturalmente na sociedade. Assim como no Brasil, em que o hino do Estado do Rio Grande do Sul traz o trecho "povo que não tem virtude acaba por ser escravo" é cantado com orgulho pelos seus habitantes. O vereador de Porto Alegre Matheus Gomes e a bancada negra da Câmara Municipal negaram-se²¹³ a levantar durante a execução do hino na cerimônia de posse do legislativo, em 2021. Com isso, foram atacados por outros membros do legislativo que acreditaram que o ato era um desrespeito à instituição.

Existem rituais na sociedade que reproduzimos sem pensar em como eles carregam e perpetuam o imaginário racista. Os atos de venerar a bandeira dos confederados, nos Estados Unidos, e cantar o trecho referido do hino do Estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, propagam uma trajetória de opressão que precisa ser rompida.

Apesar da maioria das matérias evidenciarem a violência que cerca e mata a população negra, algumas reportagens abordam a ocupação ou falta dela nos espaços de poder. Em 2013, o Jornal da Globo mostrou a imagem do encontro entre Barack Obama e Nelson Mandela (imagem 77), ocorrido em 2005 em Washington, ao abordar a visita de Obama à África do Sul. Durante o primeiro mandato, a expectativa era que África recebesse atenção especial de Obama, devido às suas raízes no Quênia, mas isso não aconteceu. Nessa viagem ao continente, em 2013, Obama prometeu aumentar os acordos comerciais e melhorar a relação dos Estados Unidos com a África.

²¹³ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/01/30/vereador-de-porto-alegre-registra-ocorrencia-por-ameacas-apos-protesto-contr-hino-do-rs.ghtml>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

Em 2015, a cidade de Baltimore foi alvo de protestos pela morte do jovem negro Freddie Gray. Ele foi preso por portar uma faca, enquanto era transportado pela polícia, em uma van, ele sofreu diversos ferimentos e foi levado ao hospital. Seis policiais foram indiciados. Na imagem (número74), vemos a destruição causada pelos manifestantes da cidade e o fogo. Cansados de serem vítimas da violência policial, alguns manifestantes são extremos e demonstram a sua revolta com atos de vandalismo. E isso pode ser justificado pela impunidade nesses casos. Nenhum dos seis policiais envolvidos foram condenados. A acusação considerou²¹⁴ que o jovem foi submetido à prática do "passeio do cowboy", em que o prisioneiro é transportado sem cinto de segurança em uma cela, enquanto o veículo é submetido a freadas e viradas bruscas para que o preso se machuque propositalmente.

Frequentemente, após essas tragédias, são criados "memoriais" nos locais onde os crimes ocorrem com flores e orações como uma forma de homenagear os mortos e encerrar o ciclo da vida, encarando a nossa finitude. É um momento em que a morte precisa ser encarada e não mascarada. A violência contra os negros ela promove indignação, revolta e desejo de mudança, mesmo que seja enfrentando a morte.

Em Minneapolis, onde Floyd foi morto, o irmão dele participou de um protesto. Terrence Floyd fez um discurso forte com um apelo pela paz, disse que entendia o sentimento das pessoas, mas os protestos com distúrbios e destruição não vão trazer George Floyd de volta²¹⁵ (reportagem Jornal da Globo - 01/06/2020)

Os protestos não podem mudar o passado, mas podem alimentar uma mudança de mentalidade. Enquanto a situação dos negros ainda não muda, continuaremos presenciando a morte brutal no cotidiano e agindo como se fosse algo distante da nossa realidade.

²¹⁴ Portal G1. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/justica-arquiva-caso-contr-policiais-por-morte-de-negro-em-baltimore.html>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

²¹⁵ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8595779/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.



Imagem 77: Encontro entre Barack Obama e Nelson Mandela em Washington, em 2005. Ambos foram os primeiros presidentes negros dos seus países e ganharam o prêmio Nobel da Paz. Reportagem do Jornal da Globo de 28 de junho de 2013. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/2662442/>



Imagem 78: A Cerimônia do Oscar de 2017 teve recorde de indicações de autores negros para a premiação. Reportagem do Jornal da Globo de 24 de janeiro de 2017. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5599811/programa/>



Imagem 79: A atriz Toni Morrison recebe a medalha da liberdade do então presidente Barack Obama, em 2012. Essa é a maior honraria concedida a um civil nos Estados Unidos. Ela foi a primeira mulher negra a ganhar o Nobel de Literatura. Reportagem do Jornal da Globo de 06 de agosto de 2019. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7823719/>



Imagem 80: Obama participa de comício apoiando Hillary Clinton nas eleições. Reportagem do Jornal da Globo de 17 de dezembro de 2018
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7240412/programa/>

O Jornal da Globo mostrou em três reportagens, no período analisado, negros em posições de poder. Em junho de 2013, Barack Obama visitou a África do Sul, e a reportagem lembrou do encontro entre Obama e Nelson Mandela, em 2005, em Washington. Na imagem do encontro (número 77), Mandela está sentado evidenciando a sua condição debilitada, após anos de luta. Obama está em pé, no alto da imagem, evidenciando o ciclo da vida, enquanto alguém cumpriu o seu papel, há outros que iniciam a sua jornada.

A reportagem mostra Obama e Mandela sendo símbolos da quebra de preconceitos em dois países marcados pela luta racial. Eles foram os primeiros presidentes negros das suas nações. Os dois receberam o prêmio Nobel da Paz. "Mas Obama sempre reforçou que as duas biografias são incomparáveis... Para ele e para o mundo, Nelson Mandela é um herói²¹⁶".

Em 2017, a cerimônia do Oscar apresentou um recorde de atores negros indicados ao prêmio, no total de seis. No ano anterior, nenhum afro-americano integrava a lista dos finalistas. O repórter Jorge Pontual fez uma relação entre a realidade do Oscar e a situação do gabinete do presidente Donald Trump, que tinha apenas um único negro.

A morte da escritora Toni Morrison foi tema de reportagem. Ela foi a primeira mulher negra a ganhar o Nobel de Literatura, em 1993. "Escreveu onze romances sobre os negros e para os negros²¹⁷". Ela lutava pela criação de um memorial sobre os escravos nos Estados Unidos. Criou o projeto "banco na beira da estrada", que instalou 25 assentos nos Estados Unidos para lembrar os escravos. O livro "Amada" foi escolhido como o melhor romance americano das últimas décadas, por um júri dos principais escritores do país.

Em uma entrada ao vivo, com o jornalista Guga Chacra, foi citado um estudo divulgado pelo Senado norte-americano, produzido pela Universidade de Oxford, que apontou que os russos buscaram desmoralizar a população negra para que não fosse votar nas eleições para presidente, em 2016, assim favorecendo o candidato Donald Trump.

²¹⁶ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2662442/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

²¹⁷ Reportagem Jornal da Globo de 06 de agosto de 2019. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7823719/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

É preciso lembrar que o ex-presidente e marido de Hillary Clinton, concorrente de Trump nas eleições de 2016, é acusado de colaborar com o encarceramento em massa de negros, com o seu projeto atribuído como guerra às drogas. Na ocasião, negros foram chamados de "superpredadores" pela então primeira-dama e difundindo esse termo pejorativo na mídia. Esse fato foi lembrado na campanha presidencial de Hillary.

6. 4 - RACISMO CONTRA IMIGRANTES

Precisamos de pontes, não de muros

Papa Francisco



Imagem 81: Obama apresenta projeto de lei da imigração. E promete tirar da ilegalidade 11 milhões de imigrantes.

Entrada ao vivo Jornal da Globo de 29 de janeiro de 2013. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/2375061/>



Imagem 82: Cidade da Flórida, com grande presença de imigrantes vindos da Venezuela, presta solidariedade à população venezuelana. Reportagem do Jornal da Globo de 28 de março de 2014. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3246653/>



Imagem 83: Na campanha eleitoral para presidência, Trump defende a sua mais importante proposta: a construção de um muro na fronteira com o México para deter imigrantes ilegais. Reportagem do Jornal da Globo de 14 de março de 2016. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4884042/>



Imagem 84: Trump reafirma a construção do muro na fronteira com o México.
Reportagem do Jornal da Globo de 25 de janeiro de 2017. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5602688/>

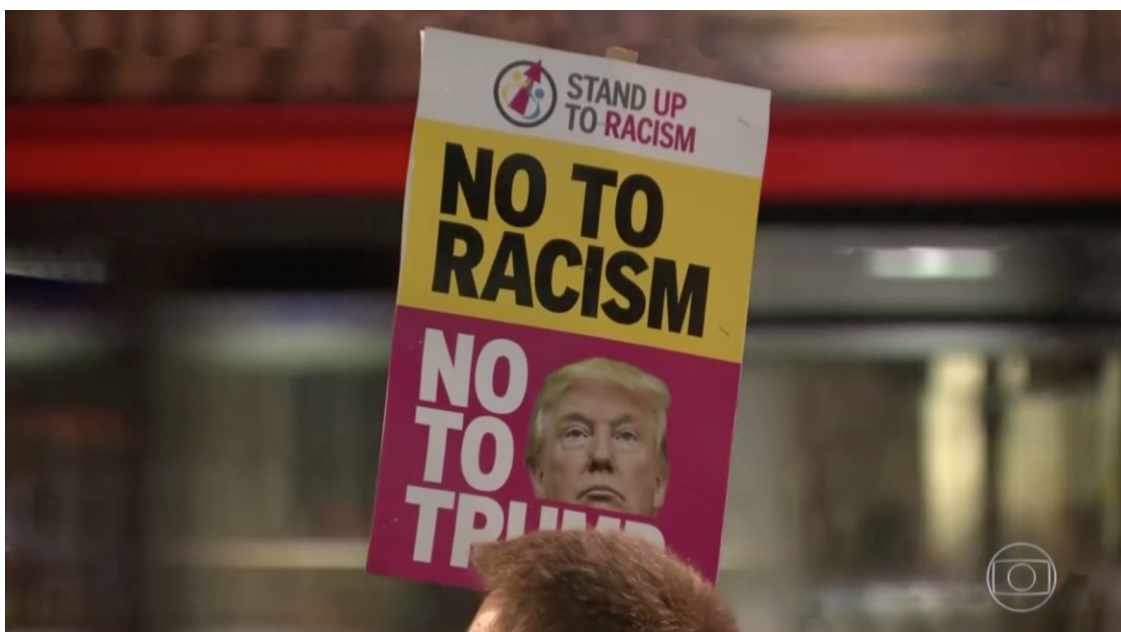


Imagem 85: Decreto restringe a entrada de sete países, de maioria muçulmana, nos EUA, gerando críticas em todo mundo.
Reportagem do Jornal da Globo de 30 de janeiro de 2017. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5602688/>



Imagem 86: Trump assina decreto que aumenta o cerco aos imigrantes ilegais. Reportagem do Jornal da Globo de 09 de novembro de 2018. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7151764/>



Imagem 87: Filhos de imigrantes ilegais são separados dos pais em um abrigo improvisado, semelhante a jaulas, na fronteira com o México. Reportagem do Jornal da Globo de 19 de junho de 2018. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6820579/>



Imagem 88: Líder de uma milícia acusada de deter imigrantes ilegais é preso nos EUA. Reportagem do Jornal da Globo de 29 de abril de 2019. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7578092/>

Em janeiro de 2013, Barack Obama anunciou apoio ao compromisso de tirar 11 milhões de imigrantes da ilegalidade nos Estados Unidos. Pela proposta de Obama, imigrantes que não tivessem antecedentes criminais poderiam obter autorização de permanência provisória e entrar na fila para o Green Card, o documento de residência permanente. Apesar disso, a segurança da fronteira seria reforçada e seria facilitada a imigração de trabalhadores agrícolas e profissionais qualificados. "Um especialista em imigração calcula, que a incorporação desses imigrantes na economia americana elevaria o PIB dos Estados Unidos em um trilhão e meio de dólares em dez anos²¹⁸".

A reportagem e o telejornal não citam que Obama era considerado por organizações ligadas às políticas de imigração como "deportador chefe²¹⁹", uma analogia à expressão "commander in chief", usada para se referir aos presidentes. Representantes desses grupos acreditavam que Obama priorizava deportar criminosos condenados de crimes graves e pessoas logo que chegavam, durante o seu governo, sem ficha criminal. Apesar desse apelido,

²¹⁸ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2375061/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

²¹⁹ "Deporter in chief". Tradução Nossa.

Obama deportou²²⁰ mais de cinco milhões de imigrantes, enquanto o governo Bush havia expulsado 10 milhões e a administração Clinton removeu 12 milhões.

Em março de 2014, foi veiculada uma reportagem sobre a cidade de Weston, na Flórida, que tem 10% da sua população formada por imigrantes Venezuelanos, o que rebatizou o nome da cidade de Westonzuela. Essa é a única matéria que mostra a importância dos imigrantes na comunidade, sem problematizar a questão da ilegalidade. Frequentemente os moradores da cidade prestam solidariedade ao povo venezuelano colocando frases como "SOS Venezuela" em seus carros, nas vitrines de lojas e restaurantes. A questão social do país sul-americano é abordada como a falta de alimentos, produtos de higiene, a violência e a manipulação da mídia pelo governo venezuelano. Os Estados Unidos seriam um refúgio para esses imigrantes fugindo dos problemas no seu país de origem.

Na campanha presidencial de 2014, Donald Trump lançou a sua principal proposta de construir um muro na fronteira com o México. O objetivo era impedir a entrada de imigrantes ilegais. "Construir um muro na fronteira com o México, dizer que os mexicanos são criminosos e estupradores, essas só foram algumas das ideias que Donald Trump falou em público nessas eleições²²¹".

A reportagem apresenta que 17% da população norte-americana (57 milhões de pessoas) é formada por latinos. Através do sonho de viver nos Estados Unidos, eles chegam ao país e ocupam, na maioria das vezes, posições no mercado de trabalho que os norte-americanos não almejam, como a construção civil. Em Nova Iorque, por exemplo, 41% do quadro de funcionários desta área é composto por latinos. Esses imigrantes também trabalham em atividades rurais e em restaurantes. O partido Republicano, de Donald Trump, não teria simpatia com a população latino-americana nas eleições.

Um professor da Universidade de Nova York entrevistado na reportagem afirma: "Eu acredito que os países da América Latina percebem que existe um elemento anti-latino nos Estados Unidos e até racista²²²".

²²⁰ Portal CNN. Disponível em <https://edition.cnn.com/2019/07/13/politics/obama-trump-deportations-illegal-immigration/index.html>. Acesso em 22 de janeiro de 2021

²²¹ Reportagem Jornal da Globo de 14 de março de 2016. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4884042/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

²²² Reportagem Jornal da Globo de 14 de março de 2016. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4884042/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

Por outro lado, ao ganhar as eleições, Donald Trump seguiu defendendo a construção do muro, alegando ser uma forma de proteger os empregos dos norte-americanos. Sendo que, como visto anteriormente, esses imigrantes ocupam posições menos disputadas no mercado de trabalho do país. Na reportagem de 25 de janeiro, logo após a posse de Trump, o repórter Jorge Pontual explica a importância da construção do muro para os eleitores do republicano.

Vivo (Jorge Pontual) - Mas, pra quem vê de fora, para os americanos que elegeram Trump é o cumprimento de uma promessa, a primeira e a mais importante promessa que o levou a conquistar o Partido Republicano e a Casa Branca. Nos comícios de Trump, que eu cobri, os gritos de "construa o muro" eram os mais fortes. É como se todos os problemas do país fossem ser resolvidos por esse muro. Simboliza a fortaleza América, a política de "a América primeiro", que Trump consagrou no discurso de posse. E o fato de que logo na primeira semana Trump cumpriu a promessa explica, em parte, o clima de otimismo no país que levou o índice Dow Jones a ultrapassar hoje a marca histórica de 20 mil pontos. Mas será que o muro mesmo vai ser construído? Eu conversei, pela internet, com o cientista político Ian Bremmer do grupo Eurásia, vamos ver como ele reagiu. Roda VT²²³ - Sonora - (Ian Bremmer - cientista político) - Ainda estamos muito longe da construção do muro, será extraordinariamente caro. O dinheiro tem que ser autorizado pelo congresso, ainda não foi. E não me surpreenderia, se no final, houver só um pequeno trecho de muro para Trump tirar fotos. (Reportagem Jornal da Globo - 25 de janeiro de 2017²²⁴)

Em 30 de janeiro do mesmo ano, Trump divulgou um decreto que restringia a entrada de imigrantes de sete países, de maioria muçulmana, nos Estados Unidos. "A história dos Estados Unidos é a história de um país de imigrantes, que vieram e continuam vindo pra cá em busca de uma vida melhor e de liberdade, sobretudo, religiosa. Por isso, o mundo ficou tão chocado²²⁵". O ato gerou manifestações em todo o mundo.

Passado mais de um ano, em novembro de 2018, Trump assinou outro decreto que aumenta o cerco aos imigrantes ilegais. O texto acaba com a concessão de asilo para quem atravessa a fronteira com o México. Ele também

²²³ Segundo Paternostro (2006), a expressão "roda o VT" se refere a colocar no ar o videotape, ou arquivo, no qual a matéria está editada.

²²⁴ Reportagem Jornal da Globo de 25 de janeiro de 2017. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5602688/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

²²⁵ Reportagem Jornal da Globo de 30 de janeiro de 2017. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5602688/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

informou que vai tentar acabar com o programa que legalizou a situação de 700 mil jovens que entraram no país ilegalmente quando eram crianças. Esses jovens são conhecidos como *dreamers*, sonhadores em português. A reportagem conta que a inspiração para a criação dessa lei, assinada por Barack Obama, foi a história da brasileira Teresa, que se mudou para os Estados Unidos aos dois anos. Ela contou a trajetória da sua família para uma professora, que enviou uma carta para o senador Dick Durbin, criando o "dream act", ou o ato do sonho.

Passagem²²⁶ (Sandra Coutinho - Nova York) - O maior medo da Teresa, quando ela estava em situação ilegal, era ver a família separada. Os pais da Teresa, que nasceram na Coreia do Sul, seriam deportados para lá. A Teresa, que nasceu em São Paulo, teria que voltar para o Brasil. E o irmão dela, que nasceu aqui nos Estados Unidos, acabaria tendo que ir para um orfanato²²⁷ (Reportagem Jornal da Globo - 09/11/2018)

O caso de maior repercussão foi a separação de filhos de imigrantes de suas famílias. Em 19 de junho de 2018, a repórter Carolina Cimenti foi até um dos abrigos na fronteira dos Estados Unidos, onde as crianças eram mantidas em um espaço improvisado, semelhante a jaulas.

Esse abrigo acabou se transformando numa espécie de símbolo dessa crise dos imigrantes, porque com a mudança da política dessa tolerância zero com os imigrantes. Que trata as pessoas que cruzam a fronteira dos Estados Unidos ilegalmente como criminosos e não só como irregulares. Essa política então faz com que esses então considerados criminosos sejam presos. Esses adultos são presos, são separados dos filhos, se tiverem acompanhados de crianças e as crianças são trazidas para abrigos como esse aqui, que na realidade, na prática, acaba se transformando em uma prisão infantil, porque elas não têm o direito de saírem daqui, nem de encontrarem os pais. Desde o início de maio, já foram mais de duas mil e trezentas crianças separadas das famílias delas. E aguardam a ação dos pais na justiça para poderem, eventualmente, reencontrá-los. 200 dessas crianças foram trazidas para esse abrigo. Esse abrigo está sendo apelidado aqui pelos locais como canil. Foi daqui que saíram aquelas imagens bastante chocantes de cerca de 40 meninos pequenos desacompanhados, sentados no chão de concreto dentro de jaulas. (Reportagem Jornal da Globo de 19 de junho de 2018²²⁸)

²²⁶ Segundo Paternostro (2006), passagem é a gravação feita pelo repórter no local do acontecimento.

²²⁷ Reportagem Jornal da Globo de 09 de novembro de 2018. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7151764/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

²²⁸ Reportagem Jornal da Globo de 19 de junho de 2018. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6820579/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

Uma milícia é acusada de deter imigrantes ilegais, inclusive brasileiros. Esse foi o tema de uma reportagem de abril de 2019. O líder da milícia foi preso e teve o pedido de fiança negado. Os milicianos se escondiam em emboscadas na fronteira com o México e perseguiram os imigrantes. Nas imagens, é possível ver brasileiros, que cruzam a fronteira ilegalmente, fugindo dos milicianos. Uma brasileira cai com uma mala e é detida por um homem armado e com roupas militares.

Nas imagens, de praticamente todas as reportagens, imigrantes sem documentos cruzam entre um muro e uma faixa de terra. Pessoas correm e atravessam o deserto com mochilas nas costas. Crianças são colocadas em jaulas, sentadas no chão de concreto e se aquecem com folhas de alumínio.

Sentimos a presença do regime diurno em sua função de separar através da figura do muro. O “mal” representado pelos imigrantes é reforçado pelas falas de Trump chamando-os de criminosos, estupradores²²⁹. O muro representa uma barreira entre o bem e o mal, cidadãos norte-americanos e os imigrantes. Ao "animalizar" os filhos de imigrantes sem documentos, colocando-os em jaulas, esses indivíduos são inferiorizados. Obviamente, por estarem contra a lei, entrando no país ilegalmente, são esperadas punições, mas penalidades desproporcionais como essa só evidenciam o racismo com os povos latino-americanos, que são força de trabalho e movimentam a economia dos Estados Unidos. Em vez de investirem bilhões na construção de um muro, por que não aplicar esse valor em ações para desenvolver a economia dos países da América Central e do Sul? Assim, evitando que a fuga para os Estados Unidos seja a única esperança.

²²⁹ Revista Exame. Disponível em <https://exame.com/mundo/trump-chama-de-criminosos-os-jovens-imigrantes-ilegais-dos-eua/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

6.5 - SILENCIAMENTOS NO JORNALISMO

Eu sempre perguntava à minha mãe: 'Mãe, como pode ser tudo branco?'. Dizia 'Por que Jesus é branco com cabelo loiro e olhos azuis? Por que na Última Ceia só tem homem branco? Os anjos são brancos, o papa, Maria e mesmo os anjos'. Eu disse: 'Mãe, quando morremos, vamos para o céu? E ela: 'Certamente vamos para para o céu'. E eu: 'Bom, o que aconteceu com todos os anjos negros que tiraram as fotos? Ah, já sei, se os brancos também estavam no céu, então os anjos negros estavam na cozinha preparando o leite com mel deles' (...) Eu perguntei 'Mãe, por que tudo é branco?' Sempre me perguntei, sabe. E o presidente mora na Casa Branca. E Maria teve um cordeirinho e sua lã era branca como a neve, e a Branca de Neve. E tudo era branco. O Papai Noel era branco. E tudo que era ruim era preto. O patinho feio era preto. E o gato preto dá má sorte. E se eu te ameaçar, vou chantagear (blackmail, em inglês). E eu falei 'Mãe, por que eles não dizem whitemail? Os brancos mentem também. Eu sempre fui curioso. E foi aí que eu entendi que algo estava errado

Muhammad Ali

De cada dez pessoas mortas pela polícia no Brasil, oito são negras, segundo o Anuário²³⁰ Brasileiro de Segurança Pública. Apesar disso, muitas vezes os casos são silenciados nos noticiários. Apenas quando há grande repercussão esses crimes são veiculados. Em novembro de 2020, João Alberto Silveira Freitas, homem negro, foi morto por asfixia enquanto era espancado por seguranças de um supermercado, em Porto Alegre. Primeiramente, a delegada responsável pelo caso disse que não poderia relacionar o crime com racismo. Semanas depois, a responsável pela investigação afirmou²³¹ que o racismo estrutural seria uma das causas para determinar a conduta dos agressores.

Esse tipo de crime, que ocorre em grande escala nos Estados Unidos, também não chega em sua integralidade nos telejornais brasileiros. Nos últimos anos houve pelo menos uma dezena de casos de morte de negros pela polícia

²³⁰ Portal Uol. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/10/18/oito-a-cada-10-mortos-pela-policia-no-brasil-sao-negros-aponta-relatorio.htm>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

²³¹ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/12/11/policia-cita-racismo-estrutural-na-conduta-de-envolvidos-na-morte-de-joao-alberto-no-rs.ghtml>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

com grande repercussão, muitos deles não foram nem citados pelo Jornal da Globo. Isso pode contribuir para a falsa crença que esses casos são isolados. Segundo o Washington Post²³², 997 pessoas foram mortas por policiais nos Estados Unidos em 2020. Homens negros tem o dobro de chances de serem mortos em situações como essa, apesar da população negra ser minoria (13%) no país. Desde janeiro de 2015, mais de seis mil pessoas foram mortas pela polícia nos Estados Unidos.

Esses são alguns dos casos de grande notoriedade²³³, que ocasionaram ondas de protestos a partir de 2013:

Eric Garner - 17 de Julho de 2014 - Ao ser pego vendendo cigarros individuais, fora da caixa original, em Nova York, foi imobilizado e asfixiado, tendo o pescoço comprimido contra a calçada. Ele gritou onze vezes "eu não consigo respirar" antes de morrer.

Michael Brown - 9 de agosto de 2014 - Acusado de roubar um maço de cigarros, no Missouri, foi morto por policiais, que atiraram seis vezes.

Tamir Rice - 22 de novembro de 2014 - O jovem de 12 anos foi morto em Cleveland, por policiais que responderam a um chamado de porte de arma, que seria possivelmente falsa. Ele morreu com um tiro. Após a sua morte, os policiais constataram que a arma era de brinquedo.

Walter Scott - 04 de abril de 2015 - Morreu após receber cinco tiros pelas costas disparados por um policial que fazia uma abordagem ao seu carro, na Carolina do Sul. Scott estava com um dos faróis do veículo queimado e acabou discutindo com o policial. Ele acabou correndo e foi alvejado.

²³² Washington Post. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/graphics/investigations/police-shootings-database/>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

²³³ Portal BBC. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-52905408>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

Alton Sterling - 05 de julho de 2016 - Após uma denúncia de que um vendedor de CDs estaria discutindo em frente a uma loja, ele foi baleado diversas vezes por policiais, na Louisiana.

Philando Castile - 06 de julho de 2016 - Foi morto durante uma abordagem policial ao lado da sua namorada, em Minnesota. Ele informou que possuía licença para transportar uma arma, que estava portando no momento. Foi baleado enquanto ele procurava o documento.

Stephon Clark - 18 de março de 2018 - Foi morto durante uma investigação de invasão, na Califórnia. Ele foi alvejado por, no mínimo, sete vezes. Os policiais alegaram que ele estava portando uma arma, mas só foi encontrado um celular no local do crime.

Breonna Taylor - 13 de março de 2020 - A paramédica, de 26 anos, foi morta com oito tiros enquanto policiais executavam um mandado de busca de drogas, no Kentucky. Nenhum narcótico foi encontrado no local.

George Floyd - 25 de maio de 2020 - Foi detido e sufocado até a morte por policiais que atendiam uma ocorrência sobre o uso de uma nota de 20 dólares falsa, que foi usada para comprar cigarros. O caso gerou a maior onda de protestos da história dos Estados Unidos após a morte de Martin Luther King Jr., na década de 1960.



Infográfico: Casos de violência policial com maior repercussão e mobilização social nos EUA nos últimos anos

Fonte: Elaborado pela autora

Morte de negros por policiais no Jornal da Globo



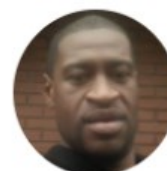
Julho 2014
Eric Garner



Agosto 2014
Michael Brown



Abril 2015
Freddie Gray



Mai 2020
George Floyd

Infográfico: Casos de violência policial com maior repercussão e mobilização social nos EUA, veiculados no Jornal da Globo

Fonte: Elaborado pela autora

Dos nove casos de morte de negros por policiais, com grande repercussão, apenas quatro foram divulgados no Jornal da Globo. Em 2014, as mortes de Michael Brown e Eric Garner foram temas de reportagens. Entre os anos de 2015 e 2020, apenas os casos de Freddie Gray e George Floyd foram citados.

No dia 01 de junho de 2020, em uma semana que repercutia a morte de George Floyd, foi veiculada uma nota coberta²³⁴ abordando os casos de violência policial que ficaram impunes e tiveram grande repercussão. Nesse conteúdo, foram divulgados sete nomes: Rodney King (1991); Timothy Thomas (2001); Oscar Grant (2009); Trayvon Martin (2012); Eric Garner (2014); Tamir Rice (2014) e Freddie Gray (2015).

²³⁴ Segundo Paternostro (2006), nota coberta é o texto lido pelo apresentador em off.

Foi a única tentativa do telejornal de mostrar que quando ocorre esse tipo de violência é algo recorrente. Porém, o noticiário não evidencia muitos desses casos nos dias em que os fatos ocorrem ou simplesmente silenciam, como o caso da morte da paramédica Breonna Taylor, que ocorreu dois meses antes da morte de George Floyd. Até o fim de junho de 2020, a morte de Breonna não havia sido mencionada.

Esse silenciamento de casos notórios alimenta a crença de que são fatos isolados no país, pois as ocorrências não são mostradas em sua integralidade. Há uma preferência em cobrir assuntos como política externa e economia. Temas como violência contra negros e imigrantes são minoria. Entre 2013 e 2018, foram veiculadas quatro reportagens sobre violência policial. Em 2020, foram ao ar 18 matérias sobre a repercussão da morte de George Floyd nos Estados Unidos, além dos desdobramentos em outros países.

Percebemos que a morte de Floyd foi um marco para a luta contra o racismo e a violência policial no país e para a cobertura do tema no Jornal da Globo. Como combater algo que não é visto? Como promover a conscientização de temas relevantes ao mesmo tempo que se silencia mortes com notoriedade? É preciso que haja uma continuidade na cobertura sobre a violência contra negros no período pós George Floyd.

6.6 - DO MITO DA INFERIORIDADE RACIAL AO MITO DA DIFERENÇA

A partir do referencial teórico e das reportagens do Jornal da Globo, é possível traçar algumas narrativas míticas que são vivenciadas em sociedade e propagadas pela imprensa durante a história recente norte-americana.

MITOS RACIAIS DOS ESTADOS UNIDOS



ATÉ 1960

MITO DA INFERIORIDADE

Da escravidão até as leis Jim Crow



1990

MITO DO CRIMINOSO

Novo Jim Crow
Encarceramento em massa

1960



MITO DA IGUALDADE

Movimento dos Direitos Civis

2020



MITO DA DIFERENÇA

Black Lives Matter
Neutralidade racial

Primeiramente, o **mito da inferioridade racial** defendia a subordinação da raça negra devido à sua inferioridade frente à população branca. Essa narrativa passou por algumas transformações e, mesmo com o fim da escravidão, vigorou até a década de 1960 e o início do movimento dos direitos civis.

O **mito da igualdade racial** surgiu com a luta do movimento dos direitos civis e difundiu a ideia de que a população negra deveria ter os mesmos direitos como o voto, o uso de espaços públicos em sua integralidade e o casamento interracial, entre outras demandas.

Apesar de toda a luta para terem os mesmos direitos, pouco mudou na vida dos afro-americanos. Atualmente, eles continuam segregados em bairros de menor poder aquisitivo, estudam em escolas com menor qualidade de ensino, em sua maioria, trabalham em posições com menor remuneração e são perseguidos pela polícia. O mito da igualdade tornou-se algo ilusório.

O **mito do criminoso** aborda o esforço para associar a imagem dos negros como predadores sociais, capazes de cometerem crimes e sendo punidos até após o cumprimento das penas. A segregação vista no período das leis Jim Crow pode ser presenciada no cotidiano dos afro-americanos atualmente. Esse ponto de vista é o estopim para a violência policial, que ao longo das últimas décadas é um dos principais problemas raciais dos Estados Unidos.

O **mito da diferença** busca evidenciar que apesar da população negra ter os mesmos direitos, são tratados de forma distinta da população branca. Por isso, salientar as diferenças tornou-se um novo caminho para uma tentativa de alcançar a tão almejada igualdade.

O mito da inferioridade racial

A palavra “slave”, que significa escravo em inglês, se referia aos povos eslavos que eram escravizados antes dos africanos. Por volta dos anos 1400, as comunidades eslavas construíram mecanismos contra o tráfico de escravos causando a queda no mercado da Europa ocidental ao mesmo tempo que a oferta de africanos aumentava. “Como resultado, os europeus ocidentais

começaram a ver os escravos naturais não os brancos, mas os negros²³⁵” (KENDI, 2016, p.41, tradução nossa)

A primeira fonte de conhecimento sobre o continente africano e a população africana veio dos portugueses. As ideias racistas chegaram na América através do livro Crônica e descobrimento da Guiné (1453) de Gomes Eanes de Zurara. Ele abordou o negócio da venda de escravos e suas expedições missionárias. As ideias de Zurara foram inspiradas nas políticas racistas do príncipe Henrique de Portugal sobre o comércio de escravos africanos.

Os portugueses foram os primeiros europeus a navegarem ao longo do Atlântico além do Cabo Bojador para trazer escravos da África, em 1444. Kendi (2016) afirma que Zurara designou os negros como um único povo, o povo inferior. Os capturados eram vistos como bárbaros, que precisavam da salvação civil e religiosa. Eram chamados de bestas preguiçosas.

A escravidão nos Estados Unidos durou 240 anos. 389 mil negros foram capturados e escravizados. A maioria era obrigada a trabalhar nas plantações de algodão, açúcar e tabaco. Para manter e defender a escravidão, era propagada a inferioridade da população negra.

Kendi (2016) revela que o estadista norte-americano e presidente dos Estados Confederados durante a Guerra Civil difundia as diferenças entre brancos e negros.

Não deveria surpreender que Jefferson Davis considerava pessoas negras como biologicamente distintas e inferiores que pessoas brancas - e a pele negra é como um carimbo negro em uma linda tela branca de pele humana normal - e esse carimbo negro como um significante da eterna inferioridade dos negros²³⁶ (KENDI, 2016, p.13, Tradução Nossa)

A justificativa, para manter as políticas escravagistas e segregatórias, é que havia algo errado com a população negra. Os negros seriam os culpados e não as políticas que escravizavam, oprimiam e confinavam os afro-americanos. “Isso é o que realmente significa ser antirracista: pensar que não há nada de

²³⁵ As a result, Western Europeans began to see the natural Slav(e) not as White but Black.

²³⁶ It May not be surprising that Jefferson Davis regarded Black people as biologically distinct and inferior to White people - and black skin as an ugly stamp as a signifier of the negro's everlasting inferiority.

errado com os negros, pensar que os grupos raciais são iguais²³⁷” (KENDI, 2016, p.25, tradução nossa).

O filósofo Aristóteles defendia que a humanidade era dividida em duas esferas: os mestres e os escravos, ou os gregos e os bárbaros. Existiam aqueles que teriam o direito de dar ordens e os que nasceram para obedecer. Ele criou a teoria climática para assegurar a superioridade grega. Segundo Kendi (2016), Aristóteles acreditava que pessoas que viviam em climas de calor e frio extremo seriam intelectualmente, fisicamente e moralmente inferiores.

O puritanismo se inspirou nas ideias de Aristóteles. O ministro e teólogo John Cotton, puritano da Nova Inglaterra, e o reverendo Richard Mather herdaram dos pensadores ingleses a crença de que a escravidão era natural, normal e sagrada. Eles propagaram ideias racistas nos Estados Unidos. Os puritanos usaram esse pensamento para legalizar a escravidão, em 1630. Os negros eram vistos como ignorantes, fisicamente fortes e bestiais africanos. Os nativos norte-americanos eram conhecidos como “negros da terra”, chamados assim pelos colonizadores espanhóis, que eram fisicamente fracos e impróprios para o trabalho pesado.

Escritores europeus criaram narrativas sobre a população africana. Os negros eram hipersexualizados. O teórico e jurista francês Jean Bodin afirmava que as relações íntimas entre homens e bestas deram origem a monstros na África. De acordo com Kendi (2016), o termo raça apareceu pela primeira vez em um poema, de 1481, do francês Frenchman Jacques de Brézé, se referindo aos cães de caça. O termo se expandiu para os humanos no século seguinte e era usado para diferenciar e animalizar os africanos.

William Shakespeare abordou a ligação da figura negra com instâncias diabólicas na peça “Othello” (1604). O primeiro personagem negro do escritor, Titus Andronicus, abordava como demoníaco e malévolo. Em uma das suas últimas peças, “A tempestade” (1611) fazia a associação entre macacos, o diabo e africanos na figura do personagem Caliban, que seria filho bastardo de um demônio e uma bruxa africana de uma raça vil.

²³⁷ That is what it truly means to think as an antiracist: to think there is nothing wrong with black people, to think that racial groups are equal.

Essa narrativa de inferioridade dos cidadãos negros apresenta desdobramentos até hoje em estereótipos como preguiça, falta de vontade de trabalhar, a sua aproximação com o mundo do crime. Como se a culpa da sua inferioridade fosse responsabilidade deles mesmos, de comportamentos que foram cultivados ao longo dos anos.

Para lucrar e manter o seu poder opressor, os europeus criaram essa narrativa que justificava a sua superioridade e a manutenção da escravidão. Era uma crença que os beneficiava. Eles não eram apenas seres maus, eles buscavam assegurar os seus interesses. E isso foi mantido por séculos. "A maioria dos fazendeiros apoiou a instituição da escravidão negra não por causa de algum desejo sádico de prejudicar os negros, mas sim porque queriam enriquecer, e a escravidão negra era o meio mais eficiente para esse fim" (ALEXANDER, 2017, p. 288).

O mito da inferioridade criou os privilégios da população branca e marcou para sempre a trajetória de grupos como os indígenas e os africanos. Os nativos latinos e norte-americanos foram dizimados e os negros seguem sendo discriminados e vivendo à margem da sociedade. Novos mecanismos foram criados para assegurar a posição de inferioridade da população negra, como a série de discriminações que ex-detentos sofrem através de regras impostas pelo poder público (Alexander, 2017) e ações como a exigência²³⁸ de carteira de motorista para votar, o que exclui pessoas pobres e minorias do direito ao voto. Novas narrativas foram construídas para que a população branca assegurasse a sua posição e poder na sociedade.

Mito da igualdade racial

Em 1863, o ato de emancipação dos escravos foi assinado por Abraham Lincoln. Aproximadamente quatro milhões de escravos foram libertados. Somente em dezembro de 1865, a escravidão foi proibida oficialmente através da 13ª emenda constitucional. Em 1868, um artigo suplementar dava direitos

²³⁸ Jornal O Globo. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/carteira-de-motorista-exigida-na-eleicao-presidencial-dos-eua-5419593>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

iguais aos brancos e dois anos mais tarde obtiveram a igualdade de direito eleitoral. Porém, alguns estados conseguiram burlar a legislação.

Entre 1877 e 1964, foram criadas leis estaduais e locais que asseguravam a segregação racial no sul dos Estados Unidos. Todos os locais públicos deveriam ser separados entre brancos e pessoas de cor. Chamadas de leis Jim Crow, tinham como lema a doutrina "separados, mas iguais". A igualdade sempre foi uma situação ilusória. Como sentir-se igual se nada era compartilhado? Era preciso manter a separação das raças para que estruturas econômicas e sociais fossem mantidas. "As estruturas raciais existem porque beneficiam os membros da raça dominante" (BONILLA-SILVA, 2020, p. 34). A segregação buscava manter os negros nas áreas rurais, como trabalhadores agrícolas, nas áreas do Sul e excluí-los do processo político.

A organização reacionária e extremista Ku Klux Klan surgiu nesse período. O objetivo era impedir a integração racial dos que foram libertados. O grupo foi reconhecido como uma entidade terrorista que pregava o linchamento de negros. A promulgação da lei dos direitos civis, em 1964, acabou com a segregação pública e foi criada uma comissão para garantir salários igualitário para negros e mulheres. Apesar disso, Martin Luther King Jr., morto em 1968, era alvo de escutas do departamento de investigação, o FBI.

Segundo Grant (2014), após 1964 houve a ascensão do movimento *black power* (ou poder negro), criado por Malcolm X, que foi assassinado em 1965. O poder negro pretendia ir além de uma posição política que buscavam a liberdade no presente e não uma promessa de mudança futura. A marcha de Selma a Montgomery marcou a luta pelo direito ao voto dos afro-americanos. Esse marco histórico foi relatado em reportagem do Jornal da Globo em 2018.

Em 1965, centenas de cidadãos negros começaram uma marcha de 80 quilômetros até Montgomery, a capital do Alabama para reivindicar o direito de votar. Esse direito já estava previsto na constituição fazia quase cem anos, mas era desrespeitado nos estados do Sul, os mais segregados. (*Passagem*²³⁹ - *Fabio Turci*) - Menos de dois quilômetros depois eles chegaram à ponte, viram do outro lado policiais prontos para impedir que a marcha continuasse. Os manifestantes sabiam bem onde queriam chegar. Sabiam que o caminho era longo, difícil e seguiram em frente. Shayene tinha sete anos de idade e estava na marcha. (*Sonora*) - "Pessoas brancas atiravam objetos e cuspiam na

²³⁹ Segundo Paternostro (2006), o termo passagem se refere à gravação feita pelo repórter no local do acontecimento.

gente. Quando eu vi aqueles policiais, com máscaras de gás, de cavalos, o meu coração disparou". (*Som ambiente*²⁴⁰ - *imagens da marcha com policiais agredindo os manifestantes e gritaria*). O país todo viu pela TV os policiais brancos espancando os cidadãos negros. (*Sonora - Shayene - participante da marcha*) - "Os cachorros e os cavalos da polícia vieram para cima da gente. Nós corremos, sem conseguir enxergar direito, porque o gás lacrimogêneo queimava os nossos olhos". Aquele dia entrou para a história como o domingo sangrento. A opinião pública reagiu. Duas semanas depois, já eram 25 mil manifestantes e marcharam até o fim. Graças à pressão popular, os negros do sul finalmente puderam votar. Quando Martin Luther King foi assassinado em 4 de abril de 1968, as leis que separavam os cidadãos pela cor da pele tinham sido derrubadas. Os negros deveriam ter acesso às escolas, serviços públicos, empregos, sem discriminação. (*Passagem*) Cinco décadas depois, a questão racial ainda divide os Estados Unidos. De um lado, estão os melhores bairros para morar, a maior parte dos empregos, os melhores salários. Do outro, está a maioria da população negra. A travessia ainda não acabou. (Reportagem Jornal da Globo - 03 de abril de 2018²⁴¹)

Através dos fatos, podemos notar que o avanço e o retrocesso são interligados na trajetória dos direitos dos cidadãos negros. Houve a abolição da escravidão, em seguida, criaram as leis segregatórias *Jim Crow*. A luta pelos direitos civis na década de 1960 foi significativa no caminho da igualdade. Porém, depois vieram novos retrocessos e políticas discriminatórias, mantendo "as minorias 'em seu lugar'" (BONILLA-SILVA, 2020, p. 48). Novos tempos, com o fomento de ódio, ignorância e a manutenção do poder dos grupos hegemônicos ainda marcam a desigualdade racial nos Estados Unidos.

Mito do criminoso

Em 2 de julho de 1964, o presidente Lyndon Johnson assinou a lei dos Direitos Civis que acabou com as Leis Jim Crow. E em 1965, foi promulgada a Lei de Direito ao voto. Foi um avanço, mas continuou seguindo os precedentes, e foi acompanhado por retrocessos. Em 1971, Richard Nixon garantiu que o inimigo número um dos Estados Unidos seria o abuso de drogas, iniciando assim um processo de repressão de minorias que perdura atualmente. Na década de 1980, Ronald Reagan usou a mesma premissa para criminalizar homens negros no país. Bill Clinton, em 1994, também criou a sua lei contra as drogas e a sua

²⁴⁰ Segundo Paternostro (2006), o termo som ambiente se refere ao som característico do local onde está sendo realizada a reportagem.

²⁴¹ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6633783/programa/>. Acesso em 04 de março de 2021.

esposa, Hillary, popularizou o termo "superpredador" para jovens negros que "precisavam ser controlados".

Segundo Alexander (2017), o número de pessoas presas por delito de drogas aumentou de 50 mil na década de 1980 para 500 mil nos últimos anos. A maioria dos presos não recebe um julgamento e uma defesa justa e é obrigada a confessar crimes que não cometeu para receber sentenças mínimas. Após serem presos esses cidadãos não podem votar, sofrem discriminação no mercado de trabalho, no acesso à educação e aos benefícios como alimentação e moradia. "Hoje, em muitas grandes cidades estadunidenses, mais da metade dos homens afro-americanos em idade para trabalhar têm antecedentes criminais e, portanto, estão sujeitos a discriminação legalizada pelo resto de suas vidas" (ALEXANDER, 2017, p. 21). Por isso, a autora denomina o encarceramento em massa de negros como um Novo Jim Crow, uma nova política de castas.

Bonilla-Silva (2020) destaca que a raça influencia todos os aspectos do encarceramento, como os índices de prisão, a condenação, a reintegração no mercado de trabalho pós-prisão, as oportunidades de ensino e até questões mais pessoais, como o casamento é influenciado. "Pode-se esperar que um em cada três homens negros nascidos hoje passem parte de suas vidas atrás das grades, e os latinos têm visto um aumento de 43% do seu índice de encarceramento desde 1990" (BONILLA-SILVA, 2020, p. 74). O índice de encarceramento de negros por delitos penais é oito vezes superior ao dos brancos. Os condenados afro-americanos recebem sentenças mais longas que os brancos por crimes semelhantes.

Os jovens negros de hoje podem estar tão suscetíveis de sofrer discriminação no emprego, na habitação nos benefícios públicos e no serviço do júri quanto os homens negros estavam na era Jim Crow - discriminação que é perfeitamente legal, porque está baseada nos registros criminais. (ALEXANDER, 2017, p. 260)

Os departamentos de polícia cresceram principalmente nas áreas metropolitanas com grande número de negros. Em revistas policiais, o alvo de 90% das paradas são negros e pardos. Isso reflete na violência policial com negros sendo detidos, assediados, ou revistados ilegalmente por parecerem

suspeitos. As abordagens violentas se tornaram uma nova rotina para oprimir e matar negros.

Mito da diferença

Vivemos hoje uma suposta neutralidade racial (*color blindness*), racismo da "cegueira de cor" ou era pós-raça. Essas são denominações que descrevem que a cor não importa mais, pois todos somos iguais. A principal questão desta narrativa, do mito da diferença, é que não somos tratados de forma semelhante. Obviamente, todas as vidas importam, mas o valor da existência negra precisa ser constantemente reforçado, pois suas vidas são dizimadas pela força policial e pela falta de políticas públicas. Em muitos momentos, a vida dos afro-americanos não tem valor algum.

A vida de George Floyd não valeu uma nota de 20 dólares, supostamente falsa, que foi usada para comprar cigarros. Em contrapartida, o presidente Donald Trump, com uma fortuna bilionária, foi acusado²⁴² de não pagar impostos federais em dez dos últimos quinze anos. Será que realmente somos todos iguais? Brancos não precisam ter medo de serem mortos por policiais, aleatoriamente. A justiça que deveria ser cega, acaba deixando clara a diferença de cor. Até mesmo no Brasil, uma juíza do Estado do Paraná condenou²⁴³ um homem negro a 14 anos de prisão "em razão da sua raça". Os afro-brasileiros também apanham da polícia e são perseguidos por seguranças de shoppings e supermercados.

Nos Estados Unidos, além dos casos de assassinatos de negros os imigrantes latinos sofrem preconceito. A brasileira Gisele Barreto Fetterman, branca, casada com o vice-governador da Pensilvânia, foi alvo²⁴⁴ de ataques racistas em outubro de 2020. Uma mulher a perseguiu, enquanto fazia compras

²⁴² Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/09/27/trump-pagou-us-750-de-imposto-de-renda-em-2016-ano-em-que-foi-eleito-presidente-dos-eua-diz-the-new-york-times.ghtml>. Acesso em 01 de março de 2021.

²⁴³ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2020/08/12/juiza-diz-em-sentenca-que-reu-negro-era-seguramente-integrante-de-grupo-criminoso-em-razao-da-sua-raca.ghtml>. Acesso em 01 de março de 2021.

²⁴⁴ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/13/alvo-de-racismo-brasileira-casada-com-vice-governador-nos-eua-diz-que-tomou-medida-legal-contra-agressora-se-chegar-perto-sera-presa.ghtml>. Acesso em 01 de março de 2021.

no supermercado, proferindo a seguinte frase: "Você é negra. Aqui está a negra com quem Fetterman se casou". Gisele chegou aos Estados Unidos aos sete anos, sem documentos, e em 2004 conseguiu o Green Card. A mãe de Gisele é nutricionista, com doutorado, que deixou a vida no Brasil para viver o sonho americano e recomeçar como diarista.

Existe hoje um novo racismo (Bonilla-Silva, 2020), em que práticas e discursos raciais são cada vez mais velados. Os negros continuam sendo segregados, 72% dos negros vivem nas áreas mais pobres das cidades, não têm acesso à educação e serviços de qualidade como os brancos. "As pessoas de bem não querem ver homens pretos e pardos em sua humanidade, como merecendo o mesmo cuidado, compaixão e preocupação que seriam estendidos a seus amigos, vizinhos ou entes queridos" (ALEXANDER, 2017, p. 332)

As práticas do novo racismo são sutis e institucionais. O racismo é visto por uma lógica liberal em que caso as minorias não obtenham sucesso, a culpa é sempre individual, por falta de esforço. Todos os outros aspectos políticos, sociais e históricos ficam à margem da questão. A prática antirracista busca dar foco à criação de políticas que coloquem o negro em posições de poder, que são ocupadas majoritariamente pela população branca. O reconhecimento das diferenças, das injustiças, das disparidades dos modos de vida das desigualdades precisa ser notado. Nunca fomos tratados de forma igual. Só avançaremos quando levarmos em conta as singularidades de cada um e buscarmos a equidade. O passado nos define. Nada apaga a injustiça do cotidiano.

6.7 - O IMAGINÁRIO DO RACISMO NOS ESTADOS UNIDOS

Acordo todas as manhãs em uma casa que foi construída por escravos. E eu vejo minhas filhas, duas lindas mulheres jovens negras inteligentes, brincando com seus cachorros no gramado da Casa Branca
Michele Obama

Diante do exposto, a partir do trabalho de fundamentação teórica e a análise das reportagens do Jornal da Globo há uma tentativa de traçar uma possível bacia semântica do racismo nos Estados Unidos. Salientamos que apenas a partir da terceira fase da bacia semântica podemos trazer elementos veiculados no telejornal com suas representações imaginárias. Os níveis anteriores da bacia semântica são elaborados a partir de literaturas consolidadas na área abordada.

Na fase do escoamento, a escravidão iniciou a consolidação da crença na inferioridade do cidadão negro, trazendo benefícios para os comerciantes de escravos e mestres que implementavam nas suas propriedades agrícolas uma mão de obra de baixíssimo custo. Pensadores, filósofos, autores elaboraram teorias e histórias de ficção que colaboraram para a propagação da inferioridade da população negra como a preguiça e a hiperssexualização.

No próximo estágio, da divisão de águas, há a união de escoamentos que formam a oposição de imaginários precedentes e o escapamento de novas ideias presentes na época. Os conflitos entre abolicionistas e latifundiários pró-escravidão deram origem à Guerra da Secessão, surgindo uma oposição ao pensamento escravocrata e inferiorizante à população negra. Também buscando, de certa forma, harmonizar os ideais do Sul e Norte do país, diluindo, de forma efêmera, as suas diferenças.

A terceira etapa abrange as confluências que apresenta uma corrente consolidada buscando o reconhecimento e suporte de instituições. Após o fim da escravidão, novos mecanismos foram elaborados para manter os negros em sua posição de subalternidade. Legislações foram criadas para assegurar que os afro-americanos não utilizassem os mesmos serviços públicos que a população branca. Mais uma vez, políticas racistas asseguraram ideias racistas, ódio e ignorância. O poder judiciário surge como um balizador da segregação racial no

país. Assim, as diferenças entre o Norte e Sul voltam a ser institucionalmente reforçadas. "Cem anos tinham se passado desde a abolição da escravidão, mas em muitos Estados os negros eram impedidos de votar. Não podiam dividir a mesma mesa com os brancos. E nos ônibus, tinham que sentar separados" (reportagem Jornal da Globo²⁴⁵ - 27 de agosto de 2013)

O nome do rio, ou a quarta fase, se caracteriza pela constituição do mito da igualdade, propagado por ativistas políticos, como Martin Luther King Jr., e a luta pela promulgação da lei dos direitos civis, que acabou com os sistemas estaduais de segregação. John F. Kennedy foi o primeiro a propor a lei cinco meses antes de ser assassinado. Essa narrativa é marcada por sangue de negros linchados em protestos nas ruas e pela morte de King. Muito se perdeu para que um novo imaginário surgisse e se misturasse com o curso das águas.

Sonora (participante da marcha de Washington) - "Nunca tinha ouvido palavras como aquelas". Ele conta que tinha muitos bloqueios e polícia na rua porque o presidente John Kennedy estava com medo de que o ato fosse violento. "Mas nossa missão ali era só acabar com a segregação". O discurso de Martin Luther King, aqui aos pés da estátua de Lincoln, entrou para a história como um dos mais importantes do século 20. As palavras, que hoje estão gravadas no piso do memorial, viraram um marco da luta contra o racismo e pela igualdade. Mas como disse o próprio Luther King, era só o começo de uma luta que continua sendo travada 50 anos depois. Kennedy foi assassinado meses depois, sem ver aprovada a lei contra a segregação racial que tinha proposto. Ela só saiu em 1964, ano em que Martin Luther King ganhou o prêmio Nobel da Paz. Em 1965, o Congresso, enfim, aprovou a lei que garantia aos negros o direito ao voto. (Reportagem²⁴⁶ Jornal da Globo - 27 de agosto de 2013)

A quinta fase, ou organização dos rios, consolida teoricamente os fluxos imaginários. Nesse momento novas legislações retomam tendências de imaginários já introjetados, com a retomada da inferioridade racial e novas vertentes. A figura do negro é vista como um ser com grandes tendências ao mundo do crime. Isso é legitimado por leis de controle às drogas e criminalidade, um novo Jim Crow, que gera o encarceramento em massa da população negra. Os afro-americanos são vistos como predadores, não recebem o mesmo

²⁴⁵ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2786342/programa/>. Acesso em 01 de março de 2021.

²⁴⁶ Reportagem Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2786342/programa/>. Acesso em 01 de março de 2021.

tratamento da justiça, são agredidos, humilhados pelo poder do Estado, através dos policiais.

Em 1991, em Los Angeles, quatro policiais, três deles brancos, bateram mais de 50 vezes em Rodney King. A absolvição dos quatro, um ano depois, levou a população a protestar violentamente por cinco dias. Em 2001, em Cincinnati, Timothy Thomas, de 19 anos, foi perseguido e morto a tiros, sem estar armado, e quando estava encurralado em um beco, ele fugiu de uma batida policial porque tinha 12 multas vencidas e não pagas. O policial foi julgado por homicídio e por negligência e absolvido. Em 2009, de novo, na Califórnia, dessa vez em Oakland, Oscar Grant, de 22 anos, se envolveu em uma briga e foi detido quando ia pra casa de ônibus, enquanto um segurança mantinha Oscar deitado, de cara no chão, outro atirou no jovem, que acabou morrendo. O atirador foi condenado por morte involuntária e pegou dois anos de pena. Em 2012, o adolescente Trayvon Martin foi baleado e morto andando para casa porque um vigia do bairro da cidade de Sanford, na Flórida, o considerou suspeito. O homem foi inocentado por um júri composto quase todo composto por brancos. E foi aí que o movimento *Black Lives Matter* nasceu e se espalhou pela internet. O pedido para que um policial parasse de asfixiá-lo, feito agora por George Floyd, foi feito com as mesmas palavras por Eric Garner, em Nova York, seis anos atrás. Ele também foi sufocado até a morte. O grande júri do condado Richmond decidiu não denunciar o policial responsável. Em novembro de 2014, Tamir Rice, de 12 anos, foi morto pela polícia quando brincava com uma arma de brinquedo pelo playground perto de sua casa, em Cleveland. A promotoria não viu motivo para processar os policiais. No ano seguinte, em Baltimore, Freddie Gray Jr, de 25 anos, entrou andando em uma van da polícia e saiu dela em coma. Morreu uma semana depois e os policiais receberam suspensões com pagamento. (Nota Coberta Jornal da Globo²⁴⁷ - 01 de junho de 2020)

A última etapa da bacia semântica, ou deltas e os meandros, aborda como um imaginário específico que foi transportado pelos cursos do rio se desgasta e aponta novos caminhos. Após décadas de retomada de uma narrativa mítica em que os negros constantemente eram vistos pelo aspecto da inferioridade, há o surgimento de um imaginário que aponta as diferenças, buscando além da igualdade, a equidade. Buscam-se oportunidades iguais, mas sempre considerando as particularidades e impactos da discriminação racial.

Na década de 1960, só quatro por cento dos negros conseguiam se formar em uma universidade. Hoje são 23 por cento. Entre os brancos, 36 por cento. Na média, um negro com curso superior ganha o equivalente a 271 mil reais por ano nos Estados Unidos. Um branco, com o mesmo diploma, 351 mil. A taxa de desemprego para os negros é o dobro da taxa dos brancos. Max Rolf o professor de economia da

²⁴⁷ Nota Coberta Jornal da Globo. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8595779/>. Acesso em 01 de março de 2021.

New School de Nova York explica que a desvantagem para americanos negros começa cedo. "A saúde da mulher grávida e do bebê varia muito em função da renda. Nos Estados Unidos, a oferta de assistência médica em comunidades negras de baixa renda é uma das piores de todo o mundo desenvolvido. O jogo é desigual já no primeiro dia de vida". (Reportagem ²⁴⁸Jornal da Globo - 03 de abril de 2018)

Nesse sentido, o movimento Black Lives Matter busca acabar com a supremacia branca e erradicar a violência contra a população afro-americana. A neutralidade racial, ou cegueira de cor, em que a população finge acreditar que todos somos iguais e que se há desigualdade é por falta de esforço individual, é questionada. Toda a estrutura social e imaginários consolidados sobre a população negra são revisitados e contestados.

6. 8 - O IMAGINÁRIO DO RACISMO NO JORNAL DA GLOBO

Jamais se pagará a devida indenização aos descendentes desses heróis anônimos expatriados, subjugados, espoliados, humilhados, parasitados e abusados. Seria o caso, no entanto, de exigí-la. Por que não?
Juremir Machado da Silva

As reportagens do Jornal da Globo se referem ao período mítico denominado pela autora como mito da diferença, entre 2013 e 2020, em que as disparidades entre a vivência negra e o privilégio branco ficam evidentes, principalmente com o surgimento do movimento *Black Lives Matter* que inicia exatamente no primeiro ano de análise e o início do segundo mandato de Barack Obama.

As matérias demonstram a convivência dos afro-americanos com os seus algozes. A figura do Estado como opressor e executor de um poder físico e simbólico é evidente. Imagens de negros sendo agredidos e vilipendiados por policiais tornou-se recorrente nos anos analisados, mesmo ocorrendo silenciamentos por parte do telejornal. Nem todos os casos com mobilização social e repercussão após a morte de negros por policiais nos Estados Unidos foram veiculados no noticiário, mas alguns casos foram citados em meio à entradas ao vivo, notas cobertas e algumas reportagens.

A cobertura dos protestos pela morte de George Floyd foi o assunto que mais se destacou na cobertura do telejornal. O fato de ter sido a maior onda de manifestações desde a morte de Martin Luther King Jr., na década de 1960, foi um fator decisivo para a aposta do telejornal nesta pauta, principalmente por ser um fato em grande escala em meio à pandemia do novo Coronavírus. Naquele momento, os olhos do mundo estavam voltados para as consequências da doença no cotidiano, as pesquisas científicas, criação de vacinas e as políticas públicas aplicadas para lidar com o COVID 19.

Esse fato evidenciou que apesar dos Estados Unidos se empenharem arduamente ao longo das décadas para mostrar a sua potência ao mundo, o país

possui suas sombras. Discutir e mostrar essas problemáticas demonstram que muito precisa ser feito para o país realmente ser modelo de direitos humanos para o mundo.

A falta da criação de políticas públicas para acabar com a desigualdade e discriminação racial e os poucos investimentos da área de saúde geraram as consequências encaradas atualmente. A violência policial e o grande alcance do vírus na comunidade afro-americana dizimaram vidas negras e evidenciaram a sua fragilidade.

Como defende Kendi (2016), políticas geram pensamentos racistas e pensamentos racistas reproduzem o ódio e a ignorância. O racismo vem da execução de políticas por grupos que buscam manter o poder e assegurar os seus próprios interesses. Isso pode ser visto ao longo da história com a escravidão, as leis Jim Crow, o encarceramento em massa, a violência policial e a falta de iniciativas para reduzir a desigualdade.

Nas imagens veiculadas do telejornal, vemos a construção do imaginário da inferioridade racial com negros sendo sufocados, humilhados e agredidos por policiais. Há um destaque ao regime diurno das imagens com apelo à dominante postural, em que os policiais, que detém o poder, ficam em pé e os negros são colocados em contato com o chão, impedidos de fazer algo extremamente vital aos seres humanos: respirar. "Eu não consigo respirar" é uma frase já conhecida em meio à violência policial. A frase foi registrada em vídeos sobre a morte de Eric Garner, em 2014, e George Floyd em 2020. Essas também são imagens relativas à queda, à dor e ao sofrimento. Quantas vezes mais essa frase pode ter sido proferida, mas não registrada pelas câmeras?

A imagem de um negro amarrado sendo arrastado por policiais a cavalo também evidenciam a tendência ao gesto da distinção, demonstrando a separação entre o bem e o mal, esse último sendo representado pela figura do negro. Nessa mesma situação, o policial exprime a função do herói de libertar a humanidade do mal. Apesar da força dessas imagens, poucas ações são feitas para evitar novos casos de agressões e subsequentes mortes.

Contudo, as imagens dos protestos pela morte de George Floyd trazem o retorno da luta pela equidade racial, já presenciado pela luta dos direitos civis na década de 1960. Há a harmonização dos contrários, com influência do regime noturno, com grupos de policiais apoiando os manifestantes. Além disso,

demonstram um tempo cíclico, demonstrando que a morte não é o fim, mas o recomeço de uma trajetória de luta e valorização à vida.

Através da análise das reportagens, foi possível perceber a figura de Donald Trump intensificando o olhar racista, principalmente para a população latino-americana. Um muro separava os bons dos maus. Crianças foram tratadas como animais separadas de seus pais e colocadas em jaulas. Para ele, impedir a entrada de imigrantes ilegais acabaria com todos os problemas do país. Segundo o ex-presidente, os imigrantes estavam ocupando os empregos dos norte-americanos. Essa afirmação é um tanto ingênua, já que grande parte dos imigrantes fazem parte do mercado de trabalho informal, como na construção civil e atendimento ao público, sendo vagas que não exigem alta qualificação. São posições muitas vezes não procuradas pelos norte-americanos.

Trump, ao longo de sua trajetória, demonstrou tendências racistas, principalmente no caso da compra de uma página inteira nos principais jornais do país pedindo a prisão de jovens inocentes por causa de um estupro no Central Park. Barack Obama não conseguiu mudar significativamente a realidade dos afro-americanos. Enquanto o primeiro negro assumia pela primeira vez o cargo mais alto do país, em seu segundo mandato, surgia o movimento que lutava pela valorização da vida negra. A trajetória da luta pelos direitos civis sempre foi contada por progressos seguidos de retrocessos.

Apesar disso, a posse de Obama foi extremamente relevante no sentido da representatividade de um negro assumir o comando do país. Ele foi o primeiro presidente da história a visitar um presídio, em um país com a maior população carcerária do mundo. Seria uma grande pretensão que alguém que assumiu o poder por oito anos conseguisse resolver todos os problemas sociais que são

construídos

há

séculos.



Imagem 89: Jacob Philadelphia, de cinco anos, em visita à Casa Branca, toca o cabelo do presidente Barack Obama após questionar: "Quero saber se o seu cabelo é igual ao meu", em 2009.
Fonte: wikimedia.org

Ao longo da história e das narrativas míticas os negros são vistos como maus, como algo a ser aniquilado. O mito do caubói, como narrativa diretora, é visto aqui como uma forma de proteger o país na sua superioridade branca e formar uma América somente para "americanos", sem ameaças externas. São construídos muros e práticas políticas visando manter a pureza do seu povo. Não há uma tentativa de integração, mas sim a separação do nós/eles. Assim é apresentado o arquétipo do herói como aquele que domina o mal.

O racismo não pode ser visto como atitudes de pessoas específicas em fatos isolados. Existe a defesa da discriminação ao longo dos séculos. Políticas são criadas para assegurar que grupos sejam privilegiados e obtenham vantagens que não são ofertadas aos negros. Projetos de reforma policial, como a lei George Floyd, precisam ser colocados em prática. A educação tem um fator muito importante na manutenção da desigualdade. Entender que a realidade da população branca é diferente da perspectiva afro-americana e compreender os privilégios que se tem desde o nascimento é uma obrigação. Assim, discursos como a neutralidade racial serão superados. A mídia também deve contribuir informando no momento em que acontecem casos de violência policial, por exemplo, que essas situações não são casos isolados, mas são resultado de uma série de políticas e imaginários que colocam a população negra em uma posição inferior. Valorizar a vida negra é promover a humanidade e a justiça que precisamos para mudar essa realidade brutal.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retribuir ódio por ódio multiplica o ódio, acrescenta uma escuridão profunda à uma noite desprovida de estrelas. A escuridão não pode expulsar a escuridão; só a luz pode fazer isso. O ódio não pode expulsar o ódio, só o amor pode fazer isso

Martin Luther King Jr.

O humanismo está em crise em face das derivas e retrocessos nacionalistas, do recrudescimento do racismo e da xenofobia, do primado do interesse econômico sobre todos os outros. A consciência da comunhão de destinos dos seres humanos deveria regenerá-lo e conferir concretude a seu universalismo até agora abstrato: cada um poderá sentir então a sua integração na aventura da humanidade. E, se essa consciência se propagar pelo mundo e se tornar força histórica, o humanismo poderá suscitar uma política da humanidade

Edgar Morin

Esse trabalho traz à luz problemas sociais, vidas perdidas e a nossa relação com o outro. Todas essas questões podem ser presenciadas aqui, no Brasil, em graus diferentes. Acreditamos que um dos aprendizados que teremos, com esse grave problema que enfrentamos, com a pandemia do novo Coronavírus, é nos obrigar a ver que todos estamos conectados. Vivemos no mesmo continente e planeta. O que acontece em um país mais ao norte, traz consequências também aqui. Essa pesquisa tenta alertar e refletir sobre questões que precisam ser discutidas agora e não posteriormente. Postergar esse debate só fará com que mais vidas sejam perdidas. E o telejornalismo tem um relevante papel evidenciando esses temas para a discussão.

Quantos recursos se gastam com armamentos, guerras, destruição e treinamentos para oprimir e matar minorias? Se esses esforços fossem direcionados para o desenvolvimento científico, a saúde pública e a distribuição de renda, seria mais fácil enfrentar os problemas que vivemos hoje. Do que adianta ter as armas mais mortíferas, evitar que outros países as tenham ou criar mecanismos políticos para assolar alguns grupos sociais, enquanto há problemas muito maiores para direcionar os nossos esforços? Tudo pela busca incessante de um poder que não é absoluto. Existem fatores externos, que não

são regidos por esse poder, como as epidemias e catástrofes naturais, por exemplo. Por focar no poder bélico e negligenciar algumas áreas, os Estados Unidos foram um dos países mais atingidos pela pandemia.

Com essa pesquisa, foi possível perceber que o telejornalismo, através do Jornal da Globo, dinamiza mitos sobre os Estados Unidos e o seu poder. Através da cobertura sobre o país norte-americano, podemos realizar uma mitanálise do poder pelas armas e racismo. A partir da análise do material, podemos destacar três mitos ligados aos armamentos no noticiário.

O mito da destruição em massa revela a imposição do poder baseado no lançamento ou destruição de armas químicas, biológicas e nucleares. Apesar dos Estados Unidos terem usado esse tipo de armamento na Segunda Guerra Mundial e Guerra do Vietnã, atualmente o país é um dos principais defensores da política de desarmamento e extermínio das armas de destruição em massa. Os embates entre o país, a Síria, que utilizou armas químicas na sua Guerra Civil, a Coreia do Norte, que produzia armas nucleares, e o Irã, sobre a posse desse tipo de armamento dominaram parte do noticiário durante o período analisado.

O mito do atirador se baseia nos perpetradores de tiroteios em massa e nos ataques a alvos isolados, que utilizam as armas como uma forma de impor seu poder e superar os seus problemas através do aniquilamento do "inimigo". O crescente número de tiroteios em massa aponta a força dessa narrativa como forma de enfrentamento e defesa da honra.

Incidentes que marcaram a história dos Estados Unidos como o tiroteio em massa com maior número de vítimas do país, no Festival de Música Country em Las Vegas, em 2017, com 59 mortes e 869 feridos, e o tiroteio na Escola Stoneman, em Parkland, na Flórida, que deixou 17 mortos e 15 feridos, em 2018, foram destaques nas reportagens do telejornal. Nos dois casos foram usados armamentos de guerra, por civis, que estão disponíveis para compra em muitos Estados.

O mito do ciberataque apresenta a força da informação como poder. Através do ataque de Hackers, informações privadas e secretas podem se tornar de conhecimento público e provocar transformações na sociedade, seja em mobilizações populares ou decisões políticas. O vazamento de informações

divulgadas no site Wikileaks e a Guerra Cibernética, denominada assim pelo telejornal, entre Estados Unidos e Rússia nas eleições presidenciais de 2016, marcaram o período analisado. Foi veiculada a informação de que o governo norte-americano espionava os seus próprios cidadãos, ferindo a privacidade e violando os direitos civis.

No Brasil, tivemos, recentemente, o vazamento de dados pessoais, chamado de Vaza Jato, pois mostrou os "bastidores" da operação da Polícia Federal Lava Jato, que influenciou na mudança política do país. Através de ações de hackers, conversas do juiz Sérgio Moro com os promotores do caso foram expostas, mostrando a força dos ataques cibernéticos.

O imaginário dos Estados Unidos é constituído por conflitos desde a sua independência. Através de guerras e confrontos, adquiriu poder e relevância no mundo, criando uma tradição de enfrentamento. O culto às armas também faz parte desse espírito. A defesa da segunda emenda à Constituição norte-americana é uma vocação desempenhada incessantemente por representantes do poder legislativo, que encontram em organizações pró-armamentos o financiamento de suas campanhas.

Durante o período da pandemia do novo Coronavírus, apesar de haver preocupações de maior escala, os tiroteios em massa continuaram ocorrendo no país. Como sensibilizar uma população que acompanha os tiroteios em seu cotidiano? O jornalismo tem o papel de divulgar essas tragédias e principalmente deve levantar as causas e consequências desses incidentes e possíveis soluções.

O Jornal da Globo acompanhou os principais tiroteios ocorridos no país, apresentou uma análise de dados e abordou a questão do lobby das armas nas instituições de poder. Apesar disso, as reportagens mostraram fotos dos atiradores, o que para algumas organizações de combate à violência não é recomendado, devido a casos de imitadores (copycat), que buscam a notoriedade realizando os ataques.

As imagens que ilustraram as reportagens do telejornal apresentaram os atiradores em sua posição de poder utilizando a morte como forma de enfrentamento de problemas pessoais. O regime diurno, na sua dominante postural, foi evidenciado através das ações dos atiradores pela tomada de poder através das armas. O schème da divisão é percebido através da antítese do bem

e do mal, apresentada na relação atirador-vítima. Para o atirador, as armas são usadas para combater o que é o "mal" para ele.

Através das reportagens, é possível perceber que o governo Barack Obama se preocupava com os problemas que o uso indiscriminado de armas no país criava. Obama se sensibilizou com os ataques que ocorreram em seu mandato, o que pode ser visto em algumas matérias. Ele também assinou o acordo nuclear com o Irã, reduzindo sanções em troca do comprometimento do país em não desenvolver armas nucleares. Donald Trump apresentou uma postura conservadora, com o objetivo de promover a manutenção das legislações sobre o porte de armas. Além disso, no caso de tiroteios em escolas, defendeu o uso de armamentos por professores, como forma de enfrentamento aos atiradores. E revogou o acordo nuclear com o Irã assinado pelo governo anterior. Os dois se beneficiaram com uso de armas cibernéticas, com a espionagem de países e população, no caso de Obama, e o vazamento de informações durante a campanha presidencial, que deram vantagem a Trump.

Durante o período analisado, o telejornal não apresentou nenhuma conexão entre a cultura das armas consolidada nos Estados Unidos e o início de uma política que valoriza a posse de armamentos no Brasil. Assim, poderia gerar discussões e ampliar o debate sobre a legislação armamentista no país e as consequências da nova legislação no cotidiano. Mesmo o telejornal apresentando as atrocidades que o livre acesso às armas proporciona nos Estados Unidos, ainda assim há uma defesa pela redução de restrições para a compra de armas no Brasil por parte do Governo Federal atual.

O racismo foi mostrado no telejornal através do mito da diferença, que evidencia as disparidades entre o modo de vida das populações branca e negra, marcado pelo surgimento do movimento Black Lives Matter, em 2013. Na maioria das matérias veiculadas, os afro-americanos sofrem com a constante violência policial, que são ações motivadas pela construção de um imaginário que sempre colocou o negro em uma posição inferior.

Desde o mito da inferioridade racial, foi criada a base do privilégio branco. A partir da escravidão, os negros eram vistos como cidadãos de segunda classe, marcando o destino dos afro-americanos até os dias atuais. Apesar das conquistas do movimento dos Direitos Civis, motivado pelo mito da igualdade, que pregava a redução das diferenças entre negros e brancos, e do fim das Leis

Jim Crow, que defendiam o lema "separados, mas iguais", foram criados mecanismos para oprimir a população negra.

A guerra às drogas, implementada por alguns representantes do poder executivo, dinamizou o mito do criminoso, em que os negros eram vistos como sujeitos com grande potencial para fazerem parte do mundo do crime. Com a criação de novas leis sobre narcóticos, o número de presos por delito de drogas passou de 50 mil na década de 1980 para 500 mil nos últimos anos (ALEXANDER, 2017), contribuindo para os Estados Unidos assumirem o posto de país com a maior população carcerária do mundo atualmente. Os negros possuem o maior índice de encarceramento do que a população de outras etnias, mesmo fazendo parte da minoria da população.

O Jornal da Globo evidencia a violência policial enfrentada pela população afro-americana e a opressão sofrida pelas ações do Estado. O caso da morte de George Floyd foi o que recebeu maior espaço no noticiário. A magnitude das manifestações, que foram as maiores desde a morte de Martin Luther King Jr., na década de 1960, contribuíram para a aposta do telejornal na cobertura dos protestos, embora naquele momento houvesse o enfrentamento da pandemia do novo Coronavírus em todo o mundo.

A constituição de multidões em variados cantos do país e do mundo, em uma época em que a aglomeração era extremamente desaconselhada por especialistas, demonstra a importância do movimento pela valorização da vida negra. No entanto, o Jornal da Globo, durante o período analisado, promoveu silenciamentos de casos de mortes de negros por policiais, que tiveram grande repercussão nos Estados Unidos. Isso pode resultar em uma falsa noção de que ocorrem poucos casos de violência policial no país.

O racismo também se estende aos imigrantes ilegais, principalmente no período do mandato de Donald Trump. A imagem dos filhos dos imigrantes ilegais sendo mantidos em jaulas, como animais, chocou o mundo e repercutiu na cobertura do telejornal. A promessa de campanha da construção do muro na fronteira com o México, na tentativa de frear a entrada de imigrantes ilegais, foi abordada nos últimos quatro anos de análise.

Nas imagens veiculadas sobre o tema, percebe-se a inferiorização do cidadão negro com sufocamentos, agressões e humilhações praticados pela força policial. O regime diurno da imagem, através da dominante postural, que

evidencia a imposição do poder dos policiais sobre as vítimas, com os negros sendo obrigados a ficarem em uma posição inferior, em contato ao chão, demonstrando a queda, representam a predominância do schème da divisão, separando os brancos detentores do poder dos negros em sua posição de inferioridade, e no caso dos imigrantes ilegais, fazendo a distinção entre os latino-americanos e a população norte-americana através do muro na fronteira com o México.

As imagens dos protestos estão ligadas ao Regime Noturno de imagens, harmonizando os contrários, com a presença e homenagens de policiais ao George Floyd. As manifestações, por parte da população, que utilizavam artifícios de coreografia, a partir da dominante copulativa e o seu caráter rítmico, apresentaram o schème da união, buscando o apoio comum para superar esse problema social.

O Estado precisa ser encarado como o maior opressor, pois o racismo, desde sempre, se ampara em legislações ou em ações referendadas pelo poder público, como no caso das abordagens policiais violentas. Os agentes da lei recebem treinamento antes de iniciar suas atividades. Apesar de cada Estado ter diferentes legislações, as mortes de negros nas mãos de policiais ocorrem em diferentes áreas do país. O que vemos é uma repetição do modus operandi durante as últimas décadas.

O governo Barack Obama, apesar de sua importância histórica, não conseguiu reparar séculos de opressão aos afro-americanos, porém, exacerbou a representatividade da população negra, que pode se enxergar em espaços de poder. Seria ingenuidade esperar que em apenas oito anos uma questão enraizada no imaginário do país pudesse ser resolvida pela tomada do comando do país por um cidadão negro.

Donald Trump propagou uma caçada aos imigrantes ilegais e uma separação física por meio da construção de um muro. O valor da construção, estimada em seis bilhões de dólares, poderia ser usado para a criação de oportunidades para a população da América Central e do Sul não encararem a entrada nos Estados Unidos como única saída para ter uma vida digna.

O mito diretor do caubói é o cerne do imaginário norte-americano. Com a criação de inimigos internos (negros) ou externos (países não aliados), há uma busca pela aniquilação do mal. O espírito norte-americano está intrinsecamente

ligado ao dualismo bem e mal. Esse mal é constituído pela alteridade, a fim de assegurar o espaço de poder à população branca e à hegemonia da nação ao mundo. Assim como os caubóis buscavam aniquilar seus inimigos, o país usa o artifício do enfrentamento para manter o seu poder simbólico.

O arquétipo do herói é intrínseco a essa narrativa e as armas são o símbolo desse poder. O animus, arquétipo da masculinidade, domina as relações do país com as suas questões sociais, através do combate e ênfase na dominação. Para se manter no poder, são construídas imagens de inimigos em diferentes contextos. As nações não aliadas aos interesses norte-americanos são constantemente vigiadas e sofrem sanções econômicas e diplomáticas. O privilégio branco é assegurado com a inferiorização dos cidadãos negros por meio da opressão.

Essas realidades foram apresentadas em perspectivas opostas entre os governos Barack Obama e Donald Trump. Obama tentava reconhecer a gravidade das questões sociais, em suas falas apresentadas no telejornal, e apresentava propostas de ações, que muitas vezes não tiveram o apoio do poder legislativo. Trump buscava realizar a manutenção das crenças e práticas consolidadas ao longo do tempo, e promoveu retrocessos, nessas questões, em relação a alguns avanços promovidos pelo seu antecessor.

O Jornal da Globo dinamiza o imaginário dos Estados Unidos mostrando além da sua hegemonia e influência em todo mundo através da economia, os dois principais problemas sociais do país e a sua relação com o poder duro e simbólico. O foco na política de armas e racismo apresenta as fragilidades da cultura norte-americana e a dificuldade de encontrar soluções efetivas para esses desafios. Além disso, mostra um modelo de política e gestão de crises falho, que prioriza as vantagens econômicas, em referência ao lobby das armas, e a perseguição aos afro-americanos, com as abordagens policiais e as subsequentes ações de violência. Aprender com os erros dos Estados Unidos é o nosso maior desafio. O papel da comunicação e do jornalismo é evidenciar diferenças e proximidades entre as culturas propiciando a reflexão e o debate de temas que apresentam repercussão e identificação no Brasil.

8 - REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Michelle. **The New Jim Crow**. Mass incarceration in the age of colourblindness. Estados Unidos: The New Press, 2010.

ALEXANDER, Michele. **A Nova Segregação**. Racismo e Encarceramento de Massa. São Paulo: Boitempo, 2017.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

BAPTIST, Edward E. **A metade que nunca foi contada**. A escravidão e a construção do capitalismo norte-americano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

BAUDRILLARD, Jean. **America**. Rio de Janeiro: Roxo, 1996

BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

BECHTEREV, Wladimir. **La Psicologia Objetiva**. Buenos Aires: Paidós, 1953.

BOECHAT, Walter. **Arquétipos e mitos do masculino**. In: Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

BONILLA-SILVA, Eduardo. **Racismo sem racistas**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Polém, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BRASIL, Antonio. **Telejornalismo Imaginário**. Memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV. Florianópolis: Insular, 2012.

BRASIL, Antonio. **A construção da imagem do Brasil no exterior**: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. Revista Famecos: Porto Alegre, v. 19, n. 3, pp. 775-194, setembro/dezembro, 2012.

BURNS, R.; CRAWFORD, C. (1999). **School shootings, the media and public fear**: Ingredients for a moral panic. Crime, Law, and Social Change, 32, 147–162.

CLAUSEN, Lisbeth. Localizing the Global: **“Domestication” Processes in International News Production**. In: Media, Culture & Society, 26(1), 25–44, 2004.

CLARKE, Richard A; KNAKE, Robert K. **Cyber war**. The next threat to national security and what to do about it. Nova York: Harper Collins, 2010.

CRODDY, Eric; WIRTZ, James; LARSEN, Jeffrey. **Weapons of mass destruction**. An Encyclopedia of worldwide policy, technology and history. Volume II: Nuclear weapons. Santa Barbara: ABC Clio, 2005.

COMISSÃO DE DIREITOS CIVIS DOS ESTADOS UNIDOS. **Racism in america and how to combat it**. Clearinghouse Publication, Urban Series nº 1, 1970.

Disponível em:

<https://www.law.umaryland.edu/marshall/usccr/documents/racism70.pdf>

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS. **Um esboço da História Americana**. Escritório de Assuntos Públicos, 2012. Disponível em:

http://photos.state.gov/libraries/amgov/30145/publications-portuguese/OutlineofUSHistory_Portuguese.pdf

DIANGELO, Robin. **Não basta não ser racista**. Sejamos antirracistas. São Paulo: Faro editorial, 2018.

DURAND, Gilbert. **A imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

DURAND, Gilbert. **De La Mitocrítica Al Mitoanálisis**. Figuras míticas y aspectos de la obra. Barcelona: Anthropos, 2013.

DURAND, Gilbert. **Mitos y Sociedades. Introducción a La Mitodología**. 1ed. - Buenos Aires: Biblos, 2003.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem: Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

DURAND, Gilbert. **Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica**. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo : USP, v. 11, n. 1-2, 1985. p. 243-273. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33348>

DOLCE, Rita. **Losing one's head in the ancient Near East : interpretation and meaning of decapitation**. Oxfordshire: Routledge, 2018.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. Lisboa: Edições 70, 1985

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016

ETNAN, Robert N.; ROJECKI, Andrew. **The Black Image in White Mind**. Estados Unidos: University of Chicago Press, 2000.

FEYERABEND, Paul. **Adeus à Razão**. São Paulo: UNESP, 2010.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. São Paulo: UNESP, 2007.

FRAGA, Larissa Caldeira de. **O Brasil no imaginário coletivo**. A cobertura dos telejornais CNN Newsroom e BBC News na Copa do Mundo de 2014. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2016.

GRANT, Susan-Mary. **A História Concisa dos Estados Unidos da América**. São Paulo: EDIPRO, 2014.

HAK NETO, Ibrahim Abdul. **Armas de destruição em massa no século XXI: Novas regras para um velho jogo**. O paradigma da iniciativa de segurança contra a proliferação. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.

HEMENWAY, David. **Private Guns. Public Health**. Estados Unidos: The University Michingan Press, 2004.

HOBSBAWM, Eric J. **Tempos Fraturados**. Cultura e Sociedade no Século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JORON, Philippe. **Entrevista concedida à autora** durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS, em 16 novembro de 2015.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e Inconsciente Colectivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. Notas sobre a mentira na Era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KAMEL, Ali. Prefácio. In: MEMÓRIA GLOBO. **Correspondentes**. Rio de Janeiro: globo Livros, 2018.

KARNAL, Leandro. Estados Unidos. **A Formação da Nação**. São Paulo: Contexto, 2015.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2014.

KELLNER, Douglas. **School shootings, crises of masculinities, and media spectacle**: some critical perspectives. In: School Shootings: Mediatized Violence in a Global Age. Estados Unidos: Emerald Group Publishing Limited, 2012.

KELLNER, Douglas. **Trump and The politics of Lying**. In: PETERS, Michael A; RIDER, Sharon; HYVONEN, Mats; BESLEY, Tina. Post-Truth, Fake News. Viral Modernity and Viral Education. Singapura: Springer, 2018.

KENDI, Ibram X. **Stamped from the beginning**. Nova York: Nation Books, 2016.

KENDI, Ibram X. **Como ser antirracista**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2020.

LARKIN, Ralph W. Afterword: Media and school shootings: a sociological view. In: **School Shootings**: Mediatized Violence in a Global Age. Estados Unidos: Emerald Group Publishing Limited, 2012.

LEWIS, Adrian R. **The American Culture of War. The history of U.S. Military force from World War II to Operation Iraqi Freedom.** Londres: Routledge, 2007.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. **The Hero and the Outlaw.** Building extraordinary brands through the power of archetypes. Nova York: McGraw-Hill, 2001.

MOOG, Clodomir Vianna. **Bandeirantes e Pioneiros:** paralelo entre duas culturas. Porto Alegre: Globo, 1973

MORIN, Edgar. **O Método 3.** O Conhecimento do Conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via.** As lições do Coronavírus. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MUSCHERT, Glenn; SUMIALA, Johanna. **School Shootings:** Mediatized Violence in a Global Age. Estados Unidos: Emerald Group Publishing Limited, 2012.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional.** São Paulo: Contexto, 2004.

NEWMAN, Katherine S. **Rampage.** The Social Roots of School Shootings. Inglaterra: Basic books, 2004.

NYE, Joseph S. **O paradoxo do poder americano.** São Paulo: UNESP, 2002.

NYE, Joseph S. **Is The American Century Over?** Estados Unidos: Polity Press, 2015

NYE, Joseph Jr. **O Futuro do Poder.** São Paulo: Benvirá, 2012.

NYE, Joseph Jr. **Power in the Global Information Age.** From realism to globalization. Londres: Routledge, 2004.

OBAMA, Barack. **Change we can believe in.** Barack Obama's Plan to Renew America's Promise. Estados Unidos: Crown Publishing, 2008.

OLIVEIRA-MONTE, Emanuelle K. F. **Barack Obama is Brazilian.** Re(signifying) Race Relations in Contemporary Brazil. Estados Unidos: Palgrave Macmillan, 2018.

PASSARINHO, Sandra. Revolução dos Cravos. Portugal, 1974. In: MEMÓRIA GLOBO. **Correspondentes.** Rio de Janeiro: globo Livros, 2018.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV.** Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Os Estados Unidos e o Século XXI.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand.** Curitiba: Editora CRV, 2017.

REES, Gavin. **Afterword: Is mediatization a useful concept for informing practice in journalism.** In. School Shootings: Mediatized Violence in a Global Age. Estados Unidos: Emerald Group Publishing Limited, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROBINSON, Piers. **The CNN Effect: The Myth of News, Foreign Policy and Intervention.** Londres: Routledge, 2002.

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

SILVA, Juremir Machado. **Anjos da Perdição**. Futuro e Presente na Cultura Brasileira. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SILVA, Juremir Machado. **O que pesquisar quer dizer**. Como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SILVA, Juremir Machado. **Diferença e Descobrimento**. O que é imaginário? (A hipótese do excedente de significação). Porto Alegre: Sulina, 2017.

SILVA, Juremir Machado. **Raízes do Conservadorismo Brasileiro**. A abolição na imprensa e no imaginário social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Televisão e Psicanálise**. São Paulo: Ática, 1987.

TACUSSEL, Patrick. **Entrevista concedida à autora** durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS, em 17 novembro de 2015. Tradução de Roberta Simon e Bruno Maya.

TICHI, Cecelia. **Electronic Hearth**. Creating an American Television Culture. Estados Unidos: Oxford University Press, 1992.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **Viagem aos Estados Unidos**. São Paulo: Hedra, 2010.

TRUMP, Donald. **Grande Outra Vez**. Como recuperar a América Debitada. Porto Alegre: CDG, 2017.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

WAINBERG, J. A.. **Noticiário Internacional e a incompreensão do mundo**. INTERCOM (São Paulo), v. 29, p. 39-56, 2006.

WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público**. Uma Teoria Crítica da Televisão. São Paulo: Ática, 2006.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WRIGHT, Will. **The Wild West**. The Mythical Cowboy and Social Theory. Londres: Sage Publication, 2001.

9 - ANEXOS

O banco de dados das reportagens do Jornal da Globo sobre os Estados Unidos e a decupagem das matérias sobre o poder pelas armas e poder pela opressão (racismo) estão disponíveis através do link ou QR code abaixo:

<https://drive.google.com/drive/folders/1ys5YTs-zWJPnlsJRBtvia3ZyLBvB9mpi?usp=sharing>

